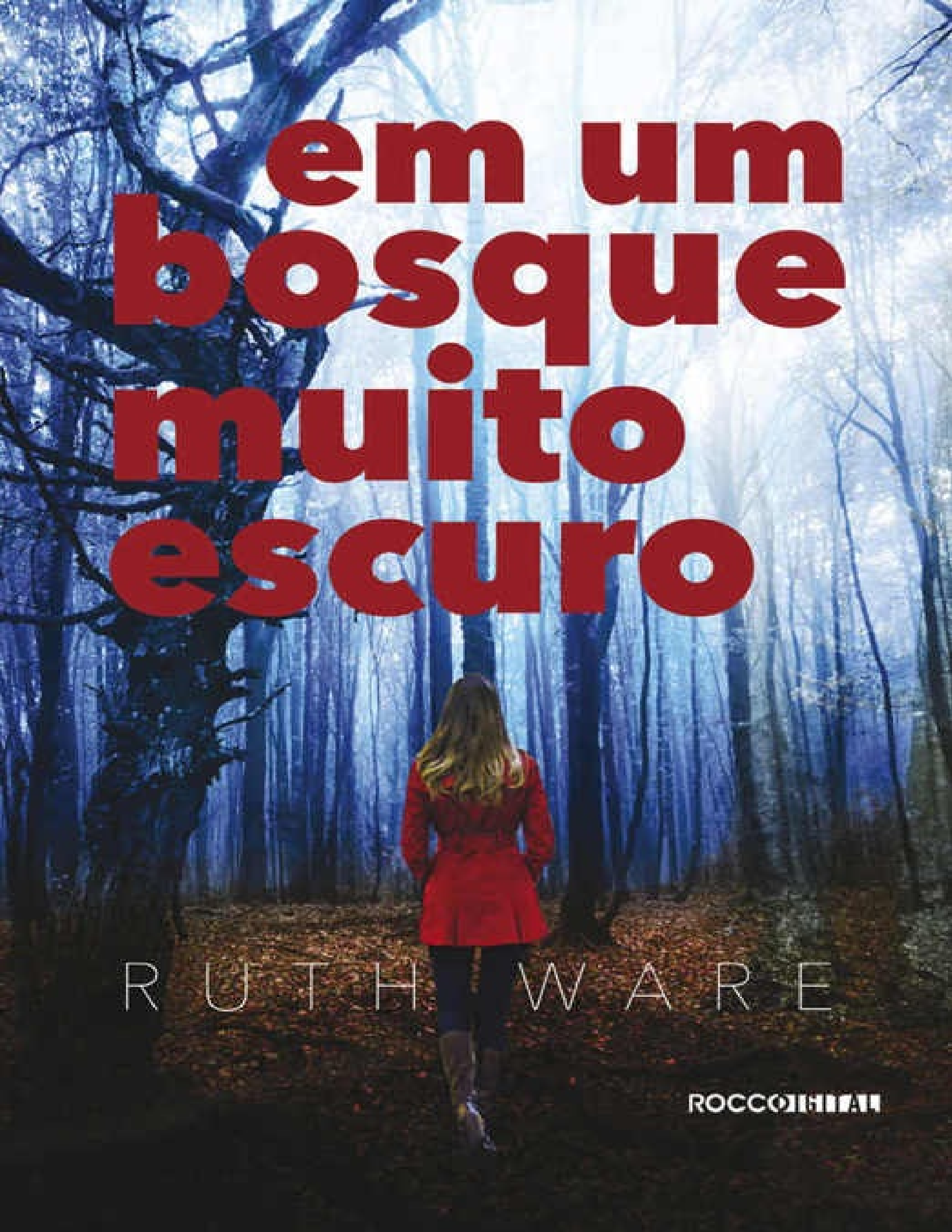

em um
bosque
muito
escuro
RUTH WARE
ROCCO

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20

Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Agradecimentos
Créditos
A Autora

Para Kate; para os outros três quintos. Com amor.

Em um bosque muito escuro havia uma casa muito escura;
E na casa muito escura havia um quarto muito escuro;
E no quarto muito escuro havia um armário muito escuro;
E no armário muito escuro havia um... esqueleto.

Popular

Estou correndo.

Corro em um bosque iluminado pelo luar, com galhos rasgando minha roupa e prendendo os pés nas folhagens rasteiras amassadas pela neve.

Espinhos ferem minhas mãos. Minha respiração queima a garganta. Dói. Tudo dói.

Mas é o que faço. Correr. Vou conseguir.

Sempre que corro tenho um mantra na cabeça. O tempo que quero marcar ou as frustrações que jogo para fora na pista.

Mas dessa vez só uma palavra, um pensamento, está martelando dentro de mim.

James. James. James.

Preciso chegar lá. Preciso chegar à estrada antes...

E então avisto uma cobra-preta de asfalto ao luar e ouço o ronco de um motor se aproximando, e as linhas brancas brilham tanto que meus olhos doem, os troncos pretos das árvores parecem rasgões contra a luz.

Cheguei tarde demais?

Eu me esforço muito naqueles últimos trinta metros, tropeço em galhos caídos, meu coração parece um tambor dentro do peito.

James.

E chego tarde demais... O carro está perto demais, não posso fazê-lo parar.

Eu me jogo no asfalto com os braços esticados.

— *Pare!*

1

Dói.

Tudo dói. A luz nos olhos, a dor na cabeça. Tenho o odor de sangue nas narinas, minhas mãos estão pegajosas de sangue.

— Leonora?

A voz chega baixa, através de um nevoeiro de dor. Tento balançar a cabeça, meus lábios se recusam a formar a palavra.

— Leonora, você está a salvo, está no hospital. Vamos levá-la para fazer uma tomografia.

É uma mulher falando claramente e bem alto. A voz dela dói.

— Tem alguém a quem devemos avisar?

Tento balançar a cabeça de novo.

— Não mexa a cabeça — diz ela. — Você tem um ferimento na cabeça.

— Nora — murmuro baixinho.

— Você quer que a gente ligue para Nora? Quem é Nora?

— Eu... meu nome.

— Está bem, Nora. Mas procure se acalmar. Isso não vai doer.

Mas dói. Tudo dói.

O que aconteceu?

O que foi que eu fiz?

2

Eu soube, assim que acordei, que era dia de corrida no parque, a rota mais longa que faço, quase 16km ida e volta. O sol de outono passava pela persiana de vime, dourava os lençóis, e pude sentir o cheiro da chuva que tinha caído durante a noite e ver as folhas do plátano lá embaixo na rua, começando a ficar marrom-douradas nas pontas. Fechei os olhos e me espreguicei ao som das batidas e roncos do aquecedor e do ronronar baixo do trânsito, sentindo cada músculo, curtindo aquele dia.

Sempre começo o dia do mesmo modo. Talvez seja efeito de morar sozinha — podemos estabelecer o nosso jeito sem interferências externas, sem parceiros de morada consumindo até a última gota da caixa de leite, sem gato vomitando bola de pelo no tapete. Sabemos que o que deixamos no armário à noite estará lá de manhã. Temos o controle de tudo.

Ou talvez tenha a ver com o fato de trabalhar em casa. Sem o trabalho fora de nove às cinco, é muito fácil os dias se pasteurizarem, se confundirem. Você pode se dar conta de que continua de camisola às cinco da tarde e que a única pessoa que viu naquele dia inteiro foi o leiteiro. Há dias em que não ouço uma única voz humana, fora o rádio, e sabe de uma coisa? Gosto muito disso. É uma boa vida para uma escritora, em muitos aspectos — sozinha com as vozes na sua cabeça, os personagens que você criou. No silêncio, eles se tornam muito reais. Mas não é necessariamente o jeito mais saudável de viver. Por isso é importante ter uma rotina. Nos dá algo em que nos agarrar, alguma coisa para diferenciar os dias da semana dos fins de semana.

Meu dia começa assim.

Pontualmente às seis e meia o aquecimento liga e o ronco do boiler sempre me acorda. Olho para o meu celular, só para verificar se o mundo não acabou durante a noite, e fico lá deitada, escutando os estalos e rangidos do radiador.

Às sete horas ligo o rádio, que já está sintonizado no *Today Programme* da Radio 4, estendo o braço e ligo a máquina de café já abastecida na véspera com pó e café e água — Carte Noire moído, com o filtro de papel dobrado na medida. O tamanho do meu apartamento tem algumas vantagens. Uma delas é que alcanço a geladeira e a máquina de café sem sair da cama.

Em geral, o café fica pronto quando terminam de enumerar as manchetes do

dia, então saio de baixo do meu edredom quentinho e tomo um café pingado com uma torrada com geleia de framboesa Bonne Maman (sem manteiga — não é dieta, é só que não gosto das duas coisas juntas).

O que acontece depois disso vai depender do tempo. Se estiver chovendo, ou se eu não estiver disposta a correr, tomo uma chuveirada, verifico meus e-mails e começo o meu dia de trabalho.

Mas hoje o dia estava lindo e eu louca para sair, para sentir as folhas na sola do meu tênis e o vento no rosto. Tomaria o banho depois da corrida.

Vesti uma camiseta, uma legging, calcei as meias e enfiei os pés no tênis que tinha deixado perto da porta. Então desci correndo os três lances de escada até a rua e saí para o mundo.



Voltei com calor, suando, as pernas bambas de cansaço, e fiquei um longo tempo embaixo do chuveiro, pensando na lista de tarefas do dia. Precisava fazer outra compra pela internet — estava quase sem comida. Tinha de repassar as provas de revisão do meu livro. Prometi mandar de volta para a editora essa semana e não tinha sequer começado. E devia ver os e-mails que chegavam via minha página na web, coisa que não fazia havia séculos porque estava sempre adiando. A maior parte ia ser spam, claro, porque, por mais que você ponha exigências de verificação, não detinham os robôs. Mas às vezes podiam ser coisas úteis, solicitações de comentários elogiosos ou de exemplares para resenhas. E às vezes... às vezes eram e-mails de leitores. Em geral, quando as pessoas escrevem para nós é porque gostaram do livro, embora eu tenha recebido algumas mensagens dizendo que sou uma pessoa terrível. Mas mesmo quando são gentis, ainda assim é estranho e constrangedor alguém descrevendo a reação que teve diante dos nossos pensamentos privados, é como ler a opinião de alguém sobre o seu diário. Não sei se algum dia vou me acostumar com essa sensação, por mais que escreva. Talvez seja por isso, em parte, que eu precise me preparar antes.

Já vestida, liguei meu laptop e cliquei lentamente os e-mails, deletando à medida que avançava. Viagra. A promessa que fará com que eu “satisfaça a minha mulher”. Beldades russas.

E aí...

> Para: Melanie Cho; kate.derby.02@DPW.gsi.gov.uk; T Deauxma; Kimayo, Liz; info@LNShaw.co.uk; Maria Tatibouet; Iris P. Westaway; Kate Owens; smurphy@shoutlinemedia.com; Nina de Souza; French, Chris

De: Florence Clay
Assunto: Despedida de solteira da Clare!!!

Clare? Eu não conhecia nenhuma Clare, a não ser que fosse...

Meu coração começou a bater mais rápido. Mas não podia ser ela. Eu não a via fazia dez anos.

Meu dedo ficou um minuto pairando sobre o botão *delete*. Então cliquei e abri a mensagem:

OI PESSOAL!!!

Para as que não me conhecem, meu nome é Flo e sou a melhor amiga da Clare, da universidade. Também sou — rufar de tambores — sua dama de honra!! De modo que sou eu que vou organizar sua DESPEDIDA DE SOLTEIRA!!!

Tive uma conversa com Clare — como vocês já devem ter adivinhado —, e ela não quer nada de pênis de borracha e boás de plumas. Então vamos fazer uma coisa bem mais sofisticada: um fim de semana fora, perto do seu antigo colégio em Northumberland. Mas pense que podemos ter alguns joguinhos maldosos fora do raio do radar!!

O fim de semana que Clare escolheu foi o de 14 a 16 de novembro. Eu sei que está em cima da hora, mas não tivemos muita escolha entre os compromissos de trabalho, Natal e tudo o mais. Por favor, respondam imediatamente.

Abraços e beijos, esperando encontrar velhas e novas amigas muito em breve!!!

Flo xxx

Fiquei ali parada, olhando desconfiada para a tela, mordiscando o canto da unha, tentando decifrar aquela história.

Então olhei de novo para a lista dos destinatários. Havia um nome lá que eu conhecia: Nina de Souza.

Bem, então era isso. Tinha de ser a Clare Cavendish. Não podia ser mais ninguém. E eu sabia... ou achava que lembrava... que ela havia estudado na universidade de Durham... ou talvez Newcastle, será? E isso combinava com as

coordenadas de Northumberland.

Mas por quê? Por que Clare Cavendish estava me convidando para sua despedida de solteira?

Seria um engano? Será que essa Flo tinha roubado o caderno de endereços de Clare e soltado o e-mail para todas que encontrou?

Mas eram só doze pessoas... o que indicava que a minha inclusão não devia ser engano. Certo?

Fiquei lá olhando fixo para a tela, como se os pixels pudessem fornecer respostas para as perguntas que se moviam feito náusea nas minhas entranhas. Quase desejei ter apagado a mensagem antes de ler.

E de repente não aguentei mais ficar sentada. Levantei-me, andei até a porta, voltei para a minha mesa, fiquei ali parada, olhando aflita para a tela do laptop.

Clare Cavendish. Por que eu? Por que agora?

Não dava para perguntar para aquela pessoa, Flo.

Só tinha uma pessoa que podia saber.

Sentei. Rapidamente, antes de poder mudar de ideia, digitei um e-mail:

> Para: Nina de Souza
> De: Nora Shaw
> Assunto: Despedida de solteira???
>
> Querida N, espero que esteja bem. Devo admitir que fiquei um pouco surpresa ao ver nós duas na lista da despedida de solteira de Clare. Você vai? xx

E aí esperei a resposta.

Depois desse dia procurei tirar aquilo da cabeça. Concentrei-me no trabalho, tentando me enterrar nas minúcias complicadas das tarefas de editora de revisão, mas o e-mail de Florence era, lá no fundo, uma presença que me distraía constantemente, feito uma afta na pontinha da língua que arde quando menos se espera, ou a unha áspera que não conseguimos parar de cutucar. O e-mail foi sendo empurrado para baixo na caixa de entrada, mas eu o sentia lá, sua bandeirinha de não respondido como uma reprimenda silenciosa, as perguntas sem respostas que representavam uma perpétua irritação no pano de fundo da minha rotina diária.

Responda, eu implorava para Nina mentalmente, quando corria no parque, ou fazia o jantar, ou simplesmente olhava para o vazio. Pensei em ligar para ela. Mas não sabia o que queria que ela dissesse.

E então, alguns dias depois, enquanto tomava meu café da manhã e rolava distraída o twitter no celular, vi piscar o ícone de “novo e-mail”.

Era de Nina.

Bebi um gole de café, respirei fundo e cliquei para abrir:

De: Nina de Souza
Para: Nora Shaw
Assunto: Re: Despedida de solteira???

Cara! Há quanto tempo. Acabei de ver seu e-mail — estava trabalhando até tarde no hospital. Meu Deus, sinceramente essa é a última coisa que eu quero fazer. Recebi o convite para o casamento um tempo atrás, mas tinha esperança de escapar da despedida de solteira. Você vai? Vamos fazer um pacto? Eu vou se você for?
Nx

Tomei o café olhando para a tela, o dedo pairando sobre o botão “responder”, mas sem clicar. Esperava que Nina respondesse a pelo menos algumas das perguntas que ficaram buzinando e se avolumando na minha cabeça nos últimos dias. Quando era o casamento? Por que me convidar para a despedida de solteira e não para o casamento? Com quem ela ia se casar?

Oi, você sabe... comecei a escrever, mas resolvi apagar. Não. Eu não podia perguntar diretamente. Seria equivalente a admitir que eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Sempre fui vaidosa demais para admitir ignorância. Detesto ficar em desvantagem.

Procurei empurrar a pergunta para o fundo da mente enquanto tomava um banho e me vestia. Mas quando abri o computador havia mais dois e-mails novos na minha caixa de entrada.

O primeiro era um sentido “não, obrigada” de uma amiga de Clare, falando de um aniversário na família.

O segundo era outro e-mail de Flo. Dessa vez tinha anexado um aviso de leitura.

Para: info@LNShaw.co.uk
De: Florence Clay
Assunto: Re: Despedida de solteira da Clare!!!

Querida Lee,
Desculpe a insistência, mas queria saber se você recebeu meu e-mail de uns

dias atrás. Eu sei que já faz um tempo que não vê a Clare, mas ela gostaria muito que você viesse. Ela fala muito de você e eu sei que ela sente vocês terem se perdido de vista depois da escola. Eu não sei o que aconteceu, mas ela realmente adoraria se você viesse. Aceite, por favor... Isso realmente tornaria o fim de semana dela perfeito.
Flo xxx

O e-mail devia fazer com que me sentisse lisonjeada — o fato de Clare querer tanto que eu fosse, o fato de Flo ter tido tanto trabalho para me encontrar. Em vez disso, fui tomada por uma onda de ressentimento com aquela insistência toda e tive a sensação de privacidade invadida com o aviso de leitura. Era como estar sendo vigiada, espionada.

Fechei o e-mail e abri o documento no qual estava trabalhando, mas assim que me concentrei nele e, determinada, afastei todos os pensamentos sobre a despedida de solteira, as palavras de Flo ficaram pairando no ar como um eco, me cutucando. *Eu não sei o que aconteceu*. Parecia uma criança choramingando. Não, pensei com amargura. Você não sabe. Então trate de não meter o nariz no meu passado.

Eu tinha jurado que nunca voltaria.

Nina era diferente — Nina morava em Londres agora, ela e eu nos encontrávamos de vez em quando em Hackney. Ela fazia parte da minha vida em Londres, tanto quanto na de Reading agora.

Mas Clare — Clare era definitivamente parte do passado —, e eu queria que ficasse lá.

Mas uma pequena parte de mim, uma parte pequena e insistente, que cutucava a minha consciência, não queria.

Clare tinha sido minha amiga. Minha melhor amiga por muito tempo. Mesmo assim eu fugi, sem olhar para trás, sem ao menos deixar um número de telefone. Que tipo de amiga eu era?

Levantei-me inquieta e, na falta de coisa melhor para fazer, preparei mais uma xícara de café. Fiquei ao lado da máquina que assobiava e gargarejava, mordiscando uma unha e pensando nos dez anos que tinham passado desde a última vez que a vi. Quando finalmente a máquina de café sossegou, servi uma xícara e a levei para a mesa, mas não recomecei a trabalhar. Em vez disso, abri o Google e digitei “Clare Cavendish Facebook”.

Acontece que havia muitas Clare Cavendish, e o café chegou a esfriar antes de eu encontrar uma que podia ser ela. A imagem do perfil era uma foto de um casal fantasiado de personagens do seriado *Doctor Who*. Ficava difícil reconhecer por baixo da peruca vermelha espetada, mas havia alguma coisa

naquele jeito dela jogar a cabeça para trás e rir que me fez parar quando rolava a lista infinita. O homem estava vestido de Matt Smith, cabelo lambido, óculos com armação de osso e gravata-borboleta. Cliquei na foto para ampliar e fiquei olhando fixo para os dois um bom tempo, tentando enxergar as feições dela por baixo do cabelo vermelho comprido, e quanto mais olhava, mais achava que *era mesmo* Clare. O homem, definitivamente não reconheci, disso tinha certeza.

Cliquei no botão "Sobre". Embaixo de "amigos comuns" dizia Nina de Souza. Era Clare sim. E sob o título "Relacionamento" dizia "num relacionamento com William Pilgrim". O nome fez com que eu olhasse uma segunda vez. Parecia familiar de um jeito indefinido. Alguém da escola? Mas o único William na nossa turma era Will Miles. *Pilgrim*. Não consegui me lembrar de ninguém com sobrenome Pilgrim. Cliquei na imagem do perfil, mas era uma foto anônima de uma taça meio cheia.

Voltei para a foto do perfil de Clare, e quando olhei bem, tentando resolver o que fazer, o e-mail de Flo ecoou na minha cabeça: **ela gostaria <u>muito</u> que você viesse. Ela fala muito de você.**

Senti um aperto no coração. Talvez uma espécie de culpa.

Eu tinha ido embora sem olhar para trás; chocada, zonza, e por muito tempo me concentrei em botar um pé na frente do outro, para continuar avançando, para manter o passado firmemente atrás de mim.

Autopreservação: foi tudo que consegui. Não me permiti pensar em tudo que estava deixando para trás.

Mas agora os olhos de Clare encontraram os meus, espiando debaixo da peruca vermelha, e achei ter visto algo de súplica naquele olhar, algo de repreensão.

E comecei a lembrar. Lembrar o jeito que ela conseguia nos fazer sentir que valíamos um milhão de dólares, pelo simples fato de nos escolher no meio de uma multidão. Lembrando a sua risada grave e borbulhante, os bilhetes que ela passava nas aulas, o seu maldoso senso de humor.

Lembrei-me de quando dormi no chão do quarto de Clare, devia ter seis anos, primeira vez que dormia fora de casa, eu lá deitada, ouvindo o suave ronronar da respiração dela dormindo. Tive um pesadelo, fiz xixi na cama e Clare... Ela me abraçou e me deu seu ursinho para me consolar enquanto ia até o armário pegar lençóis novos e escondia os molhados no cesto de roupa suja.

Ouvi a voz da mãe dela no primeiro lance da escada, baixa e grogue de sono, perguntando o que estava acontecendo, e a rápida resposta de Clare: "derramei o meu leite, mamãe, molhou toda a cama da Lee."

Por um segundo voltei ao passado, vinte anos atrás, uma garotinha assustada. Pude sentir até o *cheiro* do quarto dela, o som abafado da nossa respiração, a

doçura das pérolas de banho num vidro no parapeito da janela, o perfume dos lençóis limpos.

— Não conte para ninguém — sussurrei quando fazíamos a cama com os lençóis limpos, e escondi o meu pijama molhado na minha malinha.

Ela balançou a cabeça.

— Claro que não vou contar.

E ela nunca contou.

Ainda estava lá sentada quando o meu computador emitiu um ping baixinho e outro e-mail apareceu. Era de Nina. *Qual é o plano, então? A Flo está me cobrando. Sim ao pacto? Nx*

Levantei-me, fui até a porta e senti meus dedos formigando com a estupidez do que estava a ponto de fazer. Então voltei para a mesa e, antes de poder mudar de ideia, digitei: *Ok. Combinado. xx*

A resposta de Nina chegou uma hora depois:

Uau! Não entenda mal, mas tenho de dizer que estou surpresa. Uma surpresa boa, quero dizer. Combinadíssimo. Nem pense em me dar o bolo. Lembre-se de que sou médica. Conheço pelo menos três maneiras de matá-la sem deixar rastros. Nx

Respirei fundo, abri o e-mail original da Flo e comecei a digitar:

> Querida Florence (Flo?)
>
> Terei muito prazer de ir. Por favor, agradeça à Clare por ter pensado em mim. Mal posso esperar para encontrar vocês todas em Northumberland e botar os assuntos em dia com a Clare.
>
> Carinho, Nora (mas a Clare me conhece como Lee).
>
> p.s.: é melhor usar esse endereço de e-mail para atualizar as novidades. O outro eu não verifico com tanta regularidade.

Depois disso, os e-mails chegaram rápidos e em grande quantidade. Uma enxurrada de “nãos” lamentando em “responder a todos” — todos atribuindo ao convite ter sido em cima da hora. *Vou viajar nesse fim de semana... Sinto muito, tenho de trabalhar... Cerimônia de memorial da família... (Nina: quem vai ter um funeral é a próxima pessoa que abusar do botão “responder a todos”.) Desculpe, vou mergulhar em Cornwall! (Nina: mergulho? Em novembro? Será que ela não podia pensar numa desculpa melhor? Cara, se eu soubesse que o nível era tão baixo assim teria dito que estava presa no fundo de uma mina no*

Chile, ou algo parecido.)

Mais trabalho. Mais compromissos já assumidos. E no meio disso, algumas dizendo que iam.

Finalmente a lista ficou pronta. Clare, Flo, Melanie, Tom (resposta de Nina para mim: ???), Nina e eu.

Só seis pessoas. Não parecia muito para alguém tão popular como Clare. Pelo menos tão popular como era na escola. Mas realmente o convite foi em cima da hora.

Será que foi por isso que ela me convidou? Para engrossar os números, no que sabia que seria uma raspa de tacho? Mas não, Clare não era assim, a Clare que conheci, não. A Clare que conheci teria convidado *exatamente* todas as pessoas que queria e faria do evento algo tão exclusivo que só um punhado de gente poderia ir.

Afastei essas lembranças e escondi todas embaixo da manta da rotina. Mas elas continuaram vindo à tona — no meio de uma corrida, no meio da noite, sempre que eu menos esperava.

Por quê, Clare? Por que agora?

3

Novembro chegou numa velocidade assustadora. Fiz o melhor que pude para empurrar aquela coisa toda para o fundo do cérebro e me concentrar no trabalho, mas foi ficando cada vez mais difícil à medida que o fim de semana se aproximava. Percorria rotas mais longas na corrida, procurando me cansar ao máximo antes de dormir, mas assim que encostava a cabeça no travesseiro os murmúrios começavam. *Dez anos. Depois de tudo o que aconteceu.* Será que aquilo era um erro enorme?

Se não fosse a Nina, eu teria escapado de alguma forma, mas chegou o dia 14 e lá estava eu, de mala em punho, descendo do trem em Newcastle numa manhã fria e deprimente, Nina ao meu lado, fumando um cigarro enrolado à mão e reclamando da Inglaterra enquanto eu comprava café no quiosque da plataforma da estação. Essa era a terceira despedida de solteira dela no ano (tragada no cigarro), tinha gastado quase quinhentas libras na última (tragada), e essa estava com jeito de mil, levando em conta o casamento propriamente dito (baforada). Sinceramente, ela preferia passar um cheque de um milhão e não gastar a licença anual. E pelo amor de Deus, apagando o cigarro com o salto fino, dava para explicar de novo por que ela não pôde levar o Jess?

— Porque é uma despedida de solteira — eu disse.

Peguei o café e segui Nina na direção da placa estacionamento.

— Porque a ideia é deixar os companheiros em casa. Senão, por que não levar a merda do noivo e resolver isso de uma vez por todas?

Não costumo falar muito palavrão, só quando estou com Nina. Ela provoca isso em mim por algum motivo, como se esse meu eu interior que xinga estivesse à espera de ser libertado.

— Você continua sem dirigir? — perguntou Nina quando pusemos nossas malas no banco de trás do Ford alugado.

Sacudi os ombros.

— É uma das habilidades básicas da vida que nunca dominei. Desculpe.

— Não me peça desculpas. — Ela dobrou as pernas compridas e sentou no banco do motorista, bateu a porta e enfiou a chave na ignição. — Eu detesto ir de carona. Dirigir é que nem caraoquê. Quando é você que dirige, é uma coisa épica. Quando são os outros, é sempre constrangedor ou assustador.

— Bem... é que... você sabe... morando em Londres, um carro parece um luxo e não uma necessidade. Não acha?

— Alugo da Zipcar para visitar mamãe e papai.

— Hummm.

Espiei pela janela quando Nina soltou a embreagem. Demos uns pulinhos no estacionamento da estação enquanto Nina pegava pé das coisas.

— Austrália é uma trilha acidentada em um Volvo.

— Ai, meu Deus, esqueci que sua mãe emigrou. Com... como é mesmo o nome dele? O seu padrasto?

— Philip — eu disse.

Por que sempre me sinto como uma adolescente mal-humorada quando falo o nome dele? É um nome perfeitamente normal.

Nina olhou séria para mim, então indicou o GPS com um movimento da cabeça.

— Ligue isso, por favor, e ponha o código postal que a Flo nos deu. É nossa única esperança de sairmos vivas do centro de Newcastle.

Westerhope, Throckley, Stanegate, Haltwhistle, Wark... as placas passavam como uma espécie de poesia, a estrada se desenrolava feito fita cinza-escuro jogada sobre as colinas. O céu estava nublado, mas as pequenas casas de pedra pelas quais passávamos ficavam amontoadas combinando com a paisagem, como se tivessem medo de ser vistas. Eu não precisava bancar a navegadora, e ler no carro me dava náuseas e me fazia passar mal, por isso fechei os olhos, isolei-me de Nina e do som do rádio, sozinha na minha cabeça, remoendo as perguntas que me incomodavam.

Por que eu, Clare? Por que agora?

Será que era só porque ela ia se casar e queria recuperar uma velha amizade? Mas, se era isso, por que não tinha me convidado para o casamento? Ela convidou Nina, obviamente, então, não podia ser uma cerimônia só para a família, ou qualquer coisa assim.

Na minha imaginação, Clare balançou a cabeça, pedindo que eu fosse paciente, que esperasse. Clare sempre gostou de segredos. Seu passatempo favorito era descobrir alguma coisa sobre você e dar indiretas. Não era sair espalhando. Era só fazer referências veladas em conversas, referências de coisas que só você e ela entendiam. Referências *para você saber* que ela sabia.



Paramos em Hexham para almoçar, com uma pausa para Nina fumar, depois seguimos para Kielder Forest, por estradas secundárias no campo, onde o céu ficava imenso. Mas, conforme as estradas iam se estreitando, as árvores pareciam mais próximas, ao longo da relva aparada, chegando à beira da estrada feito sentinelas, contidas apenas por um muro estreito de pedra com argamassa.

Quando entramos na floresta propriamente dita, a cobertura do GPS falhou e acabou morrendo.

— Espere aí. — remexi na minha bolsa. — Imprimi um daqueles mapas que a Flo mandou por e-mail.

— Ora, ora, se você não é a escoteira do ano — disse Nina, mas deu para ouvir o alívio em sua voz. — Aliás, qual é o problema com o iPhone?

— Esse é o problema com eles. — mostrei o meu celular que estava carregando sem parar e não baixava o Google Maps. — Desaparecem sem aviso.

Olhei para os impressos. *The Glass House*, dizia o texto de busca, *Stanebridge Road*.

— Tudo bem, vamos ter de entrar à direita. Tem uma curva, depois uma entrada à direita, deve estar perto...

A entrada passou e eu disse, de um jeito que achei leve:

— Era aquela. Perdemos.

— Grande merda de navegadora você é!

— O quê?

— Você tem de avisar *antes de* chegarmos lá, sabia? — Nina imitou a voz de robô do GPS. — Vire à esquerda daqui a cinquenta metros. Vire à esquerda daqui a trinta metros. Dê a volta quando for seguro, você perdeu a entrada.

— Bem, dê a volta quando for seguro, madame. Você perdeu a entrada.

— Dane-se “quando for seguro”.

Nina pisou no freio e fez a volta de mau humor numa outra curva da estrada na floresta. Eu fechei os olhos.

— O que você estava dizendo sobre caraoquê?

— Ah, é uma estrada sem saída, não vinha ninguém.

— Fora a outra meia dúzia de pessoas convidadas para essa despedida de solteira.

Abri os olhos com cuidado e vi que estávamos voltando e ganhando velocidade na direção oposta.

— Muito bem, é aqui. Parece uma trilha no mapa, mas Flo marcou essa mesmo.

— E é uma trilha!

Ela virou a direção, entramos na estradinha aos trancos e o carro pequeno enveredou por uma passagem de terra e lama com rieira.

— Acho que o termo técnico é “estrada não pavimentada” — eu disse sem ar, enquanto Nina desviava de uma trincheira cheia de lama, que parecia mais um buraco para refrescar hipopótamos, e entrou em mais uma curva. — Essa é a entrada da casa? Deve ter quase um quilômetro dessa trilha.

Estávamos no último mapa impresso, tão grande que era praticamente uma fotografia aérea, e eu não via mais nenhuma casa marcada.

— É a entrada, sim — disse Nina, tremelicando quando o carro passou em cima de outra rieira —, eles deviam manter isso em ordem. Se eu quebrar o chassi desse carro alugado, vou processar alguém. Nem quero saber quem, mas estão doidos de achar que vou pagar por isso.

Mas quando dobramos a curva seguinte tínhamos chegado. Nina conduziu o carro por um portão estreito, estacionou e desligou o motor. Nós duas descemos e ficamos olhando para a casa à nossa frente.

Não sei o que eu estava esperando, mas não era aquilo. Uma cabana com telhado de palha, talvez, com vigas de madeira e teto rebaixado. O que havia de fato no meio da clareira da floresta era uma extraordinária coleção de vidro e aço, como se tivesse sido jogada ali por descuido de uma criança cansada de brincar com blocos de armar muito minimalistas. Parecia tão incrivelmente fora de lugar que Nina e eu ficamos lá paradas olhando, boquiabertas.



Quando abriram a porta, vi um lampejo de cabelo louro brilhante e tive um momento de pânico total. Aquilo era um erro. Eu jamais devia ter ido para lá, mas era tarde demais para retroceder.

Parada na porta estava Clare.

Só que... ela estava diferente.

Lembrei a mim mesma que *eram* dez anos, afinal. As pessoas mudam, ganham peso. As pessoas que somos aos dezesseis anos não são mais as mesmas aos vinte e seis. E eu devia saber disso melhor do que ninguém.

Mas Clare... Era como se alguma coisa tivesse se partido, alguma luz interna tivesse se apagado.

Então ela falou e a ilusão se desfez. A voz dela era a única coisa que não tinha nenhuma semelhança com Clare. Era bem grave, enquanto a de Clare era aguda e juvenil, e soava muito, muito afetada.

— Oi!!! — disse ela, e de alguma forma o tom deu à palavra três pontos de exclamação, e eu soube, antes que ela falasse qualquer outra coisa, quem era. — Eu sou a Flo!

Sabe quando você vê o irmão ou irmã de alguém famoso e parece que está olhando para o próprio, só que em um daqueles espelhos que deformam? Só que era um espelho que distorcia tão sutilmente que fica difícil apontar o que está diferente, só sabemos que é diferente. Alguma essência se perdeu, como uma nota falsa na canção.

Essa era a mulher à porta da frente.

— Oh, meu Deus! — ela exclamou. — É tão bom ver vocês! Você deve ser... — ela olhou de mim para Nina e escolheu a opção mais fácil.

Nina tinha um metro e oitenta e cinco e era brasileira. Bem, o pai dela é do Brasil. Ela nasceu em Reading, e a mãe é de Dalston. Tem o perfil de um falcão e o cabelo de Eva Longoria.

— Nina, acertei?

— Sim. — Nina estendeu a mão. — E você é a Flo, pelo que entendi, não é?

— Iá!

Nina olhou de esguelha para mim e me *desafiou* a rir. Nunca pensei que as pessoas realmente dissessem *iá*, ou, se dissessem, era arrancado delas com um soco, na escola, ou extraído com deboche na universidade. Talvez Flo fosse feita de matéria mais forte.

Flo apertou a mão de Nina com entusiasmo e então virou para mim com um sorriso radiante.

— Nesse caso, você é a... Lee, certo?

— Nora — eu disse, pensativa.

— Nora? — Ela franziu a testa, confusa.

— Meu nome é Leonora. Na escola eu era Lee, mas agora prefiro Nora. Mencionei isso num e-mail.

Eu sempre detestei ser Lee. Era nome de menino, um nome que se prestava a provocações e rimas. *Lee Lee precisa de um guri. Lee Lee fede a xixi.* Além disso, vem o sobrenome esquisito, Shaw: *Vimos Lee Shaw escondida no brechó.*

Agora Lee estava morta e enterrada. Pelo menos eu esperava que sim.

— Ah, certo! Tenho uma prima chamada Leonora! Nós a chamamos de Leo.

Procurei disfarçar a careta. Leo não. Leo *nunca*. Só uma pessoa tinha me chamado de Leo.

O silêncio se alongou até Flo quebrá-lo com uma risada meio áspera.

— Rá! Certo. Muito bem. Isso vai ser muito divertido! Clare ainda não chegou, mas, como dama de honra, achei que devia cumprir meu dever e chegar aqui antes!

— Que torturas hediondas você escolheu para nós então? — perguntou Nina enquanto empurrava sua mala porta adentro. — Boás de plumas? Pênis de chocolate? Vou logo avisando, sou alérgica a isso; tenho reação anafilática. Não me faça sacar minha seringa com epinefrina.

Flo deu uma risada nervosa. Olhou para mim e de novo para Nina, procurando avaliar se Nina estava brincando. É difícil interpretar as intervenções de Nina para quem não a conhece. Nina encarou Flo muito séria, e deu para ver que estava pensando se devia jogar a isca um pouco mais perto.

— A casa é... hummm... adorável — eu disse para tentar desviá-la do alvo, mas a verdade é que adorável não era a palavra em que eu estava pensando. Apesar de ter árvores dos dois lados, o lugar parecia exposto demais, sua enorme fachada de vidro desvelada aos olhos do vale inteiro.

— Não é?! — Flo exclamou satisfeita, aliviada por ter voltado para território seguro. — Essa é a casa de campo da minha tia, mas ela não vem muito aqui no inverno, é muito isolada. A sala de estar é por aqui...

Ela nos levou por um corredor com eco, que tinha a altura da casa inteira, até uma sala muito comprida, com a parede oposta toda feita de vidro, com vista para a floresta. Havia nela uma estranha sensação de nudez, como se estivéssemos num palco, desempenhando nossos papéis para uma plateia de olhos lá fora no bosque. Estremeci e virei-me de costas para o vidro, examinando a sala. Mesmo com os sofás compridos espalhados, o lugar parecia muito vazio, e depois de um segundo entendi por quê. Não era só a falta de quinquilharias e a decoração minimalista — três potes no mantel da lareira, um único quadro de Mark Rothko na parede —, mas o fato de não haver um único livro naquela sala enorme. Nem parecia uma casa de campo — todo lugar em que eu tinha ficado possuía sua estante com Dan Browns e Agatha Christies usados. Parecia mais uma casa em exposição.

— O fixo é aqui.

Flo apontou para um telefone de época com discagem antiga e fio que parecia estranhamente deslocado naquele ambiente modernista.

— Recepção de celular aqui é muito fraca, por isso fiquem à vontade para usá-lo.

Mas eu não estava olhando para o telefone. Acima da lareira moderna e clean havia uma coisa ainda mais deslocada: uma espingarda bem polida, pendurada em suportes de madeira pregados na parede. Era como se tivesse sido transplantada de um pub rural. Será que era de verdade?

Tentei desgrudar os olhos quando percebi que Flo continuava a falar.

— ... e os quartos ficam no andar de cima — concluiu. — Querem uma ajuda com essas malas?

— Para mim não precisa — eu disse ao mesmo tempo que Nina respondeu:

— Bem, se você está oferecendo...

Flo foi apanhada de surpresa, mas com boa vontade pegou a enorme mala com rodinhas de Nina e começou a içá-la no primeiro lance da escada de vidro fosco.

— Como eu estava dizendo — ela falou, ofegante, quando demos a volta na balaustrada —, são quatro quartos. Pensei que Clare e eu poderíamos ficar em um, vocês duas em outro, Tom teria um só para ele, obviamente.

— Obviamente — disse Nina com cara de paisagem.

Eu estava ocupada demais processando a notícia de que ia dividir o quarto com alguém. Tinha imaginado que teria um espaço só meu para me recolher.

— E assim sobra Mels, Melanie, vocês sabem, que ficou de fora. Ela tem um bebê de seis meses, por isso achei que de todas nós era a que mais merecia um quarto só para ela.

— O quê? Ela não vai trazer o bebê, vai? — Nina parecia sinceramente assustada.

Flo deu uma risada ressonante, então cobriu a boca com a mão para abafar o som, encabulada.

— Não! Só que, vocês sabem, ela provavelmente vai precisar de uma boa noite de sono, mais do que o resto de nós.

— Ah, ok. — Nina espiou um dos quartos. — Qual é o nosso, então?

— Os dois dos fundos são os maiores. Você e Lee podem ficar com o da direita, se quiserem. Tem duas camas. O outro tem uma cama de casal com dossel, mas eu não me importo de dormir nela com a Clare.

Ela parou respirando com dificuldade e apontou para uma porta de madeira clara à direita.

— É esse aqui.

No quarto havia duas camas brancas arrumadas e uma penteadeira baixa, tudo anônimo como num quarto de hotel, e, de frente para as camas, a sinistra parede toda de vidro, virada para o norte, sobre a floresta. Ali era mais difícil ainda de entender. O solo subia nos fundos da casa e por isso não havia a vista espetacular da sala da frente. Em vez disso, o efeito era mais claustrofóbico do que qualquer outra coisa — uma parede verde-escura, que já estava escurecendo com o sol se pondo. Em cada canto havia pesadas cortinas de cor creme, e tive de lutar contra a vontade de puxá-las para cobrir a enorme área de vidro.

Atrás de mim Flo deixou a mala de Nina cair com estrondo no chão. Dei meia-volta e ela sorriu, um largo sorriso que a fez ficar quase tão bonita quanto Clare.

— Alguma pergunta?

— Sim — disse Nina. — Você se importa se eu fumar aqui?

Flo fez cara de desânimo.

— O problema é que minha tia não gosta que fumem dentro de casa. Mas você tem uma varanda.

Ela brigou um tempo com uma porta dobrável na parede de vidro e conseguiu abri-la.

— Você pode fumar aqui fora, se quiser.

— Ótimo — disse Nina —, obrigada.

Flo brigou com a porta de novo e a fechou. Endireitou as costas com o rosto rosado do esforço e espanou as mãos na saia.

— Certo! Bem, vou deixar vocês desfazerem as malas. Nos vemos lá embaixo, iá?

— Iá! — disse Nina animada, e eu tentei disfarçar.

— Obrigada! — exclamei bem alto, sem necessidade, de modo que isso só fez com que eu parecesse indevidamente agressiva.

— Hummm, certo! Ok! — disse Flo meio perdida, então ela recuou para a porta e foi embora.

— Nina... — eu disse em tom de aviso quando ela foi espiar a floresta.

— O que é? — ela disse virando a cabeça para mim e continuou falando: — Quer dizer que o Tom é definitivamente da ala masculina, a julgar pela determinação de Flo de botar na quarentena seus insaciáveis cromossomos Y para afastá-los das nossas delicadas partes femininas.

Não consegui me controlar e bufei. Com a Nina é assim. Você perdoa coisas que outras pessoas jamais aturariam.

— Acho que ele deve ser gay, você não acha? Senão, por que estaria numa despedida de solteira?

— Hummm... Contrariando o que você parece crer, rebater para o outro time não muda o seu gênero. Eu acho. Não, espere aí... — Ela olhou para os próprios seios. — Não, tudo bem por aqui. Minha dupla dinâmica nas taças, presente e correta.

— Não foi isso que eu quis dizer e você sabe muito bem. — Joguei a minha mala na cama e então me lembrei da minha *nécessaire* e abri o zíper com mais jeito. Meus tênis estavam em cima e os botei arrumados perto da porta, um sinal tranquilizante de “saída de emergência”. — Despedidas de solteira tratam, em parte, da apreciação da forma masculina. É isso que as mulheres têm em comum com os homens gay.

— Nossa, e você vem me dizer isso *agora*? A desculpa perfeita que já vem pronta e você só foi descobrir agora? Será que poderia responder para todos em meu próximo convite para despedida de solteira dizendo *Desculpem, a Nina não pode ir porque ela não aprecia a forma masculina*?

— Ah, pelo amor de Deus... Eu disse *“em parte”*...

— Está tudo bem. — Ela virou-se de novo para a janela, olhou para a floresta, os riscos escuros dos troncos das árvores no fundo verde, e disse com a voz entrecortada e trágica. — Estou acostumada a ser excluída da sociedade heteronormativa.

— Corta essa — eu disse num resmungo, e quando ela se virou para mim estava dando risada.

— Por falar nisso, o que estamos fazendo aqui? — ela perguntou, se jogou para trás sobre uma das camas e tirou os sapatos. — Não sei você, mas eu não vejo a Clare há mais ou menos três anos.

Eu não disse nada. Não sabia o que dizer.

Por que eu tinha ido para lá? Por que a Clare tinha me convidado?

— Nina — falei com um nó na garganta e sentindo o coração disparar. — Nina, quem...?

Mas, antes de poder terminar a frase, o barulho de batidas encheu o quarto e ecoou pelo corredor vazado.

Alguém batia à porta.

De repente não tive mais certeza de que queria respostas para as minhas perguntas.

4

Nina e eu nos entreolhamos. Meu coração pulsava como um eco perdido das batidas à porta, mas procurei manter uma expressão de calma.

Dez anos. Será que ela havia mudado? Será que *eu* mudei?

Engoli em seco.

Ouvi o barulho dos pés de Flo ecoando no teto alto do corredor, depois de metal arranhando metal quando ela abriu a porta pesada, seguido pelo murmúrio de vozes quando a pessoa recém-chegada entrou na casa.

Fiquei ouvindo atentamente. Não parecia Clare. Na verdade, por trás da risada de Flo escutei alguma coisa que soava distintamente... masculino?

Nina rolou na cama e se apoiou no cotovelo.

— Ora, ora, ora... Parece que o Tom totalmente cromossomos Y chegou.

— Nina...

— O que foi? Por que está olhando para mim desse jeito? Vamos descer e conhecer o galo na casa das galinhas?

— Nina! Não.

— Não o quê?

Ela girou os pés para o chão e se levantou da cama.

— Não nos envergonhe. Nem a *ele*.

— Se nós somos as galinhas, ele é o galo, naturalmente. Estou usando o termo no sentido puramente zoológico.

— Nina!

Mas ela já tinha ido, saltitando na escada de vidro só de meias, e ouvi sua voz flutuando escada acima.

— Olá, acho que não nos conhecemos...

Acho que não nos conhecemos. Bem, então *não era* mesmo a Clare. Respirei fundo e desci para a entrada da casa atrás dela.

Primeiro vi o pequeno grupo de cima. Perto da porta da frente estava uma mulher de cabelo liso, preto e brilhante, preso em um nó na base da nuca — devia ser Melanie. Ela sorria e meneava a cabeça para alguma coisa que Flo estava dizendo, mas trazia na mão um celular e cutucava a tela de vez em quando enquanto Flo falava. Do outro lado, um cara segurava uma mala Burberry. Tinha cabelo castanho liso e estava imaculadamente vestido com uma

camisa branca que devia ter sido lavada por profissional, porque nenhuma pessoa comum seria capaz de produzir vincos como aqueles nas mangas, e calças de lã cinza que berravam Paul Smith. Ele olhou para cima quando ouviu meus passos na escada e sorriu.

— Oi, eu sou Tom.

— Oi, sou Nora.

Forcei-me a descer os últimos degraus e estendi a mão. Havia alguma coisa incrivelmente familiar no rosto dele, e tentei descobrir o que era enquanto apertávamos as mãos, mas não consegui. Virei-me para a mulher de cabelo preto.

— E você deve ser... Melanie?

— Hum, oi, sou.

Ela olhou para cima e deu um sorriso tímido.

— Desculpe, eu acabei de... Deixei meu bebê de seis meses em casa com o meu companheiro. É a primeira vez que faço isso. Eu queria muito ligar para casa e saber como estão as coisas. Aqui não tem conexão?

— Não — disse Flo se desculpando, o rosto vermelho de nervosismo ou animação, não sabia ao certo qual das duas coisas. — Desculpe. Às vezes pega um pouco na parte de cima do jardim ou nas varandas, dependendo de qual operadora você usa. Mas tem um telefone fixo na sala de estar. Vou mostrar para você.

Ela foi mostrar o caminho e eu me virei de novo para Tom. Continuava com aquela estranha sensação de que eu o tinha visto antes em algum lugar.

— E, então, como foi que você conheceu a Clare? — perguntei, desajeitadamente.

— Ah, você sabe. Contatos de teatro. Todos se conhecem! Na realidade, foi através do meu marido. Ele é diretor.

Nina lançou uma piscadela teatral de trás do Tom. Franzi a testa furiosamente e então recompus meu rosto quando vi Tom com cara de quem não estava entendendo nada.

— Desculpe, continue — disse Nina, séria.

— Bem, eu conheci Clare numa festa para levantar fundos para a Royal Theatre Company. Bruce estava dirigindo alguma coisa lá e nós conversamos sobre o trabalho.

— Você é ator? — perguntou Nina.

— Não, escrevo peças de teatro.

É sempre estranho conhecer outro escritor. Uma leve sensação de camaradagem, um laço maçônico. Fico imaginando se encanadores sentem isso quando conhecem outros encanadores, ou se contadores se cumprimentam com

gestos secretos. Talvez seja porque esses encontros acontecem raramente. Os escritores costumam passar a maior parte do tempo sozinhos.

— Nora é escritora — disse Nina.

Ela olhou para nós como se estivesse soltando galos de briga no ringue para se livrar dos dois.

— Ah, é mesmo? — Tom olhou para mim como se me visse pela primeira vez. — Você escreve o quê?

Ug. A pergunta que detesto. Nunca me senti à vontade falando dos meus escritos. Nunca superei aquela sensação das pessoas se metendo nos meus pensamentos privados.

— Hummm... ficção — disse vagamente.

Crime ficcional era a verdade, mas, se você diz isso, as pessoas inventam de querer sugerir tramas e motivos para assassinatos.

— É mesmo? Com que nome você assina?

Bela maneira de dizer, "já ouvi falar de você?". A maioria das pessoas fala isso com menos sutileza.

— L. N. Shaw — respondi. — O N não é nada, eu não tenho esse nome do meio. Só acrescentei porque L. Shaw ficava esquisito, enquanto L. N. é mais pronunciável, se é que entende. Então você escreve para teatro?

— Escrevo. Sempre tive inveja de romancistas, do jeito que vocês controlam tudo. Vocês não precisam lidar com atores que massacram suas melhores frases. — Ele deu um sorriso e exibiu dentes brancos, perfeitos demais.

Imaginei se eram encapados com porcelana.

— Mas deve ser bom trabalhar com outras pessoas, não? — arrisquei. — Dividir a responsabilidade, quero dizer. Uma peça é uma coisa grandiosa, não é?

— É, acho que sim. Você tem de repartir a glória, mas pelo menos quando a merda bate no ventilador o efeito é coletivo.

Eu já ia comentar alguma outra coisa quando ouvimos um som musical vindo da sala de estar onde Melanie tinha posto o telefone no suporte. Tom virou-se para o lado de onde vinha o barulho, e alguma coisa no ângulo da cabeça, na expressão dele, fez com que eu me lembrasse de onde o tinha visto.

Aquela foto. A foto do perfil de Clare no Facebook. Era *ele*. Então a pessoa na foto não era o novo companheiro, afinal.

Eu ainda estava processando essa informação quando Melanie apareceu, sorrindo.

— Caramba, consegui falar com Bill. Está tudo ótimo na frente doméstica. Desculpem a minha distração, mas é que nunca passei uma noite fora antes, e foi uma questão de fé. Não que Bill não dê conta do recado, tenho certeza de que ele é capaz disso, mas... bem, de qualquer forma, eu devo parar de insistir nesse

assunto chato. Você é Nora, não é?

— Vão para a sala de estar! — gritou Flo da cozinha. — Estou fazendo chá.

Obedecemos e fomos para a sala. Observei Tom e Melanie quando entraram naquele cômodo enorme com sua parede toda de vidro.

— Essa vista da floresta é uma coisa, não é? — Tom comentou.

— É.

Fiquei olhando para a mata. Estava escurecendo e aquelas sombras todas davam a sensação de que as árvores tinham se movido juntas em direção a casa, inclinadas para encobrir o céu.

— Mas dá uma impressão de estarmos expostos, não acha? Deve ser a falta de cortinas.

— É como ter a saia presa atrás, na calcinha! — disse Melanie de repente, rindo.

— Eu gosto — disse Tom. — Dá a impressão de que estamos num palco.

— E nós somos a plateia? — Melanie perguntou. — Essa produção é meio tediosa. Os atores são muito duros! — Ela apontou para as árvores, caso não tivéssemos entendido a brincadeira. — Entenderam? As árvores, duras...

— Entendemos — disse Nina sem achar graça. — Mas acho que não foi isso que Tim quis dizer, foi?

— Tom — disse Tom, com certa irritação na voz. — Mas não, eu estava pensando o contrário. Nós somos os atores. — Ele virou-se de frente para a parede envidraçada. — A plateia... a plateia está lá fora.

Não sei por que as palavras dele me fizeram estremecer. Talvez por causa dos troncos das árvores, como vigias silenciosos na escuridão que avançava. Ou então era o frio persistente que Tom e Melanie tinham trazido lá de fora. De qualquer maneira, saindo de Londres o clima parecia de outono, e de repente, bem ao norte, era como se o inverno tivesse chegado, da noite para o dia. Não eram só os pinheiros com seus galhos fechados tão próximos que impediam toda a luz de chegar, nem o ar frio e cortante com sua promessa de geada. A noite estava chegando e a casa parecia cada vez mais uma jaula de vidro, lançando sua luz às cegas na penumbra, como um farol na escuridão. Imaginei milhares de mariposas voando em círculos e tremelicando, atraídas inexoravelmente pelo brilho, só para perecer contra o vidro gelado e inóspito.

— Estou com frio — eu disse, para mudar de assunto.

— Eu também. — Nina esfregou os braços. — Será que conseguimos fazer aquele aquecedor funcionar? É a gás?

Melanie ajoelhou na frente do aquecedor.

— É a lenha. — Ela mexeu numa espécie de puxador e abriu a portinhola da frente. — Tenho um meio parecido em casa. Flo! — gritou ela virando-se para o

lado da cozinha. — Podemos acender o aquecedor?

— Podem! — Flo gritou de volta. — Tem pastilhas combustíveis em cima da lareira. Dentro de um pote. Estarei aí num instante, se vocês não conseguirem.

Tom foi até a lareira e começou a espiar dentro dos potes minimalistas, mas parou de repente, com a atenção sequestrada pela mesma visão que tinha feito com que eu estancasse mais cedo.

— Qui-risto...

Era a espingarda, empoleirada nos suportes de madeira, logo acima da linha dos olhos.

— Será que o pessoal daqui nunca ouviu falar de Chekhov?

— Chekhov? — disse uma voz do corredor.

Era Flo, passando de lado pela porta com uma bandeja apoiada na cintura.

— O cara russo? Não se preocupe, está carregada com balas de festim. Minha tia mantém essa arma aí para espantar os coelhos. Eles comem as raízes e escavam todo o jardim. Ela atira neles pelas janelas.

— É meio... texano, não é? — disse Tom.

Ele correu para ajudar Flo com a bandeja.

— Sabe, não é que eu não goste da onda caipira, mas tê-la bem aqui, na nossa cara... É meio desconcertante para nós que costumamos manter as ideias mórbidas bem longe.

— Eu sei o que você quer dizer — disse Flo. — Ela devia ter um armário de armas ou algo assim. Mas essa aí foi do meu avô, por isso é uma espécie de herança da família. E a horta fica bem aí na frente dessas portas envidraçadas. Bem, isso no verão. Então é apenas mais prático tê-la à mão assim.

Melanie acendeu o fogo, Flo começou a servir o chá e a oferecer biscoitos, e a conversa passou para taxas de carros alugados, valor do aluguel, se o leite era antes ou depois do chá. Eu fiquei calada, pensando.

— Chá?

Não me mexi nem respondi logo. Então Flo deu um tapinha no meu ombro e eu pulei de susto.

— Quer chá, Lee?

— Nora — eu disse.

Tentei dar um sorriso forçado.

— Eu... Desculpe. Tem café? Eu devia ter dito que não sou muito fã de chá.

Flo ficou decepcionada.

— Sinto muito, eu é que devia... Não, não temos. E agora deve ser tarde demais para comprar qualquer coisa... A cidadezinha mais próxima fica a quarenta minutos de distância e o mercado vai estar fechado. Sinto muito mesmo, estava pensando na Clare quando fiz as compras, e ela adora chá... Nem

pensei que...

— Não faz mal — interrompi com um sorriso. — De verdade.

Peguei a xícara que ela oferecia e bebi. Estava escaldante de quente e o gosto péssimo era de chá, leite quente e xarope de caramelo, melado e condimentos.

— Ela deve chegar daqui a pouco. — Flo olhou para o relógio. — Posso explicar os procedimentos para todo mundo saber o que está acontecendo?

Todos nós fizemos que sim com a cabeça. Flo pegou uma lista. Eu senti, mais do que ouvi, o suspiro de Nina.

— Então, Clare deve chegar às seis, pensei que podíamos beber alguma coisa... Tenho champanhe na geladeira e trouxe os ingredientes para fazer mojitos e margaritas e essas coisas. E achei que não devíamos ter trabalho com um jantar à mesa...

Nina fez uma careta de decepção.

— ... trouxe umas pizzas e molhos e podemos botar tudo aqui na mesa de centro e comer aqui mesmo. E pensei que enquanto fazemos isso podíamos brincar desses jogos da verdade. Vocês todos conhecem a Clare, é óbvio, mas acho que não nos conhecemos entre nós... não é? Na verdade, acho que podemos fazer uma rápida apresentação de cada um antes da Clare chegar... O que acham?

Nós nos entreolhamos, avaliamos uns aos outros e imaginamos quem ia ter a coragem de começar. Pela primeira vez tentei encaixar o Tom, a Melanie e a Flo com a Clare que eu conhecia, e não foi nada fácil.

Tom era óbvio, com suas roupas caras e experiência no teatro não era difícil ver o que os dois tinham em comum. Clare sempre gostou de gente bonita, mulheres e homens, e assumia um orgulho generoso e descomplicado da beleza dos amigos. Não havia nada de depreciativo nessa admiração. Ela mesma era bem bonita e não seria ameaçada pela beleza nos outros, e adorava ajudar as pessoas a desenvolver o que tinham de melhor, mesmo as candidatas menos promissoras como eu. Lembro-me de ter sido arrastada de loja em loja antes de alguma noitada importante, de Clare segurando vestidos na frente do meu corpo magricela e sem busto, fazendo bico quando não gostava, até encontrar aquele que era perfeito para mim. Tinha um olho bom para o que caía melhor. Foi ela que disse que eu devia cortar o cabelo. Nunca lhe dei ouvidos naquela época. Agora, dez anos depois, usava o cabelo curto e sabia que Clare tinha razão.

Melanie e Flo eram mais misteriosas. Uma coisa que Melanie tinha dito nos primeiros e-mails me fez pensar que era advogada, ou talvez contadora, e realmente tinha a aparência de alguém que ficaria mais confortável usando um terninho. A bolsa e o sapato eram caros, mas a calça jeans que usava era o que Clare, há dez anos, teria chamado de “jeans da mamãe” — azul genérico, corte nada sensual e enrugado na cintura.

A calça jeans de Flo, por outro lado, era de marca, mas havia alguma coisa esquisita e incômoda na forma com que a usava. Tudo parecia ter sido comprado no atacado de uma loja All Saints, sem se importar se aquela roupa servia ou caía bem nela, e quando olhei, Flo puxou a camiseta meio desajeitada, tentando enfiar no cós da calça jeans, por cima do pneu da barriga. Parecia o tipo de roupa que Clare escolheria para ela, só que alguém cruelmente devia ter sugerido para Flo.

Flo e Melanie juntas faziam um estranho contraste com Tom. Era difícil imaginar a Clare que eu conhecia com qualquer uma delas. Será que era só porque tinham sido amigas na universidade e mantiveram contato? Eu conhecia esse tipo de amizade, a que fazemos quando somos calouros, e à medida que o tempo passa percebemos que não temos nada em comum além de frequentar os mesmos corredores e dormitórios, mas por algum motivo continuamos a mandar cartões de aniversário e curtimos no Facebook. Só que já fazia dez anos que eu conhecia Clare. Talvez a Clare de Melanie-e-Flo fosse a verdadeira agora.

Olhei em volta, para todos no círculo, e vi que estavam fazendo a mesma coisa: avaliando os convidados que não conheciam, procurando encaixar os estranhos com a imagem mental que tinham de Clare. Peguei o olhar de Tom quando olhou fixo para mim com uma curiosidade sincera que beirava a hostilidade e olhei para o chão. Ninguém queria ser o primeiro. O silêncio se prolongou e virou uma ameaça de constrangimento.

— Eu começo — disse Melanie.

Ela afastou o cabelo do rosto e mexeu em alguma coisa no decote. Vi que era uma cruz de prata minúscula numa correntinha, do tipo que ganhamos de presente na crisma.

— Sou Melanie Cho, bem, Melanie Blaine-Cho agora, eu acho, mas é um nome pomposo demais, então mantive o mais simples no trabalho. Dividi uma casa na universidade com Flo e Clare, mas tirei dois anos antes de entrar na faculdade, de modo que sou um pouco mais velha do que o resto de vocês... Eu não sei de você, Tom. Tenho vinte e oito anos.

— Vinte e sete — disse Tom.

— Então eu sou a vovó do grupo. Acabei de ter um filho, bem, foi há seis meses. E estou amamentando, por isso vocês me desculpem se me virem sair correndo da sala com manchas enormes nos seios.

— Você está tirando com bomba e guardando? — perguntou Flo com simpatia, e por cima do ombro dela eu vi Nina ficar vesga e se estrangular. Olhei para o outro lado, para não virar cúmplice.

— Estou, pensei em tentar congelar, mas pensei que provavelmente ia beber, e levar os sacos de volta seria uma trabalheira. Hummm... O que mais? Moro em

Sheffield. Sou advogada, mas estou de licença-maternidade. Meu marido está cuidando de Ben hoje. Ben é o nosso bebê. Ele é... bem, vocês não vão querer me ouvir corujando. Ele é simplesmente lindo.

Ela sorriu e o rosto preocupado se iluminou, apareceram duas covinhas profundas nas bochechas, e eu senti uma pontada no coração. Nenhum complexo de chocadeira — eu não queria engravidar de jeito nenhum, era um sentimento diante daquela felicidade completa e sem complicações.

— Vamos lá, mostre uma foto para nós — disse Tom.

Melanie formou covinhas outra vez e pegou seu celular.

— Bem, se você insiste. Olhe, essa foi quando ele nasceu...

Vi uma foto dela deitada numa cama de hospital, o rosto desbotado cor de areia e o cabelo como rabos pretos de ratos nos ombros, com um sorriso cansado e olhando para um embrulhinho branco que tinha nos braços.

Tive de parar de olhar.

— E essa é dele sorrindo. Não foi o primeiro sorriso, não peguei o primeiro, mas Bill estava fora, em Dubai, por isso fiz questão de fotografar o segundo e enviei para ele pelo whatsapp. E essa é dele agora. Não dá para ver o rosto muito bem, estava com o potinho na cabeça.

O bebê era irreconhecível comparado com o olhar azul-arroxeado e raivoso da primeira foto: uma coisinha bochechuda, morrendo de rir. O rosto estava meio coberto por um prato fundo de plástico cor de laranja e uma gororoba verde escorria nas bochechas redondas.

— Benza a Deus! — disse Flo. — Ele é a cara do Bill, não é?

— Ai meu Deus! — Tom parecia estar horrorizado e achando graça ao mesmo tempo. — Bem-vindos à maternidade. Por favor, abandonem suas roupas de lavagem a seco na porta.

Melanie guardou o celular e continuou sorrindo.

— É mais ou menos isso. Mas é incrível a rapidez com que a gente se acostuma. Agora já parece completamente normal procurar bolotas de mingau no meu cabelo antes de sair de casa. Mas não vamos falar sobre ele, que já estou com muita saudade e não quero piorar isso. E você, Nina? — Melanie virou-se para onde Nina estava sentada, ao lado do aquecedor, abraçando os joelhos dobrados. — Lembro que nos vimos uma vez em Durham, não foi? Ou será que imaginei isso?

— Não, você tem razão, eu vim uma vez sim, acho que estava a caminho de Newcastle para visitar um amigo. Não me lembro de ter encontrado Flo, mas me lembro, sim, de ter visto você no bar, certo?

Melanie fez que sim com a cabeça.

— Para os que não sabem, eu sou Nina, estudei com Clare e com Nora. Sou

médica... Bem, estou treinando para ser cirurgiã. Acabei de passar três meses no exterior com os Médicos sem Fronteiras e aprendi muito mais do que queria sobre lesões por arma de fogo... apesar do que o jornal faz você crer, não vemos muito disso em Hackney.

Ela esfregou o rosto e, pela primeira vez desde que saíramos de Londres, vi o verniz rachar um pouco. Eu sabia que a ida à Colômbia tinha afetado Nina, mas só nos vimos duas vezes desde que ela voltou da viagem, e nas duas ocasiões ela não tinha falado sobre isso, a não ser para fazer piadas com a comida de lá. Por um instante pude vislumbrar um pouco do que seria remendar gente para ganhar a vida... Falhando algumas vezes.

— Bem... — ela deu um sorriso forçado. — Tim, Timmy-boy, Timbo: mande ver.

— Sim... — disse Tom com expressão cansada. — Acho que a primeira coisa que vocês devem saber sobre mim é que meu nome é *Tom*. Tom Deauxma. Sou dramaturgo, como já foi propagandeado. Não sou um monstro, mas já fiz muita coisa paralela e ganhei alguns prêmios. Sou casado com o diretor de teatro Bruce Westerly, talvez tenham ouvido falar dele, não?

Fez-se uma pausa. Nina balançou a cabeça. Tom olhou para todos no círculo à procura de reconhecimento, até parar esperançoso em mim. Balancei um pouco a cabeça, meio relutante. Não gostei, mas mentir não ia ajudar nada. Ele deu um suspiro.

— Tudo bem, imagino que vocês que não são do teatro não reparem muito no nome do diretor. Foi assim que conheci Clare, através do trabalho que fez para a Royal Theatre Company. Bruce trabalha bastante com eles e, claro, dirigiu *Coriolanus*.

— Claro — disse Flo, meneando a cabeça entusiasmada.

Depois da minha falha, senti que podia ao menos fingir reconhecer isso, por isso fiz que sim com a cabeça junto com Flo... Talvez tenha exagerado no entusiasmo, porque senti a fita no meu cabelo desprender. Nina bocejou e se levantou para sair da sala sem dizer nada.

— Nós moramos em Camden... Temos um cachorro chamado Spartacus, o apelido é Sparky. É um labradoodle. Tem dois anos. É adorável, mas não é o cachorro ideal para um casal viciado no trabalho que viaja muito. Por sorte, temos um excelente passeador de cães. Eu sou vegetariano... O que mais? Meu Deus, isso é um crime terrível, não é? Dois minutos e esgotei as coisas interessantes para contar sobre mim. Ah, tenho uma tatuagem de coração na omoplata. É isso. E você, Nora?

Por algum motivo inimaginável, senti que corei violentamente e meus dedos falharam para segurar a xícara, por isso derramei chá no joelho. Ocupei-me de

secar com a ponta da minha echarpe e, quando levantei a cabeça, vi que Nina tinha voltado para a sala. Segurava seu saco de tabaco e enrolava um cigarro com uma única mão, observando-me atentamente enquanto fazia isso.

Fiz um esforço para falar.

— Não tenho muita coisa para dizer. Eu, hummm... Eu conheci Clare na escola, como Nina. Nós...

Nós não nos falamos há dez anos.

Eu não sei o que estou fazendo aqui.

Eu não sei o que estou fazendo aqui.

Engoli em seco, constrangida.

— Nós... perdemos contato, eu acho.

Senti um calor subindo pelo rosto. O aquecedor estava realmente esquentando o ambiente. Levantei as mãos para prender o cabelo atrás das orelhas, mas esqueci que o havia cortado e meus dedos só encostaram nas mechas curtas, na pele quente e úmida por baixo.

— Hummm... Sou escritora. Estudei na UCL e comecei a trabalhar para uma revista depois que me formei, mas era péssima. Provavelmente culpa minha mesmo, porque passava o tempo todo rabiscando meu romance em vez de fazer pesquisa e contatos. De qualquer maneira, vendi meu primeiro livro aos vinte e dois anos e tenho sido escritora em tempo integral desde então.

— E você se sustenta só com os seus livros? — Tom ergueu as sobrancelhas. — Respeito.

— Bem, não *inteiramente.* Isto é, dou algumas aulas pela internet de vez em quando, faço pareceres editoriais e coisas assim. E tive sorte...

Sorte? Eu quis morder a língua.

— Bem, talvez não tenha sido propriamente sorte, não é essa a palavra certa, mas meu avô morreu quando eu era adolescente e recebi algum dinheiro, o bastante para comprar um apartamento tipo estúdio em Hackney. É minúsculo, só tem espaço para mim e para o meu laptop, mas não preciso pagar aluguel.

— Acho muito legal vocês todas terem mantido contato — disse Tom. — Você, Clare e Nina, quero dizer. Acho que não mantive contato com nenhum dos meus amigos da escola. Não tenho nada em comum com a maioria deles. Não foi a época mais feliz para mim.

Ele olhou fixamente para mim e senti que fiquei vermelha de novo. Ia botar o cabelo atrás das orelhas outra vez, mas deixei caírem as mãos. Era imaginação minha, ou havia algo levemente maldoso no olhar dele? Será que sabia de alguma coisa?

Fiquei indecisa alguns segundos, queria responder, mas não tinha certeza do que dizer que não fosse uma mentira deslavada. Enquanto me atrapalhava, o

silêncio mais desconfortável a cada segundo, o erro daquela situação toda me abateu mais uma vez. Que diabos eu estava fazendo ali? Dez anos. *Dez anos*.

— Acho que todo mundo tem uma fase horrível na escola — disse Nina, quebrando o silêncio. — Eu certamente tive.

Olhei para ela agradecida, e ela deu uma piscadela para mim.

— Então qual é o segredo? — perguntou Tom. — Das amizades duradouras? Como é que vocês conseguiram manter isso esse tempo todo?

Olhei para ele de novo, dessa vez muito séria. Por que diabos ele não podia deixar esse assunto de lado? Mas eu não tinha nada para dizer... Não sem parecer uma louca.

— Eu não sei — finalmente consegui dizer e procurei manter meu tom de voz amigável, mas senti a tensão no meu sorriso.

Só podia rezar para a expressão do meu rosto não ser tão obviamente falsa como eu estava sentindo.

— Sorte, eu acho.

— Namorados? — perguntou Melanie.

— Não. Só eu. Nem mesmo um labradoodle.

A ideia era provocar risos, e eles corresponderam, mas foi um coro fraco e desanimado, com um toque de pena.

— Flo? — chamei rapidamente, tentando tirar o holofote de cima de mim.

Flo se animou.

— Bem, conheci Clare na universidade. Estávamos fazendo História da Arte e nos instalaram no mesmo alojamento. Entrei na sala de estar e lá estava ela, assistindo à novela *EastEnders*, mordendo o cabelo, sabem aquele jeito cômico que ela tem de torcer uma mecha em volta do dedo e ficar mordiscando? Tão bonitinha.

Tentei lembrar. Clare tinha feito isso alguma vez? Parecia nojento. Veio uma lembrança vaga de Clare sentada no café ao lado da escola, torcendo a trança no dedo. Talvez tivesse feito sim.

— Ela usava aquele vestido azul... Acho que ainda tem, nem acredito que ainda caiba nele! Eu engordei pelo menos seis quilos desde o tempo da faculdade! Então me aproximei, disse oi e ela disse “ah, gostei da sua echarpe”, e ficamos melhores amigas desde esse dia. Eu simplesmente... Ela é maravilhosa. Tem sido uma inspiração, muito companheira. Não existe muita gente capaz de... — Flo engoliu em seco, a voz ficou embargada, parou de falar, e, para meu espanto, vi que seus olhos se encheram de lágrimas. — Bem, vamos deixar isso pra lá. Ela é minha referência e eu faria *qualquer coisa* por ela. Qualquer coisa. Só quero que tenha a *melhor* despedida de solteira do mundo, ok? Quero que seja perfeita. Isso significa *tudo* para mim. É como... como a

última coisa que posso fazer por ela, sabe?

Flo tinha lágrimas nos olhos e falava com tanta intensidade que era quase assustador. Examinei todos em volta e percebi que eu não era a única chocada. Tom parecia muito espantado, e as sobrancelhas de Nina tinham desaparecido embaixo da franja. Só Melanie parecia totalmente despreocupada, como se aquilo fosse um nível normal de emoção para sentir pela melhor amiga.

— Ela vai se casar, não vai para a prisão — disse Nina secamente, mas ou Flo não ouviu ou ignorou a observação, porque apenas tossiu e secou os olhos.

— Desculpem. Meu Deus, eu sou uma idiota sentimental! Olhem só para mim.

— E, é... O que você faz agora? — perguntou Tom, educadamente.

Quando ele disse isso, eu me dei conta de que Flo tinha falado o tempo todo sobre Clare e quase nada sobre ela.

— Ah. — Flo olhou para o chão. — Bem, vocês sabem... Um pouco disso, um pouco daquilo. Eu... eu me dei um tempo depois da faculdade. Não estava numa boa. Clare foi incrível. Quando eu estava... Vamos deixar isso pra lá. O fato é que ela é simplesmente... simplesmente a melhor amiga que uma mulher pode ter, sinceramente. Meu Deus, olhem só para mim! — Ela assoou o nariz e ficou de pé. — Quem quer mais chá?

Nós todos balançamos a cabeça, ela pegou a bandeja e foi para a cozinha. Melanie pegou o celular e verificou o sinal de novo.

— Ora, isso foi esquisito — disse Nina sem rodeios.

— O quê? — Melanie levantou a cabeça.

— Flo e a abre aspas, fecha aspas, despedida de solteira perfeita — explicou Nina. — Vocês não acham que ela é um pouco... intensa?

— Ah — disse Melanie.

Ela espiou pela porta na direção da cozinha e depois abaixou a voz.

— Olhem, eu não sei se devia contar isso, mas não tem sentido ficar com rodeios. Flo teve uma crise no terceiro ano. Não sei direito o que aconteceu, mas ela largou a faculdade antes das provas finais. Ela nunca se formou, até onde eu sei. Então por isso ela é um pouco, vocês sabem, *sensível* quanto àquela época. Ela não gosta mesmo de falar disso.

— Hummm, ok — disse Nina.

Mas eu sabia o que Nina estava pensando. O assustador sobre Flo não era ela não querer falar sobre o que aconteceu depois da universidade — essa foi a parte menos esquisita da coisa toda. O assustador foi todo o resto.

5

Quero dormir, mas apontam luzes para os meus olhos. Eles me examinam e me escaneiam e me imprimem, e levam embora as minhas roupas, duras de sangue. O que aconteceu? O que foi que eu *fiz*?

Sou empurrada em cadeira de rodas por corredores compridos, com as luzes fracas da noite, passo por enfermarias onde dormem os pacientes. Alguns deles acordam quando passo, e posso ver o meu estado refletido em suas expressões chocadas, no jeito com que viram as cabeças para não ver, como se faz diante de algo que dá pena ou que é apavorante.

Os médicos fazem perguntas que não sei responder, dizem coisas que não consigo lembrar.

Então finalmente me ligam num monitor e me deixam ali, dopada, olhos vidrados e sozinha.

Mas não completamente só.

Viro-me de lado com dificuldade e dor, e então vejo: atrás do vidro aramado da porta há uma policial feminina sentada pacientemente num banquinho.

Estou sob guarda. Mas não sei por quê.

Fico lá deitada, olhando fixo para o vidro, para a parte de trás da cabeça da policial. Quero muito ir até lá e fazer perguntas, mas não tenho coragem. Em parte, porque não tenho certeza se minhas pernas moles vão conseguir me carregar até a porta. Mas em parte também porque não sei se vou conseguir suportar as respostas.

Fico lá um tempo que parece longuíssimo, ouvindo o zumbido do equipamento e o clique do êmbolo da seringa de morfina. A dor na cabeça e nas pernas é amortecida e fica distante. Então, finalmente, adormeço.



Sonho com sangue que se espalha, forma poças e me encharca. Estou ajoelhada no sangue, tentando estancá-lo, mas não consigo. Encharca meu pijama. Se espalha no piso de madeira clara...

É nesse momento que acordo.

Fico imóvel um segundo, o coração bate acelerado e os olhos se ajustam à luz fraca do quarto. Estou com uma sede enorme e minha bexiga dói.

Há um copo plástico no armário, bem ao lado da minha cabeça, estendo o braço com um esforço gigantesco, enfio a ponta de um dedo trêmulo na borda do copo e o puxo para mim. O gosto é de nada e de plástico, mas... meu Deus... beber água nunca foi tão bom. Bebo até a última gota e deixo a cabeça cair no travesseiro com um tranco que faz estrelas dançarem na penumbra.

Pela primeira vez percebo que há fios saindo de baixo do lençol, que me ligam a uma espécie de monitor, a tela pisca e forma sombras verdes pelo quarto. Um dos fios está preso a um dedo da minha mão esquerda, e quando levanto a mão, me surpreendo de ver que está arranhada e ensanguentada, e que as unhas já roídas estão quebradas.

Lembro... lembro-me de um carro... lembro-me de tropeçar em vidro quebrado... perdi um dos sapatos...

Esfrego os pés embaixo do lençol, sinto dor em um e um curativo espesso no outro. Nas canelas... sinto o odor e a tensão de algum tipo de esparadrapo cirúrgico em uma das pernas.

Só quando encosto a mão no ombro, no ombro direito, é que faço uma careta de dor e olho para baixo.

Vejo uma mancha enorme saindo da camisola do hospital e cobrindo o meu braço. Movo o ombro para fora do decote e aparece uma massa roxa em volta do centro escuro e inchado, logo acima da axila. O que poderia ter causado ferimento tão estranho e de um lado só? Sinto que a lembrança está pairando a um milímetro da ponta dos meus dedos. Mas permanece teimosamente fora de alcance.

Será que sofri um acidente? Um acidente de carro? Será que fui... fui atacada?

Cheia de dor, enfio a mão por baixo do lençol e passo a palma na barriga, nos seios, no lado do corpo. Meus braços estão cheios de cortes, mas o corpo parece bem. Ponho a mão nas coxas, sinto entre as pernas. Tem uma coisa grossa que parece uma fralda, mas nenhuma dor. Nenhum corte. Nenhuma mancha roxa sensível entre as coxas. O que quer que tenha acontecido, não foi aquilo.

Deito-me de novo e fecho os olhos, cansada. Cansada de tentar lembrar, cansada de sentir medo... e o êmbolo da seringa clica e ronrona, e de repente nada mais parece importante.

Quando estou prestes a adormecer, me vem uma imagem: uma espingarda, pendurada na parede.

E de repente, eu sei.

A mancha roxa é do coice. Em certo momento, no passado recente, eu disparei uma arma.

6

— Flo. — meto a cabeça na porta da cozinha.

Flo estava pondo copos na lava-louça.

— Você não devia fazer tudo isso sozinha. Posso ajudar?

— Não! Não seja boba. Já acabei. —Ela fecha a lava-louça. — O que foi? Quer alguma coisa? Sinto muito quanto ao café.

— O quê? Ah, não tem problema. Olha só, que hora você disse que Clare ia chegar?

— Por volta das seis, eu acho. — Flo olhou para o relógio da cozinha. — Então temos de matar uma hora e meia.

— Ok... bem, eu estava pensando... Será que dá tempo de eu sair para uma corrida rápida?

— Corrida? — Ela parecia assustada. — Bem, acho que sim, mas já está escurecendo.

— Não vou longe. É que... — Mudei de posição, sem jeito.

Não podia explicar para ela. Tenho dificuldade de explicar para mim mesma, mas precisava sair, escapar dali.

Em casa, corro quase todo dia. Tenho cerca de quatro rotas diferentes, variações pelo Parque Victoria com tempo bom e corridas pelas ruas quando chove ou já está escuro. Eu me concedo uns dois dias de folga por semana — dizem que é bom, para permitir que os músculos se recuperem —, mas, mais cedo ou mais tarde, a necessidade aumenta e então preciso correr. Senão eu fico... não sei o nome que se dá para isso. Febre de casa, talvez. Uma espécie de claustrofobia. Não tinha corrido ontem — estava ocupada demais arrumando a mala e juntando as pontas soltas —, e agora sentia uma ânsia enorme de sair daquela casa que parecia uma caixa. Não se trata do exercício físico. Não é só isso, pelo menos. Já tinha tentado correr numa academia, numa esteira, e não é a mesma coisa. O que preciso é sair, não ter paredes em volta, poder *escapar.*

— Acho que dá tempo sim — disse Flo, espiando o lusco-fusco pela janela —, mas é melhor se apressar. Quando escurece aqui tudo fica muito, muito escuro *mesmo.*

— Serei rápida. Há alguma rota que eu deva procurar?

— Humm... Acho que o melhor a fazer é pegar o caminho que desce pela

floresta. Espere aí, venha até a sala de estar.

Ela me levou até lá e apontou pela imensa parede-janela uma clareira escura na floresta.

— Está vendo? É uma trilha. Ela desce pela floresta até a estrada principal. É mais compacta e menos enlameada do que a estradinha para cá, bem melhor para correr. Basta seguir por ela descendo até chegar ao asfalto, então vire à direita ao longo da estrada principal e volte pela estradinha de terra. A essa altura estará escuro demais para correr pela floresta, a trilha não é cercada e você pode acabar seguindo na direção errada. Espere um segundo.

Flo voltou para a cozinha, remexeu numa gaveta e pegou alguma coisa que parecia um par de suspensórios mal dobrados.

— Leve isso. É uma lanterna para prender na testa.

Agradeci e corri para o meu quarto para vestir a roupa de corrida e calçar o tênis. Nina estava deitada na cama, olhando para o teto e ouvindo alguma coisa no iPhone.

— Aquela Flo é lunática, não é? — ela disse, puxando papo quando entrei, tirando os fones de ouvido.

— Isso é um termo médico, dra. de Souza?

— É. Do latim *fruitus lupus*, fruta da lua, associado à crença pagã de que a insanidade vinha do banho de lua, com lua cheia.

Comecei a rir enquanto tirava a calça jeans e vestia a legging e o top de corrida.

— *Lupus* é lobo em latim. Você quis dizer *luna*. Onde estão meus tênis? Tinha deixado perto da porta.

— Chutei para baixo da cama. De qualquer modo, os lobisomens enlouquecem com a lua cheia. É a mesma história. Por falar em loucura, você vai sair?

— Vou.

Eu me abaixei para procurar embaixo da cama. Lá estavam meus tênis, o mais longe possível. Obrigada, Nina. Fiquei de joelhos e comecei a tatear com o braço esticado, a voz abafada pelas cobertas da cama quando perguntei:

— Por quê?

— Vejamos. — Nina começou a apontar os motivos nos dedos. — Está escuro, você não conhece os arredores, tem bebida e comida de graça lá embaixo... ah, e já mencionei que está uma *escuridão horrorosa* lá fora?

— Não está uma escuridão horrorosa.

Espiei pela janela amarrando os cadarços dos tênis. Estava bem escuro, mas não era a mais completa escuridão. O sol já tinha se posto, mas o céu estava claro e ainda iluminado por uma luz cinza-perolado e difusa no oeste, e uma lua

redonda e branca nascia entre as árvores no leste.

— E a lua está cheia, então não vai ficar *completamente* escuro.

— Ah, é mesmo, srta. Leonora "moro em Londres nesses últimos oito anos e nunca me afastei mais de cinquenta metros de um poste de luz em todo esse tempo" Shaw?

— É verdade. — dei dois laços em cada tênis e me endireitei. — Não me estresse, Nina, preciso sair, senão vou acabar enlouquecendo mesmo, com ou sem lua.

— Huh. Está achando tão ruim assim?

— Não.

Mas estava. Não conseguia explicar por quê. Não podia dizer para Nina como tinha me sentido com pessoas estranhas invadindo o meu passado com Clare lá embaixo, como alguém que cutucasse as bordas de uma ferida não cicatrizada. Tinha sido um erro ir para lá, agora sabia. Mas estava presa ali, sem carro, até Nina resolver ir embora.

— Não, estou bem. Eu só quero sair. Agora. Vejo você daqui a uma hora.

Desci a escada e a risada de deboche de Nina me seguiu quando passei pela porta.

— Você pode correr... mas não pode escapar!



Lá fora respirei fundo o ar limpo e fresco e comecei a fazer o aquecimento. Alonguei pernas e braços apoiada na parede da garagem, com vista para a floresta. A sensação de ameaça, quase claustrofóbica, que tive dentro da casa, tinha passado. Será que era o vidro? Aquela sensação de que havia alguém ali fora, olhando lá para dentro, e que jamais saberíamos? Ou será que era o estranho anonimato dos quartos que me fazia pensar em experiências sociais, em antessalas de hospital?

Percebi que ali fora a sensação de estar sendo observada tinha desaparecido.

Comecei a correr.

Foi fácil. Isso foi fácil. Sem perguntas, ninguém invadindo, se intrometendo, apenas o ar doce e cortante e as batidas suaves dos meus pés no tapete de folhas de pinheiros. Tinha chovido bastante, mas a água não se empoçava naquele solo macio com bom escoamento como devia acontecer na estradinha de terra batida, e havia poucas poças, poucos lodaçais, eram apenas quilômetros de trilha limpa e elástica, as folhas de milhares de árvores sob as solas dos meus tênis.

Não há corredores na minha família — não que eu saiba —, mas minha avó

caminhava. Ela dizia que, quando era menina e ficava furiosa com algum amigo ou amiga, costumava escrever com giz o nome dessa pessoa nas solas dos sapatos e saía andando até apagar o nome. Contava que, quando o giz sumia, seu ressentimento tinha desaparecido também.

Eu não faço isso. Mas repito um mantra na minha cabeça e corro até não conseguir mais ouvir com as batidas do coração e dos pés.

Essa noite — apesar de não estar chateada com ela, pelo menos não estava mais — eu ouvia meu coração batendo o nome dela*: Clare, Clare, Clare, Clare.*

Corri e corri pela floresta, nas sombras que se adensavam e com os suaves ruídos da noite. Vi morcegos em rasantes no lusco-fusco e ouvi o barulho de animais saindo de seus abrigos. Uma raposa atravessou a trilha mais à frente e parou, lindamente arrogante, a cabeça com o focinho fino seguiu o meu cheiro quando passei na penumbra silenciosa.

Aquilo era fácil, a inclinação da descida era como voar no anoitecer. E não senti medo, apesar da escuridão. Ali fora as árvores não eram vigias silenciosas atrás do vidro e sim presenças amigáveis que me recebiam na floresta, se abriam para eu passar correndo, veloz e praticamente sem ofegar, ao longo da trilha.

Era a parte ascendente que ia me testar, a corrida de volta pela estradinha de rieiras e cheia de lama, e eu sabia que precisava chegar a ela antes de ficar escuro demais para ver as poças. Por isso corri mais, me esforcei mais. Não tinha tempo a cumprir, nenhum alvo a conquistar. Eu nem sabia qual distância estava percorrendo. Mas sabia do que minhas pernas eram capazes, e mantinha minha passada longa e solta. Saltei sobre um galho caído e fechei os olhos por um minuto — loucura naquele escuro — e quase consegui imaginar que estava voando e que jamais encostaria no chão.

Finalmente avistei a estrada, uma cobra cinza-claro nas sombras que se fechavam. Ao sair da floresta, ouvi o pio suave de uma coruja e obedeci às instruções de Flo, virei à direita, ao longo do asfalto. Estava na estrada havia pouco tempo quando ouvi o barulho de um carro atrás de mim e parei, cheguei mais para a beira do asfalto. Não queria ser atropelada por alguém que não estivesse esperando encontrar um corredor naquele lugar, naquela hora.

O barulho do carro foi chegando, violentamente alto no silêncio da noite, e me alcançou, com o motor roncando feito uma serra elétrica. Fiquei cega com a luz dos faróis — e então passou, sumiu na escuridão, e só ficaram as lanternas vermelhas, como olhos de rubi no escuro, se afastando.

A passagem do carro me deixou ofuscada, com cegueira noturna, e mesmo esperando um pouco, achando que meus olhos iam se readaptar logo, a noite pareceu infinitamente mais escura do que poucos segundos antes, e de repente fiquei com medo de cair na vala ao lado da estrada ou de tropeçar num galho. Apalpei no bolso a lanterna que Flo tinha me dado e a prendi na testa. Ficou meio incômoda, suficientemente apertada para encaixar o fecho, mas ao mesmo tempo solta, e me preocupei achando que podia cair quando recomeçasse a correr. Mas agora eu já podia enxergar o asfalto à frente, as faixas brancas na lateral brilhavam com o facho da lanterna.

Uma abertura à direita indicou que eu tinha chegado à estradinha da entrada da casa, desacelerei e virei a esquina.

Agora eu agradecia a lanterna e não dava mais para correr, tive de seguir num trote cauteloso, desviando de buracos cheios de lama e evitando as poças de água que, dependendo da profundidade, podiam quebrar o tornozelo incauto. Mesmo assim meus tênis ficaram duros de lama, e a cada passo parecia que eu estava arrastando um tijolo — trezentos gramas de lama endurecida na sola de cada pé. Ia me divertir limpando aquilo quando chegasse a casa.

Procurei me lembrar da distância até lá — um quilômetro? Desejei ter podido voltar pela floresta, escura ou não. Mais adiante, no entanto, já dava para ver a luz da casa, suas paredes de vidro brilhavam com um tom dourado no meio da noite.

A lama puxava meus pés como se tentasse me segurar ali no escuro, cerrei os dentes e forcei as pernas cansadas a acelerar o ritmo.

Devia estar na metade do caminho quando ouvi um barulho lá embaixo, na estrada principal. Era um carro, reduzindo a marcha.

Eu não tinha relógio e estava sem o meu celular, que havia deixado na casa, mas não deviam ser seis horas ainda... Não fazia uma hora que eu estava correndo, de jeito nenhum.

Mas era isso, o barulho do motor em marcha lenta quando o carro entrou na estradinha e depois um ronco rosnado sobre a aspereza de pedras quando começou a subir, pulando de poça em poça.

Eu me espremi encostada na sebe quando o veículo se aproximou e fiquei ali parada, protegendo os olhos da luz dos faróis, torcendo para ele não me cobrir de lama quando passasse. Mas, para minha surpresa, o carro parou, o escapamento lançou no ar uma nuvem branca contra a lua e ouvi o ronronar do vidro elétrico junto com uma explosão de Beyoncé, logo abafada quando alguém abaixou o volume.

Dei um passo para a frente com o coração acelerado de novo, como se tivesse corrido muito mais rápido. A lanterna de mineiro estava inclinada para iluminar

o chão, para caminhar e não conversar, e não consegui ajustá-la para cima de novo. Em vez disso, desprendi da testa e apontei para o rosto pálido da mulher no carro.

Mas nem precisava.

Eu sabia quem era.

Clare.

— *Lee?* — ela disse, como se não acreditasse.

A luz incidia diretamente nos seus olhos, ela piscou e os protegeu do facho da lanterna.

— Meu Deus, é você mesmo? Eu não... o que você está fazendo aqui?

7

Não entendi de pronto. Será que tinha havido um engano terrível? Seria possível que ela *não tivesse* me convidado e que fosse uma ideia idiota da Flo?

— É... eu... sua des... despedida de solteira — gaguejei. — Você não...?

— Eu sei disso, sua boba! — Ela deu risada, uma lufada nervosa de vapor no ar gelado. — Eu quis dizer, o que você está fazendo aqui fora? Está esperando uma expedição para o Ártico ou coisa parecida?

— Estou dando uma corrida — eu disse, procurando fazer com que soasse como a coisa mais normal do mundo. — Não está tão fri-frio assim. Só um pouquinho.

Mas agora eu *estava* com frio, ali parada, e estraguei as últimas palavras porque comecei a tremer violentamente.

— Entre aqui, te dou uma carona até a casa.

Ela inclinou o corpo e abriu a porta do meu lado.

— Eu... meus tênis, estão imundos...

— Não se preocupe. Esse carro é de aluguel. Entre logo, senão nós duas vamos congelar.

Chapinhei até a porta do carona e entrei sentindo o aquecimento do carro bater no frio da minha roupa térmica, encharcada de suor. A lama tinha penetrado nos tênis. Meus dedões produziram aquele barulho de sucção de lama por dentro dos tênis, que me fez estremecer.

Clare engrenou a marcha e silenciou a música “Mulheres solteiras” clicando o botão de mudo. E o silêncio ficou ensurdecedor de repente.

— E aí... — Ela olhou de lado para mim.

Estava linda como sempre. Tinha sido loucura minha pensar que dez anos poderiam fazer alguma diferença para Clare. A beleza dela era radical. Mesmo na fraca luz do carro, escondida em um velho casaco com capuz e um gigantesco cachecol enrolado, ela estava deslumbrante. Tinha o cabelo todo preso no alto da cabeça, num nó adoravelmente desarrumado e que caía sobre os ombros. Unhas pintadas de vermelho, mas com o esmalte lascado — sem levar a sério demais, ninguém podia acusar Clare disso. Na dose certa, era mais assim.

— E aí — repeti.

Sempre me senti a prima pobre comparada com Clare. Descobri que dez anos

não tinham mudado nada.

— Faz muito tempo. — Ela balançou a cabeça, batucando na direção. — Mas meu Deus... nossa... é bom te ver, Lee, sabe?

Eu não disse nada.

Queria dizer que eu não era mais aquela pessoa — que agora eu era Nora e não Lee.

Queria dizer que não era sua culpa, que o motivo de eu não ter mais mantido contato não tinha nada a ver com ela... que era *eu*. Só que... isso não era bem verdade.

Acima de tudo, eu queria perguntar para ela por que eu estava lá.

Mas não perguntei. Eu não falei nada. Fiquei ali quieta, olhando para a casa lá em cima, quando chegamos mais perto.

— É muito bom *mesmo* ver você — repetiu. — E então, agora você é escritora. É isso?

— É — confirmei.

As palavras pareciam estranhas e falsas na minha boca, como se eu estivesse mentindo ou contando histórias de outra pessoa, talvez um parente distante.

— Sim, sou escritora. Escrevo livros de ficção, crimes.

— Eu soube. Vi uma matéria no jornal. Estou muito... Estou realmente feliz por você. Isso é incrível, sabia? Você devia ficar muito orgulhosa.

Dei de ombros.

— É só um trabalho.

As palavras saíram duras e amargas. Não era o que eu pretendia. Eu sei que tive sorte. E que batalhei muito para chegar até aqui. Eu devia estar orgulhosa. Eu *estou* orgulhosa.

— E você? — consegui perguntar.

— Relações-públicas. Trabalho para a Royal Theatre Company.

R.P. Fazia sentido. Eu sorri, um sorriso sincero dessa vez. Clare sempre foi incrível para contar histórias, mesmo aos doze anos. Até aos *cinco*.

— Eu... estou muito feliz — ela disse baixinho. — E olha, sinto muito termos perdido contato, não ter mais visto você... Tivemos bons momentos, não tivemos? — Ela olhou para mim através da luz verde fantasmagórica que saía do painel do carro. — Lembra quando fumamos juntas nosso primeiro cigarro? — Ela deu uma risada. — O primeiro beijo... o primeiro baseado... a primeira vez que conseguimos entrar e assistir a um filme proibido para menores de dezoito...

— E a primeira vez que fomos expulsas — retruquei, e depois desejei não ter soado tão depreciativa.

Por quê? Por que eu estava tão na defensiva assim?

Mas Clare apenas riu.

— É! Que humilhação! Achamos que estávamos sendo tão espertas, de fazer Rick comprar as entradas e de entrarmos escondidas nos banheiros. Eu achei que não iam verificar as portas de correr também.

— Rick! Tinha me esquecido dele. Por onde ele anda agora?

— Só Deus sabe! Deve estar preso. Por sexo com menor de idade, se é que existe justiça.

Rick fora namorado da Clare por um ano quando tínhamos catorze ou quinze anos, um garoto de vinte e dois anos com cabelo oleoso que tinha uma motocicleta e um dente de ouro. Jamais gostei dele. Mesmo aos catorze anos, eu achava bizarro e grotesco Clare querer dormir com um cara daquela idade, apesar de ele poder frequentar boates e comprar bebida alcoólica.

— Eca, ele era horrível — eu disse, antes de perceber que era melhor não ter dito nada.

Mordi a língua, mas Clare só riu.

— Era demais! Nem acredito que não vi isso na época. Achava que eu era muito sofisticada de ir para a cama com um cara mais velho! Agora parece que estávamos a um passo da pedofilia — ela bufou com desprezo, e depois exclamou quando o carro pulou num buraco: — Opa! Desculpe.

Ficamos um tempo em silêncio enquanto Clare administrava a última e pior parte da estradinha esburacada, então ela entrou na clareira de cascalho na frente da casa, estacionou bem ao lado do carro da Nina e do Land Rover de Flo.

Desligou o motor e continuamos sentadas no carro, no escuro, só contemplando a casa, com os jogadores lá dentro enfileirados feito atores em um palco, como Tom havia dito. Lá estava Flo, atarefada na cozinha, inclinada sobre o fogão. Melanie se encontrava curvada sobre o telefone na sala de estar, Tom esparramado no sofá bem na frente da parede de vidro, folheando uma revista. Nina não se encontrava à vista — devia estar em alguma varanda fumando um cigarro, provavelmente.

Por que estou aqui?, pensei de novo, dessa vez com uma espécie de agonia. *Por que vim para cá?*

Então Clare virou-se para mim com o rosto dourado do brilho da luz que vinha da casa.

— Lee... — ela disse, e eu falei ao mesmo tempo:

— Olha...

— O quê? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não, você primeiro.

— Não, fala você. Não era nada importante.

Meu coração batia agoniado, e de repente não pude mais perguntar, a pergunta

ficou na ponta da língua. Em vez disso, forcei-me a dizer outra coisa.

— Não sou mais Lee. Sou Nora.

— O quê?

— O meu nome. Não me chamam mais de Lee. Jamais gostei.

— Ah. — ela não disse nada, ficou digerindo isso. — Está bem. Então agora é Nora, não é?

— Sim.

— Bem, farei o possível para lembrar. Mas vai ser difícil... depois de... quanto? Vinte e um anos te conhecendo como Lee.

Mas você nunca me conheceu, pensei sem querer, e aí franzi a testa. É claro que Clare tinha me conhecido. Ela me conhecia desde os cinco anos de idade. Esse era exatamente o problema — ela me conhecia bem demais. Ela enxergava através do fino verniz da maturidade e via a criança magricela e amedrontada por trás.

— Por quê, Clare? — perguntei de repente, ela levantou o rosto pálido sem entender, no escuro.

— Por que o quê?

— Por que estou aqui?

— Ah, meu Deus. — Ela olhou para as mãos. — Eu sabia que você ia perguntar isso. Imagino que não vai acreditar em mim se eu falar de sentimentalismo barato e tudo o mais, não é?

Balancei a cabeça.

— Mas não é isso, é? Você teve dez anos para entrar em contato comigo se quisesse. Por que agora?

— Porque...

Clare respirou fundo, e me espantei de ver que ela estava nervosa. Era difícil entender. Nunca tinha visto Clare menos do que totalmente segura. Mesmo aos cinco anos, tinha um jeito de olhar fixo que faria o professor mais empedernido se derreter ou murchar, o que ela quisesse. Por isso, eu acho, ficamos amigas, de um jeito estranho. Clare tinha o que eu desejava ter: aquela segurança completa. Mesmo à sombra dela eu me sentia mais forte. Mas isso não estava mais acontecendo.

— Porque... — ela disse de novo, e vi suas unhas pintadas e lascadas brilharem, vermelhas como sangue, quando ela torceu os dedos e as unhas captaram a luz da casa, refletindo dentro do carro. — Porque achei que você merecia saber. Merecia que eu dissesse... cara a cara. Eu jurei... jurei para *mim mesma* que faria isso pessoalmente.

— O quê?

Cheguei para a frente. Não estava assustada, apenas confusa. Esqueci meus

tênis molhados e sujos e o fedor de suor na minha roupa. Esqueci tudo menos isso: a expressão de preocupação de Clare, o rosto dela demonstrando uma vulnerabilidade aflita que nunca tinha visto antes.

— É sobre o casamento — disse ela, olhando para as próprias mãos outra vez. — É sobre... é sobre quem vai casar comigo.

— Quem é? — perguntei.

Então, para fazê-la rir, para tentar quebrar a tensão que enchia o carro e estava me infectando, eu falei:

— Não é o Rick, é? Eu sempre soube...

— Não — ela interrompeu, finalmente olhou nos meus olhos e não havia nem um fiapo de riso lá, apenas uma espécie de determinação inabalável, como se estivesse a ponto de fazer algo desagradável, mas supernecessário. — Não, é o James.

8

Olhei fixo para ela um tempo, desejando ter ouvido errado.

— *O quê?*

— É... é o James. Vou me casar com o James.

Não falei nada. Fiquei parada, sentada, olhando para as árvores sentinelas, ouvindo o sangue sibilar e ribombar nos ouvidos. Alguma coisa estava crescendo dentro de mim como um grito. Mas eu não disse nada. Empurrei tudo para baixo.

James?

Clare e *James*?

— Foi por isso que te convidei. — Agora ela estava falando rápido, como se soubesse que não tinha muito tempo, que eu podia me levantar e sair do carro. — Eu não quis... achei que não devia convidá-la para o casamento. Achei que seria duro demais. Mas não podia suportar que você ficasse sabendo por outra pessoa.

— Mas... então quem é esse tal de William Pilgrim? — explodi como acusação.

Clare olhou para mim sem entender um segundo. Então ela compreendeu e sua expressão mudou, e nesse mesmo instante lembrei onde tinha ouvido aquele nome antes, e percebi quão estúpida eu tinha sido. Billy Pilgrim. *Slaughterhouse-Five*. O livro preferido de James.

— É o nome dele no Facebook — eu disse, sem expressão. — Para fins de privacidade... Para as fãs não encontrarem seu perfil pessoal nas buscas. Por isso ele não tem foto de perfil. Certo?

Clare meneou a cabeça arrasada.

— Eu nunca pretendi confundir você — ela disse, contrita.

Clare estendeu a mão quente e tocou na minha, dormente e cheia de lama.

— E James achou que você devia saber antes...

— Espere um minuto. — Puxei a mão abruptamente. — Você conversou com *ele* sobre isso?

Ela fez que sim com a cabeça e botou as mãos no rosto.

— Lee... estou muito... — ela parou de falar, respirou fundo, e eu tive a impressão de que estava se policiando, resolvendo o que ia dizer depois.

Quando Clare falou de novo foi com um quê de desafio, uma faísca da Clare

que eu lembrava, que teria atacado, que teria morrido lutando em vez de se diminuir diante de uma acusação.

— Olha, eu não vou pedir desculpas. Nenhum de nós fez qualquer coisa errada. Mas, por favor, nos dê sua bênção.

— Se vocês não fizeram nada errado — minha voz estava seca —, por que precisam da minha bênção?

— Porque você era minha amiga! Minha melhor amiga!

Era.

Nós duas registramos a conjugação no passado ao mesmo tempo, e vi minha própria reação refletida no rosto de Clare.

Mordi o lábio com tanta força que doeu e abriu a pele macia entre os dentes.

Vocês têm a minha bênção. Diga! Diga!

— Eu...

Ouvimos um barulho vindo da casa. Abriram a porta e lá estava Flo parada no retângulo de luz, protegendo os olhos e espiando a escuridão. Estava na ponta dos pés, quase caindo de cabeça de tanto que se inclinava para ver, e tinha um ar de excitação reprimida, como uma criança antes de uma festa de aniversário, capaz de ficar histérica a qualquer momento.

— Alôôô? — chamou ela, com a voz exageradamente alta na noite quieta. — Clare? É você?

Clare soltou um suspiro trêmulo e abriu a porta do carro.

— Flopsie!

A voz dela tremeu, mas quase imperceptivelmente. Eu pensei, e não pela primeira vez, que ela era uma atriz maravilhosa. Não era surpresa nenhuma que tivesse acabado no teatro. A única surpresa era que não estivesse pessoalmente no palco.

— Clare-Bear! — berrou Flo e catapultou dos degraus até o cascalho. — Ah, meu Deus, *é* você! Ouvi um barulho e pensei... mas ninguém apareceu.

Flo tropeçava apressada pelo caminho na frente da casa, arrastando os chinelos de coelhinho na terra.

— O que você está fazendo aí fora no escuro e sozinha, sua boba?

— Estava conversando com a Lee, quero dizer, Nora. — Clare acenou com a mão para o meu lado do carro. — Trombei nela quando subia para cá.

— Não literalmente, espero! Opa!

Ouvimos um baque quando Flo tropeçou em alguma coisa no escuro e acabou de quatro na frente do carro. Ela se levantou de um salto, alisando a roupa.

— Estou bem! Estou bem!

— Calma aí! — Clare deu uma risada e abraçou Flo.

Clare cochichou alguma coisa no ouvido de Flo que eu não ouvi, e Flo fez que

sim com a cabeça. Puxei a maçaneta da porta e desci tensa do carro. Tinha sido um erro não subir andando aqueles poucos metros até a casa — passar de corrida para sentada tão de repente tinha enrijecido meus músculos. Agora era o maior esforço para endireitar o corpo.

— Você está bem, Lee? — disse Clare, virando-se para trás quando ouviu o barulho que fiz ao sair do carro. — Parece que está mancando um pouco.

— Estou bem.

Tentei falar como ela, com a voz leve.

James. *James.*

— Quer uma ajuda com a sua bagagem?

— Obrigada, mas tenho pouca coisa.

Ela abriu a mala do carro e tirou uma bolsa a tiracolo.

— Vamos lá, Flo, mostre o meu quarto.

Nina não estava à vista quando subi o último e doloroso degrau para o nosso quarto, segurando meus tênis enlameados pelos cadarços. Tirei minha legging suja e o top molhado de suor e me arrastei para baixo do edredom de sutiã e calcinha. Fiquei lá deitada, olhando para a roda de luz criada pelo abajur ao lado da cama.

Aquilo havia sido um erro. O que eu estava pensando?

Tinha passado dez anos tentando esquecer James, tentando construir uma crisálida de segurança e de autossuficiência em volta de mim. E achei que estava conseguindo. Tinha uma boa vida. Não, eu tinha uma vida *ótima*. Um trabalho que adorava, um apartamento próprio, alguns amigos adoráveis, nenhum deles conhecia Clare ou James, ou qualquer outra pessoa da minha vida passada em Reading.

Eu não tinha compromisso com ninguém — nem emocionalmente, nem financeiramente, nem de jeito nenhum. E isso me dava uma sensação boa. Muito boa, muito obrigada.

E agora isso.

O pior era que não podia culpar Clare. Ela estava certa: James e ela não fizeram nada de errado. Não me deviam nada, nenhum dos dois. James e eu tínhamos terminado havia mais de uma *década*, pelo amor de Deus... Não. A única pessoa que eu podia culpar era a mim mesma. Por não ter seguido em frente. Por não ter *conseguido* seguir em frente.

Eu odiava James por esse domínio sobre mim. Detestava isso toda vez que

conhecia um homem, porque comparava os dois mentalmente. A última vez que fui para a cama com alguém — dois anos atrás —, ele me acordou no meio da noite, com a mão no meu peito.

— Você estava sonhando — ele disse. — Quem é James?

E quando ele viu minha cara arrasada, girou as pernas para fora da cama, levantou-se, se vestiu e saiu da minha vida. E nunca me dei ao trabalho de ligar para ele.

Eu *odiava* James e odiava a mim mesma. E sim, estou perfeitamente consciente de que com isso fico parecendo a maior fracassada que existe: a menina que conhece o rapaz aos dezesseis anos e fica obcecada por ele nos dez *anos* seguintes. Podem acreditar que ninguém tem mais consciência disso do que eu. Se me conhecesse num bar e começasse a conversar, ia desprezar a mim mesma também.

Ouvi os outros lá embaixo, conversando e rindo, e senti o cheiro de pizza flutuando escada acima.

Ia ter de descer, conversar e rir também. Em vez disso, eu me encolhi toda, os joelhos dobrados sobre o peito, os olhos bem fechados, e soltei um grito mudo dentro da minha cabeça.

Então me endireitei, meus músculos cansados protestaram, desci da cama e peguei a toalha de cima da pilha que Flo arrumara no pé de cada cama.

O banheiro ficava no mesmo andar, tranquei a porta e deixei a toalha cair no chão. Sobre a banheira havia outra janela de vidro sem cortina que dava para a floresta de um jeito muito irritante. Ficava em um ângulo de forma que, na prática, você não podia ver dentro do quarto a não ser que estivesse pendurada no alto de um pinheiro de quinze metros, mas quando tirei o sutiã e a calcinha precisei combater a vontade de cruzar as mãos sobre os seios, de cobrir minha nudez diante da escuridão vigilante.

Por um minuto considerei vestir logo a roupa, mas estava cansada e cheia de lama, e sabia que ia me sentir melhor se tomasse uma ducha quente, por isso entrei com cuidado no boxe e abri o registro. Alonguei agradecida quando o enorme chuveiro tossiu duas vezes e depois me cobriu com um enorme jorro forte de água quente.

De pé assim, eu podia espiar pela janela, só que estava escuro demais para ver qualquer coisa. A luz forte do banheiro transformava o vidro em uma espécie de espelho, e, fora uma pálida lua fantasmagórica, eu só conseguia ver meu próprio corpo refletido no vidro que embaçava rápido enquanto ensaboava e raspava as pernas. Que tipo de pessoa era a tia de Flo? Aquela era uma casa para voyeurs. Não, essas eram pessoas que gostavam de observar. Qual era o contrário? Exibicionistas.

Pessoas que gostavam de ser vistas.

Talvez fosse diferente no verão, quando a luz jorrava sobre tudo até tarde da noite. Talvez nessa época do ano fosse uma casa de onde se podia observar lá fora, a floresta. Mas agora, no escuro, a sensação era exatamente oposta. Era de um mostruário de vidro, cheio de curiosidades para serem espiadas. Ou uma jaula num zoológico. De um tigre, sem lugar para esconder. Pensei naqueles animais enjaulados que andavam de um lado para outro, dia após dia, semana após semana, enlouquecendo lentamente.

Quando terminei o banho, saí do boxe com cuidado e me examinei no espelho coberto de vapor, limpando a condensação com a mão.

O rosto que olhou para mim me espantou. Parecia alguém pronto para uma briga. Em parte era por causa do cabelo curto. Depois do banho e de uma secada rápida com a toalha, parecia agressivamente espetado e desafiador, como o de um lutador de boxe entre rounds. Meu rosto estava branco e limpo sob a luz forte, os olhos escuros e acusatórios, rodeados por sombras, como se eu tivesse levado uma surra.

Suspirei e peguei minha *nécessaire*. Não uso muita maquiagem, tinha brilho labial e rímel, o básico. Nenhum blush, mas passei um pouco de brilho labial nas maçãs do rosto para dar um leve realce à palidez, depois vesti uma calça jeans colante e limpa e uma blusa cinza.

De algum ponto lá embaixo puseram música para tocar. Era Billy Idol: “White Wedding”. Ideia de alguém para fazer piada?

— Lee... isto é, Nora! — A voz de Flo flutuou até o segundo andar, mais alta do que o som de Billy Idol que dizia para começarmos de novo. — Está pronta para comer alguma coisa?

— Já vou! — gritei de volta e, com um suspiro, embolei a roupa de baixo na toalha, peguei minha nécessaire e abri a porta.

9

Enquanto eu estava no chuveiro, a despedida de solteira tinha começado para valer.

Na sala de estar, Tom e Clare tinham ligado o iPhone de alguém e dançavam em volta da mesa de centro ao som de Billy Idol, enquanto Melanie ria deles sentada no sofá.

Na cozinha, que estava quente à beça por causa do forno sobrecarregado, vi alguém pondo quantidades industriais de pizza em tábuas e despejando vários tubos de molhos em potes. Em um minuto de confusão, pensei que fosse Clare — estavam com a mesma roupa, calça jeans cinza e colete prateado que Clare usava na sala ao lado. Então a pessoa se endireitou e afastou o cabelo da testa, e aí vi que era Flo. Ela usava uma roupa exatamente igual à de Clare.

Antes de poder analisar melhor aquilo tudo, meus pensamentos foram interrompidos por um cheiro forte de carbonização.

— Tem alguma coisa queimando? — perguntei.

— Ai, meu Deus! Os pães pitta! — berrou Flo. — Lee, dá para você salvá-los antes que disparem o alarme?

Atravessei rapidamente a cozinha que já se enchia de fumaça e tirei os pães da torradeira, depois joguei tudo na pia. Em seguida comecei a brigar com a porta no fundo da cozinha. Estava trancada e tinha um problema na maçaneta, mas finalmente consegui abrir. O ar gelado entrou e, para minha surpresa, vi que as poças no gramado estavam congelando.

— Procurei na prateleira de vinhos e não achei nenhuma tequila. — A voz de Nina veio da porta e então: — Que droga, isso aqui está congelando! Feche a porta, sua mentalista!

— Os pittas estavam queimando — eu disse com calma, mas fechei a porta.

Pelo menos a temperatura na cozinha tinha ficado mais normal agora.

— Não está na adega? — Flo se endireitou e afastou o cabelo suarento dos olhos, com o rosto vermelho de calor. — Droga... Onde é que pode estar?

— Você procurou na geladeira? — perguntou Nina, e Flo fez que sim com a cabeça.

— No freezer? — perguntei.

Flo bateu a mão na testa.

— No freezer! É claro! Agora lembrei, achei que seria melhor se quiséssemos margaritas congeladas. Ai, sou uma idiota.

Amém!, Nina formou com a boca para mim quando se abaixou e abriu o freezer embaixo da bancada.

— Aqui está. — A voz dela chegou meio abafada por causa do ronco do ventilador do freezer.

Ela se levantou com uma garrafa congelada na mão e pegou dois limões da fruteira.

— Nora, pegue uma tábua e uma faca. Ah, e o saleiro. Flo, você disse que havia copos de tequila aqui?

— Sim, atrás dessa porta de espelho no final da sala de estar. Mas você acha que devemos começar com tequila pura? Não seria mais sensato começar com um coquetel primeiro... como mojitos, talvez?

— Que se dane a sensatez — disse Nina saindo da cozinha, e então, bem baixinho para mim, quando passamos pelo corredor: — Preciso do que tiver de mais forte para aguentar isso.

Quando entramos na sala de estar, Clare e Tom se viraram, ela deu uma volta e veio dançando para perto de nós para tirar a garrafa da mão de Nina e a faca da minha. Foi rebolando para a mesa de centro cujo tampo espalhava pontos de luz pela sala mal iluminada e bateu os dois objetos no vidro com estrondo.

— Rodadas de tequila! Não faço isso desde os meus vinte e um anos. Acho que levei esse tempo todo para curar a ressaca.

Nina deixou os limões quicarem na mesa junto com o resto das coisas, depois se virou para ir procurar os copos no armário enquanto Clare se ajoelhava no tapete e começava a cortar os limões.

— A noiva, primeiro! — disse Melanie, e Clare deu um largo sorriso.

Todos ficamos assistindo enquanto ela botava uma pitada de sal no pulso, na base da mão, e pegava um pedaço de limão. Nina encheu um copinho até a borda e botou na mão dela. Clare lambeu o sal no pulso, bebeu a dose de tequila e mordeu o limão com força, de olhos bem fechados. Então cuspiu no tapete e bateu o copinho no tampo da mesa, estremecendo e dando risada ao mesmo tempo.

— Nossa! Oh, meu Deus, meus olhos se encheram de água. Meu rímel vai escorrer pelo rosto se eu beber mais uma.

— Madame — disse Nina muito séria —, estamos apenas começando. Lee... quero dizer, Nora é a seguinte.

— Vocês sabem... — disse Tom quando eu me ajoelhei ao lado da mesa — que, se quiserem algo mais sofisticado, podemos fazer tequilas royales.

— Tequilas royales? — observei Nina encher o copinho até transbordar, a

bebida espirrou e formou uma poça no tampo de vidro da mesa. — O que é isso? Com champagne?

— Pode ser. Mas não é assim que faço. — Tom enfiou a mão no bolso e mostrou um saquinho com pó branco. — Algo mais interessante do que sal?

Meu Deus. Olhei para o relógio. Não eram nem oito horas. Naquele ritmo todos nós estaríamos subindo pelas paredes por volta da meia-noite.

— Coca? — perguntou Melanie.

Ela cruzou os braços quando olhou para Tom com frieza, e sua voz tinha um tom de repulsa.

— É mesmo? Não somos mais estudantes. Alguns de nós temos filhos. Não acho que a bomba vai combinar com isso.

— Então não use — disse Tom dando de ombros, mas havia certa irritação em sua voz.

— O rango está pronto!

A pausa constrangedora foi quebrada por Flo parada na porta, os braços tremendo de segurar o peso de uma tábua enorme, coberta por uma pizza derretida. E ainda segurava uma garrafa embaixo do braço.

— Será que alguém pode liberar a mesa de centro para eu não ter de botar tudo isso no tapete da minha tia?

— Vamos fazer uma coisa — disse Clare, vendo Nina e a mim abrindo espaço na mesa e depois dando um beijo salgado e cítrico em Tom. — Vamos deixar para a sobremesa.

— Tudo bem — disse Tom tranquilamente.

Ele guardou o saquinho no bolso.

— Não quero impor minhas drogas caras a pessoas que não apreciam.

Melanie deu um sorriso meio amarelo e tirou a garrafa de baixo do braço de Flo, que botou a bandeja na mesa e endireitou o corpo.

— Hummm. Por falar em champanhe...

— Bom, é uma ocasião especial — disse Flo, muito animada, como se não tivesse percebido o clima tenso entre Melanie e Tom. — Estoure a rolha, Mels, que eu vou pegar as taças.

Melanie tirou o invólucro metálico, Flo abriu o armário espelhado e começou a remexer lá dentro. Levantou-se bufando com o esforço, segurando meia dúzia de flutes bem na hora que ouviram um “pop” ruidoso, a rolha subiu e bateu na televisão de tela plana.

— Upa! — Melanie botou a mão na frente da boca. — Desculpe, Flo.

— Não se preocupe — disse Flo sorrindo, mas examinou disfarçadamente a tela da TV, enquanto Melanie se abaixou para servir o champanhe, e esfregou ali a manga da blusa olhando para trás por cima do ombro, com ar de irritação.

Cada um de nós pegou uma taça e tentou sorrir. Eu não gosto de champanhe — me dá dores de cabeça terríveis e acidez, além do que não gosto de bebidas borbulhantes, ponto —, mas ninguém tinha nos dado oportunidade de recusar.

Flo levantou a taça e se virou para olhar para todos no pequeno círculo, captando seus olhares e depois se concentrando em Clare.

— Um brinde a um *maravilhoso* fim de semana de despedida de solteira — ela disse. — Uma despedida de solteira *perfeita*, para a melhor amiga que qualquer mulher pode ter. À minha rocha. À minha melhor amiga. À minha heroína e inspiração: Clare!

— E ao James — disse Clare, sorrindo. — Senão eu não vou beber, porque não sou tão egocêntrica assim para brindar a mim mesma.

— Oh — disse Flo depois de se recompor. — Bem, é que eu pensei... esse fim de semana não é só para você? Achei que a ideia era esquecer o noivo um pouco. Mas é claro que se você prefere assim... À Clare e ao James.

— À Clare e ao James! — todos exclamaram em coro, e bebemos.

Eu bebi também, senti as bolhas estalando ácidas na garganta, difícil de engolir.

Clare e James. Clare e *James*. Eu ainda não podia acreditar, não conseguia imaginá-los juntos. Será que ele tinha mudado tanto assim em dez anos?

Eu ainda estava olhando fixo para a minha taça e pensando quando Nina cutucou minhas costelas.

— Você está tentando ler o futuro nos restos do champanhe? Acho que não vai funcionar.

— Só pensando — eu disse e tentei sorrir.

Nina franziu a testa, e, por um momento de revolução estomacal, achei que ela fosse falar alguma coisa, um dos seus famosos comentários nus e crus que incomodam e provocam caretas.

Mas antes que Nina pudesse dizer qualquer coisa, Flo bateu palmas e avisou:

— Vocês podem atacar, pessoal! É hora da pizza!

Nina pegou um prato e se serviu de pizza. Eu também. As pizzas com carnes estavam cobertas com um pepperoni barato que soltava um óleo vermelho com cheiro de química em toda a tábua, mas, depois da minha corrida, eu estava com fome. Peguei uma fatia de pepperoni e outra de espinafre e cogumelo, depois enchi o prato com os pittas carbonizados e homus.

— Pessoal, usem guardanapos se precisarem, não quero que caia óleo no tapete — disse Flo, pairando em volta quando todos começaram a atacar. — Ah, e façam o favor de deixar fatias das vegetarianas para Tom, está bem?

— Flops — Clare chamou e botou a mão no ombro dela —, tenho certeza de que vai dar certo. Tom não tem condição de comer todas aquelas fatias. Além

disso, tem mais no freezer, se essa leva acabar.

— Eu sei — disse Flo.

O rosto de Flo estava bem vermelho, e ela tentou prender os fios de cabelo no prendedor de novo, com impaciência. Tinha molho de pizza na blusa prateada.

— Mas é uma questão de princípios. Se as pessoas querem a opção vegetariana, deviam pedir. Eu não tenho paciência com as pessoas que devoram comida vegetariana só porque não gostam da opção de carne. Desse modo são os vegetarianos que vão ficar sem!

— Desculpe — eu disse. — Olha, peguei uma fatia de cogumelo. Quer que eu ponha de volta?

— Lógico que não — disse Flo irritada. — Agora já deve estar cheia de pepperoni por todo lado.

Cheguei a pensar em observar que já havia óleo dos pepperonis em toda a fornada de pizzas, e que talvez, se ela estava tão preocupada com aquilo, devesse ter posto em tábuas separadas, mas, em vez disso, mordi a língua.

— Está ótimo — disse Tom.

Ele tinha empilhado no prato três fatias de pizza de cogumelos e uma grande porção de homus.

— Isso basta para mim, sinceramente. Se eu comer mais, o Gary vai me obrigar a fazer flexões de agora até o Natal.

— Quem é Gary? — perguntou Flo.

Ela pegou uma fatia de pepperoni e sentou no sofá.

— Pensei que o seu parceiro se chamava Bruce?

— Gary é o meu personal trainer. — Tom olhou com satisfação para sua barriga tanquinho. — O trabalho dele é uma batalha duríssima, pobrezinho.

— Você tem um personal trainer? — Flo pareceu profundamente impressionada.

— Querida, qualquer pessoa que é alguém na vida tem um personal trainer.

— Eu não tenho — disse Nina sem emoção.

Ela enfiou um pedaço de pizza na boca e falou mastigando, com a voz abafada:

— Eu só vou à academia e faço exercícios. Não preciso de uma ferramenta berrando comigo enquanto faço as coisas. Bem... — ela deu uma heroica engolida em seco — isso eu tenho, é para isso que serve o meu iPod. Mas eu gosto muito de poder botar essa ferramenta em reprodução aleatória se o refrão começa a ficar monótono.

— Ah, qual é? — Tom deu uma risada. — Não é possível que eu seja o único aqui! Nora, e você? Não parece que sofre de bunda de escritor.

— Eu?

Levantei a cabeça, espantada de estar de repente sob o holofote da atenção de todos.

— Não! Não tenho nem carteira de academia nenhuma, eu só corro. As únicas ferramentas que tenho gritando comigo são as crianças no Parque Victoria.

— Então, Clare? — implorou Tom. — Melanie? Ah, por favor... Alguém me dê força aí... É uma coisa perfeitamente normal!

— Eu tenho um — admitiu Clare. — Mas... — ela levantou a mão quando Tom começou a se animar — ... *só* porque precisava perder uns quilinhos para poder entrar no vestido de noiva!

— Nunca entendi por que as pessoas fazem isso. — Nina deu mais uma mordida na pizza.

O óleo do pepperoni escorreu pelo queixo e ela pegou com a língua antes de pingar.

— Estou falando de comprar o vestido dois tamanhos menor. Afinal de contas, o cara pediu você em casamento quando você tinha uma bundona cheia de banha.

— Espere um pouco!

Clare tinha começado a rir, mas havia certa aspereza no seu tom de voz.

— Eu não tinha uma bundona cheia de banha! E não foi por causa do James, embora ele também tenha um personal trainer, devo dizer. Fiz isso porque queria estar na melhor forma possível no dia.

— Então só gente magra tem boa aparência?

— Não foi isso que eu disse!

— Bem, você disse “melhor forma”, que é igual ao vestido dois tamanhos abaixo do seu...

— Alguns quilinhos a menos — Clare fez questão de enfatizar. — Foi *você* que falou de dois tamanhos menor. De qualquer maneira, olha só quem fala! Você é magra que nem um varapau!

— Por acaso — Nina disse baixinho —, não destino. Não ligo para tamanhos. Pode perguntar para o Jess.

— Ai, para que eu fui falar... — Clare largou o prato na mesa. — Olhem só, sou eu, eu, *pessoalmente*, que acho que fico melhor tamanho 38 do que tamanho 40. Está bem? Não tem nada a ver com ninguém mais.

— Nina — Flo chamou com simpatia, mas Nina estava embalada agora, meneando a cabeça e investindo no riso debochado que Tom escondia com a mão e na risadinha zombeteira só meio disfarçada de Melanie.

— É, entendi — disse Nina. — Não tem nada a ver com a idealização ocidental ridícula de modelos anoréxicas e das fotos constantes de pessoas esqueléticas na mídia. Na verdade...

— Nina! — Flo exclamou de novo, dessa vez mais zangada.

Ela se levantou, bateu o prato na mesa, e Nina ergueu a cabeça assustada, parando de falar no meio da frase.

— Como é?

— Você me ouviu. Não sei qual é o seu problema, mas pare, está bem? Essa noite é da Clare, e *não* vou deixar que você provoque uma briga.

— Quem é que está provocando briga? Não sou eu que ando jogando pratos por aí — disse Nina com frieza. — Que pena, e logo você que estava tão empenhada em cuidar das coisas da sua tia.

Todos nós seguimos o olhar dela e vimos a rachadura de um lado ao outro no prato que Flo tinha batido na mesa de centro. Por um segundo formei a imagem de um touro excitado, pronto para investir e atacar.

— Olha só! — Flo disse furiosa, e a sala ficou estática, fatias de pizza paradas no ar, taças em meio a goles, todos à espera da explosão.

— Está tudo bem — disse Clare na pausa tensa.

Ela estendeu a mão e puxou Flo para sentar de novo ao seu lado, dando risada.

— Verdade. É apenas o senso de humor dela. Você vai se acostumar com Nina. Ela não está me provocando. Não muito.

— É — disse Nina, fazendo que sim com a cabeça, completamente séria. — Sinto muito. É que eu acho que as expectativas irreais e deformadas que as mulheres alimentam para seus corpos são ridículas.

Flo olhou para Nina um longo tempo e depois de novo para Clare, a expressão ainda indecisa. Então deu uma risada breve. Não foi muito convincente.

— Ora, ora — Tom quebrou o silêncio. — Essa festa não está *nem de longe* tão bêbada e tão bagunçada como eu gosto. Quem se candidata à próxima dose?

Ele olhou para todo o grupo e acabou se concentrando em mim. Seu rosto bronzeado se abriu num sorriso malicioso.

— Nora, você está parecendo sóbria demais. Você nem bebeu aquela dose antes do jantar.

Eu gemi. Mas Nina meneava a cabeça vigorosamente e aproximava o copo cheio de mim, e Tom segurava o limão e o saleiro. Não tinha como. Era melhor acabar logo com aquilo, como remédio.

Tom botou sal no meu pulso, eu lambi, peguei o copo da mão de Nina e tomei de uma vez, depois arranquei o pedaço de limão da mão do Tom. O sumo explodiu entre meus dentes e, ao mesmo tempo, a tequila desceu quente pela minha garganta. Esperei um pouco, engasgando e cerrando os dentes por causa do gosto, e então um calor conhecido começou a se espalhar pelos meus capilares, alguma coisa se soltou no limite da minha visão, como se a realidade se abrutalhasse.

Talvez aquele fim de semana ficasse muito melhor meio ébrio.

Percebi que todos olhavam para mim, à espera de alguma coisa. O copinho ainda estava na minha mão.

— Feito!

Bati o copo na mesa de centro e larguei a casca do limão no meu prato vazio.

— Quem é o próximo?

— Quer transformar num royale? — perguntou Tom, provocando.

Ele ergueu o saquinho branco.

Clare me cutucou.

— Vamos lá, pelos velhos tempos, ok? Lembra a nossa primeira vez?

Eu lembrava, mas tinha certeza de que não era cocaína. Era mais aspirina moída, e eu não quis nem naquela época. Simplesmente fui na onda de Clare, como ovelha, com medo de ser deixada para trás.

— Vamos cheirar juntas — Clare disse para Tom. — Faça uma carreira para Nina também. Ela vai compartilhar, não vai, doutora?

— Vocês conhecem os médicos — disse Nina com um sorriso seco. — Famosos por se automedicarem.

Tom se ajoelhou no canto da mesa de centro com seu cartão de crédito e o saquinho de pó, e todos observamos quando derramou o pó cerimoniosamente, cortou e separou em quatro carreiras certinhas. Então levantou a cabeça e ergueu as sobrancelhas.

— Estou supondo que Mel bombinha não vai se juntar a nós, mas e quanto a você, Florence anfitriã exemplar Clay?

Olhei para Flo. O rosto dela estava muito rosado, como se tivesse bebido bem mais do que a taça de champanhe que vi na mão dela.

— Pessoal — ela disse nervosa —, eu... eu não estou muito contente com isso. Quero dizer, a casa é da minha tia. E se...

— Ah, Flops! — Clare deu um beijo em Flo e botou a mão sobre a boca da amiga, interrompendo seus protestos. — Não seja ridícula. Não cheire se não quiser, mas não acho de fato que a sua tia virá para cá com seus cães farejadores e começará a anotar os nomes.

Flo balançou a cabeça, livrou-se do abraço de Clare e começou a recolher os pratos. Melanie também se levantou.

— Vou ajudá-la — ela disse, decidida.

— Sobra mais para quem fica! — disse Tom com uma alegria meio agressiva.

Ele enrolou uma nota de dez libras e cheirou a carreira dele, limpou o nariz e passou o resto do pó nas gengivas.

— Clare?

Clare se ajoelhou e fez a mesma coisa, com tal prática e rapidez que me fez

imaginar com que frequência fazia aquilo. Ficou de pé, balançou um pouco e então riu.

— Nossa, não é possível que eu já esteja alta. Deve ser a tequila! Nina? — Ela estendeu a nota de dez, e Nina fez uma careta.

— Obrigada, mas não, obrigada! Passe esse chupa-ranho para algum colega inocente. Vou usar o meu, obrigada.

Ela rasgou uma ponta da capa da *Vogue Living* que estava perto da lareira e cheirou a terceira carreira. Franzi a testa olhando para a capa cortada, torcendo para Flo não notar quando voltasse.

— Nora?

Suspirei. Era verdade que tinha cheirado minha primeira carreira com Clare. E também tinha sido uma das minhas últimas. Não me entenda mal, eu fumava e bebia e consumia várias outras drogas na universidade. Mas jamais gostei de cocaína. Nunca serviu para grande coisa para mim.

Agora eu me sentia como uma caricatura absurda, ajoelhada e desajeitada no tapete, deixando Nina vandalizar um pouco mais a revista. Parecia uma cena de um péssimo filme de terror — logo antes do assassino aparecer e começar a cortar as pessoas. Tudo que precisávamos era de um casal de jovens transando na piscina da casa para serem as primeiras vítimas.

Cheirei a carreira e me levantei, sentindo o sangue descer da cabeça, o nariz e o fundo da boca anestesiados, com uma sensação estranha.

Eu estava velha demais para isso. Nunca foi a minha praia, nem no tempo da universidade. Eu só acompanhei a Clare porque não tinha força de vontade para dizer não. Lembrei-me, como se visse através de uma névoa, da insistência de James sobre a hipocrisia daquilo tudo: “Eles me fazem rir, participando de greves de fome patrocinadas pela Oxfam e protestando contra a Nestlé, e depois canalizando o dinheiro da mesada para os barões colombianos da droga. Onanistas. Será que não enxergam a ironia? Dê-me uma boa quantidade de erva cultivada em casa qualquer dia.”

Afundei no sofá e fechei os olhos, sentindo a tequila, o champanhe e a cocaína se misturando nas veias. A noite inteira eu tinha tentado conectar o rapaz que eu conhecia com a Clare de hoje, e isso só tornou mais nítida a estranheza daquilo tudo. Será que ele tinha mesmo mudado tanto assim? Será que eles sentavam em seu apartamento em Londres e cheiravam todas, lado a lado, e será que ele pensava no que tinha dito aos dezesseis anos e refletia sobre a ironia daquilo, que ele agora era um daqueles onanistas dos quais tinha rido todos aqueles anos atrás?

A imagem machucava, como uma fisgada inesperada numa ferida antiga e ainda aberta.

— Lee? — ouvi a voz de Clare como num sonho e abri os olhos, relutante. — Lee! Vamos lá... acorde, menina! Você ainda não está de porre, está?

— Não, não estou.

Sentei direito e esfreguei o rosto. Eu tinha de superar aquilo. No momento não havia saída, só dava para seguir em frente.

— Não estou nem perto de porre nenhum, aliás. Onde está a tequila?

10

— Eu nunca...

Clare estava largada em cima do sofá, com os pés no colo do Tom, e a luz do fogo brincava no cabelo dela. Segurava um copinho de tequila numa das mãos e um pedaço de limão na outra, equilibrando os dois como se pusesse suas opções na balança.

— Eu nunca participei do clube dos que fazem sexo em avião.

Fez-se silêncio na roda e Flo explodiu na risada. Então, lentamente, com expressão sarcástica, Tom ergueu seu copinho.

— Saúde, querida!

Tom bebeu tudo de uma vez, depois chupou o limão e fez uma careta.

— Oh, você e o *Bruce*! — disse Clare.

A voz dela pairou entre o riso debochado e a risada aberta, mas soou bem simpática.

— Vocês provavelmente transaram na primeira classe!

— Na executiva, mas captei a sua mensagem. — Ele se serviu de mais tequila e olhou em volta. — O quê? Isso é sério? Estou bebendo sozinho?

— O quê? — Melanie tirou os olhos do celular dela. — Desculpe, eu estava com meia barra de sinal, por isso pensei em tentar falar com Bill, mas já acabou. Era o jogo da verdade?

— Não, já estamos em outra coisa — disse Tom com a fala embolada.

Ele certamente tinha feito muita coisa esquisita no seu tempo e estava pagando o preço naquele jogo.

— Estamos brincando de “Eu nunca”. E eu *entrei* para o clube dos que transam em avião.

— Ah, desculpe.

Melanie bebeu sua dose distraída e secou a boca.

— Pronto. Ouça, Flo, posso usar o telefone fixo de novo?

— Não, não, não, não — disse Clare, movendo o indicador de um lado para outro. — Não vai se safar tão fácil assim.

— Claro que não! — disse Flo indignada. — Como e onde, por favor, senhora?

— Na lua de mel com Bill. Foi em um voo noturno. Eu fiz um boquete no

banheiro. Isso conta? Agora eu já bebi de qualquer jeito.

— Bem, tecnicamente foi *ele* que entrou para o clube dos que transam em avião, não você, nesse caso — disse Tom.

Ele deu uma piscadela maldosa, bem devagar.

— Mas como você bebeu, vamos contar. Em frente! Certo. Minha vez. Eu nunca... porra, o que eu nunca fiz? Ah, eu sei, eu nunca experimentei esportes aquáticos.

Houve uma explosão de risadas e ninguém bebeu, e Tom gemeu.

— Sério?

— Esportes aquáticos? — disse Flo meio em dúvida.

O copo dela estava no ar, mas ela olhou em volta, tentando descobrir o que era tão engraçado.

— O quê... tipo mergulho e essas coisas? Eu velejei, isso conta?

— Não, docinho — disse Clare, que inclinou o corpo para a frente e cochichou alguma coisa no ouvido de Flo.

Então a expressão de Flo mudou para choque e depois divertida e enojada ao mesmo tempo.

— De jeito nenhum! Que nojo!

— Ah, vamos lá — Tom disse, implorando. — Confesse de uma vez para o tio Tom, somos todas mulheres aqui, nada do que se envergonhar.

Mais um momento de silêncio e Clare deu risada.

— Desculpe, é isso que acontece por você ter vindo para cá com mulheres quadradas como nós. Vamos... reaja feito homem.

Tom bebeu sua dose, serviu-se de outra e se deitou no sofá, com a mão sobre os olhos.

— Que merda, estou pagando por uma juventude desperdiçada agora. A sala está rodando.

— É a sua vez, Lee — disse Clare do sofá.

O rosto dela estava vermelho e o cabelo dourado espalhado nos ombros.

— Abra o bico.

Meu estômago revirou. Aquele era o momento que eu temia. Tinha passado a última rodada me esforçando para abrir caminho no nevoeiro da tequila, champanhe e rum e pensar no que dizer, mas todas as lembranças pareciam me levar de volta para James. Pensei em todas as coisas que eu nunca tinha feito, nunca tinha dito. Fechei os olhos e a sala pareceu saltar e mudar.

Uma coisa era fazer essa brincadeira numa sala cheia de amigos, que já sabiam praticamente tudo que havia para ser dito, mas não aquela mistura constrangedora de pessoas estranhas e conhecidos antigos. Eu nunca... oh, meu Deus, o que eu podia falar?

Eu nunca descobri por que ele fez aquilo.

Eu nunca lhe perdoei.

Eu nunca superei a falta dele.

— Lee... — disse Clare cantarolando. — Vamos logo, não me faça embaraçá-la na próxima rodada.

Havia um gosto horrível de tequila e cocaína no fundo da minha garganta. Eu não podia beber mais. Se bebesse, ia passar mal.

Eu nunca o conheci direito.

Como podia estar se casando com a Clare?

— Eu nunca tive uma tatuagem — soltei, e sabia que estava em terreno seguro com isso, Tom já havia admitido que tinha uma.

— Droga... — ele gemeu e entornou sua tequila.

Flo deu risada.

— Ora bolas! Você não vai escapar tão fácil assim, não. Mostre e conte, por favor.

Tom suspirou e desabotoou a camisa, revelando um peito bronzeado, musculoso e largo. Abaixou a manga de um ombro e se virou para nos mostrar. Era um coração, furado por uma flecha e atravessado pelos dizeres *"Não tão Bobo"* em itálico.

— Pronto. — ele começou a abotoar a camisa. — Agora venham os outros. Não é possível que eu seja o único.

Nina não falou nada, apenas puxou a barra da calça jeans e mostrou no tornozelo uma espécie de passarinho sobre o tendão.

— O que é? — Flo chegou mais perto para espiar. — Um tordo?

— É um falcão — disse Nina, sem elaborar.

Ela puxou a bainha da calça para baixo e bebeu todo a tequila.

— E você?

Flo balançou a cabeça.

— Sou medrosa demais! Mas a Clare tem uma.

Clare sorriu de orelha a orelha e se levantou do sofá. Virou-se de costas para nós e puxou a blusa prateada para cima. O tecido brilhou feito escama de peixe. Saindo do cós da calça jeans apareceram dois desenhos celtas em preto, com volteios até a cintura fina.

— Galhadas anais! — zombou Nina.

— Loucura da juventude — disse Clare, com uma pitada de arrependimento. — Numa viagem para Brighton, de porre, quando tinha vinte e dois anos.

— Vão ficar lindos quando você for velha — disse Nina. — Pelo menos servem de guia para o rapaz encarregado de limpar o seu rabo no asilo de velhos.

— Ele terá com o que se distrair, pobrezinho.

Clare puxou a blusa para baixo dando risada e se jogou de novo no sofá. Bebeu toda a tequila.

— Mels? — chamou ela.

Mas Melanie tinha levado o telefone para o corredor. Sua localização era marcada pelo fio no chão e o som da sua voz, baixa e aflita.

— ... e ele tomou a mamadeira? — Ouvimos da sala. — Quantos gramas?

— Dane-se — resolveu Nina. — Homem ao mar. Certo. Eu nunca... Eu nunca... Eu nunca...

Ela olhou para mim, depois para Clare, e de repente adotou uma expressão muito maliciosa. Meu estômago deu uma cambalhota. Nina, bêbada, nem sempre é uma pessoa legal.

— Eu nunca trepei com James Cooper.

Isso provocou risos inseguros na sala. Clare deu de ombros e bebeu.

Então Clare e Nina viraram seus olhos azuis e castanhos para mim. Fez-se um silêncio absoluto, interrompido apenas por Florence and the Machine dizendo que o cara dela fazia caixões.

— Dane-se você, Nina.

Minha mão tremeu quando entornei o resto da bebida. Então me levantei e fui para o corredor, com o rosto pegando fogo e me sentindo de repente muito, muito bêbada.

— Você pode dar para ele meia banana no café da manhã — Melanie estava dizendo. — Mas se der uvas, primeiro corte ao meio, ou use aquela coisa que amassa.

Passei por ela e subi a escada, ouvindo a pergunta confusa de Flo enquanto fugia.

— O que foi? O que aconteceu?

No primeiro lance entrei no banheiro e tranquei a porta. Ajoelhei-me na frente da privada e vomitei até ficar vazia.

Ai meu Deus, eu estava bêbada. Suficientemente bêbada para ir lá para baixo e dar um tapa em Nina por ser tão maldosa. Tudo bem, ela não sabia toda a história sobre mim e James. Mas sabia o bastante para entender que estava me pondo numa posição horrível, e a Clare também.

Por um minuto odiei todos eles: Nina por me provocar com suas terríveis perguntas provocantes, Flo e Tom por fazerem cara de espanto quando bebi, Clare por me forçar a ir para lá aquele fim de semana. E acima de tudo, odiei James — por pedir Clare em casamento, por ter sido o responsável por tudo que estava acontecendo. Eu odiei até a pobre, inocente e distraída Melanie, só por estar presente.

Meu estômago deu pulos de novo, mas não havia mais nada nele além de um

gosto horrível de tequila na boca. Levantei-me e cuspi na privada. Então apertei a descarga e fui para a frente do espelho para lavar a boca e jogar água no rosto. Estava branca, com manchas vermelhas nas maçãs do rosto e o rímel todo borrado.

— Lee?

Ouvi a batida à porta e reconheci a voz de Clare. Cobri o rosto com as mãos.

— Pre-preciso de um minuto.

Droga, estava gaguejando. Não gaguejava desde que saí da escola. Não sei como deixei isso para trás, junto com a personalidade triste e sem jeito de Lee assim que saí de Reading. Nora nunca gaguejou. Eu estava voltando a ser Lee.

— Lee, eu sinto muito. Nina não devia...

Ah, foda-se, pensei. *Por favor, me deixe sozinha*.

Ouvi o barulho de vozes baixas atrás da porta e tentei, com dedos trêmulos, limpar o rímel com papel higiênico.

Meu Deus, isso era patético. Era como voltar para a universidade, brigas de mulher cheias de acusações. Eu tinha jurado nunca mais voltar. Isso aqui era um erro. Um erro terrível.

— Sinto muito, Nora.

Era a voz de Nina, arrastada por causa do álcool, mas num tom de preocupação sincera... pelo menos parecia.

— Eu não estava raciocinando... por favor, saia daí.

— Preciso ir para a cama — eu disse.

Minha garganta estava ardendo, rouca de tanto vomitar.

— Le... Nora, *por favor* — implorou Clare. — Vamos... eu já pedi desculpas, a Nina também.

Respirei bem fundo e destranquei a porta.

Elas estavam paradas ali fora, com cara de confessionário à luz forte do banheiro.

— Por favor, Lee. — Clare segurou a minha mão. — Volte lá para baixo.

— Tudo bem — eu disse. — Sinceramente. Mas estou cansada, acordei às cinco horas para pegar o trem.

— Está bem... — Clare soltou a minha mão com relutância. — Desde que não fique com raiva.

Senti os dentes rangendo sem eu querer. *Acalme-se. Não se faça de centro das atenções*.

— Não, eu nã-não vou ter um acesso de raiva — eu disse, procurando manter a voz leve. — Estou só cansada. Agora vou escovar os dentes. Vejo vocês de manhã.

Abri caminho entre elas, fui até meu quarto e peguei minha *nécessaire*.

Quando voltei elas continuavam lá, Nina batucando com o pé no chão.

— Então você falou sério? — disse ela. — Está mesmo tirando o corpo fora? Meu Deus, Lee, foi só uma brincadeira. Se alguém tem o direito de ficar ofendida é a Clare, e ela está levando numa boa. Você perdeu seu senso de humor desde que saiu da escola?

Num segundo pensei em todas as respostas que podia dar. *Não foi* uma brincadeira. Ela sabia muito bem o que aquilo significava para mim, e puxou o assunto James deliberadamente, no único lugar e na única hora em que eu não podia me esquivar, ou atenuar.

Mas para quê? Mordi a isca que nem uma idiota, deram a deixa e eu explodi. Já estava feito.

— Eu não estou tirando o corpo fora — disse, cansada. Já passa da meia-noie. Estou de pé desde às cinco. Por favor, realmente eu só quero dormir um pouco.

Percebi, no mesmo instante em que falei aquelas palavras, que estava implorando, dando desculpas, tentando me absolver da culpa de abandonar a festa. E essa constatação me irritou muito. Não tínhamos mais dezesseis anos. Não precisávamos ficar juntas como se existisse um cordão umbilical invisível que nos prendesse. Cada uma tinha seguido sua vida, e todas sobrevivemos. O fato de eu dormir um pouco não ia arruinar a despedida de solteira da Clare para sempre, e eu não tinha de justificar essa decisão, como uma prisioneira no tribunal.

— Eu vou para a cama — repeti.

Houve uma pausa... Clare e Nina se entreolharam, então Clare disse ok.

Por algum motivo irracional, aquela única palavra me incomodou mais do que qualquer outra coisa. Eu sabia que ela estava apenas concordando, mas a palavra tinha um tom de “permissão garantida” que fez com que eu me arrepiasse. *Eu não sou mais sua para você ficar mandando em mim.*

— Boa-noite — eu disse e passei entre as duas para entrar no banheiro.

Mesmo com o barulho da água escorrendo da torneira aberta e com a escova raspando nos dentes deu para ouvir as duas cochichando lá fora, e fiquei mais tempo de propósito, limpando o rímel com cuidado excessivo, até que as vozes desapareceram e ouvi passos no assoalho indo embora.

Dei um suspiro, liberei a tensão que nem sabia que estava reprimindo, senti os músculos do pescoço e dos ombros relaxando.

Por quê? Por que elas ainda tinham esse poder sobre mim, especialmente a Clare? Por que eu *deixava* que tivessem?

Suspirei, joguei a escova e a pasta de dentes dentro da *nécessaire*, empurrei a porta e fui para o quarto arrastando os pés. Estava friozinho e silencioso, bem diferente da sala de estar, superpovoada e superaquecida. Pude ouvir a música de

Jarvis Cocker de fundo, a voz dele flutuando pelo corredor aberto até o telhado, mas o som ficou bem abafado quando fechei a porta do quarto e caí na cama. O alívio foi indescritível. Se fechasse os olhos, podia quase me imaginar de volta no meu pequeno apartamento em Hackney. Só faltava o barulho do trânsito e das buzinas na rua.

Desejei tanto estar lá que quase *senti* a maciez gasta do meu edredom florido na palma da mão, quase vi a persiana de palha que batia suavemente na janela nas noites de verão.

Mas então alguém bateu à porta e, quando abri os olhos, vi a escuridão opaca da floresta refletida na parede de vidro. Suspirei e me preparei para me levantar e atender, quando bateram de novo.

— Lee?

Desci da cama e abri a porta. Era Flo que estava lá, com as mãos nas cadeiras.

— Lee! Não acredito que você está fazendo isso com a Clare!

— O quê? — De repente me senti exausta. — Fazendo o quê? Indo dormir?

— Eu me esforcei demais para organizar esse fim de semana perfeito para Clare... eu te mato se você estragar tudo logo na primeira noite!

— Não estou estragando nada, Flo. É você que está fazendo disso uma tempestade em copo d'água, não eu. Só quero ir para a cama. Está certo?

— Não, *não* está certo. Não vou deixar você sabotar tudo que eu preparei!

— Eu só quero ir para a cama — repeti como um mantra.

— Bem, acho que você está sendo uma... uma *vaca* egoísta — verificou Flo.

O rosto dela estava todo vermelho, parecia prestes a chorar.

— Clare é... Clare é a melhor, ok? E ela merece... ela merece... — o queixo de Flo tremelicou.

— Ah, é. Então está certo — eu disse e, sem pensar, fechei a porta do quarto na cara dela.

Fiquei ouvindo Flo no corredor um minuto, respiração pesada, e pensei, se ela chorar vou ser obrigada a sair e pedir desculpas. Não posso ficar sentada aqui ouvindo alguém se desmanchar na minha porta.

Mas ela não fez isso. Com um esforço que deve ter sido grande, Flo se recompôs e foi lá para baixo. Eu é que quase chorei.

Não sei que horas eram quando Nina subiu, mas já era tarde, muito tarde. Não estava dormindo, mas fingi estar, encolhida embaixo do edredom com o travesseiro em cima da cabeça, enquanto ela pisava pesado pelo quarto,

derrubava tubos de loção e chutava a própria mala.

— Você está acordada? — ela sussurrou quando se deitou na cama ao lado da minha.

Pensei em ignorá-la, mas então suspirei e me virei de frente para ela.

— Não. Provavelmente porque você derrubou tudo que é tubo e vidro que tem aqui.

— Desculpe. — Ela se aninhou embaixo das cobertas e vi o brilho dos olhos dela quando bocejou. — Olha, sinto muito o que aconteceu mais cedo. Sinceramente eu não...

— Tudo bem — eu disse cansada. — Sinto também. Minha reação foi exagerada. Eu só estava cansada e bêbada. Já resolvi que vou pedir desculpas para a Flo de manhã. Se tem algum culpado aqui não é ela.

— Sou eu — disse Nina.

Ela virou-se de costas e botou a mão sobre os olhos.

— Eu estava sendo a pentelha de costume. Mas, você sabe, são dez anos. Acho que mereço perdão por ter pensado que...

Ela não terminou a frase, mas eu sabia o que queria dizer. Merecia perdão por pensar que uma pessoa normal já teria superado tudo e seguido em frente.

— Eu sei — eu disse, exausta. — Você acha que eu não sei? É patético.

— Nora, o que aconteceu? É evidente que aconteceu alguma coisa. Ninguém age assim diante de um fim de namoro normal.

— Não aconteceu nada. Ele me largou. Fim da história.

— Não foi isso que ouvi dizer.

Ela rolou de lado de novo e senti que olhava para mim no escuro.

— Eu soube que foi você que terminou com ele.

— Bem, então contaram errado. Ele terminou comigo. E por mensagem de texto, se quer saber.

Eu me livrei do celular logo depois. O toque alegre e superficial do alerta de mensagens nunca deixou de incomodar.

— Tudo bem. Mas mesmo assim... Olha, eu nunca perguntei, mas ele...

Ela parou de falar. Deu para ouvir as engrenagens girando em seu cérebro, tentando descobrir como montar a frase marota. Fiquei em silêncio. Não importava o que ela estava pensando, eu só sabia que não ia ajudá-la.

— Ah, pô, não tem como dizer isso sem me meter, mas preciso falar. Ele não... ele não bateu em você, bateu?

— *O quê?*

Eu não estava esperando isso.

— Tudo bem, é evidente que não, desculpe.

Nina virou-se de costas.

— Desculpe. Mas, sinceramente, Lee...

— *Nora.*

— Desculpe! Desculpe, a Clare me fez chamá-la assim. E você está certa. Não faz sentido nenhum. Mas, sinceramente, o jeito que você reagiu depois que vocês se separaram... não se pode culpar as pessoas por ficarem imaginando coisas...

— *Pessoas?*

— Olha, nós tínhamos dezesseis anos, você saiu da cidade e James desmoronou. Isso foi muito dramático. As pessoas falam, você sabe.

— Morro de pena.

Olhei para o teto. O silêncio foi total, a não ser por umas batidinhas estranhas, suaves, lá fora, como chuva, só que mais leves.

— Foi isso mesmo que as pessoas pensaram?

— Foi — disse Nina lacônica. — Eu diria que essa foi a teoria com mais adeptos. Isso, ou ter passado uma DST para você.

Meu Deus. Pobre James. Apesar do que ele tinha feito, não merecia *isso*.

— Não — acabei respondendo. — Não, James Cooper não bateu em mim. *Nem* me passou nenhuma doença sexualmente transmissível. E fique completamente à vontade para contar para quem ficar "imaginando" e estiver ao seu alcance. Agora, boa-noite, vou dormir.

— O que foi então? Se não foi nada disso? O que aconteceu?

— Boa-noite.

Virei-me de lado, ouvindo o silêncio, o som da respiração exasperada de Nina e as batidas suaves lá fora.

E finalmente adormeci.

11

Vozes no corredor do lado de fora do quarto. Elas se misturam ao meu sonho, através da névoa de morfina, e por um momento penso que estou de volta à Casa de Vidro, e Clare e Flo estão cochichando do lado de fora da porta, segurando a arma com as mãos trêmulas.

Nós devíamos ter examinado a casa...

Então abro os olhos e me lembro de onde estou.

No hospital. As pessoas do lado de fora da porta do meu quarto são enfermeiros, pessoal do plantão noturno... talvez até a policial que vi mais cedo.

Fico ali piscando e tentando fazer meu cérebro cansado e drogado funcionar. Que horas são? As luzes do hospital estão ofuscadas pela noite, mas não tenho noção se são nove da noite ou quatro da manhã.

Torço a cabeça para olhar o meu celular. Sempre quando eu acordo, verifico a hora no meu celular. É a primeira coisa que faço. Mas o armário ao lado da cama está vazio. o celular não está ali.

Não há roupas na cadeira perto da janela, nenhum bolso no avental do hospital que estou usando. Meu celular sumiu.

Fico imóvel ali deitada, olhando em volta do quarto pequeno e mal iluminado. É um quarto particular, o que parece estranho, mas talvez a enfermaria estivesse lotada. Ou talvez aquele lugar funcione assim. Não há outros pacientes para perguntar nem relógio na parede. Se o monitor verde que pisca ao lado da minha cabeça tem um relógio, não dá para ver.

Penso em gritar, chamar a policial ali na porta e perguntar que horas são, o que aconteceu comigo.

Mas aí eu entendo. Ela está falando com alguém, foram aquelas vozes que me acordaram. Engulo em seco, minha garganta parece grudenta, e levanto dolorosamente a cabeça do travesseiro, pronta para coaxar um apelo. Mas, antes de tentar falar, uma frase escapa pelo vidro grosso da porta e cola minha língua no céu da boca.

— Ai meu Deus! — ouço a policial exclamar. — então agora virou investigação de homicídio?

12

Despertei com o silêncio claro e luminoso, interrompido apenas pelo ronco suave de Nina na cama ao lado da minha. Mas continuei deitada, alongando os músculos e desejando ter enchido meu copo de água. Comecei a desvencilhar os sons da floresta: canto de passarinhos, estalo de galhos quebrando e uma pancada suave que não reconheci, seguida de um alvoroço de ruídos leves, como folhas de papel caindo no chão.

Olhei para o meu celular — 6h48 e ainda sem conexão —, peguei um casaco e fui até a janela. Quando abri a cortina, quase dei risada. Tinha nevado à noite, não muito, mas o bastante para transformar a paisagem num cartão-postal vitoriano. Então era *isso* aqueles ruídos baixinhos que eu tinha ouvido à noite. Se tivesse me levantado e espiado pela janela, eu saberia.

O céu era uma explosão de rosa e azul, nuvens cor de pêssego iluminadas por baixo, a terra um tapete salpicado de branco, riscada com pegadas de passarinhos e galhos de pinheiros caídos.

A visão me deu aquela vontade, e no mesmo instante eu soube que *precisava* sair para correr.

Meus tênis no aquecedor estavam duros de lama da véspera, mas tinham secado, e a calça legging também. Vesti um top térmico e um chapéu, mas achei que não ia precisar de casaco. Mesmo quando corro num dia gelado, produzo calor suficiente para me manter aquecida, desde que o vento não seja forte. Essa manhã nada mexia. Nenhum galho de árvore balançava, e a queda de neve aqui e ali era provocada pela gravidade, não pelo vento. Os galhos pendiam sob o peso da carga de neve.

De todos os quartos, ouvi roncos suaves quando desci a escada silenciosamente, de meia, e só calcei os tênis ao chegar ao tapetinho da entrada, para poupar o assoalho da tia de Flo. A porta da frente tinha uma assustadora coleção de trancas e fechos, por isso fui, pé ante pé, até a cozinha, cuja porta era daquelas que só têm uma chave e uma maçaneta. A chave girou macia e levantei a maçaneta. Fiz uma careta quando abri a porta porque de repente imaginei se havia um alarme que devia ter desativado. Mas nenhuma sirene escandalosa soou, e saí para a manhã gelada sem ser vista, para começar meu aquecimento.



Mais ou menos quarenta minutos depois, eu voltava, mais lentamente, subindo pelo caminho da floresta, o rosto brilhando do frio e do esforço, a respiração feito nuvem branca contra o azul cortante do céu. Eu me sentia leve e calma, frustrações e tensões deixadas para trás, em algum lugar da mata, mas foi com um aperto no coração que vi que o boiler gigante estava emitindo uma nuvem de vapor como um trem expresso. Alguém tinha se levantado e usava a água quente.

Eu estava torcendo para ter uma hora de paz só para mim enquanto os outros dormiam, tomar um café da manhã nos meus termos, sem papo furado constrangedor. Mas, quando me aproximei, vi que, além de alguém já estar de pé, a pessoa tinha estado fora da casa. Havia pegadas indo da porta dos fundos para a garagem e voltando. Estranho. Todos os carros estavam estacionados na frente da casa, ao relento. Que motivo alguém teria para ir até a garagem?

Mas meu top suarento começava a me dar frio, agora que não estava mais bombeando os músculos ladeira acima, e eu queria café. Fui para a porta da cozinha. Quem estivesse acordado devia ter uma explicação.

— Oi? — chamei baixinho quando abri a porta, sem querer acordar os outros. — Sou eu.

Havia alguém sentado diante da bancada, debruçado sobre um celular. Ela levantou a cabeça e vi que era Melanie.

— Oi!

Ela sorriu, as covinhas profundas indo e vindo nas bochechas.

— Pensei que ninguém mais tinha acordado. Você saiu para correr nessa neve? Sua doida!

— Está delicioso.

Bati os pés no tapete do lado de fora para tirar a neve dos tênis, descalcei e segurei pelos cadarços.

— Que horas são?

— Sete e meia. Estou de pé há uns vinte minutos. Chega a ser irônico... Minha única chance de conseguir dormir sem o Ben para me acordar, e aqui estou eu, não consigo dormir!

— Você está condicionada — eu disse, e ela suspirou.

— É isso mesmo. Quer chá?

— Eu prefiro café, se tiver. — Lembrei tarde demais. — Ai caramba! Não tem café aqui, não é?

— Não. Estou morrendo, também sou de café o tempo todo em casa. Na

faculdade era de chá, mas Bill me converteu. Eu tentava beber um monte de chá para me dar o equivalente de cafeína, mas acho que a minha bexiga não aguenta isso, fisicamente.

Ora, ora. Pelo menos o chá era quente e molhado.

— Eu quero um chá, sim. Você se importa se eu tomar uma chuveirada rápida primeiro, para trocar de roupa? Corri com essa ontem também, devo estar fedendo.

— Tudo bem. Estou fazendo torrada também. Quando você descer, estará tudo pronto.



Desci dez minutos depois sentindo o cheiro de torradas e ouvindo Melanie cantarolar “The Wheels on the Bus”.

— Oi — disse ela quando entrei na cozinha, secando o cabelo. — Então, temos Marmite, geleia de laranja ou de morango.

— Não tem de framboesa?

— Não.

— Então quero Marmite, por favor.

Ela espalhou a pasta na torrada e passou o prato para mim, enquanto olhava disfarçadamente para o celular na bancada. Dei uma mordida e perguntei:

— Nada ainda?

— Nada. — O sorriso educado sumiu. — Isso está me perturbando. Ele tem só seis meses e anda meio inquieto desde que comecei a dar sólidos. É que... sei que é bobagem, mas detesto ficar longe dele.

— Posso imaginar — eu disse com simpatia, mas não tinha como imaginar.

Eu só entendia a saudade de casa, e isso devia ser dez vezes mais forte para alguém com um filho pequeno e indefeso à espera.

— Como ele é? — perguntei, querendo animá-la.

— Ah, ele é adorável!

O sorriso voltou, um pouco mais convincente dessa vez, ela pegou o celular e começou a passar arquivos de fotos.

— Olhe aqui, uma foto dele com o primeiro dentinho.

Eu vi uma foto fora de foco de um bebê de cara redonda sem nenhum dente à vista, mas ela passou para as próximas, à procura de alguma outra coisa. Havia uma que parecia uma explosão numa fábrica de mostarda Colman, e ela fez uma careta.

— Nossa, desculpe aquela.

— O que era?

— Ben com um cocô enorme que cobriu até a cabeça dele! Tirei a foto para mostrar para Bill no trabalho.

— Bill e Ben?

— Eu sei. — Ela deu uma risada envergonhada. — Começamos a chamá-lo de Ben quando ainda estava na minha barriga, era uma brincadeira e acabou pegando. Não acho muito legal, mas ele não deve ficar muito junto com o pai na vida. Ah, veja essa, a primeira vez que ele nadou!

Essa estava mais nítida. Um rostinho chocado numa piscina azul, a boca um "oh" vermelho de susto ou de indignidade furiosa.

— Ele parece lindo — eu disse, tentando não soar desapontada.

Deus sabe que não quero um bebê, mas tem alguma coisa em ver a família feliz de outra pessoa que parece excludente, mesmo quando a intenção não é essa.

— Ele é — disse Melanie, com expressão suave. — Eu me sinto muito abençoada.

Ela tocou na cruz pendurada no pescoço, um gesto quase inconsciente, então deu um suspiro.

— Eu só queria que o celular pegasse aqui. Sinceramente pensei que estava pronta para me afastar dele, mas agora... duas noites são demais. Fico pensando, e se alguma coisa der errado e Bill não puder ligar?

— Mas ele tem o telefone fixo da casa, não tem?

Dei uma mordida na torrada com Marmite.

Melanie fez que sim com a cabeça.

— Tem. Aliás... — ela viu a hora no celular de novo — ... eu disse que ia ligar para ele essa manhã. Ele não queria ligar com medo de acordar todo mundo cedo demais. Você se importa se eu...?

— De jeito nenhum — eu disse, ela se levantou, bebeu o chá todo e botou a xícara na bancada. — Ah, por falar nisso — lembrei de repente quando ela já ia para a porta —, eu ia perguntar, você foi até a garagem?

— Não...!? — Melanie pareceu surpresa, a entonação foi de pergunta. — Por quê? Estava aberta?

— Eu não sei, não experimentei a porta. Mas havia pegadas indo para lá.

— Que estranho. Não fui eu.

— Bizarro.

Dei outra mordida e mastiguei pensativa. As pegadas estavam frescas, então devem ter sido feitas *depois* da neve parar de cair.

— Será que... — comecei a falar e parei.

— O quê?

Eu não tinha pensado bem no que ia dizer e, agora, quando resolvi completar a ideia, tive uma sensação estranha que me fez relutar.

— Bem... eu supus que fosse alguém saindo da casa, indo até a garagem e voltando. Mas podia ser o contrário.

— O quê?... Como alguém espionando por aí? Havia pegadas subindo para a garagem?

— Não vi nenhuma. Mas a garagem é muito perto da floresta, e acho que o rastro não ia aparecer lá. A neve está muito irregular e interrompida.

Além disso, uma coisa que eu não disse. Se havia algum rastro no caminho da floresta, a minha corrida por lá ia apagar tudo com muita eficiência.

— Deixe pra lá — eu disse, pegando o chá decidida. — Isso é bobagem. Deve ter sido a Flo que saiu para pegar alguma coisa.

— É, você tem razão — respondeu Melanie.

Ela deu de ombros, saiu da cozinha e ouvi o ruído do telefone quando Melanie tirou o fone do gancho. Mas em vez do dial girando ouvi o ruído repetido e uma pancada quando o fone bateu no aparelho.

— Como se não faltasse mais nada, o telefone está mudo! Sinceramente, essa é a gota d'água. E se aconteceu alguma coisa com o Ben?

— Espere aí. — Botei meu prato na lavadora de louça e fui atrás de Melanie na sala de estar. — Deixe-me tentar. Talvez seja o número dele.

— Não é o número dele. — ela me deu o fone. — Está mudo. Ouça.

Melanie estava certa. Não havia ruído de discar, só o eco de uma linha muda e um barulho bem distante de cliques.

— Deve ser a neve.

Pensei nos galhos na floresta, vergados sob o peso da neve.

— Deve ter derrubado um galho que arrebentou o fio. Imagino que os engenheiros vão consertar, mas...

— Mas *quando*? — quis saber Melanie.

O rosto dela estava corado, a expressão era de aborrecimento e tinha lágrimas nos olhos.

— Eu não queria fazer disso um problema para a Clare, mas é que essa foi a minha primeira saída de casa e, para ser sincera, não estou aproveitando nada. Eu sei que devia estar no clima de "Uau! Um programa com as meninas!", mas não quero mais fazer isso, toda essa bebida e discussão inútil. Eu não ligo a mínima para quem dormiu com quem. Só quero ir para casa e pegar Ben no colo. Quer saber o verdadeiro motivo de eu ter acordado tão cedo? Foi porque meus seios estão duros de tanto leite e doendo, e acabei acordando porque vazaram e a droga da cama ficou toda molhada.

Agora ela estava chorando mesmo, com o nariz escorrendo.

— Tive de me levantar, tirar com a bomba e jogar na pia. Agora essa do telefone era o que faltava, eu nã-não tenho a menor ideia se eles estão bem. Não quero mais ficar aqui.

Olhei fixo para ela, mordendo o lábio. Parte de mim queria abraçá-la, outra parte recuava daquele rosto marcado pelas lágrimas, com ranho pingando.

— Ei — eu disse sem jeito. — Ei, olha só... se você não está gostando...

Mas parei de falar. Ela não estava prestando atenção. Não olhava para mim e sim para a janela, para a floresta coberta de neve, revirando alguma coisa dentro da cabeça, respirando devagar enquanto parava de soluçar.

— Melanie? — acabei arriscando.

Ela virou o rosto para olhar para mim e secou o nariz na manga do robe.

— Eu vou embora — ela disse.

Foi tão de repente que eu não sabia o que dizer.

— Flo vai me matar, mas não me importo. Clare não vai se aborrecer. Acho que ela nem queria fazer essa despedida de solteira, pra começo de conversa, foi tudo aquela obsessão esquisita da Flo de ser a melhor amiga do mundo. Você acha que consigo descer até a estrada com o meu carro?

— Consegue. É pouca neve embaixo das árvores, mas, olha, e o Tom? Você deu carona para ele quando veio para cá, não foi?

— Só de Newcastle para cá.

Melanie secou o rosto de novo. Agora parecia mais calma, já que tinha resolvido o que ia fazer.

— Tenho certeza de que Clare, ou Nina, ou alguém aí pode levá-lo de volta. Não é problema.

— É, acho que não.

Mordi o lábio pensando na reação de Flo a tudo aquilo.

— Olha, você tem certeza de que não quer dar mais um tempo? Tenho certeza de que vão consertar a linha do telefone logo.

— Não. Eu já resolvi, vou embora agora. Isto é, vou esperar até a Flo se levantar, mas vou arrumar as minhas coisas agora. Oh! Que alívio!

Num instante ela estava sorrindo, a expressão passou de angustiada para animada em questão de minutos, as covinhas voltaram para as bochechas.

— Obrigada pela companhia. Desculpe se saí do sério um pouco, mas você me botou no caminho certo. Isto é, você está certa... se não está se divertindo, para que ficar aqui? Clare não ia querer que eu ficasse me sentindo assim, péssima.

Observei Melanie subindo lentamente a escada, provavelmente para arrumar as coisas, e pensei nas suas últimas palavras.

Qual *era* o sentido de estar ali? De repente percebi que eu não queria que ela

fosse embora. Não por gostar dela, nem porque sentiria sua falta; não a conhecia muito bem para isso, embora ela parecesse muito simpática, mas porque eu mesma tive a minha fantasia de escapar. E ter uma a menos ia dificultar muito as coisas. Haveria aquela pressão extra dos sobreviventes para compensar a ausência de Melanie.

E sem carro, sem o álibi de ter um filho pequeno, que motivo eu podia inventar que não fosse interpretado como despeito por James, pelo fato da melhor mulher ter vencido e ficado com o meu ex-namorado?

Pensava que já tivesse parado de me importar com o que Clare achava de mim havia muito tempo. E quando voltei devagar para a cozinha, me dei conta de que estava enganada.

13

Foi assim que conheci Clare. Era o primeiro dia de aula no primário e eu estava sentada sozinha diante de uma mesa, me esforçando para não chorar. Todos tinham ido para o jardim de infância e eu não, e não conhecia ninguém. Eu era pequena, magricela, usava tranças curtas e apertadas que minha mãe fazia e prendia dos lados da cabeça para “não embaraçar”.

Eu sabia ler, mas não queria que ninguém soubesse. Minha mãe tinha dito que não iam gostar se eu parecesse a pequena sabe-tudo e que os professores iam me ensinar como fazer isso direito, não do meu jeito inventado.

Por isso eu estava lá sozinha enquanto as outras crianças formavam pares sentadas às mesas e tagarelavam. Então Clare apareceu. Eu nunca tinha visto uma menina tão bonita. Usava o cabelo comprido solto, desafiando as regras da escola, e brilhava ao sol como uma propaganda de Pantene. Ela examinou a sala, olhou para as outras crianças, uma ou duas davam tapinhas na cadeira ao lado para ela sentar e diziam: “Clare! Clare, venha sentar comigo!”

E ela me escolheu:

Não sei se você sabe o que é ser escolhida por alguém como Clare. É como se a luz quente de uma lanterna nos selecionasse e nos banhasse com raios de sol. A sensação é de estar exposta e ao mesmo tempo lisonjeada. Todos olham para você, e você percebe que estão indagando “por que *ela*?”.

Clare sentou ao meu lado e senti que me transformava, de um ninguém para alguém. Um alguém com quem as pessoas talvez até quisessem conversar, fazer amizade.

Ela sorriu e eu retribuí o sorriso.

— Oi — ela disse. — Sou Clare Cavendish e meu cabelo é tão comprido que dá para sentar em cima. Eu vou ser a Maria na peça da escola.

— Eu... — tentei responder. — Eu sou Le-Le...

Sou Leonora, era o que eu tentava falar. Mas Clare apenas sorriu.

— Oi, Lee.

— Clare Cavendish.

Era a professora da turma, batendo a borracha no porta-giz para chamar a nossa atenção.

— Por que o seu cabelo não está preso?

— Fico com enxaqueca. — Clare virou o rosto angelical e solar para a professora. — Minha mãe disse que não era para prender. Tenho uma recomendação do médico.

E assim era Clare.

Seria possível que ela tivesse mesmo uma recomendação médica? Será que algum médico, em sã consciência, recomendaria a uma criança de cinco anos que ficasse de cabelo solto?

Mas não tinha importância. Clare Cavendish tinha falado, por isso era verdade. Ela foi mesmo Maria na peça da escola. E eu me tornei Lee. A insignificante e gaguejante Lee. Sua melhor amiga.

Nunca esqueci o que Clare fez naquele primeiro dia. Ela podia ter escolhido qualquer uma. Podia ter dado a cartada de popularidade e sentado com uma das meninas que usava prendedores da Barbie no cabelo e sapatos Lelli Kelly.

Em vez disso, ela escolheu a única menina que estava lá sentada em silêncio, sozinha, e me transformou.

Como melhor amiga de Clare eu era sempre incluída nos jogos, não era condenada a esperar, sozinha, mas tentando não parecer isolada, na lateral do parquinho, aguardando alguém que viesse me chamar para brincar. Eu era convidada para festas de aniversário, e, quando ficaram sabendo que Clare tinha ido à minha casa para brincar comigo e ela falou bem do meu balanço e da minha casa de bonecas, outras meninas passaram a aceitar os meus convites tímidos.

Crianças de cinco anos podem ser incrivelmente cruéis. Dizem coisas que nenhum adulto diria, comentários sobre a sua aparência, sua família, seu jeito de falar, seu cheiro, as roupas que usa. Se alguém falasse com você desse jeito no emprego, seria demitido por assédio no local de trabalho, mas na escola é apenas o jeito que as coisas são. Toda turma tem um saco de pancada, a criança com quem ninguém quer sentar, a que é acusada de tudo e última a ser escolhida nos jogos de equipe. E talvez fosse inevitável que toda turma tivesse uma abelha rainha. E se havia uma abelha rainha na nossa turma, era Clare, e sem a amizade dela eu podia facilmente ter sido o saco de pancada, sentada lá sozinha para sempre. Uma parte de mim, a menina de cinco anos amedrontada que vivia dentro da minha armadura de adulto, será eternamente grata por isso.

Mas não me interprete errado. Nem sempre era fácil ser amiga da Clare. Aquele facho de luz, de calor e de carinho podia se apagar com a mesma rapidez que tinha acendido. Podia zombar e desprezar em vez de defender. Houve muitos dias em que voltei para casa chorando por causa de alguma coisa que Clare tinha dito ou alguma coisa que Clare tinha feito. Mas ela era engraçada e generosa, e sua amizade era um laço com a vida sem o qual eu não podia viver, e por isso eu

sempre dava um jeito de perdoar-lhe.

Minha mãe, por outro lado, não gostava de Clare, por motivos que nunca consegui entender. Não fazia sentido, porque de diversas maneiras Clare retratava a filha em que minha mãe estava sempre tentando me transformar — charmosa, loquaz, popular, não muito acadêmica. Quando chegamos ao ensino médio, minha mãe não omitiu suas esperanças de que eu entrasse para a escola do bairro e Clare não. Mas ela entrou. Clare não era nenhuma cdf, ninguém podia acusá-la disso, mas era inteligente e sempre dava um jeito nas provas.

Só que minha mãe procurou a professora e pediu para nos botar em turmas separadas. Por isso nas aulas eu encontrei uma nova amiga, uma companheira tão disparatada quanto Clare: a espinhosa e divertida Nina, com suas pernas magricelas de pele escura e enormes olhos pretos. Nina era alta e eu, baixa, ela conseguia correr 800 metros em 2 minutos e 30, era engraçada e não tinha medo de ninguém. Era perigoso andar com ela, sua língua ferina não fazia distinção entre amigos e inimigos. Você podia ser a vítima, ou então rir dela. Mas eu gostava da Nina. E por muitos motivos me sentia mais segura com ela do que com Clare.

Mas não fazia diferença. Fora da sala de aula, Clare me procurava. Passávamos a hora de almoço juntas. Escapávamos e íamos gastar nossas mesadas na Woolworths, nos CDs que Clare gostava e no esmalte de unha cintilante que nos proibiam de usar na escola. Fomos pegas só uma vez, quando tínhamos quinze anos. A mão pesada no ombro. A cara furiosa do sr. Bannington por cima dos nossos ombros. Ameaças de suspensão, de contar para os nossos pais, de ficarmos detidas pelo resto das nossas vidas...

Clare simplesmente olhou para ele com seus olhos azuis límpidos da mais pura sinceridade.

— Sinto muito, sr. Bannington — disse ela —, mas hoje é aniversário do avô da Lee. O senhor sabe, aquele com quem ela vivia?

Clare fez uma pausa e lançou um olhar de quem esperava que ele se lembrasse, que ligasse os pontinhos.

— Lee estava triste e não conseguia se concentrar nas aulas. Desculpe se nós erramos.

Por um minuto fiquei atônita. *Era* mesmo aniversário do vovô? Fazia um ano que ele tinha morrido. Será que eu tinha esquecido? Então recuperei o senso, e com ele veio a raiva. Não, não, *é claro* que não era. O aniversário dele era em maio. Nós estávamos em março.

O sr. Bannington ficou lá parado mastigando seu bigode e franzindo a testa. Então botou a mão no meu ombro.

— Bem, nessas circunstâncias... não posso aprovar isso, meninas, se houvesse

um alarme de fogo, vidas seriam postas em risco procurando vocês duas. Entendem? Então, por favor, não transformem isso em hábito. Mas, nessas circunstâncias, não falaremos mais sobre isso. Só dessa vez.

— Desculpe, sr. Bannington. — Clare abaixou a cabeça, contrita, arrependida. — Eu estava apenas tentando ser uma boa amiga. Tem sido difícil para Lee, sabe?

E o sr. Bannington tossiu, uma tosse embargada, fez que sim com a cabeça rapidamente e saiu.

Eu estava tão irritada que não conseguia falar no caminho de volta para a escola. como ela pôde fazer aquilo? Como *pôde*?

No portão da escola, Clare pôs a mão no meu ombro.

— Olha, Lee, espero que não se importe, é que eu não consegui pensar em mais nada para dizer. Sabe? Fui eu que a convenci a matar aula, achei que era minha responsabilidade nos tirar dessa fria.

Fiquei séria. Procurei imaginar o que minha mãe diria se eu fosse suspensa e de como Clare tinha nos livrado do castigo. Pensei em maio e como passaria aquele dia — o dia real do aniversário do meu avô, sem mencionar esse fato, sem nunca mais me referir a isso.

— Obrigada — eu disse com uma voz dura e nada natural, sem gaguejar, sem parecer a minha.

Clare apenas sorriu e senti seu calor de sol.

— De nada.

Então eu derreti e retribuí o sorriso, quase contra a minha vontade.

Afinal, Clare estava só querendo ser boa amiga.

— Não.

— Flo...

— Você não vai embora.

Melanie parou um instante no meio da cozinha como se procurasse alguma coisa para dizer. E acabou bufando com uma risada incrédula.

— Só que parece que... eu vou.

Melanie jogou a mochila nas costas e tentou passar por Flo a caminho da porta.

— Não! — gritou Flo, com um toque de histeria na voz. — Não vou deixar você arruinar tudo!

— Flo, pare de bancar a doida! — retrucou Melanie. — Eu sei, eu sei que isso

é importante para você, mas olhe só para você! Clare não está nem aí se eu fico ou vou. Você meteu na sua cabeça que as coisas deviam ser assim, só que não pode *forçar* as pessoas a entrarem nessa. Caia na real!

— Você... — Flo enfiou o dedo em riste em Melanie — ... você é uma má amiga. E uma *má pessoa.*

— Eu não sou má amiga. — Melanie de repente parecia muito cansada. — Sou apenas mãe. Minha vida não gira em torno da Clare porra Cavendish. Agora faça o favor de sair do meu caminho.

Ela abriu caminho entre os braços estendidos de Flo, foi para o corredor e olhou para cima.

— Clare! Você está acordada!

— O que está acontecendo?

Clare descia a escada enrolada num lençol amassado. O sol entrava pela janela atrás da sua cabeça e iluminava seu cabelo feito um halo.

— Ouvi uma gritaria. O que está acontecendo? — ela perguntou de novo.

— Eu vou embora. — Melanie subiu os primeiros degraus, beijou Clare rapidamente e ajeitou melhor a mochila no ombro. — Sinto muito, eu nem devia ter vindo. Não estava pronta para deixar o Ben, e esse problema com o telefone só piora tudo...

— Que problema com o telefone?

— Não dá linha — disse Melanie. — Mas não é isso. Não é mesmo. Eu estou só... Quero voltar para casa. Eu não devia ter vindo. Você não se importa, não é?

— Claro que não. — Clare bocejou e afastou o cabelo dos olhos. — Não seja boba. Se está chateada, vá embora. Vejo você no casamento de qualquer jeito.

— É. — Melanie fez que sim com a cabeça.

Então ela dobrou o corpo para a frente, espiou Flo olhando para trás por cima do ombro e disse em voz baixa:

— Olha, Clare, ajude-a a cair na real, ok? Isso não é... não é saudável. Para ninguém.

Então ela saiu, bateu a porta, e a última coisa que nós ouvimos foi o barulho dos pneus do seu carro no cascalho, descendo a estradinha de terra.

Flo começou a chorar pra valer. Fiquei sem saber o que fazer, sem saber o que podia fazer. Então Clare desceu os últimos degraus da escada bocejando, segurou o braço de Flo e a levou para a cozinha. Ouvi o ruído da água da chaleira borbulhando por trás dos soluços de Flo e a voz suave de Clare.

— Você salvou a minha vida — Flo balbuciou entre soluços. — Como é que eu posso esquecer isso?

— Querida — ouvi Clare dizer, com uma espécie de exasperação carinhosa na voz —, quantas vezes...

Recuei de costas e fui lá para cima, com passos leves e silenciosos. Quando cheguei ao fim do primeiro lance da escada, dei meia-volta e corri. Sabia que estava sendo covarde, mas não resisti.

A porta do quarto que eu dividia com Nina estava fechada, e já ia virar a maçaneta e entrar, quando ouvi a voz de Nina lá dentro, cheia de uma doçura amorosa que não era típica.

— ... eu também sinto a sua falta. Meu Deus, como queria estar em casa com você. Você está na cama? — Uma longa pausa. — Sua voz está falhando. É, a recepção aqui é muito ruim, tentei ligar para você ontem à noite, mas não funcionava. E a barra está só na metade agora. — Mais uma pausa. — Não, só um cara chamado Tom. Ele é legal. Ah, meu amor, Jess, eu te amo...

Tossi. Não queria invadir no meio da conversa. Nina não costuma baixar a guarda com frequência, e quando faz isso, não gosta que a vejam. Sei disso por experiência própria.

— ... queria estar aí embolada com você. Estou com muita saudade. Aqui é o fim do mundo... nada além de árvores e morros. Pensei em ir embora, mas não acho que Nora...

Tossi de novo e fiz barulho com a maçaneta, Nina parou de falar e depois chamou:

— Alô?

Abri a porta e ela sorriu de orelha a orelha.

— Ah, a Nora acabou de chegar. Estamos dividindo um quarto. O quê? Está falhando de novo. — Pausa. — Ah... não se preocupe, não mesmo! Está bem, eu digo para ela. Ok, é melhor eu desligar. Mal consigo ouvir você. Eu te amo também. Tchau. Te amo. — Ela desligou e sorriu para mim da pilha de travesseiros. — Jess mandou um oi para você.

— Ah, feliz de saber que você conseguiu falar com ela. Tudo bem com ela?

Eu adoro a Jess. Ela é pequena, redonda, tranquila e tem um sorriso que ilumina uma sala inteira, e não vive fazendo comentários sarcásticos — exatamente o oposto da Nina. Formam a dupla perfeita.

— Tudo, ela está ótima. Com saudade de mim. Naturalmente. — Nina espreguiçou até estalar todas as juntas e depois suspirou: — Meu Deus, como eu queria que ela estivesse aqui... Ou que eu não estivesse. Um dos dois.

— Bem, tem uma vaga. Estamos com menos uma.

— O quê?

— A Melanie, ela foi embora. O telefone fixo está mudo e isso foi a gota d’água.

— Nossa, você está brincando? É como a Agatha Christie e os Dez Esquimozinhos.

— Índios.

— O quê?

— Dez Indiozinhos. No livro.

— Era esquimozinhos.

— Não era nada. — Sentei na cama. — Na verdade, se formos ver o original, era os dez negrinhos, depois virou indiozinhos, depois soldadinhos, quando resolveram que separar minoridades étnicas podia ficar meio esquisito. Mas nunca foi os dez esquimozinhos.

— Bem, vá lá que seja. — Nina se desfez dos esquimós com um gesto da mão. — Tem café lá embaixo?

— Não. Só chá, lembra?

Peguei um suéter, enfiei pela cabeça e alisei o cabelo com as mãos.

— Clare não bebe café, então ninguém bebe.

— Ai meu Deus... a merda da Flo e o satélite de amor. Como foi que ela reagiu à partida da Melanie?

— Hummm. Preste atenção, acho que dá para ouvir...

Nós duas ouvimos o som inconfundível de soluços profundos vindo da cozinha. Nina revirou os olhos.

— Ela está descontrolada. E estou falando sério. Já era esquisita quando as duas estavam na faculdade... Você notou que ela copia as roupas da Clare? Fazia isso naquele tempo também. Mas agora...

— Não acho que ela está descontrolada. — Mudei de posição pouco à vontade. — Clare tem uma personalidade muito forte, se a pessoa não for muito firme...

Parei de falar porque não encontrava palavras para descrever a sensação que sempre tive, que a minha própria personalidade era um espaço, um vácuo que alguém como Clare ia preencher. Coisa que eu sabia que Nina não ia entender nunca. Tinha muitos defeitos, mas falta de personalidade não era um deles. Nina ficou lá deitada me avaliando do alto dos travesseiros e depois deu de ombros.

— Clare é *perfeita*, sabe como é? — acabei dizendo. — É fácil desejar isso e achar que a imitação é uma maneira de conseguir.

— Pode ser. — Nina sentou na cama e arrumou a camiseta sem manga e fininha que usava. — Eu ainda acho que Flo tem alguns parafusos a menos. Mas tudo bem. Olha, eu estava querendo dizer que realmente sinto muito sobre a noite passada. Eu não tinha ideia de que você ainda se incomodava com isso. Mas, fala sério, por que resolveu vir se ainda se sente assim sobre a história toda?

Vesti minha calça jeans, levantei-me mordendo o lábio e pensando, lembrando do que não tinha contado para Nina. Instintivamente eu sempre mantenho

minhas cartas junto ao peito, não sei por quê. Não gosto de oferecer às pessoas, nem mesmo aos amigos, qualquer forma de controle sobre mim, por menor que seja. Sempre fui uma pessoa reservada, fechada, e essa tendência aumentou desde que passei a morar e trabalhar sozinha. Mas eu também sabia que essa tendência podia me deixar tão maluca quanto a Flo, se eu deixasse.

— Eu vim porque... — respirei fundo e me forcei a continuar — ... porque não tinha ideia de que Clare ia se casar com o James.

— *O quê?*

Nina girou as pernas para fora da cama e olhou para mim. Dei de ombros meio trêmula. Dito assim realmente parecia... um tanto patético.

— Não me diga que está falando sério! Então a Clare atraiu você para cá para jogar essa merda em você?

— Nã-não exatamente.

Merda. *Pare* de gaguejar.

— Ela disse que queria contar pessoalmente. Achava que me devia isso.

— Que *merda* é essa? — Nina enfiou uma camiseta pela cabeça e, por um momento, ficou com a voz abafada, depois limpou quando a cabeça reapareceu, as bochechas vermelhas de indignação. — Se ela queria encontrá-la pessoalmente, o normal seria convidá-la para um drinque! Não atraí-la para uma floresta no fim do mundo. O que é que ela tinha na cabeça?

— Eu... eu não acho que ela quis que fosse assim. — Minha nossa, o que estou fazendo defendendo a Clare? — Acho que ela simplesmente não pensou que...

— Eca! — Nina se levantou e começou a escovar o cabelo com raiva, as mechas estalavam quando passava a escova. — Como é que ela sai impune depois de inventar essa *merda*? E sai desse tipo de coisa cheirando a rosas todas as vezes! Você se lembra de quando ela contou para todo mundo do Year Ten que eu gostava da Debbie Harry? E depois afirmou que era porque se sentia mal de eu ter de "viver uma mentira", e todo mundo agiu como se ela estivesse me fazendo uma porra de um *favor*?

— Eu...

Eu não sabia o que dizer. O incidente Debbie Harry foi brutal. Ainda me lembro bem da expressão chocada de Nina quando ela entrou na sala de aula e Clare estava cantarolando "Hanging on the Telephone" com aquele seu sorriso típico na cara e a classe inteira rindo, debochando.

— Tudo gira em torno *dela.* A aparência dela e o que está sentindo. Naquela época ela queria parecer a amiga carinhosa, liberal, compreensiva, e soltou a língua, pro diabo se estou pronta para contar para as pessoas... e agora ela quer sentir que pode ir nadando para o pôr do sol com o James e sem culpa... então

estala o dedo e obriga você a assumir uma posição na qual não tem escolha nenhuma, tem de perdoar-lhe.

Eu não havia visto dessa maneira. Mas de certa forma Nina tinha razão.

— Não estou me sentindo incomodada pelo que Clare fez — eu disse, mesmo sabendo no fundo do meu coração que aquilo era verdade só em parte. — O que realmente tem me incomodado...

— O que é?

Mas de repente eu não conseguia mais falar. A sensação de nudez tinha voltado e apenas balancei a cabeça e virei-me de costas para calçar as meias.

O que eu ia dizer, antes de perder a coragem, era: até onde James sabia? Será que ele tinha concordado com aquele plano?

— Podemos ir — disse Nina tranquilamente, abotoando a calça jeans e se levantando para espreguiçar todos os seus um metro e oitenta e cinco de altura.

— Nós podíamos partir de carro na direção do pôr do sol e deixar Clare e Flo compartilharem a loucura.

— E o Tom.

— Ah, é, e o Tom.

— Nós podíamos mesmo, não podíamos...?

Era uma imagem atraente e pensei nela um minuto enquanto Nina escovava o cabelo.

Mas não podíamos não. E eu sabia que não. Ou melhor, *eu* não podia fazer isso.

Se eu tivesse dito não antes de chegar àquele lugar, era uma coisa. Mas recuar agora, na metade da despedida de solteira... Isso só teria uma interpretação. Eu podia imaginar todos eles especulando depois que eu fosse embora: *pobre Nora, pobre vaca, ela ainda está tão agarrada ao James que estragou a despedida de solteira da Clare porque não conseguiu ficar feliz por ela*.

E o pior de tudo: *ele* ficaria sabendo. Agora eu via os dois no apartamento perfeito deles em Londres, abraçados na cama, Clare suspirando de preocupação por mim. *Estou preocupada, James, é como se ela jamais tivesse superado o fim do namoro de vocês.*

E ele... e ele...

Descobri que estava de punhos cerrados e que Nina olhava para mim com ar de curiosidade. Tive de relaxar conscientemente e dei uma risada que soou falsa.

— Ah, se pudéssemos... Mas não podemos. Seria um *foda-se* muito forte depois da ida de Melanie.

Nina olhou para mim por um bom tempo e muito séria, depois balançou a cabeça.

— Está bem. Acho que você é meio masoquista. Mas tudo bem.

— É só mais uma noite. — Agora eu estava tentando me convencer. — Posso aguentar mais uma noite.

— Está bem. Que seja mais uma noite.

14

Ah, se eu tivesse ido. Ah, se tivesse ido embora naquela hora.

Eu queria dormir, mas não consigo, nem com o clique e o ronco baixinho do aplicador de morfina. Fiquei lá deitada e acordada, ouvindo vozes no corredor, o policial e a policial conversando em voz baixa sobre o que tinha acontecido, e aquela palavra que ficou ecoando na minha cabeça: *Assassinato. Assassinato. Assassinato*.

Será que é verdade? Isso pode ser verdade?

Quem morreu?

Clare? Flo? *Nina?*

Meu coração parou de bater. Nina não. Não a linda, vital e vibrante Nina. Por favor...

Eu preciso lembrar. Preciso tentar lembrar o que aconteceu depois. Sei que assim que amanhecer eles virão aqui fazer perguntas. Estão esperando lá fora que eu acorde, estão esperando para falar comigo.

Eu preciso saber direito a minha versão dos acontecimentos até lá.

Mas o que foi que aconteceu depois? Os acontecimentos daquele dia rodopiavam e se acumulavam dentro da minha cabeça, uns misturados com os outros, emaranhados, verdade e mentiras embaraçadas. Restam poucas horas para eu tentar resolver isso.

Então vou passo a passo. O que aconteceu depois?

Ponho a mão no ombro, na mancha roxa que está aumentando.

15

Quando Nina e eu descemos, Flo tinha parado de chorar e se limpado, estava comendo torrada com geleia, evidentemente decidida a fingir que nada tinha acontecido.

— Tem café? — Nina perguntou inocentemente, mas eu sabia, pelo seu tom, que estava só alfinetando.

Flo levantou a cabeça muito triste e o lábio tremeu de novo.

— Eu... eu esqueci, lembra? Mas prometo que vou comprar hoje quando formos para a área de tiro ao alvo.

— *O quê?*

Nós duas olhamos assustadas para Flo, que deu um sorriso molhado e tremelicante.

— É, eu queria fazer surpresa. Nós vamos atirar em pratos de argila.

Dei uma risada curta, chocada. Nina não se mexeu.

— É sério?

— Claro. Por quê?

— Porque... é que... numa despedida de solteira? Tiros?

— Achei que seria divertido. Meu primo fez isso na despedida dele.

— Sim, mas...

Nina parou de falar e pude ver os pensamentos passando pela sua cabeça com a mesma clareza que teriam se estivessem escritos na sua testa com fita de telégrafo: *Por que não podemos ir para um bendito spa e depois ir dançar numa boate como pessoas normais? Por outro lado, ela não poderia nos obrigar a usar boás de penas cor-de-rosa num campo de tiro, certo? Então, podia ser pior.*

Fiquei imaginando também se ela não estava pensando na Colômbia. Nos feridos de bala que tinha tratado por lá havia pouco tempo.

— Hum... Ok — ela respondeu finalmente.

— São como pratos de barro — Flo descreveu animada. — Então não precisa se preocupar se for vegetariana e contra esportes sanguinolentos.

— Eu não sou vegetariana.

— Eu sei. Mas se fosse.

— Eu não sou vegetariana. — Nina revirou os olhos e foi até o cesto de pão, à procura de mais pão para torrar.

— Pensei que teríamos um lugar para fazer um lanche por aqui... com algumas brincadeiras, talvez? Preparei um jogo de perguntas e respostas!

Nina fez uma careta teatral.

— Depois podemos sair. E voltar para uns drinques e curry.

— Curry?

Nós nos viramos e vimos Tom descendo a escada de pijama e robe aberto, esfregando os olhos. A calça do pijama estava amarrada bem baixa, quase não passava dos ossos do quadril, e uma área impressionante de músculos estava exposta.

— Tim, odeio ter de dizer isso, mas você esqueceu a camisa — disse Nina. — Acho que devia vestir uma. Não vai querer tentar a pobre Nora além do que ela consegue aguentar.

Joguei uma casca de torrada nela. Ela se esquivou e a casca bateu em Flo.

— Ops! Desculpe, Flo.

— Parem com isso vocês dois! — ralhou Flo.

Tom só bocejou, mas amarrou o cinto do robe e piscou para mim.

— Então, quais são os planos para hoje? — perguntou ele pegando uma torrada do prato que Flo tinha empurrado na direção dele.

— Atirar — disse Nina, muito séria.

As sobrancelhas de Tom quase desapareceram sob o cabelo.

— O que você disse?

— Atirar. Parece que essa é a ideia que Flo tem de uma boa farra.

Flo olhou para Nina sem saber ao certo se ela estava curtindo com a cara dela ou não.

— *Na verdade* é tiro a alvos móveis — ela disse em tom desafiador. — E é divertido!

— Ok. — Tom mastigou a torrada e olhou em volta da mesa. — Eu fui o último a acordar? Ah... não. Melanie continua dormindo, imagino?

— Melanie... — Flo começou a explicar indignada, mas naquele momento Clare chegou da sala de estar e respondeu, elevando a voz com firmeza e abafando a de Flo:

— Melanie precisou ir — disse ela. — Coisas da família. Não se preocupe, Tom, Nina ou eu daremos uma carona para você até Newcastle. Mas a notícia boa é que agora todos nós cabemos num carro só, por isso não precisamos nos preocupar com a navegação. Eu vou dirigindo e Flo pode nos orientar, já que sabe onde fica.

— Ótimo — disse Nina. — Súper. Podemos cantar juntos “Dez Garrafas Verdes” e brigar no banco de trás do carro. Mal posso esperar.



— Ok, então acho que é hora do jogo — disse Flo.

Ela se torceu na cadeira para olhar para mim, para Nina e para Tom atrás dela. Eu estava espremida no meio e já enjoada, porque a fortíssima loção após barba do Tom não ajudava. Ou talvez fosse o perfume da Clare. Era difícil saber naquele espaço confinado. Eu queria abrir uma janela, mas estava nevando e o aquecimento, ligado no máximo.

— É Clare contra vocês, meninos — continuou Flo. — Dedos nos botões, por favor, para o primeiro round.

— Espere, espere — berrou Nina. — Perguntas sobre o que e qual é o prêmio?

— Perguntas sobre James, é claro — disse Clare do banco da frente, achando graça. — Certo, Flops?

— Claro! — disse Flo, dando risada.

Eu sentia cada vez mais vontade de vomitar.

— Prêmio... eu não sei. Glória? Ah, não, já sei. A equipe que perder pode usar isso o resto do dia!

Ela remexeu na mochila e tirou um punhado de roupas íntimas reduzidíssimas, marcadas com a frase Eu ♥ JAMES COOPER no bumbum.

Senti todos os músculos do meu corpo enrijecendo de raiva. Nina tossiu e olhou para mim com simpatia.

— Hum, Flo... — disse ela sem graça, mas Flo seguiu feito trator.

— Não se preocupem! É por cima das calças, ou na cabeça, alguma coisa assim. Certo, primeira pergunta. Essa é para a equipe do banco de trás, com um ponto extra para Clare por qualquer erro de cada um de vocês. Qual é o nome do meio do James?

Fechei os olhos lutando contra aquele enjoo de viagem e ouvi Nina e Tom discutindo a resposta.

— Tenho quase *certeza* de que começa com C — Tom estava dizendo. — Então estou achando que é... Chris?

Karl. Com K.

— Não é — insistiu Nina. Tem a ver com a Rússia. O pai dele era professor de política russa. Theodor. Ou... Qual é o primeiro nome do Stalin?

— Joseph. Mas eu tenho *certeza* de que não é Joseph. Além do mais, quem daria o nome do *Stalin* para o filho?

— Tudo bem, então não é o Stalin. Fale o nome de outro russo famoso.

Cerrei os dentes. *Karl.*

— Dostoievski? Lenin? Marx?

— Marx! — berrou Nina. — É Karl. Tenho certeza.

Apesar da minha náusea crescente, tive de sorrir um pouco diante da competitividade dela. Nina era incapaz de perder qualquer coisa — uma discussão, um jogo de tabuleiro —, muitas vezes tinha dito que era por isso que não praticava nenhum esporte competitivo, porque não suportava perder para *alguém*, mesmo que esse alguém fosse Usain Bolt.

— Essa é sua resposta final? — Flo perguntou séria.

Continuava de olhos fechados, mas senti Nina meneando a cabeça vigorosamente ao meu lado.

— Karl. Com K.

— Correto! Segunda pergunta. Qual é o signo do James?

— Ele é do final do ano — disse Nina logo de cara. — Lembro disso. É definitivamente setembro ou outubro.

— Não, eu acho que é agosto — disse Tom. — Tenho certeza de que ele é de agosto.

Os dois ficaram discutindo amigavelmente, trocando provas, até que Nina disse:

— Nora, o que você... Espere aí, você está bem? O seu rosto está meio verde.

— Estou enjoada — eu disse.

— Ah, meu Deus.

Nina se encolheu, quase fisicamente, mas havia um limite na distância que podia tomar no estreito banco de trás do carro.

— Alguém abre uma janela aí. Tom. Tom, abre a sua também. — Ela me cutucou e disse: — Abre os olhos. Olhar para a estrada ajuda, tem alguma coisa a ver com dar ao seu cérebro a informação de que você está andando de carro.

Abri os olhos com relutância. Flo sorria de orelha a orelha no banco da frente. Clare dirigia o carro calmamente, e deu para ver no retrovisor que sorria como se estivesse se divertindo. Ela me viu olhando para ela um instante e o sorriso encolheu. Por um segundo, apenas um segundo, tive vontade de dar um tapa naquele rosto lindo e perfeito.

— Tenho *certeza* de que é agosto — Tom repetiu. — Lembro de ter ido ao baile do final das aulas com ele e com Bruce.

— Ah, pelo amor de Deus... — reclamei. — É dia 20 de setembro. Não faço ideia de qual signo é.

— Virgem — disse Tom na mesma hora.

Parecia que ele não tinha ligado para a minha irritação.

— Tem certeza da data, Nora?

Fiz que sim com a cabeça.

— Muito bem, Virgem. Essa é a nossa resposta.

— Dois pontos para a equipe do banco de trás! — disse Flo animada. — Clare, você vai ter de alcançá-los. Próxima pergunta: qual é a comida preferida do James?

Eu queria fechar os olhos, mas não tinha coragem. Aquilo era tortura.

Olhei para o meu colo, desviando da Clare, e enfiei as unhas na palma da mão, procurando me distrair da náusea e das lembranças que estavam chegando sem convite. Tive uma visão muito clara de James espalhado na cama depois das aulas, comendo um pote de tangerinas. Ele adorava essas coisas. Por um momento, o aroma veio forte nas minhas narinas — o cheiro penetrante e doce, o cheiro do quarto dele. Eu adorava tangerinas, adorava o cheiro delas nas mãos dele, encontrando as cascas no bolso da sua calça. Hoje eu nem chego perto.

— Curry panang? — disse Tom em dúvida, e Flo fez uma careta.

— *Quase...* mas só posso dar meio ponto por isso. Panang com...?

— Tofu — Tom se apressou em dizer.

Flo fez que sim com a cabeça.

— Três pontos! Mais duas perguntas e depois é a vez da Clare. Pergunta número quatro. Com que peça James estreou no West End?

— West End em que sentido? — perguntou Tom. — Quero dizer, você está contando o National como West End? Porque eu não contaria.

Houve uma discussão cochichada entre Flo e Clare no banco da frente, e Flo virou-se de novo para trás.

— Tudo bem, vou refazer a pergunta, é estreia em *Londres.*

Eu tinha procurado James no Google uma vez. Só uma vez. O Google ficou cheio de fotos dele, imagens dele fantasiado, no palco, fotos de publicidade, fotos dele sorrindo em eventos de caridade e noites de estreia. As que eu não suportava eram aquelas em que ele olhava diretamente para a câmera, diretamente da tela, para mim. Quando rolei para ver uma em que ele estava nu no palco, em *Equus*, fechei o browser com as mãos trêmulas, como se tivesse me deparado com alguma coisa violenta ou obscena.

Tom e Nina trocavam informações por cima da minha cabeça.

— Nós achamos que foi uma substituição em *The History Boys* — Nina disse.

Flo deu um suspiro.

— Ooooh! Passou perto. Sinto muito, mas esse foi o *segundo* papel dele. Passo para Clare.

— *Vincent in Brixton* — disse Clare. — Um ponto para mim.

— Nunca ouvi falar — disse Nina.

Tom se debruçou por cima de mim e deu um soco nela.

— Ganhou o prêmio Lawrence Olivier de Melhor Peça Nova! *E* um prêmio Tony.

— Nunca ouvi falar disso também. Quem é Tony?

— Meu Deus! — Tom levantou as mãos. — Estou num carro com uma porra de uma filisteia.

— Ok — disse Flo em voz alta, mais alta do que a deles. — Quinta e última pergunta antes de passar para Clare. Quando e onde James pediu Clare em casamento?

Fechei os olhos outra vez e fiquei escutando o coro de protestos de Tom e de Nina.

— Isso não vale!

— Deviam pelo menos ser coisas que Clare não tem *chance* de saber.

— Ele fez o pedido no aniversário dela — disse Tom. — Isso eu sei. Porque eles vieram almoçar comigo e com Bruce no dia seguinte e Clare estava exibindo aquele anel. Onde está ele, Clare?

— Ah, eu...

Ouvi Clare se mover no banco e se atrapalhar para mudar a marcha quando passamos por uma linha de trem rápido demais.

— Eu deixei em casa. Para falar a verdade, ainda não me acostumei a usar e vivo em pânico com medo de perder.

— Quanto ao lugar... — deu para ouvir a expressão de dúvida na voz de Tom. — Vou dar só um palpite na sorte e dizer, J. Sheekey?

— Aaah, tão perto! — Flo engoliu ar. — O aniversário está certo, mas foi no bar da Southbank. Sinto muito, meio ponto aí. Então... foram três pontos e meio para vocês e um ponto e meio para Clare.

— Algumas perguntas foram pegadinhas — resmungou Tom —, mas nós vamos nos vingar.

— Certo, segunda rodada, primeira pergunta para Clare. Como era o nome do primeiro animal de estimação do James?

— Caramba... — Clare parecia atordoada. — Eu acho que era um hamster, mas sinceramente não sei.

— Equipe do banco de trás?

— Não tenho ideia — disse Nina. — Nora?

Ela fez a gentileza de soar inconveniente, como se soubesse que aquilo era muito doloroso para mim. Eu sabia. Mas não ia contar para eles de jeito nenhum. Apenas balancei a cabeça.

— Um porquinho-da-índia chamado Mindy. Zero ponto. Segunda pergunta. Quem é a celebridade feminina preferida de James?

Clare explodiu numa gargalhada.

— Ok, por respeito próprio, vou dizer que é a pessoa que mais se parece comigo. Que é... Meu Deus, com quem eu pareço? A gente sempre parece

equivocada, qualquer coisa que diga. Muito bem, ele gosta de mulheres fortes, mulheres engraçadas. Eu vou dizer... Billie Piper.

— Você não parece nada com a Billie Piper! — protestou Nina. — Exceto que as duas são louras.

— Bem, não é a Billie Piper — disse Flo. — É... — Ela consultou a folha de papel. — Nossa, não tenho ideia de quem seja. Jean, como se diz? Morrow? Clare?

— Também nunca ouvi falar dela. É atriz de teatro, Tom?

— À direita aqui — interrompeu Flo, e viramos a esquina com uma guinada nauseante.

— Jeanne Moreau — disse Tom. — É uma atriz francesa. Ela fez aquele filme do Truffaut, *Jules et Jim*, acho. Mas não sabia que era a atriz preferida do James.

— Bem, não a chamaria de celebridade — resmungou Clare quando nos lançamos numa ponte corcunda e ganhamos velocidade.

A sensação de náusea aumentou de novo.

— Próxima pergunta.

— Qual é a grife de roupas que James prefere?

Grife de roupa preferida? O James que conheci teria rido da própria sugestão. Fiquei imaginando se era uma pegadinha e se Clare ia dizer Oxfam.

Clare batucou os dedos na direção, pensando.

— Estou em dúvida entre Alexander McQueen — disse ela finalmente — e Comme des Garçons. Mas vou escolher... McQueen. Principalmente porque ele costuma usar McQueen.

Ah, sei.

— Correto! — disse Flo. — Bem, o que diz mesmo é “se vamos falar de pessoas que acho legais, então provavelmente é Vivienne Westwood, mas se estamos falando dos que eu uso então é McQueen”. Por isso acho que conta. Quarta pergunta, qual parte do corpo... — ela começou a rir — ... James cortou sem querer quando tinha dez anos numa aula de marcenaria?

— Ele arrancou um pedaço da articulação da mão — disse Clare imediatamente. — A cicatriz ainda está lá.

Fechei os olhos com mais força. Lembrava-me muito bem daquela cicatriz, um círculo branco na articulação do dedo mindinho e uma longa linha prateada subindo pelo lado de fora do pulso, pálida contra o bronzeado dele. Lembro-me de ter beijado aquela linha toda, subindo pelo braço até a dobra suave dentro do cotovelo, e de James lá deitado, duro e tremendo, tentando não rir quando meus lábios passavam de leve na pele macia e cosquenta da parte interna do braço.

— Correto! — disse Flo. — Você está indo bem. Empatou. São três pontos e meio para todos. Então essa última pergunta é que vai decidir. Se Clare acertar,

ela ganha e vocês usam as calcinhas. Por isso, toque de tambor. Com que idade James perdeu a virgindade?

A náusea subiu para a minha garganta e abri os olhos.

— Pare o ca-carro.

— O quê? — Clare olhou para mim pelo espelho. — Meu Deus, Lee, você está verde.

— Pare o carro. — Cobri a boca com a mão. — Eu vou...

Não pude dizer mais nada. Apertei os lábios e respirei só pelo nariz enquanto Clare parava o carro com um tranco, então passei por cima do colo de Nina e me abaixei no acostamento cheio de neve, com as mãos nos joelhos, tremendo com a estranha ressaca da náusea.

— Você está bem? — ouvi a voz aflita de Flo atrás de mim. — Quer que eu faça alguma coisa?

Eu não podia falar. Só balancei a cabeça veementemente, desejando que ela fosse embora. Desejando que *todos* eles fossem embora.

— Você está bem, Lee?

A voz de Clare flutuou pela janela aberta.

Nora, pensei, com raiva, *sua vaca estúpida*. Mas não falei nada. Só esperei a minha respiração soluçante voltar ao normal e a náusea diminuir.

— Você está bem, Nora? — Era Nina ao meu lado, com a mão no meu ombro.

Fiz que sim com a cabeça e me levantei bem devagar, respirando fundo, ainda tremendo. Senti o ar gelado dentro dos pulmões, mas era um frio de limpeza, um alívio depois do calor abafado do carro.

— Estou. Desculpem, eu só fiquei meio... Acho que foi porque sentei no banco de trás.

— Acho que foi a droga do jogo enjoativo da Flo — disse Nina.

Ela não se deu ao trabalho de falar em voz baixa, e eu fiz uma careta pela Flo, olhei para trás para pedir desculpas, mas ou Flo não tinha ouvido ou então nem ligou. Estava batendo papo com Clare, sem se preocupar com nada.

— Flo — disse Nina, virando-se para o carro —, acho que a Nora deve sentar na frente, tudo bem?

— Ah, sim! Tudo bem, sim! Tudo! Nora, pobrezinha! Você devia ter falado que não estava se sentindo bem.

— Eu estou bem — disse friamente, mas sentei na frente, no lugar que era da Flo, ao lado de Clare, que olhou para mim com simpatia e retrucou quando Flo exclamou entusiasmada do banco de trás:

— Certo! Vamos continuar o jogo!

— Acho que vamos deixar no empate, está bem, Flops? Acho que todo mundo já brincou bastante.

— Ah. — Flo ficou séria, decepcionada, e não pude deixar de sentir pena dela.

De quem quer que fosse a culpa de toda aquela confusão, não era dela. Seu único crime era tentar ser boa amiga de Clare.

16

— Leonora!

Havia uma mão me balançando, para me acordar.

— Leonora, eu vou precisar que você acorde, querida. Leonora.

Sinto dedos puxando minhas pálpebras e uma luz ofuscante, brilhante demais, na frente dos olhos.

— Ai!

Pisco e recuo, e a mão solta o meu queixo.

— Desculpe, querida, está acordada agora?

O rosto está aflitivamente perto, os olhos fixos nos meus. Pisco de novo e depois faço que sim com a cabeça.

— Sim. Sim, estou acordada.

Não sei quando foi que adormeci. Parecia que tinha ficado acordada a metade da noite, vendo as silhuetas dos policiais através do vidro, coisas passando na minha cabeça, procurando me lembrar. O tiro nos alvos móveis de barro. Aquilo era a mancha roxa do ricochete da arma. Devia me lembrar de contar isso para a polícia... Se ao menos conseguisse manter as coisas ordenadas na cabeça.

Mas quanto mais próximas as coisas ficam do que... do que aconteceu, seja o que for, mais imprecisas se tornam. O que realmente aconteceu? Por que estou aqui?

Devo ter falado as últimas palavras em voz alta, porque a enfermeira deu um sorriso gentil.

— Você esteve num acidente de carro, meu amor.

— E eu estou bem?

— Está, nenhuma fratura. — Ela era uma agradável imagem embaçada de Northumberland. — Mas você machucou bastante seu pobre rosto. Você tem lindos olhos roxos, mas nenhuma fratura. Mas foi por isso que tive de acordá-la. Temos de fazer exames em certos intervalos, só para garantir que você não teve nada durante a noite.

— Eu estava dormindo — eu disse estupidamente, então esfreguei o rosto.

Doía como se eu tivesse caído de uma janela, de cara no chão.

— Cuidado agora — disse a enfermeira. — Você está com alguns cortes e equimoses.

Esfreguei os pés e senti sujeira, aspereza e sangue. Eu me sinto imunda. Preciso fazer xixi.

— Posso tomar um banho? — pergunto.

Minha cabeça está rodando.

Há um banheiro no canto do quarto, eu consigo ver. A enfermeira olha para o prontuário no pé da cama.

— Vou perguntar para o médico. Não estou dizendo que não, só quero me certificar.

Ela se vira para ir e eu avisto a silhueta do lado de fora da porta e me lembro da conversa que ouvi aquela noite. Tem uma qualidade de pesadelo. Será que foi verdade mesmo? Eu realmente ouvi o que pensei que ouvi, ou será que sonhei?

— Espere — peço. — Espere, a noite passada ouvi as pessoas aí fora...

Mas ela já tinha ido, a porta bateu depois que saiu, com uma lufada de cheiro de comida e barulhos do corredor. Quando ela sai, a policial segura seu braço e ouço uma conversa das duas, vejo a enfermeira balançando a cabeça enfaticamente.

— Ainda não... — ouço — ... permissão do médico... tem de esperar.

— Acho que você não entendeu. — A voz da policial é baixa, mas o tom é cristalino e claro como o de um locutor de notícias, e as palavras dela filtram através do vidro bem mais distintas do que o sotaque arrastado da enfermeira. — que isso agora é investigação de assassinato.

— Ai, não! — a enfermeira exclama chocada. — A pobrezinha não fez isso, então?

— Não.

Então é verdade. Eu não imaginei. Não foi produto de morfina demais e da minha cabeça machucada.

É verdade.

Faço um esforço para recostar-me nos travesseiros, com o coração batendo na garganta, e no monitor à minha esquerda vejo a pequena linha verde pulando aos trancos de pânico contra a linha reta.

Alguém está definitivamente morto.

Alguém está *morto.*

Mas quem?

17

— Bem-vindos à floresta de Tuckett — disse o homem com um sotaque australiano meio entediado.

Era bronzeado e boa-pinta, achei que lembrava um pouco Tom Cruise. E pelo jeito que Flo olhava para ele com seus olhos verdes arregalados e a boca meio aberta, deu para perceber que eu não era a única que via essa semelhança.

— Meu nome é Grig e serei o instrutor de vocês aqui hoje.

Ele parou de falar, pareceu que estava contando cabeças, e então disse:

— Esperem aí, eu tenho seis aqui na reserva. Alguém está ausente sem licença oficial?

— Sim — disse Flo irritada. — Alguém certamente está ausente. Nem tem prêmio para os que adivinharem em quem estarei pensando na hora que abrir fogo.

— Então somos cinco hoje? — disse tranquilo o instrutor, parece que sem notar o aborrecimento tenso de Flo. — Tudo bem. Certo. Antes de mais nada, tenho de falar das suas precauções de segurança...

Ele iniciou um longo discurso sobre protetores de ouvido, álcool, as responsabilidades do porte de arma e assim por diante.

Uma vez dito isso, sim, éramos todos iniciantes, não, nenhum de nós tinha porte de arma, e, sim, todos tínhamos mais de dezoito anos de idade e estávamos sóbrios, assinamos um longo contrato de acordo e marchamos para a parte de trás do centro que dava para fora, onde o instrutor nos examinou.

— Só posso dizer que ainda bem que nenhum de vocês está usando boás de penas cor-de-rosa e toda aquela parafernália. Vocês não acreditariam nos problemas que temos com os grupos de despedida de solteiro. Você — ele apontou para Flo — é Flo, não é? Seu casaco é um pouco fino. É melhor usar uma coisa mais grossa para se proteger do coice.

Ele remexeu num baú que havia atrás dele e tirou de dentro uma jaqueta acolchoada. Flo fez uma careta, mas vestiu.

— Desculpe, mas preciso perguntar — ela disse enquanto fechava o zíper —, o seu nome é Grig mesmo? Ou é um apelido?

— Não, Grig. Abreviação de Grigory.

— Ah, é *Greg* — disse Flo, e riu meio alto demais.

Greg olhou para ela estranhando.

— É, Grig, foi o que eu disse. Agora uma coisa que devem lembrar — ele continuou, pegando uma espingarda aberta e pondo em cima da mesa de cavaletes — é que isso é uma arma feita para matar. Nunca se esqueçam disso. Tratem-na com respeito e ela os tratará com respeito. Façam bobagens com ela e logo vocês é que serão alvos dessas bobagens. E o mais importante de tudo, nunca, nunca apontem a arma para ninguém, carregada ou não. E se algum tiro falhar, não metam o olho no tambor para ver o que aconteceu. Tudo isso parece muito simples, mas ficariam surpresos de saber quanta gente não obedece a essas simples precauções de segurança.

"Certo. Agora vamos ver o básico de carregar, fechar e abrir a arma, depois vamos lá para fora experimentar alguns alvos móveis. Se quiserem perguntar alguma coisa, é só gritar. Agora a primeira munição que vamos usar hoje..."

Todos nós ficamos ouvindo em silêncio enquanto ele falava das tecnicalidades, as bobeiras da viagem de carro tinham acabado. Fiquei contente de ter alguma coisa em que me concentrar, contente de parar de pensar sobre Clare e James, e tive a impressão de que os outros sentiam a mesma coisa, pelo menos a maioria. Nina e Clare tinham mudado de assunto quando Flo tentou iniciar uma conversa sobre os planos de lua de mel. Tom não disse nada e passou a maior parte do resto da viagem de carro batucando em seu BlackBerry, mas vi quando ele olhava rapidamente para mim e para Clare, e percebi que estava arquivando tudo aquilo.

Se você escrever sobre isso, pensei, *eu te mato*. Mas não falei nada, só meneei a cabeça quando Greg disse alguma coisa sobre alvos móveis lançados automaticamente.

Finalmente o papo terminou e seguimos Greg marchando para fora da cabana, para a floresta esparsa de pinheiros, com nossas armas abertas e apoiadas nos braços.

— Ei, se você gostar disso, talvez seja bom botar uma espingarda na lista de presentes de casamento! — Flo disse para Clare, e deu uma risada escandalosa. — Casar sob a mira de uma arma no sentido mais literal, não é?

Clare riu.

— Acho que James me mataria se eu começasse a inventar coisas com a lista de presentes agora. Levamos quase um dia inteiro na John Lewis para reduzi-la ao que temos agora. Vocês não iam acreditar nas discussões que tivemos, só para escolher uma cafeteira levamos duas horas. Um aval de Heston Blumenthal é vantagem ou desvantagem? Precisamos de um batedor de leite? Devemos comprar uma com moedor ou uma daquelas que usam cápsulas...?

— Ah, com moedor, certamente? — interrompeu Tom. — George Clooney

pode falar o que quiser, mas as cápsulas são tão anos 2000... São as balas de gás para fazer soda *de nos jours*. Chamam a atenção, mas são fundamentalmente inúteis e inconvenientes.

— Você fala igualzinho ao James! — disse Clare. — Só que as que têm moedor são muito boas, mas o que você faz quando o moedor quebra? Esse era o meu argumento. Você fica com uma máquina inútil. Mas se você tiver um moedor separado...

— É verdade, é verdade — disse Tom, meneando a cabeça. — Então, o que você resolveu?

— Bem, sou mais de chá, como você sabe. O James é o mago do café. Por isso eu dei o voto para ele, e ele escolheu a Sage de Heston Blumenthal com moedor.

— Bruce viu uma dessas no ano passado. Coisa pesada. E pelo que lembro, custava quase seiscentas libras, não é?

— Por aí — concordou Clare.

Nina olhou para mim e ficou vesga. Tentei manter minha cara inexpressiva, mas meu coração estava com ela. Seiscentas libras por uma máquina de café? Eu gosto de café, mas seiscentas libras? E ainda por cima numa lista de presentes. Eu sabia que ela não tinha essa intenção, mas havia algo de ofensivo na suposição casual de Clare segundo a qual as pessoas deviam gastar tudo isso com ela. Ou que deviam querer isso.

Ou talvez fosse James que pensava assim.

A ideia provocou um gosto ruim na minha boca.

— Certo — disse Greg quando as árvores começaram a rarear até chegarmos a uma grande clareira gramada.

Havia um pequeno muro de concreto na outra extremidade.

— Todos parados aqui. Agora o tipo de munição que vamos usar hoje — disse Greg com jeito de alguém que recita um texto bem conhecido — é 7.5. Serve para um bom tiro de meia distância, qualquer que seja o tipo de lançamento dos alvos móveis. Esse — ele ergueu um projétil — é um projétil 7.5 com a bala propriamente dita concentrada na ponta — ele bateu na ponta redonda —, a bucha no meio e a pólvora e o breu nessa ponta de metal aqui. Agora, antes de continuarmos, vou mostrar os efeitos dessa bala calibre 7.5 num corpo humano.

— Não vá pedir voluntários! — Flo cantarolou.

Greg olhou para ela com cara de paisagem.

— Gentileza sua de se oferecer, minha jovem.

Flo deu uma risada nervosa. Parecia surpresa, mas ao mesmo tempo excitada.

— Na verdade, devia ser a noiva! — protestou ela quando Greg fez sinal, mas de qualquer jeito foi ficar ao lado dele, rubra e cobrindo o rosto para fingir

medo.

— Certo. Então a Flo aqui gentilmente se ofereceu para me ajudar a demonstrar os efeitos de uma cápsula carregada à queima-roupa. — Ele parou de falar um segundo e piscou um olho. — Mas não se preocupem que ela não vai estar na linha do tiro. O que eu tenho aqui — ele segurou uma folha grande de papel com o desenho de um corpo em preto — é um alvo de papel, mais usado para a prática de tiro com revólveres.

Enfiou a mão no bolso, tirou umas tachinhas e pregou o alvo de papel numa árvore próxima. A casca da árvore tinha bolhas e marcas de tiros, e não foi difícil imaginar o que ia acontecer depois.

— Todos para trás, por favor. Ponha os protetores de ouvido, Flo.

— Eu me sinto como uma DJ! — disse Flo, com um largo sorriso, quando botou os fones de ouvido de neon sobre as orelhas.

— Agora estou carregando a arma com a cápsula — ele enfiou a bala no lugar — e fechando o tambor, como já demonstramos lá no centro. Flo, venha até aqui e fique na minha frente. Certo, ponha a arma no ombro.

Greg segurou a arma encostada nela para firmar e equilibrar no lugar. Flo deu uma risadinha meio histérica.

— O nosso Greg é bem atraente, não é? — Tom sussurrou no meu ouvido. — Eu não me importaria se ele corrigisse a minha postura. Flo certamente não está com cara de quem vai reclamar.

— Segure firme — disse Greg. — Agora, ponha o dedo no gatilho.

Ele segurou a mão de Flo, firmando o cabo e o tambor contra ela.

— E aperte o gatilho suavemente. Nada de movimentos bruscos...

Ouvimos um estalo ensurdecedor, Flo soltou um guincho e cambaleou para trás, contra o peito de Greg, e o papel na nossa frente explodiu em pedaços.

— Meu Deus! — exclamou Tom.

Eu tinha visto tiro ao alvo em filmes americanos — buracos pequenos e limpos, perto do centro do alvo no desenho. Mas aquilo era outra coisa. O tiro atingiu o papel bem no peito, e a parte central ficou praticamente toda destruída. Enquanto olhávamos, as pernas se soltaram e flutuaram suavemente até o chão coberto de folhas.

— Isso.

Greg tirou a arma da mão de Flo e veio para perto de nós. O rosto da Flo, que trotou ao lado dele, era um misto de alarme e excitação, com as bochechas vermelhas. Eu não sabia ao certo se era a emoção da explosão ou se, como Tom havia sugerido, ela estava gostando da atenção exclusiva de Greg.

— Como vocês podem ver — continuou Greg —, esse único tiro à queima-roupa provocou um estrago considerável. Se o alvo fosse uma pessoa, duvido

que conseguisse chegar até a recepção, que dirá ao hospital mais próximo. Então a moral disso, senhoras e senhores, é: respeitem a sua arma. Ok. Alguma pergunta?

Balançamos a cabeça, mudos. Só Flo estava exultante. Nina parecia decididamente abatida. Lembrei-me dos ferimentos a bala que ela havia tratado com os médicos sem fronteiras e imaginei o que devia estar pensando.

Greg meneou a cabeça como se estivesse satisfeito, e todos marchamos em silêncio atrás dele para atirar nos alvos móveis.

18

— Aquilo foi muito divertido! — Flo caiu de costas no sofá e tirou as botas.

As meias dela eram cor-de-rosa e felpudas. Ela sacudiu a neve do cabelo. Recomeçara a nevar no caminho de volta para a casa.

— Aquilo foi perfeito! Tom, você foi um exímio atirador!

Tom sorriu de orelha a orelha e caiu sentado numa poltrona.

— Eu costumava atirar muito com arco e flecha quando era adolescente. Acho que a técnica é parecida.

— Arqueiro? — Nina olhou incrédula para ele. — Como Robin Hood e seus companheiros? Você tinha de usar meia-calça?

— Como o que eles fazem nas olimpíadas — disse Tom.

Ele estava obviamente bem acostumado a ser provocado e quase não reagiu.

— Nada de meia-calça. Eu também fazia esgrima de competição. É muito saudável. Muito físico. Agora estou fora de forma.

Ele flexionou um bíceps e olhou para o músculo com uma suposta expressão de tristeza, mas a sugestão de certa satisfação transpareceu.

Nina fez cara de quem compreendia.

— Meu Deus, é mesmo, deve ser horrível ter peitorais do tamanho dos seios de uma adolescente e barriga de tanquinho para combinar. Não sei como o Bruce aguenta.

— Parem com isso vocês dois! — brigou Flo.

Clare observava do sofá mais distante e eu a olhava, lembrando que ela adorava observar, que lançava um comentário como uma pedra num poço e depois recuava discretamente para ver os círculos da reação das pessoas. Não era um hábito simpático, mas eu não podia condenar. Entendia bem demais. Também eu fico mais feliz observando do que sendo observada.

Clare virou a cabeça e me pegou olhando para ela enquanto observava Tom e Nina discutindo, então deu aquele seu pequeno sorriso de conspiração que dizia *estou te vendo*.

Olhei para o outro lado.

O que ela pretendia me convidando para aquela reunião? Nina encarava como uma tentativa de salvar sua consciência às minhas custas — o equivalente de um marido adúltero que confessa para a esposa.

Eu não. Não acho que Clare perdeu um segundo de sono quando se juntou ao James. E no meu caso, ela nem merecia a minha condenação. Ela não me devia nada. James e eu tínhamos terminado havia muito tempo.

Não. Eu achava que talvez... talvez ela tivesse apenas querido observar. Para ver como eu reagia. Talvez tivesse o mesmo motivo para expor Nina. Como uma criança que vê um formigueiro movimentado e simplesmente *não* consegue evitar cutucá-lo.

E depois elas recuam... E observam.

— E quanto a você, Lee? — disse Flo de repente, eu parei de olhar para Clare e interrompi minha divagação com um tranco.

— Desculpe, o que foi?

— Você gostou?

— Mais ou menos. — Esfreguei meu ombro e já sentia uma mancha roxa se formando. — Mas meu ombro está doendo.

— Você levou um tranco forte do coice daquele primeiro tiro, não foi?

O coice da arma me surpreendeu, bateu direto no osso do ombro, uma pancada que chegou a me tirar o fôlego.

— Antes de mais nada, você precisa segurar firme — disse Tom. — Você ficou assim, olha só.

Ele levantou os braços, tirou a espingarda do suporte na parede em cima da lareira, botou no ombro e mostrou a postura solta que tinha me custado a mancha roxa no ombro.

O cano da arma estava apontado diretamente para mim. Fiquei paralisada.

— Ei! — exclamou Nina.

— Tom! — Clare endireitou o corpo nas almofadas do sofá, olhando de mim para Tom e de volta para mim. — Abaixe isso!

Tom sorriu. Eu sabia que ele estava brincando, mas, contra a minha vontade, senti todos os músculos do corpo se retesando.

— Meu Deus, estou me sentindo como Jason Bourne — disse ele. — Posso sentir literalmente o poder subindo à cabeça enquanto falo isso. Humm... vamos interrogar algumas pessoas. Que tal isso para começar: Nora, por que, em todos esses anos que conheço Clare, ela nunca mencionou o seu nome?

Eu tentei falar, mas minha garganta ficou tão seca de repente que mal conseguia engolir.

— Tom! — Clare chamou com mais insistência. — Pode me chamar de paranoica, mas será que você deve mesmo ficar apontando essa coisa depois de todas as sábias palavras do Grig sobre o estrago que as armas provocam?

— Não está carregada — disse Flo, bocejando. — Minha tia usa isso para afastar os coelhos.

— *Mesmo assim* — disse Clare.

— Só estava brincando — disse Tom.

Ele deu outro sorriso de lobo mau, exibindo aqueles dentes artificialmente brancos, e depois abaixou o cano da espingarda e a pendurou de novo no suporte da parede.

Recostei-me novamente no sofá sentindo a onda de adrenalina indo embora e meus dedos desdobrando dos punhos cerrados. Minhas mãos tremiam.

— Rá, rá, rá — disse Clare.

Ela franziu a testa como alguém que não consegue enxergar nada de engraçado.

— A próxima vez que você quiser ficar apontando essa coisa por aí, faça o favor de não ter uma das minhas amigas do outro lado, ok?

Olhei para Nina agradecida, e ela revirou os olhos para mim como se dissesse "um idiota".

— Desculpe — disse Tom com gentileza. — Como eu disse, estava só brincando, mas peço desculpas se ofendi alguém.

Ele fez uma mesura na minha direção.

— Certo, e eu peço licença — disse Flo, bocejando mais uma vez. — É melhor eu começar a preparar o jantar.

— Quer uma mãozinha? — perguntou Clare, e o rosto de Flo se iluminou.

O sorriso dela era extraordinário — transformava seu rosto inteiro.

— Quer mesmo? Acho que você devia estar se comportando como a rainha do dia.

— Não vamos lá. Eu pico ou faço qualquer coisa assim.

Ela se levantou do sofá e as duas saíram da sala, Clare com o braço no ombro de Flo. Tom ficou olhando para elas enquanto se afastavam.

— Dupla estranha, não é? — disse ele.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Não consigo encaixar a Clare que eu conheço com a Flo. Elas são muito... diferentes.

Aquela observação não devia fazer sentido, já que as duas eram fisicamente muito semelhantes e estavam com roupas quase idênticas, calça jeans cinza e camiseta listrada. Mas eu sabia o que ele queria dizer.

Nina se espreguiçou.

— Só que elas têm um importante interesse em comum.

— Qual é?

— As duas acham que a Clare é o centro da porra do universo.

Tom bufou e eu tentei não rir. Nina só olhou de canto do olho preto e cintilante, com um sorrisinho maroto de canto de boca. Então se espreguiçou de

novo e deu de ombros, tudo junto num movimento fluido.

— Certo. Acho que vou ligar para na pobreza e na doença.

Nina sacou seu celular e fez uma careta.

— Não tem sinal aqui. Como está o seu, Lee?

Nora. Mas o número de vezes que eu podia corrigir as pessoas sem parecer obsessivamente controladora era limitado.

— Eu não sei — eu disse e apalpei os bolsos. — Esquisito. Não está aqui. Tenho certeza de que levei para o centro de tiro. Lembro que verifiquei meu twitter. Talvez tenha deixado no carro. Mas acho que também não teria sinal nenhum. Não vi uma barra inteira desde que cheguei aqui. Você conseguiu sinal do seu quarto mais cedo, não foi?

— É. — Nina tinha pegado a base do telefone fixo e estava chocalhando. — E esse continua mudo. Ok. Vou lá para cima me pendurar na varanda para tentar pegar uma barrinha ou duas. Quem sabe consigo mandar uma mensagem de texto.

— Que urgência é essa? — perguntou Tom.

Nina balançou a cabeça.

— Nada... Só que... você sabe. Estou com saudade dela.

— Justo.

Tom e eu observamos Nina desaparecer escada acima, as pernas compridas galgando os degraus de dois em dois. Tom suspirou e se esticou no sofá.

— Você não vai ligar para o Bruce? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Para falar a verdade, tivemos uns... desacordos, vamos dizer assim. Antes de eu vir para cá.

— Ah, certo. — mantive o tom neutro.

Nunca sei o que dizer nessas situações. Detesto que as pessoas se metam na minha vida, por isso suponho que os outros sintam a mesma coisa. Mas às vezes as pessoas querem desabafar, ao que parece, e então parecemos frios e sem jeito, parece que queremos distância de suas confidências. Eu procuro não fazer juízo de valor — não insisto em arrancar segredos e não rejeito confissões. O fato é que, apesar de uma parte de mim não querer mesmo ouvir suas ciumeiras medíocres e suas obsessões esquisitas, tem uma outra parte de mim que quer condená-los. É essa parte que fica lá meneando a cabeça, tomando nota, arquivando tudo aquilo. É como abrir a parte de trás da máquina para ver as peças funcionando lá dentro. Há uma decepção frente às banalidades que fazem as pessoas reagir, mas ao mesmo tempo há uma espécie de fascínio de ver como se movem as molas e engrenagens internas.

O problema é que no dia seguinte as pessoas quase sempre ficam ressentidas

conosco porque as vimos nuas e com a guarda baixa. Por isso sou propositadamente reservada e discreta, sempre procuro não estimulá-las. Mas por algum motivo isso não funciona. Vezes demais acabo pregada na parede em festas, ouvindo uma longa história sobre como fulano ou beltrana ferrou a vida deles, e então ele disse isso, e aí ela foi embora com ele, e depois a ex dele fez aquilo...

Você pensaria que as pessoas ficariam temerosas de desabafar assim com uma escritora. Pensaria que elas deveriam *saber* que somos basicamente abutres que bicam os cadáveres de casos mortos e discussões esquecidas para reciclá-los em nosso trabalho — reencarnações zumbis de suas identidades anteriores, costuradas em uma macabra colcha de retalhos que nós mesmos criamos.

Tom devia saber disso, mais do que ninguém. Mas não se deteve. Ele estava falando agora, com voz entediada e arrastada, que não disfarçava o fato de que era evidente que ainda estava zangado com o marido dele.

— ... O que você precisa entender é que Bruce deu ao James sua primeira grande chance, ele o dirigiu em *Black Ties, White Li*es lá atrás, em... Meu Deus, o quê...? Devemos estar falando aqui de sete, oito anos atrás? E talvez... quero dizer, eu não sei... eu nunca perguntei o que aconteceu, mas Bruce não era realmente famoso por sua castidade profissional. Não estávamos juntos naquela época, é claro. Mas naturalmente Bruce acha que James deve muito a ele, e talvez com a mesma naturalidade James pense que não. Eu sei que Bruce ficou bem zangado com a história de *Coriolanus* e com o fato de que Eamonn tomou as dores de James... E depois, quando aqueles boatos sobre Richard e ele começaram a circular, só havia um lugar de onde pudessem ter saído. Bruce jurou que nunca mandou aquela mensagem de texto para o Clive.

E Tom continuou falando, uma série de nomes e lugares que não significavam nada para mim, e peças de teatro que tinham deixado apenas um leve esboço de impressão na minha paisagem cultural. A política jorrou sobre mim, mas a conclusão foi clara: Bruce estava furioso com James e tinha um passado com ele, de algum tipo. Bruce não queria que Tom fosse para aquela despedida de solteira. E Tom foi.

— Então, de qualquer forma, que se dane — disse Tom por fim, disposto a mudar de assunto.

Eu não tinha certeza se estava falando sobre Bruce ou James. Ele foi até um aparador lateral que tinha algumas garrafas: gim, vodca, o resto patético da tequila da véspera.

— Quer beber alguma coisa? Um gim-tônica?

— Não, obrigada. Bem, talvez só uma água tônica.

Tom fez que sim com a cabeça, foi pegar gelo e limão e voltou com dois

copos.

— Vira, vira — disse ele, com rugas no rosto que faziam com que parecesse uns bons dez anos mais velho.

Dei um gole e engasguei. Tinha água tônica, mas também gim. Eu podia criar um caso, mas Tom ergueu uma sobrancelha com senso de oportunidade para comédia tão perfeito que só pude dar risada e engolir.

— Então me conte — ele disse, esvaziando o copo e indo pegar mais — o que aconteceu com você e o James. O que foi aquilo ontem à noite?

Não respondi logo. Bebi um grande gole da minha bebida, engoli devagar e pensei no que ia dizer. Meu instinto foi dispensar o assunto com um dar de ombros e uma risada, mas ele ia conseguir arrancar de Clare ou de Nina mais tarde. Era melhor ser sincera.

— James é... era...

Rodei a bebida no copo, os cubos de gelo tilintaram e pensei na construção da frase.

— Meu ex — acabei falando.

Era verdade, mas tão distante de toda a verdade que parecia até uma mentira.

— Nós estudamos juntos.

— No *primário*? — dessa vez Tom ergueu as sobrancelhas. — Meu Deus. Idades das trevas. Namoradinhos de infância?

— É, acho que sim.

— Mas agora vocês são amigos?

O que eu podia dizer? Não, eu não o vejo desde o dia em que ele me mandou a mensagem de texto.

Não, eu nunca lhe perdoei pelo que ele disse, pelo que ele fez.

Não.

— Eu... não exatamente. Nós perdemos contato.

Houve um silêncio repentino, interrompido apenas pelos ruídos de Clare e Flo conversando na cozinha ao lado e o sibilo de um chuveiro no segundo andar. Nina devia ter desistido de tentar ligar para Jess.

— Então vocês se conheceram na escola? — perguntou Tom.

— Mais ou menos. Estivemos numa peça juntos... — falei bem devagar.

Era estranho falar sobre isso. Não se puxa muito esse tipo de assunto quando se é adulto. A primeira vez que você teve o seu coração partido. Mas Tom era a segunda melhor coisa depois de um desconhecido anônimo. Seria muito improvável encontrá-lo de novo depois daquele fim de semana, e por algum motivo contar aquilo para ele era um alívio.

— *Gata em teto de zinco quente*. Eu era Maggie e James era Brick. Irônico mesmo.

— Por que irônico? — perguntou Tom, sem entender.

Mas eu não podia responder. Estava pensando nas palavras de Maggie no último ato da peça, sobre transformar a mentira em verdade. Mas eu sabia que se só uma pessoa fosse capaz de entender o que eu queria dizer citando a fala, que saberia a que Maggie se referia, era ele.

Em vez de explicar, eu só engoli em seco.

— Apenas... irônico.

— Ora, ora — disse ele sorrindo, formando rugas no rosto bronzeado. — Você devia estar se referindo a algo específico.

Suspirei. Eu não ia lhe contar a verdade. Pelo menos não a verdade em que eu estava pensando. Então seria uma verdade diferente.

— Bem, eu era para ser a substituta. Clare foi escolhida para fazer Maggie. — Ela era a protagonista em quase todas as peças que fizemos, do primário em diante.

— E o que aconteceu?

— Ela teve mononucleose infecciosa. Perdeu um semestre inteiro de aulas. E eu fui parar no palco.

Eu era sempre a substituta. Tinha boa memória verbal e era responsável. Senti Tom olhando fixo para mim, confuso, sem saber onde estava a ironia naquilo.

— Irônico que ela devia ficar com ele e que agora está mesmo? É isso que você quer dizer?

— Não, não exatamente... O mais irônico é que eu detesto que fiquem olhando para mim, que fiquem me observando, vigiando. E lá estava eu no papel principal. Talvez todos os escritores prefiram ficar atrás das páginas a ter de ficar num palco. O que você acha?

Tom não respondeu. Só se virou para espiar a grande janela de vidro, a floresta lá fora, e eu soube que ele estava pensando no que tinha dito na véspera: sobre o palco. Sobre a plateia. Sobre os que assistiam na noite.

Depois de um minuto segui o olhar dele. Parecia diferente da noite anterior. Alguém tinha ligado as luzes de segurança externas e dava para ver o grande gramado branco, um tapete de neve perfeito e sem falhas, e as árvores de sentinelas, seus troncos expostos e ásperos sob as copas. Aquilo devia fazer com que eu me sentisse melhor — poder ver a tela branca sem nenhuma mancha, prova visual de que estávamos sozinhos, que quem quer que tenha perturbado a neve antes não tinha voltado. Mas não sei por que aquilo não me acalmava. Eu me sentia ainda mais no palco, como os holofotes que o iluminavam e jogavam a plateia num breu além do seu poço de luz dourada, observadores invisíveis na escuridão.

Cheguei a estremecer imaginando a miríade de olhos da noite: raposas com os

seus olhos brilhando, amarelos, à luz dos postes, corujas de asas brancas, ratinhos do campo assustados. Mas as pegadas daquela manhã não eram de bicho. Eram muito, muito humanas.

— Parou de nevar — disse Tom, sem necessidade. — Devo admitir que estou bem contente. Não ia gostar nada de ficar aqui preso pela neve dias a fio.

— Preso pela neve? — perguntei. — Em novembro? Acha mesmo que isso poderia acontecer?

— Ah, sim.

A voz de Flo veio de trás de nós e pulei de susto. Trazia uma bandeja com batatas fritas e castanhas, e botou a pontinha da língua para fora quando apoiou cuidadosamente na mesa.

— Acontece sempre em janeiro. É um dos motivos pelos quais minha tia não fica aqui no inverno. A estradinha fica intransitável quando tem alguma nevasca. Mas em novembro a neve não costuma ser tão forte, por isso não acho que vai acontecer hoje. Não há mais previsão de neve para essa noite. E ficou bonito, não ficou?

Ela se empertigou e esfregou as costas. Nós todos espiamos pela janela as árvores pretas sobrecarregadas e a neve branca. Não estava bonito. Parecia estéril e impiedoso. Mas eu não disse. Em vez disso, fiz a pergunta que estava me incomodando:

— Flo, eu queria saber se as pegadas que vi na neve indo para a garagem esta manhã eram suas.

— Pegadas? — Flo ficou confusa. — Que horas?

— Bem cedo. Estavam lá quando voltei da minha corrida, por volta das oito. Talvez antes, não vi a hora quando saí.

— Não fui eu. Onde você disse que estavam?

— Entre a garagem e a porta lateral da casa.

Flo franziu a testa.

— Não... definitivamente não fui eu. Que estranho. — Ela mordeu o lábio e então disse: — Olhem, se não se importam, vou trancar tudo agora. Assim a gente não esquece mais tarde.

— O que quer dizer? Você acha que podia ser outra pessoa? Alguém de fora?

A expressão animada de Flo ficou constrangida de repente.

— Bem, eu estava conversando com a Nina. Minha tia teve muitos problemas quando construiu essa casa. Houve uma série de objeções, para começar o pessoal daqui já não gostou porque era a segunda casa da família, e houve algumas reclamações quanto ao estilo da construção e o lugar.

— Não me diga — comentou Tom com a voz arrastada. — Cemitério dos antigos nativos americanos, certo?

Flo bateu nele com uma toalha de papel e esboçou um sorriso preocupado.

— Nada disso. A única coisa enterrada por aqui são carneiros, pelo que sei. Mas essa *é* sim uma área de proteção, não tenho certeza se fica *dentro* do parque nacional, mas é muito perto. Só foi adiante porque era extensão de uma construção preexistente. Um tipo de benfeitoria agrícola. Mas as pessoas dizem que não seguia o espírito do prédio original... De qualquer modo, para encurtar uma longa história, a casa pegou fogo na metade da obra, e eu acho que muitos acreditaram que foi incêndio criminoso, só que nada foi provado.

— Meu Deus! — Tom parecia horrorizado.

Ele espiou pela janela como se esperasse ver maçaricos flamejantes subindo a encosta a qualquer momento.

— Mas acabou tudo bem! — Flo nos tranquilizou. — Estava no meio da obra, por isso não tinha ninguém na casa, e na verdade foi até bom para a minha tia, porque o seguro era muito bom, então ela acabou com uma construção de nível melhor. E de acordo com a planta original, ela precisava manter alguma coisa da benfeitoria no lugar, mas tudo virou cinzas, de modo que ela não teve de se preocupar mais com isso. No geral, eu diria que fizeram um favor para ela. Mas, vocês sabem, isso afetou a relação dela com os vizinhos.

— Mas tem algum vizinho aqui? — Tom quis saber.

— Ah, sim, tem. Há algumas casas mais ou menos a dois quilômetros daqui, pela floresta, para aquele lado. — Ela apontou. — E uma fazenda lá embaixo no vale.

— Sabem de uma coisa? — Eu estava pensando alto. — O que realmente me incomoda não são as pegadas, ou não exatamente elas. É o fato de que se não fosse a neve, nós nunca saberíamos.

Olhamos lá para fora, contemplando o tapete branco imaculado no caminho para a floresta. Até as minhas pegadas da corrida aquela manhã tinham sido cobertas, e agora ninguém saberia que um pé humano havia pisado ali. Ficamos todos um bom tempo em silêncio, pensando nisso, pensando em todas as vezes que podíamos ter sido observados, sem desconfiar de nada.

Flo foi até a janela para experimentar a tranca. Estava trancada e firme.

— Ótimo! — ela disse, alegre. — Vou verificar a porta dos fundos e, depois, acho que devíamos parar com essa conversa triste e tomar outro drinque.

— Ouçam, ouçam — disse Tom sério.

Ele pegou meu copo vazio e, dessa vez, quando serviu uma dose dupla, eu não reclamei.

19

Quando subi para trocar de roupa para o jantar, encontrei Nina sentada na cama, com a cabeça apoiada nas mãos. Ela se virou para mim quando entrei e tinha o rosto muito pálido e manchado de vermelho, uma expressão tão diferente do seu sarcasmo cruel que tive de olhar duas vezes.

— Você está bem?

— Estou.

Ela tirou o cabelo preto e brilhante do rosto e se levantou.

— É só que... estou cheia de estar aqui. A sensação é de que estamos de volta na escola e estou me lembrando de tudo que detestava em mim naquela época. É como se tivéssemos voltado dez anos, você não acha?

— Eu não sei.

Sentei na minha cama e pensei no que ela havia dito. Na noite anterior eu pensara coisa parecida, mas à luz do dia parecia injusta. A Clare que eu me lembrava da escola não teria se unido a Flo, nem por um segundo... a não ser que tivesse algum motivo muito forte. Ela teria meneado a cabeça diante das observações mais tolas da Flo, atiçando para que ela dissesse algo totalmente idiota, e nesse ponto ela apontaria e daria risada. Eu não tinha visto nenhuma crueldade como essa no fim de semana. Ao contrário, fiquei impressionada com a tolerância dela. Era óbvio que Flo era bem problemática. E eu admirava a compaixão de Clare em tentar ajudá-la. Não sabia se aguentaria ficar assim com Flo nem dez dias, que dirá dez anos. Obviamente, Clare era uma pessoa maior e melhor do que eu tinha pensado.

— O que eu acho é que Clare mudou muito. Ela parece mais... — parei de falar, procurando a palavra certa, que talvez não existisse. — Ela parece mais *bondosa*, eu acho.

— As pessoas não mudam — disse Nina com amargura. — Elas só ficam mais habilidosas para esconder o que realmente são.

Mordi o lábio enquanto pensava nisso. Era verdade? *Eu* havia mudado; pelo menos dizia a mim mesma que tinha. Estava muito mais segura, mais autossuficiente. Todo o tempo da escola tinha contado com os amigos para ter autoestima e apoio, querendo fazer parte de um bando, querendo ser aceita. E finalmente aprendi que isso não era possível. Desde então tenho sido mais feliz,

apesar de mais solitária.

Mas talvez Nina tivesse razão. Podia ser que eu simplesmente tivesse aprendido a esconder a criança desajeitada e desesperada por entrosamento que eu tinha sido. Talvez o meu eu de agora fosse apenas uma camada fina de verniz, pronta para ser dolorosamente descascada de novo.

— Eu não sei — disse Nina. — É que... Você não achou o almoço um sofrimento?

O almoço tinha sido um sofrimento, sim. Conversa exclusivamente sobre o casamento: onde seria a recepção, o que Clare ia vestir, o que as damas de honra iam vestir, se salmão defumado seria demais como entrada, e por que a opção vegetariana sempre oferecia queijo de cabra. E tinha piorado quando me dei conta de que havia cruzado uma linha invisível e passado do ponto em que eu teria podido admitir que não fui convidada. Eu devia ter dito alguma coisa logo de cara, devia ter confessado, feito uma piada qualquer com o fato na primeira noite. Agora tinha passado tempo demais para parecer qualquer coisa que não fosse mentira por omissão, e eu estava sem saída. Os olhares simpáticos da Clare não ajudaram.

— Eu não vou falar “noivazilla” — continuou Nina —, porque nesse caso eu acho que é mais “damadehonrazilla”. Mas se tiver de ouvir mais uma vez sobre lembrancinhas do casamento, depilação de perna com cera ou discurso do padrinho... Dá para imaginar o James no meio disso tudo?

Eu estava evitando de propósito pensar em James e no casamento, como uma parte machucada do corpo em que não suportamos encostar. Mas agora, por mais que tentasse, não conseguia. O James que eu lembrava, com a parte de trás da cabeça raspada e um coque no alto, a gravata da escola rasgada, o James que tomava porres com o uísque do pai e trepava no memorial de guerra da escola à meia-noite para gritar poesias de Wilfred Owen para o céu noturno, o James que escreveu letras de Pink Floyd com batom no carro do professor no último dia de aula do verão... Aquele James eu não podia imaginar de smoking, beijando a mãe de Clare e rindo como de praxe do discurso do padrinho.

A coisa toda foi dolorosa ao ponto de provocar náuseas, e piorou com os olhares dissimulados de Nina. Se tem uma coisa que eu gosto menos do que ser magoada, é ser notada quando estou magoada. Sempre preferi escapar sem ser vista e lamber minhas feridas sozinha. Mas Nina estava certa. Não era um caso de noivazillite. Na verdade, Clare tinha ficado estranhamente calada o almoço inteiro. A conversa foi conduzida por Flo, instigada por Tom. Em certo momento, Clare até sugeriu que mudassem de assunto. Não era provável que tivesse perdido a paixão pela ribalta desde que saiu da escola. Talvez estivesse pensando em mim.

— Se eu tivesse mais coragem, teria dito que não — resmungou Nina. — Para o convite do casamento, quero dizer. Mas Jess teria me matado. Ela adora casamentos. É como um distúrbio obsessivo-compulsivo. E já comprou um novo fascinator para usar nesse. E eu pergunto... Uma porra de um fascinator.

— Ela teria perdoado a você — eu disse calmamente. — Mas talvez você tivesse de pedi-la em casamento para compensar.

— E ainda pode dar nisso. Você iria?

— Claro que sim. — Dei um soco no braço dela. — Eu até iria à sua despedida de solteira. Se você fizesse uma.

— Nunca — disse Nina. — Se, e repito *se*, eu me casar um dia, terei uma noite numa boate e pronto. Nada dessas idiotices em cabanas nesses fins de mundo.

Ela suspirou e se levantou.

— Você sabe o que Flo preparou para nós essa noite?

— O quê?

— Simplesmente uma tábua ouija. E vou te dizer que, se ela arranjou uma cheia de respostas "sexy", vou arrancar aquela espingarda da parede e enfiar em algum lugar bem doloroso... com balas de festim ou sem balas de festim.



— Muito bem, *isso aqui* — disse Flo, espalhando folhas de papel na mesa de centro — deve ser divertido.

— A bola mágica oito diz não conte com isso — resmungou Nina.

Clare olhou séria para ela, mas ou Flo não ouviu ou então resolveu ignorar. Ela continuou se ocupando de arrumar a mesa, pondo velas entre as garrafas de vinho semicheias.

— Alguém tem um isqueiro?

Nina enfiou a mão no bolso da sua minissaia de brim e tirou um Zippo, e Flo acendeu as velas com ar de reverência cerimonial. À medida que as velas iam se acendendo, uma chama tremelicava na visão refletida do vidro da janela. Flo havia apagado a luz de segurança lá de fora e a floresta estava escura, a não ser pela claridade fraca da lua. A sala estava pouco iluminada de modo que podíamos ver as formas maciças das árvores, a neve mais clara e a silhueta das copas da floresta contra o céu iluminado de leve. Agora parecia que os duendes dançavam nas árvores, as chamas frágeis e fantasmagóricas, duas vezes refletidas nos vidros duplos.

Fui até a janela, encostei no vidro e botei as mãos em concha para enxergar a

noite lá fora. Estava perfeitamente imóvel. Mas pensei de novo nas pegadas e na linha muda do telefone, e não consegui evitar verificar disfarçadamente as trancas das venezianas. Estava tudo trancado.

— Mel ia detestar isso — disse Clare pensativa, quando voltei para a mesa e Flo acendeu a última vela. — Tenho quase certeza de que ela está ainda mais cristã do que era na universidade.

— Realmente não vejo qual a diferença entre comungar com um amigo invisível ou comungar com um monte deles — comentou Nina espinhosa.

— Olha, é a fé dela, está certo? Não há necessidade de ofender.

— Não estou ofendendo. Não se pode, por definição, ofender alguém que não está presente. A ofensa tem de ser reconhecida, não só desferida.

— Se uma árvore cai na floresta deserta, ela faz barulho? — disse Tom, com um sorriso seco.

Ele se recostou no sofá e bebeu um grande gole de vinho.

— Caramba, há muitos anos eu não faço isso. Minha tia era muito dada a essas comunhões com os espíritos. Eu costumava ir para a casa dela depois da escola, e ela fazia a tábua ouija tradicional comigo, vocês sabem, aquela com as letras.

Eu sabia o que ele queria dizer — aquele tipo de tábua ouija que tinha visto nos filmes. A que Flo estava montando era meio diferente, era mais uma esferográfica de rodinhas.

— Assim é mais fácil — disse Flo, com a língua entre os dentes quando tentava prender a caneta no suporte. — Eu já experimentei antes, e o problema com o apontador é que, se você não for muito rápida, pode perder um monte de letras. Desse jeito aqui temos um registro permanente.

— Você recebeu alguma coisa? — perguntou Clare. — Quero dizer, quando você experimentou antes?

Flo meneou a cabeça séria.

— Ah, sim. Sempre recebo algum tipo de mensagem. Minha mãe diz que eu tenho uma ressonância natural com o mundo do além.

— Hã-hã — disse Nina, com a cara mais séria do mundo, mas percebi que alguma observação sarcástica estava a caminho.

— O que disseram? — perguntei logo, tentando driblar Nina. — Na última vez?

— Foi sobre o meu avô — disse Flo. — Ele queria dizer para a vovó que ele estava feliz e que ela devia casar de novo se quisesse. Mas já acabei aqui. Estão todos prontos?

— Mais prontos é impossível — disse Clare.

Ela bebeu o resto do vinho e botou a taça na mesa.

— Certo. O que temos de fazer?

Flo fez sinal para que nos aproximássemos.

— Certo... Ponham os dedos no suporte pantográfico. De leve... Vocês não vão guiá-lo, serão apenas os condutores de quaisquer impulsos que receberem do além.

Nina revirou os olhos, mas encostou a ponta do dedo no suporte pantográfico. Tom e eu fizemos a mesma coisa. Clare foi a última.

— Prontos? — perguntou Flo.

— Pronta — confirmou Clare.

Flo respirou fundo e fechou os olhos. O rosto dela brilhava à luz das velas, como se iluminado de dentro para fora. Vi seus olhos mexendo embaixo das pálpebras, dardejando de um lado para outro, procurando alguma coisa que ela não conseguia ver.

— Tem algum espírito aqui que queira falar conosco? — ela entoou.

O indicador pantográfico rodopiou instável, deu voltas e formou espirais, mas nenhuma forma que fizesse sentido. Ninguém estava empurrando, eu tinha certeza disso.

— Tem algum espírito aqui essa noite? — Flo repetiu muito séria.

Vi Nina esconder um sorriso. O indicador começou a se mexer de um jeito mais objetivo.

S.

— Oh, uau! — sussurrou Flo.

Ela levantou a cabeça, com o rosto iluminado.

— Vocês viram isso? Foi como se estivesse sendo atraído por um ímã. Todos sentiram isso?

Eu tinha sentido alguma coisa. A sensação foi como se alguém mais no círculo estivesse empurrando, mas não falei nada.

— Qual é o nome do espírito? — perguntou Flo, excitada.

O indicador começou a mexer outra vez:

te... qui... uma pausa longa... *te... qui...*

— “Qui” quer dizer “quem” em francês — sussurrou Flo. — Talvez tenhamos um guia francês aqui?

... l...

Tom e Nina começaram a rir quando a última letra, “a”, surgiu embaixo do indicador. Até Clare deu uma bufada zombeteira, o suporte pantográfico foi até a beirada do papel e caiu com estrondo no chão quando todos começamos a rir.

Flo ficou olhando para a folha um segundo, franzindo a testa, séria, sem entender a piada. Então ela viu. Afastou o corpo da mesa, sentou sobre os calcanhares e cruzou os braços.

— Certo.

Ela olhou para Clare, para Tom e depois para mim. Eu tentei ficar séria.

— Quem fez isso? Isso não é brincadeira! Isto é, é sim, uma diversão, mas nunca vamos descobrir nada se vocês continuarem a brincar! Tom?

— Não fui eu! — Tom exclamou e levantou as mãos.

Nina exibia a expressão mais inocente do mundo, e eu suspeitava muito que tinha sido ela.

— Bem, seja quem for. — O rosto de Flo estava corado de irritação. — Não gostei. Tive um trabalhão danado e vocês estão estragando...

— Ei, ei, Flops. — Clare estendeu a mão. — Acalme-se, ok? Foi só uma brincadeira. Não vão fazer de novo. Vão? — Ela olhou séria para o círculo de rostos.

Nós todos fizemos as caras mais contritas que podíamos.

— Está bem — disse Flo de mau humor. — Mas é a última chance! Se vocês estragarem de novo, vou guardar isso e vamos brincar de... Vamos todos brincar de Trivial Pursuit!

— Que ameaça — disse Tom sério, mas traindo o sorriso com o canto da boca. — Eu juro que da minha parte vou me comportar como um anjo. Não me ameace com o Camembert cor-de-rosa.

— Ok — disse Flo.

Ela respirou fundo e esperou enquanto púnhamos os dedos no indicador de novo. Ele balançou e vi que os ombros de Nina ainda sacudiam com o risinho reprimido, mas ela mordeu o lábio e conseguiu parar com algum esforço, quando Clare olhou fixo para ela.

— Sentimos muito o desrespeito de *alguns* no nosso círculo — disse Flo enfaticamente. — Tem algum espírito aqui que gostaria de falar conosco?

Dessa vez o indicador mexeu mais devagar, mais como se flutuasse sozinho mesmo. Mas sem dúvida estava formando outro S, e então parou.

— Você é amigo de alguém aqui? — murmurou Flo.

O indicador escreveu *?*.

Dessa vez acho que não tinha ninguém empurrando, e deu para ver que os outros sentiram a mesma coisa. Tinham parado de rir. Clare ficou até um pouco aflita.

— Sabe de uma coisa, Flops, não tenho certeza se... — ela falou.

Tom deu um tapinha na mão de Clare.

— Está tudo bem, querida. Não são espíritos de verdade, apenas o subconsciente do grupo formando palavras. Às vezes os resultados são muito esclarecedores.

— Quem está aqui? — Flo tinha fechado os olhos.

Os dedos dela se apoiavam bem de leve no suporte pantográfico. Se havia alguém controlando, não era ela, eu tinha certeza. O suporte mexeu outra vez, formou letras dando voltas, com caligrafia manuscrita. Tom leu em voz alta à medida que iam aparecendo.

— M... A, talvez? Ou será que era um N?... X... W... E... L... L... Ok, isso é uma palavra. Maxwell. Alguém conhece algum Maxwell?

Todos balançamos a cabeça, indicando que não.

— Talvez seja o espírito de algum daqueles agricultores — disse Nina muito séria. — Que veio nos avisar para não pisarmos nos seus sagrados ossos de carneiros.

— Pode ser — disse Flo.

Ela abriu os olhos. Estavam arregalados e muito verdes no escuro. Ela parecia muito pálida, o corado de raiva de antes praticamente desaparecera. Fechou os olhos de novo e disse num tom baixo e reverente:

— Tem alguém aqui com quem você queira falar, Maxwell?

S.

— Tem um recado para alguém do grupo?

S.

— Para quem?

F... fl... f...

— Eu? — Flo arregalou os olhos.

Parecia assustadíssima. Na verdade, parecia arrependida de ter tido aquela ideia.

— Você tem um recado para *mim*?

S.

Flo engoliu em seco. Notei que sua mão livre apertava com tanta força a beirada da mesa de centro que as articulações estavam brancas.

— Ok — disse ela bravamente.

Mas o indicador já estava se mexendo.

C... O... M... P... desenhou lentamente e, de repente, completou muito rápido: *S café.*

Um segundo de silêncio, depois Nina soltou uma risada breve e alta.

— Porra! — gritou Flo.

Todos nós pulamos, e eu percebi que era a primeira vez que lembrava de ter ouvido Flo xingar. Ela se levantou e jogou o indicador para longe deslizando sobre a mesa. Taças de vinho e garrafas se espatifaram no chão, espalhando cera no tapete.

— Quem fez isso? Isso não é brincadeira, pessoal! Eu estou de saco cheio. Nina? Tom?

— Não fui eu! — disse Nina, mas ela ria tanto que saíam lágrimas dos olhos.

Tom se esforçava mais para esconder o riso, mas também não conseguia, ria com a mão na frente da boca.

— Desculpe — disse ele, tentando inutilmente ficar sério. — Desculpe. Não te-tem gra... — Mas não conseguiu terminar a frase.

Flo virou-se para mim, me acusando com o olhar. Eu estava secando o vinho do tapete.

— Você está muito quieta, Lee, sentada aí fingindo que não é com você!

— O quê? — Levantei a cabeça, sinceramente surpresa. — O que disse?

— Você me ouviu! Estou de saco cheio de você aí sentada feito uma ratinha maliciosa, rindo às minhas costas.

— Não estou nada — eu disse constrangida, lembrando-me de como tinha me rendido ao riso com a provocação de Nina assim que chegamos. — Quero dizer... eu não queria...

— Vocês todos se acham muito perfeitos. — Flo respirava com dificuldade, engasgando com soluços.

Pensei que ela fosse desatar no choro.

— Vocês todos se acham tão maravilhosos, com seus diplomas e empregos e apartamentos em Londres.

— Flo... — disse Clare, pondo a mão no braço da amiga outra vez, mas Flo a empurrou.

— Ora, o que é isso? — disse Tom para acalmar os ânimos. — Olha, eu não sei quem fez isso, mas juro que é a última vez que qualquer um estraga a brincadeira, ok?

Ele olhou em volta, para cada um do grupo.

— Combinado, todo mundo? Nós prometemos, ok? Dessa vez é pra valer.

Ele estava tentando ajudar, mas eu senti meu estômago se revirando descontrolado. Devíamos ter parado quando Flo explodiu a primeira vez... insistir dessa maneira era chamar encrenca, com a Flo naquele estado de fúria ampliado.

— Vocês não a-acham... — falei, nervosa.

— Eu a-acho que você devia calar a boca — disse Flo furiosa, imitando a minha gagueira com espantosa perfeição.

Fiquei tão chocada que nem disse nada, só fiquei lá sentada boquiaberta, olhando fixo para ela. Era como se um Teletubby tivesse cuspido na minha cara.

— Ei, vamos parar com isso — disse Clare. — Mais uma chance, ok, Flops? E prometo que todos vão levar a sério dessa vez. Terão de se ver comigo se não se comportarem.

Flo bebeu o resto do vinho com a mão trêmula. Então sentou pesadamente à

mesa e pôs a mão no indicador.

— Última chance — ela vociferou.

Todos fizeram que sim com a cabeça, e eu encostei os dedos na tábua de novo, com relutância.

— Vamos fazer uma pergunta dessa vez — disse Tom, diplomata. — Ajuda a manter o foco. Que tal... Clare e James terão uma vida longa e feliz?

— Não! — gritou Clare.

Todos nos viramos para ela, chocados com a veemência daquela reação.

— Não... olhem, estou só... eu não quero começar a arrastar James para isso, ok? Não acho certo. Isso é meio engraçado, mas não quero que uma caneta me diga que vou me divorciar antes dos trinta.

— Está bom — disse Tom, delicado, mas eu senti que ele estava surpreso. — Que tal eu, então? Qual boda de casamento Bruce e eu vamos comemorar?

Todos encostamos a ponta dos dedos na tábua, e bem devagar senti que começou a mexer.

Dessa vez foi bem diferente das outras. Não era mais o vaivém de puxar e empurrar, era uma escrita longa e lânguida que formava espirais na folha de papel.

— *P... a... p... a...* — soletrou Flo. — Papa? O que quer dizer? Isso não é boda de casamento.

— Papel, talvez? — Tom olhava confuso para a folha. — Isso não tem sentido. Bodas de Papel é, o que... dois anos, eu acho. Comemoramos isso no ano passado. Talvez queira dizer opala, o P podia ser um O.

— Talvez esteja nos dizendo o nome dele — disse Flo sem ar.

A fúria de um minuto antes havia sumido e ela parecia excitada, quase hiperventilando. Serviu-se de mais vinho e esvaziou a taça com três goles apressados, depois botou a taça de volta no chão. Percebi que a blusa cinza que era igual à de Clare tinha uma mancha vermelha de vinho em uma das mangas.

— Eles nem sempre obedecem, vocês sabem. Vamos perguntar. Como é o seu nome, espírito?

Então a caneta começou de novo, girando rapidamente no papel com letras maiores e desenhadas mais depressa, ocupando tudo, rabiscando por cima das outras coisas escritas.

Pa... eu vi e depois... *by* mais adiante na folha. Então diminuiu os movimentos e parou, e Flo inclinou a cabeça para ler o texto.

— Papa Begby. Uau. Quem será esse?

Ela olhou em volta e nós balançamos ombros e cabeças.

— Nora? — Flo chamou de repente. — Você sabe quem é esse?

— Meu Deus, não! — eu disse, ato reflexo.

Para falar a verdade, eu estava mais do que assustada. Nas vezes anteriores era óbvio que alguém estava brincando. Agora era bem estranho. Os outros pareciam nervosos como eu. Clare mastigava a ponta de uma mecha de cabelo. Nina parecia elaboradamente despreocupada, mas pude ver seus dedos brincando com o isqueiro no bolso, revirando nervosamente por baixo do pano. Tom parecia chocado, estava pálido, mesmo com a luz fraca. Só Flo parecia realmente animada.

— Uau — ela suspirou. — Um espírito de verdade. Papa Begby. Talvez seja o cara que era dono daqui? Papa Begby — disse ela respeitosamente, olhando para o espaço acima das nossas cabeças. — Papa Begby, você tem uma mensagem para nós aqui esta noite?

A caneta recomeçou a andar, mais trêmula dessa vez.

A... eu li. Cheguei a desanimar um momento. Que não fossem mais piadas.

A... a... a...

A escrita foi acelerando, acelerando, de repente um barulho e o indicador estacionou. Clare levantou-se e botou a mão na boca.

— Oh, Flops, sinto muito.

Olhei para a mesa. A esferográfica tinha furado a folha de papel e chegado na madeira da mesa por baixo.

— Sua tia...

— Ah, tudo bem — retrucou Flo impaciente.

Ela empurrou o suporte da caneta e levantou a folha de papel.

— O que diz?

Todos nós olhamos, lemos por cima do ombro dela quando ela virou a folha lentamente, para um lado e para o outro, a espiral curva da escrita.

A a aaaasssassinooooooooo

— Ai meu Deus. — Tom botou a mão sobre a boca.

— Isso não tem graça — disse Nina, muito pálida e chegando para trás para examinar os nossos rostos. — Quem escreveu isso?

— Olha — disse Tom —, eu me entrego, fui eu que fiz o do café. Mas isso aí não... Jamais faria!

Nós nos entreolhamos, procurando culpa nos olhos uns dos outros.

— Pode ser que a gente esteja procurando no lugar errado — disse Flo, novamente corada, mas dessa vez achei que tinha um quê de vitória em vez de raiva. — Talvez seja uma mensagem verdadeira. Afinal, eu sei algumas coisas sobre vocês, sobre vocês todos.

— O que está querendo dizer com isso? — perguntou Tom, com voz desconfiada. — Clare, do que ela está falando?

Clare não disse nada, só balançou a cabeça. Seu rosto estava muito branco, os

lábios exangues por baixo do brilho. Descobri que eu estava respirando rápido e com dificuldade, quase hiperventilando.

— Oi — disse Nina de repente, com a voz estranhamente distante. — Oi, Nora, você está bem?

— Estou ótima — eu disse, ou tentei dizer.

Não tinha certeza se as palavras tinham saído. A sala parecia encolher e a enorme janela de vidro se abriu, como uma boca cheia de dentes pontudos e finos, esperando para engolir todos nós. Senti mãos agarrando meus braços, me puxando para sentar no sofá, com a cabeça entre os joelhos.

— Está tudo bem com você. — Ouvi a voz firme de Nina, e de repente foi fácil lembrar que ela era médica, uma médica profissional e não só uma amiga com quem eu saía para beber algumas vezes. — Você está bem. Alguém traga um saco, um saco de papel.

— Rainha dramática — ouvi Flo sibilar com raiva, saindo da sala batendo os pés.

— Estou bem — eu disse.

Tentei sentar com as costas retas e empurrei as mãos de Nina.

— Não preciso de saco de papel. Estou bem.

— Tem certeza? — Nina olhava fixo para o meu rosto, me examinando.

Fiz que sim com a cabeça, procurando parecer convincente.

— Estou perfeitamente bem. Desculpem, não sei por que fiquei assim. Vinho demais. Mas estou bem, juro.

— Drama demais — disse Tom baixinho, mas falando sério, e eu sabia que não se referia a mim.

— Eu só quero... Acho que vou sair para pegar ar. Está quente demais aqui dentro.

Estava mesmo muito quente, o aquecedor bombeava ar quente como uma fornalha. Nina fez que sim com a cabeça.

— Vou com você.

— *Não!* — exclamei, com mais agressividade do que pretendia.

Depois falei, com mais calma:

— Sinceramente, prefiro ficar sozinha. Só quero respirar, ok?

Lá fora, encostei nas portas de vidro de correr da cozinha. O céu parecia veludo azul-escuro e a lua estava espantosamente branca, com um halo claro de geada. Senti o ar gelado da noite me envolver, o frio resfriou o meu rosto e as palmas

suadas das mãos. Fiquei ali parada ouvindo as batidas do meu coração, tentando desacelerá-las, procurando me acalmar.

Era absurdo sentir um pânico daqueles. Não havia nada que indicasse que aquela mensagem era sobre mim. Mas o que Flo tinha dito no final?

Eu sei de coisas sobre vocês...

O que ela queria dizer com isso? Com qual de nós ela estava falando?

Se era comigo, só podia estar se referindo a uma coisa. E Clare era a única pessoa que sabia o que havia acontecido. Será que tinha contado para Flo?

Eu não tinha certeza. Queria pensar que não. Tentei me lembrar de todos os segredos que havia confiado a Clare naqueles anos todos, segredos que ela havia guardado lealmente.

Mas me lembrei de ter voltado para a faculdade para prestar o exame de compreensão de francês, e uma das outras meninas na fila botou a mão no meu ombro. *Eu sinto muito,* ela disse, *você é muito corajosa,* e havia compaixão de verdade na sua expressão, mas também uma espécie de júbilo, daquele tipo que se vê às vezes quando adolescentes são entrevistados sobre a morte trágica de um amigo. A tristeza está presente e é real, mas há um frisson por trás, por todo aquele drama, por aquela *realidade* tão nua e tão crua.

Eu não sabia ao certo do que ela estava falando. Podia ser sobre James e eu termos terminado o namoro. Mas a reação dela parecia radical demais para isso, e comecei a imaginar se Clare tinha contado para alguém o que acontecera. Eu me preocupei com isso o tempo todo que passei na prova, me preocupei com a pergunta. E quando terminaram as duas horas, eu sabia o que precisava fazer. Porque sabia que a dúvida ia me deixar louca.

Nunca mais voltei para lá.

Agora fecho os olhos, sinto o frio no rosto e a neve entrando na minha meia fina, fico ouvindo os sons suaves da noite, o estalar e o deslizamento dos galhos cobertos de neve quebrando sob aquele peso todo, o canto de uma coruja, o uivo estranho e assombroso de uma raposa.

Eu nunca morei no campo. Tinha crescido na periferia de Reading e depois me mudei para Londres, quando completei dezoito anos. E morava lá desde então.

podia me imaginar vivendo ali, naquele silêncio e solidão, vendo gente só quando quisesse. Mas não moraria num enorme vaso de vidro. Moraria em alguma casa pequena, discreta, que fizesse parte da paisagem.

Pensei na cabana do colono que já tinha existido ali, antes de virar cinza no incêndio. Imaginei uma construção comprida e baixa, a silhueta feito um animal querendo se esconder, como uma lebre se achatando no capim. Achei que poderia morar ali.

Quando abri os olhos, a luz da casa refletida na neve machucou minhas

retinas. Era tão forte, um desperdício tão grande... como um farol dourado, brilhando sua presença na escuridão. Só que um farol servia para avisar os navios para manterem distância. Esse lugar dava mais a sensação de ser um holofote, como uma lanterna que atrai as mariposas.

Estremeci. Preciso parar de ser tão supersticiosa. Aquela era uma bela casa. Tínhamos sorte de estar ali, mesmo que fosse por poucos dias. Mas eu não gostava, não confiava na Flo e mal podia esperar para ir embora na manhã seguinte. Fiquei imaginando qual a hora mais cedo que seria conveniente para ir. Nina e eu tínhamos lugares no trem das 17h, mas a minha passagem era flexível.

— Você está bem?

A voz veio de trás de mim, seguida por uma longa baforada de fumaça de cigarro, eu me virei e vi Nina, com o cigarro em uma das mãos e o outro braço em volta da cintura, se defendendo do frio.

— Desculpe, eu sei que você disse que queria ficar sozinha. É que eu só... precisava de um cigarro. Precisava sair de lá. Ugh! Aquela Flo! Ela me dá arrepios. O que foi toda aquela conversa esquisita de saber segredos sobre nós?

— Eu não sei — respondi pouco à vontade.

— Deve ter sido bobagem dela. — Nina deu uma tragada no cigarro. — Mas tenho de admitir, eu fiquei lá ticando todas as coisas que contei para a Clare nesses anos todos e não foi uma sensação muito boa, só de pensar no que ela pode ter passado para Flo. E Tom parecia bastante abalado, você não achou? Qual será o esqueleto que ele tem dentro do armário?

— Eu não sei — repeti.

O frio já estava começando a atacar meus ossos, e estremeci.

— Acho que a Melanie tinha razão — Nina disse. — Flo não é normal. E a esquisitice dela com a Clare... "não ser saudável" é avaliar por baixo. Toda aquela imitação, as roupas de Clare... É um pouco do *Mulher solteira procura*, não é? Se me perguntar, acho que ela está a uns dois Xanax de reencenar a cena do chuveiro de *Psicose*.

— Ah, pelo amor de Deus — reclamei.

Flo era esquisita, mas aquilo não era justo.

— Ela não é psicótica, só não é muito segura. Eu sei como é isso, de sempre sentir que é a segunda. Clare nem sempre é a pessoa mais fácil para a gente fazer amizade.

— Não. Não me venha com desculpas para ela, Nora. As roupas e tudo... Pode ser qualquer coisa, mas é muito esquisito, e se Clare quiser ser cúmplice disso, o problema é dela. Mas aquela exibiçãozinha essa noite foi dirigida diretamente para nós, e eu não vou aturar isso. Olha, eu estava pensando, amanhã... Sei que temos passagens para as cinco da tarde, mas...

— Mas podemos ir bem cedo? Eu estava pensando exatamente isso.

— Para ser sincera, já estou por aqui. Se estivesse sóbria, iria hoje à noite mesmo, mas não estou em condições de dirigir. O que você acha... logo depois do café da manhã?

— Flo vai ter um treco — eu disse, bem sóbria.

Havia mais atividades planejadas para o dia seguinte. Não sabia direito quais eram, mas as instruções foram bem claras: sair às duas da tarde, não antes.

— Eu sei. Mas eu estava pensando... — Nina deu uma longa tragada. — Eu estava pensando que a gente podia simplesmente escapar. Isso é covardia?

— Sim — eu disse, decidida. — E muita.

— Ah, então está bem. — Suspirou ela e soltou uma nuvem de fumaça, branca à luz da lua. — Quem sabe eu posso inventar algum tipo de crise hospitalar? Vou pensar numa desculpa essa noite.

— E como é que você saberia? — perguntei. — Já que não tem sinal para celular nem telefone fixo?

— Bem, isso é outra coisa ruim, não é? Vamos supor que os moradores loucos daqui realmente subam esse morro, tocando banjos, com tochas acesas, o que, diabos, vamos fazer? Jogar bolas de neve neles?

— Não seja tão melodramática. Não há moradores loucos. A tia da Flo deve ter ela mesma botado fogo no lugar para receber o seguro e culpar os fazendeiros.

— Espero que você esteja certa. Porque eu assisti a *amargo pesadelo.*

— Que bom para você, mas voltando ao nosso problema...

— Ah, vou só fingir que uma mensagem de texto perdida entrou essa noite. De qualquer modo, mesmo se a Flo não acreditar em mim, o que ela vai poder dizer?

Muita coisa, era o meu palpite, mas, a menos que ela pusesse uma barricada na porta, acho que não funcionaria para fazer Nina desistir.

Ficamos em silêncio bastante tempo, Nina soprando argolas de fumaça de cigarro no ar parado da noite e eu bufando nuvens brancas de respiração.

— O que aconteceu lá dentro? — Nina finalmente perguntou. — Aquele pequeno ataque de pânico, quero dizer. Foi a mensagem?

— Mais ou menos.

— Mas você não pensou que era para você, pensou?

Ela olhou de lado para mim, curiosa, e soprou um anel de fumaça.

— Isto é, o que você poderia ter feito para matar alguém?

Dei de ombros.

— Não, não foi isso. De qualquer modo, podia nem ser *assassino.* Podia ser *assassinato*. Foram tantas repetições que nem tenho certeza de qual palavra era.

— O que, como um aviso, você quer dizer? — perguntou Nina. — Então voltamos para os moradores doidos, não é?

Sacudi os ombros de novo.

— Eu não vou mentir. — Ela soprou mais um anel. — Pensei que talvez fosse para mim. Porque... eu nunca matei ninguém de propósito, mas há pessoas que morreram por erros que eu cometi, isso é certo.

— O quê? Você achou que foi uma mensagem genuína?

— Nada disso. — Ela deu mais uma tragada. — Não acredito em nada disso. Só quis dizer que acho que alguém atirou no escuro, tentando me abalar. E certamente foi a Flo, disso não tenho dúvida. Acho que ela ficou puta porque ficamos brincando no início e resolveu nos castigar. Fui eu que escrevi aquela mensagem da tequila. E ela devia saber disso.

— Você acha mesmo?

Olhei para o céu sem nuvens. Não estava preto e sim azul-marinho bem escuro, uma cor tão pura que chegou a doer nos meus olhos. Lá em cima um satélite navegava em direção à Lua. Tentei me lembrar da cara da Flo quando leu a palavra, dos olhos dela fechados e da expressão de êxtase.

— Eu não sei. Fiquei aqui parada tentando raciocinar sobre isso, mas não tenho certeza de que foi ela. Ela pareceu realmente chocada. E era a única pessoa que realmente acreditava na coisa toda. Não acho que teria se metido com os espíritos empurrando a caneta.

— Então, agora *você* acha que foi real? — Havia ceticismo no tom de Nina.

Balancei a cabeça.

— Não, eu não quis dizer isso. Acho que alguém estava empurrando. Só não tenho certeza se era ela.

— Então quem sobra? Tom e Clare? — Nina deixou a guimba cair, afundou na neve com o pé e o ruído sibilante de fogo apagando. — Ah, é?

— Eu sei. Em parte é isso que me incomoda. Eu acho que foi... — parei de falar para tentar dispersar a minha inquietação com aquela coisa toda. — Não foi a mensagem, foi o despeito. Não importa o que você pense, quem você ache que fez aquilo, humano ou não, é uma coisa horrível de dizer. Alguém naquela sala queria fundir nossas cabeças.

— E fundiram.

Nós duas nos viramos para olhar para a casa. Pela janela pude ver Clare andando pela sala de estar, recolhendo os copos e pegando castanhas do tapete. Tom não estava à vista, acho que deve ter subido para o quarto. Flo estava pondo a louça na lavadora na cozinha, com uma energia nervosa e selvagem, batendo os copos com tanta força que fiquei surpresa de não quebrarem.

Eu não queria voltar lá para dentro. Por um segundo, apesar da neve, apesar

das temperaturas abaixo de zero que já estavam me fazendo tiritar, fiquei seriamente tentada a pegar emprestada a chave da Nina e dormir no carro.

— Venha — disse Nina por fim. — Não podemos ficar aqui fora a noite toda. Vamos voltar para lá, dar boa-noite e subir direto. Amanhã, assim que a gente acordar, vamos dar o fora daqui. Certo?

— Está bem.

Segui atrás dela e fechei a porta da cozinha.

— Tranque, por favor — disse Flo secamente.

Ela olhou para nós abaixada na frente da lavadora de pratos. Seu rosto estava manchado, o rímel tinha escorrido quase até o queixo, o cabelo em mechas embaraçadas sobre o rosto.

— Flo, deixe isso aí — disse Nina. — Por favor. Prometo que ajudamos amanhã de manhã.

— Está tudo bem — disse Flo, tensa. — Não preciso de ajuda nenhuma.

— Ok! — Nina levantou as mãos. — Você é quem sabe. Nos vemos no café da manhã.

Nina deu meia-volta e resmungou:

— A mártir.

E saiu da cozinha.

20

Nina adormeceu quase imediatamente e ficou lá esparramada feito um papai pernilongo bronzeado, roncando.

E eu acordada, tentando dormir, só que estava pensando naquela noite e no estranho grupinho com que Clare tinha se reunido nesse fim de semana. Eu queria demais sair de lá, voltar para casa, para a minha cama, com as minhas coisas, na minha abençoada paz e tranquilidade. Agora eu fazia a contagem regressiva das horas, ouvia o ronco suave de Nina e, por trás dele, o silêncio da casa e da floresta.

Mas não era exatamente silêncio. Quando eu já ia cair no sono, ouvi um estalido e depois um barulho de batida, não muito alto, como uma porta batendo ao vento.

Estava quase adormecendo e ouvi outra vez, um estalo lento e comprido, *ekkkkkk*, depois um rápido, *claque*.

Mas era estranho porque aquilo parecia dentro da casa.

Sentei na cama, prendi a respiração e procurei escutar o barulho acima dos roncos da Nina.

Ekkkkkk... claque!

Dessa vez não tive dúvida. O barulho certamente não vinha do lado de fora da janela, ele flutuava subindo a escada. Levantei-me, peguei o meu robe e fui na ponta dos pés até a porta.

Quando abri, quase gritei. Vi uma figura que parecia um fantasma parado no topo da escada, atrás da balaustrada.

Não gritei. Mas devo ter feito algum ruído assustado porque a figura deu meia-volta e botou o dedo sobre os lábios, pedindo silêncio. Era Flo, de camisola branca com flores cor-de-rosa, pálida feito papel à luz da lua.

— Você ouviu também? — sussurrei.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ouvi. Pensei que podia ser um portão no jardim, mas não é, é aqui *dentro* da casa.

Ouvi um estalo atrás de nós. Flo e eu nos viramos e vimos Clare saindo do quarto dela, esfregando os olhos.

— O que foi?

— Psiu — murmurou Flo. — Tem alguma coisa lá embaixo. Ouça.

Nós três ficamos paradas, escutando.

Ekkkkkk... claque!

— É só uma porta batendo com o vento — disse Clare, bocejando.

Flo balançou a cabeça veementemente.

— É dentro da casa. Que vento é esse dentro da casa? Alguém deve ter deixado alguma porta aberta.

— Impossível — disse Clare. — Verifiquei todas.

Flo botou as mãos no pescoço e, de repente, parecia assustada.

— Nós temos de descer, não é?

— Vamos chamar o Tom — disse Clare. — Ele é alto e parece ameaçador.

Ela entrou no quarto dele na ponta dos pés, e ouvi quando sussurrou:

— Tom! Tom! Ouvimos um barulho na casa.

Tom saiu do quarto, de olhos remelentos e pálido, e descemos lentamente a escada.

Havia, sim, uma porta aberta, deu para saber logo que chegamos ao térreo. Estava gelado e uma brisa soprava na entrada, vinda da cozinha. Flo empalideceu de vez.

— Vou pegar a espingarda — ela cochichou com a voz tão baixa que mal dava para ouvir.

— Pensei que você tinha dito — Clare formou com o movimento dos lábios — que estava carregada com cartuchos de festim.

— E está — Flo sussurrou zangada —, mas *ele* não sabe disso, não é? — Ela inclinou a cabeça para a porta da sala de estar. — Você primeiro, Tom.

— Eu? — disse Tom cochichando horrorizado, mas revirou os olhos e botou só a cabeça para espiar além da porta. Então fez sinal de que estava tudo bem e nós o seguimos apressadas, com certo alívio. Não tinha ninguém na sala, o luar iluminava o tapete claro. Flo estendeu os braços por cima da lareira e pegou a arma. Estava pálida, mas determinada.

— Você tem *certeza* de que são tiros de festim? — perguntou Clare de novo.

— Certeza absoluta. Mas, se houver alguém lá, levará um baita susto.

— Se é você que vai segurar a espingarda, eu vou atrás de você — sibilou Tom. — Balas de festim ou não.

— Está bem.

Eu podia pensar qualquer coisa da Flo, mas não podia reclamar da sua coragem. Ela ficou parada um momento no corredor e deu para ver suas mãos tremendo. Então respirou fundo, um suspiro entrecortado, e abriu a porta da cozinha com tanta força que a fez bater com estrondo na parede de ladrilhos.

Não havia ninguém lá. Mas a porta de vidro da cozinha estava aberta ao luar e

uma leve rajada de neve soprou pelo piso de cerâmica.

Clare atravessou a cozinha num instante, os pés descalços pisando suaves no chão.

— Tem pegadas aqui, olhem.

Ela apontou para o gramado. Pegadas disformes grandes, como as feitas por botas de borracha ou de neve.

— Porra. — O rosto de Tom estava branco. — O que aconteceu? — Ele se virou para mim. — Você foi a última a passar por essa porta. Não trancou?

— Eu... eu tenho certeza de que tranquei — procurei lembrar.

Nina se ofereceu para ajudar, Flo recusando zangada. Tive uma lembrança bem clara da minha mão na tranca.

— Tranquei sim, tenho certeza. Eu tranquei essa porta.

— Bom, você não pode ter trancado direito! — Flo veio para cima de mim.

No escuro, apenas com a luz da lua, ela parecia uma estátua, o rosto duro e inflexível como o mármore.

— Tranquei sim.

Eu já estava começando a ficar zangada.

— De qualquer modo, acho que você disse que Clare tinha verificado.

— Eu só chacoalhei cada porta — disse Clare, com os olhos muito arregalados e sombras como manchas roxas em volta. — Não verifiquei cada tranca. Quando não abriam, eu concluía que estavam fechadas.

— Eu tranquei — repeti teimosamente.

Flo emitiu um ruído furioso, quase como um rosnado. Então enfiou a espingarda embaixo do braço e subiu a escada pé ante pé.

— Eu tranquei — repeti olhando para Tom e para Clare. — Vocês não acreditam em mim?

— Olha só — disse Clare —, isso não é culpa de ninguém.

Ela foi até a porta e bateu com força, girando a chave.

— Está muito bem trancada agora, de qualquer maneira. Vamos para a cama.

Subimos a escada em fila, sentindo a adrenalina em queda se transformar em tremeliques amargos. Nina estava no topo da escada quando dei a volta no último lance, esfregando os olhos, confusa.

— O que aconteceu? — ela perguntou quando cheguei perto. — Por que acabei de ver a Flo passar marchando segurando aquela maldita espingarda?

— Levamos um susto — disse Tom, logo atrás de mim. — Alguém — ele olhou para mim — tinha deixado a porta da cozinha destrancada.

— *Não fui* eu — insisti.

— Bem, seja como for, estava aberta. Ouvimos bater. Havia pegadas lá fora.

— Porra.

Agora Nina estava tão acordada quanto o resto de nós. Ela passou a mão no rosto de novo, para arrancar o sono dos olhos.

— Eles tinham ido embora? Viram se está faltando alguma coisa?

— Nada que eu tenha notado. — Tom olhou para mim e para Clare. — Estão lembrando de alguma coisa? A televisão estava lá. Todas essas coisas óbvias. Alguém deixou a carteira dando sopa por aí? A minha está no meu quarto.

— A minha também — disse Clare.

Ela se virou e espiou pela janela a entrada da casa.

— E todos os carros continuam lá.

— Minha bolsa está no meu quarto, eu acho — disse eu e inclinei a cabeça na porta para ver. — É, está lá.

— Bem... parece que não queriam roubar nada... — disse Tom meio aflito. — Se não fossem as pegadas, daria quase para pensar que era apenas uma tranca defeituosa.

Mas as pegadas *estavam* lá. Isso ninguém podia negar.

— Será que devemos chamar a polícia? — ele perguntou.

— Não podemos, não é? — disse Nina acidamente. — O telefone fixo está mudo e as drogas dos celulares não pegam.

— Você conseguiu umas duas barrinhas ontem — lembrei, mas ela balançou a cabeça.

— Deve ter sido um blip. Desde aquela hora não consegui mais nada. Ora, vamos encarar pelo lado bom: não há cheiro de gasolina no ar, então, com um pouco de sorte, não são os moradores loucos daqui que voltaram com suas latas para provocar o segundo incêndio.

A reação foi o silêncio. Ninguém deu risada.

— Nós devemos é voltar para a cama, tentar dormir um pouco — Clare acabou dizendo, e todos nós concordamos.

— Quer botar seu colchão no nosso quarto? — disse Nina, surpreendendo Tom. — Eu não gostaria de ficar sozinha.

— Obrigado — disse Tom. — Isso... isso é muito gentil. Mas não precisa. Vou trancar a porta, caso alguém esteja atrás da minha virtude. Não que tenha sobrado muita.

— Aquilo foi legal — eu disse para Nina depois que demos boa-noite para Tom e Clare e já estávamos encolhidas em nossas camas. — O que você falou para o Tom, quero dizer.

— Legal, presentinho de consolação. Senti pena do pobrezinho. Além disso, acho que ele entraria em pane se alguém realmente entrasse aqui. — Ela suspirou e rolou na cama. — Quer que eu deixe a luz acesa?

— Não, está tudo bem. Aquela porta está trancada agora... isso é o mais importante.

— Muito bem. — Nina apagou a luz e eu vi o brilho do seu celular. — Duas perdidas. Que merda. E nem uma barra de conexão até agora. E você? Conseguiu alguma coisa?

Estendi o braço para pegar o meu celular.

Não estava lá.

— Espere aí. Tenho de acender a luz. Não consigo encontrar.

Acendi a luz e olhei em volta, embaixo da cama, embaixo da mesa de cabeceira e, depois, dentro da minha bolsa. Nada de celular. Na verdade, o celular não estava em lugar algum, só vi o carregador desligado e solto no chão. Procurei me lembrar da última vez em que peguei nele. No carro, talvez? Lembrei-me de tê-lo usado na hora do almoço. Mas depois disso não tinha certeza. Perdi o hábito de verificar se tinha mensagens, ali naquela casa. Sem sinal, era inútil mesmo. *Achei* que me lembrava de tê-lo trazido para o quarto para recarregar antes do jantar, mas podia ter sido sexta-feira. O mais provável é que tivesse caído do meu bolso no carro.

— Não está aqui — eu disse. — Acho que devo ter deixado no carro.

— Tudo bem — disse Nina, bocejando. — Mas não se esqueça de procurá-lo amanhã antes de irmos embora, ok?

— Ok. Boa-noite.

— Boa-noite.

Houve um roçar do edredom quando ela se instalou. Fechei os olhos. Tentei dormir.

O que aconteceu depois...?

Ah, meu Deus. O que aconteceu depois. Não sei se consigo...

Continuo sentada aqui, procurando botar em ordem minha cascata confusa de pensamentos, quando a porta abre e a enfermeira entra empurrando um carrinho.

— O médico quer dar uma olhada nos seus exames, mas ele disse que é bem provável que depois disso você possa tomar um banho. E eu trouxe aqui um café da manhã para você.

— Olha — eu tento me endireitar encostada nos travesseiros que ficam escorregando —, olha, a policial aí fora... a polícia está aqui por minha causa?

Ela fica sem jeito e olha para o pequeno quadrado de vidro da porta enquanto serve cereais de arroz num pote de plástico, uma jarra de leite e uma única tangerina.

— Estão investigando o acidente — ela finalmente explica. — Tenho certeza de que vão querer falar com você, mas o médico precisa te dar alta. Eu disse a eles que não vão invadir a enfermaria de um hospital a essa hora. Eles têm de esperar.

— Eu escutei... — Engulo em seco, minha garganta arde como se alguma coisa estivesse tentando escapar... um soluço ou um grito. — Ouvi quando eles disseram alguma coisa sobre uma mo-morte...

— Arre! — Ela se aborrece e bate a porta do armário com força desnecessária. — Eles não deviam estar incomodando você, a sua pobre cabeça.

— Mas é verdade? Alguém morreu?

— Eu não posso falar sobre isso. Não posso falar de outros pacientes.

— É *verdade*?

— Tenho de pedir que se acalme — ela disse, abrindo as mãos espalmadas com aquele gesto profissional de pedir calma que me dá vontade de gritar. — Não é bom para a sua cabeça ficar preocupada desse jeito.

— Preocupada? Uma das minhas amigas pode estar morta e você está dizendo que não devo me preocupar? Quem foi? Pelo amor de Deus, quem foi? E por que eu não consigo lembrar? Por que não consigo lembrar o que aconteceu antes do acidente?

— É bem comum — diz ela, com a voz ainda naquela cadência de pedir calma, como se falasse com uma criança pequena ou com alguém lerdo para entender — depois de uma lesão na cabeça. Tem a ver com a maneira com que o cérebro transfere lembranças remotas e mais recentes. Se alguma coisa interrompe o processo, você pode se perder no tempo.

Ah, meu Deus, eu *preciso* lembrar. Tenho de lembrar o que aconteceu porque alguém morreu e a polícia está aí fora, eles virão me interrogar, e como vou saber, como vou saber o que estou dizendo, o que estou revelando, se não souber o que aconteceu?

Eu me vejo correndo, correndo pela floresta com sangue nas mãos, no rosto, na roupa...

— Por favor — digo, e minha voz está perto de falhar, quase implorando, e eu

me detesto por ser tão fraca e tão carente. — Por favor, me diga, por favor, me ajude, o que aconteceu? O que aconteceu com as minhas amigas? Por que eu estava coberta de sangue, por que tanto sangue? Meu ferimento na cabeça não foi tão sério assim. De onde veio todo aquele sangue?

— Eu não sei — ela diz baixinho, e há compaixão autêntica em sua voz dessa vez. — Eu não sei, querida. Vou chamar o doutor e talvez ele possa contar alguma coisa para você. Enquanto isso, quero que tome o seu café da manhã, você precisa manter sua força, e o médico vai querer ver um bom apetite.

Então ela recua e sai empurrando o carrinho, e a porta de mola fecha outra vez, eu fico sozinha com meu pote plástico de cereais de arroz estalando enquanto se encharcam de leite açucarado.

Eu devia me levantar. Devia forçar minhas pernas fracas e moles a cumprirem seu dever, devia girá-las para fora da cama, marchar para o corredor e exigir respostas daqueles policiais. Mas não faço isso. Fico lá sentada, lágrimas escorrem no meu rosto, pingam do meu queixo nos cereais de arroz, e o cheiro da tangerina está pesado e passado, fazendo com que me lembre de alguma coisa que não consigo recordar e não consigo esquecer.

Por favor, penso, *por favor. Recomponha-se sua idiota. Levante-se. Vá descobrir o que aconteceu. Descubra quem morreu*.

Mas não me mexo. E não é só porque minha cabeça dói, minhas pernas também doem e meus músculos parecem trapos molhados.

Eu não me mexo porque estou com medo. Porque não quero ouvir o nome que a polícia vai dizer.

E porque tenho medo de que estejam aqui por minha causa.

21

O cérebro não lembra bem. Ele conta histórias. Preenche as lacunas e implanta essas fantasias como lembranças.

Preciso descobrir os fatos.

Mas eu não sei se estou me lembrando do que aconteceu, ou se é o que eu *quero* que tenha acontecido. Sou escritora, sou uma mentirosa profissional. É difícil saber quando parar, sabe? Quando vemos uma lacuna na narrativa, queremos preenchê-la com uma razão, um motivo, uma explicação plausível.

E quanto mais me esforço, mais os fatos se dissolvem entre meus dedos.



Sei que acordei assustada. Não sei que horas eram, mas ainda estava escuro. Ao meu lado Nina estava sentada na cama, de olhos arregalados e faiscando.

— Você ouviu isso? — ela sussurrou.

Fiz que sim com a cabeça. Passos no andar de baixo. Uma porta abrindo devagar.

Meu coração batia na garganta. Empurrei o edredom e peguei meu robe. Lembrei-me da porta da cozinha escancarada e das pegadas na neve.

Devíamos ter verificado o resto da casa.

Parei na porta e fiquei escutando um segundo, depois abri com todo o cuidado. Clare e Flo estavam paradas do lado de fora do quarto, olhos arregalados, rostos pálidos de medo. Flo segurava a espingarda.

— Vocês escutaram alguma coisa? — murmurei o mais baixo que pude.

Clare meneou a cabeça enfaticamente, uma vez só, e apontou para a escada, com o dedo para baixo. Apurei o ouvido, tentando dominar minha respiração trêmula e meu coração acelerado. Ouvi o som de alguma coisa arranhando, depois uma *pancada* bem clara, como o barulho de uma porta se fechando. Havia alguém lá embaixo.

— Tom? — formei com a boca, sem emitir som, mas nesse instante a porta do quarto dele se abriu um pouco e ele botou o rosto na abertura.

— Vocês... esse barulho? — ele sussurrou.

Clare fez que sim com a cabeça.

Dessa vez não era nenhuma porta destrancada. Não havia vento. E deu para ouvir nitidamente passos de alguém andando na cozinha, no corredor e, depois, o rangido bem definido de um pé no primeiro degrau da escada.

De algum jeito tínhamos nos juntado bem próximos. Senti a mão de alguém procurando a minha. Flo estava no meio, com a espingarda em riste, mas o cano tremia muito. Estendi a mão livre para firmá-lo.

Ouvimos outro rangido na escada e a nossa respiração, então alguém deu a volta no primeiro lance dos degraus e formou uma silhueta contra o vidro que dava para a floresta.

Era um homem... um homem alto. Ele usava uma espécie de agasalho escuro com capuz e não dava para ver o rosto. E olhava para baixo, para um celular, a tela brilhava branca na escuridão.

— Dê o fora e deixe-nos em paz! — berrou Flo, e a espingarda disparou.

Ouvimos um estampido catastrófico e ensurdecedor e o barulho de vidro quebrando, e a espingarda escoiceou feito um cavalo. Lembro-me disso... e recordo que alguns de nós caímos.

Lembro que olhei para cima e vi... não fazia sentido... a enorme janela de vidro quebrada... vidro espalhado na neve, nos degraus da escada.

Lembro que o homem na escada deu um grito engasgado, mais de choque do que de dor, e então ele caiu encolhido e rolou escada abaixo, como um ator substituto num filme.

Não sei quem acendeu a luz. Mas ela iluminou todo o espaço até o telhado com um brilho que me fez piscar e cobrir os olhos... E eu vi.

Vi a escada branca cheia de sangue, a janela espatifada e a mancha comprida de sangue onde o homem tinha caído no térreo.

— Oh, meu Deus... — gemeu Flo. — A arma... a arma estava carregada!

Quando a enfermeira retorna, estou chorando.

— O que aconteceu? — pergunto. — Alguém morreu... fale, por favor, me diga quem morreu, por favor!

— Não posso, querida. — Ela parece realmente infeliz. — Gostaria de poder, mas não posso. Mas trouxe o dr. Miller para examinar você.

— Bom-dia, Leonora — diz ele, se aproximando da cama.

A voz dele é suave, cheia de pena. Sinto vontade de dar um soco nele e na sua compaixão.

— Sinto que esteja chorando.

— Alguém morreu — digo com toda a clareza e procuro manter a respiração regular, para evitar engasgos e soluços. — Alguém morreu e ninguém me diz quem foi. E a polícia está aí na porta. Por quê?

— Não vamos nos preocupar com isso por enquanto...

— Mas eu *estou* preocupada! — grito.

Cabeças no corredor viram-se para o meu lado. O médico estende a mão num gesto de pedir calma, dá umas batidinhas na minha perna sob o cobertor que me fazem estremecer. Estou machucada. Estou ferida. Estou usando um avental do hospital que é aberto nas costas e perdi a minha dignidade junto com todo o resto. Não encoste em mim, seu babaca paternalista. Quero ir para *casa*.

— Olha — diz ele —, entendo que você esteja perturbada e torço para que a polícia tenha algumas respostas para lhe dar, mas eu gostaria de examiná-la, para saber se pode conversar com eles, e só posso fazer isso se você se acalmar. Entendeu, Leonora?

Fiz que sim com a cabeça sem falar nada, depois virei o rosto para a parede enquanto ele examinava o curativo na minha cabeça, verificava as pulsações e a pressão nos leitores da máquina. Fechei os olhos, deixei as indignidades desaparecerem e respondi às perguntas dele.

Meu nome é Leonora Shaw.

Tenho vinte e seis anos.

Hoje é... nessa precisei de ajuda, mas a enfermeira disse logo. É domingo. Eu estava no hospital havia menos de doze horas. E nesse caso, é dia 16 de novembro. Acho que isso contou como desorientação e não como perda de memória.

Não, não sinto náusea. Minha visão está ótima, obrigada.

Sim, estou tendo problema para recuperar certas lembranças. Há algumas coisas que não deviam ser lembradas.

— Bem, parece que você está muito bem — diz o dr. Miller afinal.

Ele pendura o estetoscópio no pescoço e põe a pequena lanterna de volta no bolso do jaleco.

— Todas as observações da noite estão boas e seus exames também. O problema de memória está me preocupando um pouquinho. É comum perder alguns minutos antes de uma colisão, mas parece que você está tendo problema com coisas que aconteceram antes disso, não é?

Meneio a cabeça com certa relutância, pensando nos retalhos interrompidos de imagens que invadiram a minha cabeça a noite toda: as árvores, o sangue, os faróis oscilando.

— Bem, essas lembranças devem voltar. Nem todos os problemas de memória

são causados — noto que ele evita a palavra “amnésia” — por trauma físico. Alguns são mais relacionados ao estresse.

Pela primeira vez, depois de um tempo considerável, levanto a cabeça, olho nos olhos dele diretamente.

— O que quer dizer?

— Bem, entenda que essa não é a minha especialidade... Eu trabalho com traumas físicos de cabeça. Mas às vezes... às vezes o cérebro suprime acontecimentos que não estamos preparados para enfrentar. Suponho que seja um mecanismo de defesa, digamos assim.

— Que tipo de acontecimentos?

Minha voz soa dura. Ele sorri. Põe a mão na minha perna de novo. Resisto à vontade de me encolher e fazer uma careta.

— Você teve momentos difíceis, Leonora. Agora, tem alguém a quem possamos avisar? Alguém que você gostaria que a acompanhasse? Eu soube que já informaram à sua mãe, mas ela vive na Austrália, não é?

— É.

— Algum outro parente? Namorado? Companheiro?

— Não. Por favor... — Engulo em seco, mas não tem sentido retardar mais ainda as coisas. A agonia de *não* saber está se tornando um sofrimento maior. — Por favor, eu quero falar com a polícia agora.

— Humm. — Ele se levanta, examina sua prancheta. — Não estou convencido de que esteja pronta para isso, Leonora. Já dissemos a eles que você não está apta a responder perguntas.

— Eu gostaria de conversar com a polícia.

Eles são os únicos que me darão respostas. *Preciso* vê-los. Olho fixo para o médico enquanto ele finge estudar o prontuário diante dele, e pensa no que vai resolver.

Finalmente ele suspira, um meio suspiro comprido e frustrado, e larga a prancheta no suporte do pé da cama.

— Muito bem. Eles só podem ficar aqui meia hora, no máximo, enfermeira, e não quero que seja nada muito estressante. Se a srta. Shaw começar a ter qualquer dificuldade na entrevista...

— Entendido — diz a enfermeira com eficiência.

O dr. Miller estende a mão e eu a aperto, procurando não olhar para os arranhões e o sangue no meu braço.

Ele se vira para sair.

— Ah, espere, desculpe... — chamo quando ele chega à porta. — Posso tomar uma chuveirada antes? Quero falar com a polícia, mas não quero ter de encará-los desse jeito.

— Um banho de banheira — diz o dr. Miller, meneando a cabeça. — Você está com um curativo na cabeça que eu prefiro não mexer agora. Se ficar com a cabeça fora da água, sim, pode tomar um banho.

E ele foi embora.



Levaram um bom tempo para desligar tudo da máquina. Havia sensores, agulhas e o grande absorvente para incontinência entre as minhas pernas que me deixou quente e fria de vergonha quando estiquei as pernas para me levantar e senti aquele volume. Será que eu tinha me molhado à noite? Não sinto aquele cheiro acre de urina, mas não tenho certeza.

A enfermeira me deu o braço para eu ficar de pé e, mesmo desejando empurrá-la, descobri que tinha de agradecer, porque me apoiei com mais força do que gostaria de admitir e fui manquitolando cheia de dor para o banheiro.

Lá dentro a luz acendeu automaticamente, a enfermeira encheu a banheira e me ajudou com as tiras do meu avental.

— Posso fazer o resto sozinha — eu disse, detestando a ideia de me despir na frente de uma desconhecida, mesmo sendo uma profissional, mas ela balançou a cabeça.

— Não posso deixar você entrar na banheira sem ajuda, desculpe. Se você escorregar...

Ela não termina a frase, mas sei o que quer dizer: mais uma pancada em cima da que já sofri na cabeça.

Faço que sim com a cabeça, tiro a horrenda fralda de adulto (a enfermeira leva embora antes que eu possa me preocupar de ver se está suja ou não) e deixo o avental cair no chão, tremendo naquela nudez, apesar do banheiro estar abafado e quente.

Estou fedendo, percebo envergonhada. Cheiro a medo e suor e sangue.

A enfermeira segura a minha mão quando piso desequilibrada dentro da banheira, me firmo nos seguradores e me abaixo na água escaldante.

— Quente demais? — a enfermeira pergunta logo, quando bufo baixinho, mas balanço a cabeça indicando que não.

Não está quente demais. *Nada* poderia ser quente demais. Se pudesse me esterilizar com água fervente, faria isso.

Finalmente estou deitada na água, trêmula por causa do esforço.

— Posso... eu gostaria de ficar sozinha, por... por favor — digo, sem graça.

A enfermeira bufa, percebo que está prestes a recusar e, de repente, não

consigo mais aguentar. Não suporto mais o escrutínio deles, a bondade deles, a vigilância constante.

— Por favor — eu insisto, com mais dureza do que pretendia —, eu não vou me afogar em doze centímetros de água.

— Está certo — diz ela, embora relutante. — Mas nem pense em sair daí sozinha. Você vai puxar a corda e eu venho ajudar.

— Está bem.

Eu não quero admitir a derrota, mas lá no fundo sei que não teria segurança nenhuma de sair daquela banheira sozinha.

A enfermeira vai embora e deixa a porta encostada. Fecho os olhos e afundo na água fumegante, isolo a presença dela do outro lado da porta, isolo os cheiros e os barulhos do hospital, o zumbido das lâmpadas fluorescentes.

Ali deitada na banheira, passo as mãos em todos os cortes, arranhões e manchas roxas, sinto os pequenos coágulos e cascas dissolvendo nas palmas e procuro lembrar o que me fez correr na floresta, com sangue nas mãos. Tento lembrar. Mas não tenho certeza se consigo encarar a verdade.



Depois que a enfermeira me ajudou a sair do banho, eu me enxuguei suavemente, vendo meu corpo conhecido cheio de marcas desconhecidas de cortes e de pontos. Há cortes nas minhas canelas. São cortes profundos e irregulares, de um lado a outro do osso, como se eu tivesse passado por espinhos ou arame farpado. Há cortes nos meus pés e mãos, de correr descalça sobre estilhaços de vidro e de proteger meu rosto de cacos pelo ar.

Finalmente vou até o espelho, passo a mão para tirar o embaçado do vapor e me vejo pela primeira vez desde o acidente.

Nunca fui do tipo de fazer as pessoas virarem a cabeça. Não como a Clare, cuja beleza é difícil ignorar, ou Nina, que é espetacular com seu tipo magro de amazona, mas nunca fui uma aberração. Agora, espiando meu reflexo no espelho ainda embaçado, descubro que se me visse na rua viraria-me de costas, de pena ou horrorizada.

O curativo na testa não ajuda. Parece que mal mantém meu cérebro no lugar. Nem os cortes e arranhões menores espalhados no meu rosto e na testa também, mas isso não é o pior. O pior são meus olhos: os dois roxos com uma cor de bronze se espalhando pelos lados do nariz, formando círculos pretos no lugar das olheiras e desbotando em amarelo na face. O da direita está um verdadeiro espetáculo, o outro nem tanto. Parece que socaram meu rosto sem parar. Mas

estou viva e alguém não está mais.

É essa ideia que me faz vestir o avental do hospital, amarrar as tiras e sair arrastando os pés para encarar o mundo.

— Estava admirando seus olhos pretos? — a enfermeira dá uma risada franca. — Não se preocupe, fizeram todos os exames, você não tem nenhuma fratura basilar. Foi só uma pancada no rosto. Ou duas.

— Ba-basilar...?

— Um tipo de fratura do crânio. Pode ser muito séria. Mas eles excluíram isso, portanto não se assuste. Olhos pretos não são incomuns depois de um acidente de automóvel, mas somem em poucos dias.

— Estou pronta — eu disse. — Para a polícia.

— Tem certeza de que está preparada, querida? Não precisa fazer isso.

— Estou preparada — eu disse com firmeza.



Estou de novo na cama, sentada, com uma xícara do que a enfermeira afirmou que é café, mas que... a não ser que o trauma tenha danificado meu paladar... não é café. E aí alguém bate à porta.

Levanto a cabeça rapidamente, com o coração aos pulos. Lá fora, sorrindo através do vidro aramado da janela da porta, está uma policial. Deve ter quarenta e poucos anos e é inacreditavelmente bonita, com aquela aparência esculpida que costumamos ver nas passarelas. A sensação é de incoerência chocante, mas não sei por quê. Por que as policiais femininas não podem ter a cara da mulher do David Bowie?

— E-entre — digo.

Não gagueje. Droga.

— Oi.

Ela abre a porta e entra no quarto, ainda sorrindo. Tem o corpo magro de galgo, de corredora de longas distâncias.

— Sou a delegada detetive Lamarr. — A voz dela é carinhosa, e as vogais têm uma musicalidade morena. — Como está se sentindo?

— Melhor, obrigada.

Melhor? Melhor do que o quê? Estou num hospital, de avental sem costas e dois olhos roxos. Não sei bem como podia ser pior.

Então me corrijo: fui desligada da máquina e eles tiraram a fralda. Parece que podem confiar que sou capaz de urinar sozinha. Isso está melhor mesmo.

— Falei com os seus médicos e eles me disseram que podemos fazer algumas

perguntas, mas, se for demais, nós paramos, é só dizer. Está bem assim?

Meneio a cabeça e ela diz:

— A noite passada... Pode me dizer do que se lembra?

— Nada. Eu não me lembro de nada.

Minha resposta sai mais brusca e tensa do que eu pretendia. E para horror meu, sinto uma bola na garganta, que engulo furiosa. Eu não vou chorar! Sou uma mulher adulta, raios, não uma criança que arranhou o joelho no parquinho, berrando “quero papai”.

— Ora, isso não é verdade — ela diz, mas sem o tom acusatório.

A voz dela tem o tom gentil e encorajador de uma professora ou de uma irmã mais velha.

— O dr. Miller me disse que você tem a mais perfeita clareza sobre os acontecimentos que antecederam ao acidente. Por que não começa pelo início?

— O início? Você não vai querer aquelas baboseiras dos meus traumas de infância, vai?

— Pode ser. — Ela senta no pé da cama, desafiando o regulamento do hospital. — Se forem relevantes para o que aconteceu. Vamos fazer uma coisa. Que tal começarmos com perguntas fáceis, só para aquecer? O seu nome, por exemplo.

Consigo dar risada, mas não pelos motivos que ela pensa. Qual é o meu nome? Pensei que sabia quem eu era, quem eu tinha me tornado. Agora, depois desse fim de semana, não tenho mais certeza.

— Leonora Shaw — respondo. — Mas me chamam de Nora.

— Muito bem, Nora. E quantos anos você tem?

Eu sei que ela já deve saber tudo isso. Talvez seja alguma espécie de teste, para ver se minha memória está realmente ruim.

— Vinte e seis.

— Agora me diga, como veio parar aqui?

— O quê? No hospital?

— No hospital, em Northumberland em geral, na verdade.

— Você não tem sotaque do norte — desconverso.

— Eu nasci em Surrey — diz ela.

Ela dá um sorrisinho cúmplice para denotar que aquilo não é o procedimento padrão, que ela devia fazer as perguntas, não responder. Mas é uma espécie de moeda de negociação, só que não sei exatamente qual. Uma troca: um pedaço dela por um pedaço de mim.

Só que assim fico parecendo quebrada.

— E então... — ela recomeça — como foi que veio parar aqui?

— Foi...

Botei a mão na testa. Queria esfregá-la, mas o curativo estava no caminho e tive medo de tirá-lo do lugar. A pele por baixo está quente e coçando.

— Estávamos numa despedida de solteira e ela fez faculdade aqui. A Clare, quero dizer. A noiva. Olha, posso perguntar uma coisa? Eu sou suspeita?

— Suspeita?

A voz bela e profunda transforma a palavra em música, o substantivo gelado e espinhoso vira um exercício de solfejo, e então ela balança a cabeça.

— Não nesse estágio da investigação. Ainda estamos recolhendo informação, mas não descartamos nenhuma possibilidade.

Tradução: não é suspeita... ainda.

— Agora me diga o que você lembra da noite passada?

Ela volta ao assunto como uma gata muito linda e bem-criada, que cerca uma toca de rato. Quero ir para casa.

A casca por baixo do curativo arde e coça. Não consigo me concentrar. De repente, do canto do olho, vejo a tangerina intocada em cima do armário e sinto vontade de olhar para outro canto.

— Eu lembro... — pisco e, para horror meu, sinto os olhos enchendo de lágrimas. — Lembro... — engulo em seco furiosamente, cravo as unhas nas palmas das mãos arranhadas e sangrentas, deixando a dor levar embora a lembrança dele caído no piso cor de mel, sangrando nos meus braços. — Por favor, por favor, diga... quem... — paro de falar, não consigo.

Tento de novo.

— Quem...?

Engasgo com a palavra. Fecho os olhos, conto até dez, enfio as unhas nos cortes da palma da mão até meu braço inteiro tremer de dor.

Ouço a detetive Lamarr suspirar, e quando abro os olhos ela parece, pela primeira vez, preocupada.

— Nós gostaríamos de ter o seu lado da história antes de enlamear a água — ela finalmente explica, mas sua expressão é de preocupação, e eu sei, eu sei o que ela não pode falar.

— Tudo bem — consigo responder.

Alguma coisa está se partindo dentro de mim, desmoronando.

— Você não precisa dizer. Oh, De-Deus...

E aí emudeço. As lágrimas jorram sem parar. É o que eu temia. É o que eu sabia.

— Nora... — ouço Lamarr chamar e balanço a cabeça.

Meus olhos estão fechados, bem apertados, mas sinto as lágrimas escorrendo pelo nariz e provocando ardência nos cortes do rosto. Ela emite um som baixinho de simpatia e se levanta.

— Vou lhe dar um tempo — diz.

Ouço a porta do quarto se abrir, depois se fechar, balançar nas dobradiças. Estou sozinha. E choro, e choro, até as lágrimas secarem.

22

Desci a escada correndo, o mais rápido que podia, procurando não cortar os pés no vidro, segurando no corrimão para não escorregar no sangue do homem, e lá estava ele, encolhido num monte pequeno e patético, no pé da escada.

Estava vivo. Ouvi seus gemidos baixos enquanto lutava para respirar.

— Nina! — berrei. — Nina, desça aqui! Ele está vivo! Alguém ligue para 999!

— Não tem a porra do sinal! — Nina gritou de volta, descendo a escada desajeitada.

— Leo — sussurrou o homem, e meu coração gelou.

Então ele levantou o rosto cheio de dor, e eu já sabia. Eu sabia. Eu sabia.

Lembro-me daquele momento com clareza total, de parar o coração.

— James?

Foi Nina que falou primeiro, não eu. Ela escorregava em vez de andar na descida dos últimos degraus e aterrissou ao nosso lado no chão. A voz dela falhou quando tentou medir o pulso dele.

— James? Que merda você está fazendo aqui? Oh, meu Deus!

Ela estava quase chorando, mas suas mãos faziam o trabalho automaticamente, verificando de onde o sangue saía, medindo as pulsações.

— James, fale comigo — ela disse. — Nora, faça ele falar. Ele tem de ficar acordado!

— James... — eu não sabia o que dizer.

Não nos falávamos há dez anos, e agora... e agora...

— James, oh, meu Deus, James... Por quê? Como?

— Me... — ele disse e tossiu, o sangue manchou seus lábios. — Leo?

Parecia uma pergunta, mas eu não sabia o que ele queria dizer. Me? Me alguma coisa, Leo? Só balancei a cabeça. Havia tanto sangue.

Nina tinha aberto o zíper do capuz e arrumado uma tesoura não sei de onde. E rasgou a camiseta dele. Quase fechei os olhos diante da visão do corpo dele, daquela pele que eu tinha beijado e acariciado, cada centímetro, toda coberta de sangue e com os ferimentos de bala.

— Ah, merda — Nina gemeu. — Precisamos de uma ambulância.

— Ela... — James tentava falar, apesar do sangue que borbulhava em seus

lábios. — Ela te... contou?

Sobre o casamento?

— Ele está com um pulmão perfurado. Deve estar com hemorragia interna. Aperte aqui.

Nina guiou a minha mão para um pedaço dobrado da camiseta rasgada sobre a coxa de James, de onde o sangue jorrava com rapidez assustadora.

— O que podemos fazer? — Eu estava tentando não chorar.

— Nesse instante? Tente fazer parar o sangramento. Se essa artéria continuar assim, ele vai morrer de qualquer maneira. Aperte com mais força, ainda está jorrando. Vou experimentar um torniquete, mas...

— Oh, meu Deus.

Era Flo. Parecia um fantasma ali parada, com as mãos no rosto.

— Oh, meu Deus. Eu... eu sinto muito... Não aguento ver san... sangue...

Ela deu um suspiro engasgado e caiu. Ouvi Nina xingar baixinho e muito.

— Tom! — berrou ela. — Tire a Flo daqui! Ela desmaiou. Leve-a para o quarto dela.

Nina afastou o cabelo do rosto. Havia sangue na face e na testa.

— Clare... — disse James.

Ele lambeu os lábios. Tinha os olhos fixos nos meus, como se tentasse me dizer alguma coisa. Apertei a mão dele, me esforcei para não desabar.

— Ela está vindo.

Onde diabos ela havia se metido?

— Clare! — berrei.

Ela não respondeu.

— Não... — James conseguiu falar. — Clare... mensagem texto... ela contou?

A voz dele estava tão fraca que era difícil entender o que dizia.

— O quê?

James tinha fechado os olhos. A mão dele que eu segurava estava mole.

— Ele está morrendo — eu disse para Nina, ouvindo a histeria crescendo na minha própria voz. — Nina, faça alguma coisa.

— O que você pensa que estou fazendo? Brincando de médico? Me dê uma toalha. Não, espere, não solte esse tampão na perna dele. Eu vou pegar. Onde se meteu a *porra* da Clare?

Nina se levantou e correu para a cozinha, escutei quando bateu as gavetas.

James estava imóvel.

— James? — chamei e de repente entrei em pânico. — James, fique comigo!

Ele abriu os olhos com dificuldade e ficou olhando para mim, os olhos brilhantes e escuros com a luz suave do hall de entrada. Sua camiseta estava aberta como a casca de uma fruta e o peito e a barriga cobertos de sangue à

mercê do ar gelado. Eu queria acariciá-lo, beijá-lo, dizer que estava tudo bem. Mas não podia. Porque era mentira.

Cerrei os dentes e apertei a malha com mais força na coxa dele, querendo que o sangue parasse de empoçar... empoçar...

— Eu... sinto muito... — ele disse com a voz bem fraca, tão fraca que pensei ter ouvido mal.

— O quê? — aproximei minha cabeça, tentando ouvir.

— Eu sinto muito...

Ele apertou a minha mão e então, para minha surpresa, estendeu o braço que tremia de tanto esforço e, com a mão, tocou no meu rosto. A respiração dele rateava na garganta, e um fio de sangue desceu pelo canto da boca.

Fechei os olhos apertados, não queria chorar.

— Não seja bobo — consegui dizer. — Isso foi há muito tempo. Já passou agora.

— Clare...

Ah, merda, onde ela estava?

Uma lágrima desceu pelo meu nariz e pingou no peito dele, ele levantou o braço de novo e tentou secar meu rosto, mas estava fraco demais e desistiu.

— Não... chore...

— Oh, James. — foi o que saiu, um lamento entrecortado que tentava dizer tudo que eu não estava conseguindo falar.

James, não morra, por favor, não morra.

— Leo... — ele disse baixinho, e fechou os olhos.

Só James me chamava de Leo. Só ele. Sempre ele.

Ainda estou chorando quando batem à porta, faço força para me endireitar nos travesseiros e só depois me lembro do botão elétrico que levanta a cabeceira automaticamente.

A cama range e me põe na posição sentada, dou um suspiro trêmulo e profundo e seco os olhos com as mãos.

— Entre.

A porta se abre. É Lamarr. Sei que meus olhos devem estar vermelhos e molhados e minha garganta rouca, mas nem sinto vontade de me importar com isso.

— Diga a verdade — falo antes que ela possa dizer qualquer coisa, antes que sente, até. — Por favor. Conto tudo que puder lembrar, mas eu preciso saber. Ele

morreu?

— Sinto muito — ela diz, e eu sei.

Tento falar, mas não posso. Sento para a frente, balanço a cabeça, tento pronunciar as palavras, mas elas não saem.

Lamarr fica em silêncio enquanto tento me controlar e, então, finalmente, quando minha respiração fica mais fácil, ela estende a bandeja de papel que estava segurando.

— Café? — pergunta, gentilmente.

Eu não devia me importar. James está morto. O que importa o café?

Faço que sim com a cabeça, meio relutante, ela me entrega o copo e bebo um longo gole. Está quente e forte. É tão diferente do chá aguado do hospital quanto giz é do gorgonzola, e sinto que ele percorre cada célula do meu corpo para me despertar. É impossível acreditar que eu possa estar viva, e James morto.

Quando largo o copo, sinto o rosto enrijecido e a cabeça dói.

— Obrigada — digo, com a voz rouca.

Lamarr se debruça para a frente e aperta a minha mão.

— Era o mínimo que eu podia fazer. Eu sinto muito. Não queria que você descobrisse desse jeito, mas me pediram... — Ela para e refaz a frase. — Acharam que era melhor não contar mais do que você já soubesse. Queríamos ouvir a sua versão. Sem influência nenhuma.

Eu não falo nada. Apenas abaixo a cabeça. Já escrevi sobre esse tipo de coisa, esse tipo de conversa, minha vida adulta inteira, e nunca imaginei, nem um segundo, que estaria vivendo isso.

— Eu sei que vai ser muito doloroso — ela diz, quando o silêncio se alonga —, mas, por favor, você consegue se lembrar da noite passada? O que você lembra?

— Eu lembro até... os tiros — respondo. — Lembro-me de descer correndo a escada e de vê-lo lá... vê-lo caído lá... — Cerro os dentes e paro um instante, com o ar sibilando entre os dentes.

Não vou chorar de novo. Bebo o café e nem ligo quando escalda minha garganta.

— Você já deve saber dos tiros? — pergunto finalmente. — Eles contaram para você? Os outros? Nina e Clare e os outros?

— Temos relatos diferentes — diz ela, meio evasiva. — Mas precisamos de todos os pontos de vista.

— Estávamos assustados — explico, procurando lembrar.

Parecia que havia passado um século, envolto em névoa de adrenalina, quando todos nós corríamos em volta da casa, meio histéricos, um misto de excitação alcoólica e medo de verdade.

— Teve um aviso na tábua ouija... sobre um assassinato.

A ironia, quando falo isso, é quase insuportável.

— Nós não acreditamos, a maioria de nós, pelo menos, mas imagino que nos deixou nervosos. E havia as pegadas na neve, lá fora. E quando acordamos, a primeira vez, quero dizer, a porta da cozinha estava aberta.

— Como?

— Eu não sei. Alguém tinha trancado... ou disseram que tinham trancado. Flo, eu acho. Ou será que foi a Clare? De qualquer maneira, alguém tinha verificado isso. Mas a porta se abriu e com isso ficamos mais enlouquecidos e apavorados. Então, quando ouvimos os passos...

— De quem foi a ideia de pegar a espingarda?

— Eu não sei. Flo já estava com ela mais cedo, eu acho. Quando encontramos a porta aberta. Mas não devia estar carregada. Devia ter só balas de festim.

— E você estava segurando, certo?

— Eu? — olhei para ela sinceramente chocada. — Não! Era a Flo, eu acho. Sim, era ela.

— Mas o cano tem as suas digitais.

Eles tinham tirado as digitais da arma? Olhei espantada para ela. Então percebi que Lamarr aguardava uma resposta.

— No ca-cano sim.

Porra, não gagueje.

— Mas não no... na outra ponta. No cabo, quero dizer. Olhe, ela balançava aquilo para todos os lados feito louca. Eu estava tentando manter virado para longe de nós.

— Por quê, se achava que não estava carregada?

A pergunta me pegou de surpresa. De repente, apesar do sol, o quarto pareceu gelado. Eu quis perguntar de novo se era suspeita, mas a detetive tinha dito que não era e pareceria estranho ficar repetindo a pergunta, não é?

— Po-porque eu não gosto de ter uma arma apontada para mim, não importa se está carregada ou não. Está certo?

— Certo — diz ela, fazendo uma anotação num bloco.

Ela vira a página do bloco e vira-se de novo para mim.

— Vamos voltar no tempo um pouco. O James, como foi que vocês se conheceram?

Fechei os olhos. Mordi a bochecha para evitar o choro. Há muitas opções de resposta. Nós éramos colegas de escola. Éramos amigos. Ele é noivo da Clare. *Era*, eu me corrijo mentalmente. É impossível acreditar que ele morreu. E de repente entendo o egoísmo da minha dor. Eu estive pensando no James. Mas e Clare... Clare perdeu tudo. Ontem ela estava para casar. Hoje... o quê? Não

existe nem uma palavra para descrever o que ela é. Não é viúva... deve estar desolada.

— Ele... nós namoramos — finalmente respondo.

Porque é melhor ser sincera, não é? Ou pelo menos tão sincera quanto posso ser.

— Quando foi que vocês terminaram?

— Há muito tempo. Tínhamos... é... dezesseis ou dezessete anos.

O "é..." foi meio desonesto. Faz parecer uma estimativa. Na verdade, sei exatamente quando terminamos. Eu tinha dezesseis anos e dois meses. James ia fazer dezessete dali a poucos meses.

— Foi amigável?

— Na hora, não.

— Mas vocês fizeram as pazes depois disso? Quero dizer, você estava na despedida de solteira da Clare...

Ela deixa a frase incompleta e me convida a me precipitar com pieguices sobre o tempo curar tudo, que traições aos dezesseis anos são motivo de riso aos vinte e seis.

Só que eu não caio nessa. O que devo dizer? A verdade?

Alguma coisa gelada está apertando o meu coração, uma friagem apesar do aquecimento do hospital e do calor do sol poente.

Eu não estou gostando dessas perguntas.

A morte de James foi um acidente: uma arma que nunca devia estar carregada, disparada por engano. Então por que essa policial aqui está querendo saber de fins de namoro de tanto tempo atrás?

— Que relevância isso tem para a morte de James? — pergunto de repente.

De repente demais. Ela levanta a cabeça, os lábios com batom ameixa formam um "oh" sem som, de surpresa. Droga. Droga, droga, *droga.*

— Estamos só tentando formar um quadro completo — ela diz suavemente.

Sinto o frio subir e descer pela minha espinha.

James foi alvejado por uma arma que não devia estar carregada. Então quem a carregou?

Sinto o sangue fugindo do meu rosto. Quero muito fazer a pergunta que já fiz antes: sou suspeita?

Mas não posso perguntar, porque perguntar seria suspeito. E de repente eu quero demais não ser suspeita.

— Foi muito tempo atrás — falo, procurando me recuperar. — Fiquei muito magoada na época, mas a gente supera essas coisas, não é?

Não superamos não. Não coisas como essa. Ou, pelo menos, eu não.

Mas ela não percebe a mentira na minha voz. Em vez disso, muda

delicadamente de ângulo.

— O que aconteceu depois que James foi alvejado? — pergunta. — Você lembra o que vocês todos fizeram depois?

Fecho os olhos.

— Tente me levar para a cena — ela diz com a voz suave, me encorajando, quase hipnótica. — Você estava com ele no hall de entrada...



Eu estava com ele no hall de entrada. Tinha sangue nas mãos, no meu pijama. Sangue dele. Muito sangue.

Ele tinha fechado os olhos, e depois de alguns minutos encostei o rosto no dele, procurando ouvir se ainda respirava. E, sim, ele ainda estava respirando. Senti a respiração irregular no meu rosto.

Ele estava muito diferente do tempo que passamos juntos. Tinha rugas nos cantos dos olhos, uma sombra de barba por fazer no maxilar, o rosto estava mais magro e mais definido. Mas continuava James. Eu conhecia os contornos das sobrancelhas, do nariz, a entrada embaixo dos lábios em que o suor formava gotas nas noites de verão.

Ele ainda era o meu James. Só que não. E pelo amor de Deus, onde Clare tinha se metido?

Ouvi passos atrás de mim, mas era Nina, segurando um pano comprido que parecia um lençol. Ela se ajoelhou no chão e começou a enrolar a perna do James de modo bem apertado.

— Acho que a única esperança possível é estabilizar você até podermos levá-lo para o hospital — ela disse, alto e bom som, falando diretamente com James, mas eu sabia que ela falava comigo também. — James, você pode me ouvir?

Ele não respondeu. O rosto dele tinha adquirido uma cor estranha, de cera. Nina balançou a cabeça e então disse para mim:

— É melhor a Clare dirigir e você orientá-la. Eu vou atrás com James para tentar mantê-lo funcionando até chegarmos lá. E é melhor que Tom fique aqui com Flo. Acho que ela está em choque.

— Onde está Clare?

— Ela estava tentando pegar um sinal no fim do jardim, parece que às vezes dá para pegar algum lá.

— Mas não tem nada. — A voz vinha de cima do meu ombro.

Era Clare. Estava da cor de leite desnatado, mas já vestida.

— Ele consegue falar?

— Ele chegou a dizer algumas palavras — eu disse, com a garganta apertada e rouca de lágrimas. — Mas eu... eu acho que agora ele está inconsciente.

— Ai, merda. — Ela ficou ainda mais branca, até os lábios empalideceram e os olhos se encheram de lágrimas. — Eu devia ter descido mais cedo. Só pensei que...

— Não seja boba — Nina interrompeu. — Foi a coisa certa a fazer... chamar uma ambulância era a coisa mais importante, se ao menos conseguíssemos pegar algum sinal aqui. Muito bem, acho que esse torniquete é o melhor que posso fazer. Não vou experimentar mais nada agora, vamos tirá-lo daqui.

— Eu dirijo — disse Clare no mesmo instante.

Nina fez que sim com a cabeça.

— Eu vou atrás com o James. — Ela espiou pela janela. — Clare, vá pegar o carro e traga para o mais perto que puder da porta da frente.

Clare meneou a cabeça e foi pegar a chave do carro. Nina continuou falando, dessa vez comigo:

— Vamos precisar de algum suporte para erguê-lo. Vai doer demais se o pegarmos com as mãos.

— Que tipo de coisa?

— Alguma coisa plana é o ideal, como uma maca.

Nós duas olhamos em volta, mas não havia nada que servisse.

— Podíamos arrancar uma porta.

A voz de Tom veio de trás de nós e nos assustou. Ele olhou para James, que agora jazia totalmente inconsciente no chão, numa poça do próprio sangue que só aumentava. A expressão de Tom era de horror.

— Flo está apagada no quarto. Ele vai ficar bom?

— Sinceramente? — perguntou Nina.

Ela olhou para James e vi que estava angustiada, que, pela primeira vez desde que assumira o controle da situação, demonstrava um certo medo.

— Sinceramente, eu não sei. É possível que consiga. A porta é uma boa ideia. Sabe onde tem uma chave de fenda? Acho que havia uma caixa de ferramentas embaixo da escada.

Tom meneou a cabeça rapidamente e foi procurar.

Nina cobriu o rosto com as mãos.

— Merda — disse ela com a voz abafada pelas palmas das mãos. — Merda, merda, merda.

— Você está bem?

— Não. Estou. — Ela levantou a cabeça. — Eu estou bem. É só que... oh, meu Deus. Que jeito estúpido de morrer, um desperdício. Quem dispara uma arma sem saber com o que foi carregada?

Pensei em Tom, que na véspera tinha brincado com a espingarda de um lado para outro, e de repente fiquei nauseada.

— Pobre Flo — eu disse.

— Foi ela que apertou o gatilho? — perguntou Nina.

— Eu... suponho que sim. Não sei. Era ela que estava segurando a arma.

— Pensei que era você.

— Eu? — Senti meu queixo cair de surpresa e horror. — Meu Deus, não. Mas pode ter sido qualquer um que tenha esbarrado nela. Estávamos todos muito juntos.

Um ronco lá fora e ouvi os pneus do carro de Clare amassando o cascalho de neve diante da porta da frente. Ao mesmo tempo uma pancada na sala de estar e Tom apareceu arrastando uma pesada porta de carvalho com as maçanetas e tudo.

— Pesa uma tonelada — ele disse —, mas só temos de carregar até o carro.

— Ok. — Nina assumiu o comando, exercendo sua autoridade sem dificuldade. — Tom, você pega os ombros dele. Eu vou pegar os pés. Nora, você sustenta os quadris quando o levantarmos para botar na porta. Tente não mexer no curativo da coxa, e cuidado para não enganchar nada na maçaneta. Prontos? Contagem para levantar: três, dois, um, levantar.

Nós três bufamos, James deu um gemido que parecia involuntário e com isso cuspiu mais sangue, então o pusemos na maca improvisada. Corri para abrir a imensa porta da frente de aço, pela primeira vez dando graças pelas medidas daquela casa, porque a porta interna passaria por ali com facilidade, e em seguida voltei para ajudar Nina com o lado dos pés. O peso era enorme, mas conseguimos levar até o hall de entrada e sair para a noite gelada onde Clare nos esperava, com o motor ligado, o escapamento soltando uma nuvem branca no ar frio.

— Ele está bem? — ela perguntou espiando sobre o ombro, se esticando para abrir a porta de trás. — Ele ainda está respirando?

— Ainda respira — disse Nina —, mas não dá pra saber se vai sobreviver. Muito bem, vamos tirá-lo dessa porta.

Nem sei como, numa corrida horrível, trêmula e sanguinolenta, conseguimos deitá-lo no banco de trás onde ficou inerte, com a respiração tão fraca e difícil que me assustou. A perna estava pendurada para fora do carro, e, numa visão grotesca, reparei que o sangue que escorria formava vapor no ar gelado. Ao ver aquilo, parei e fiquei lá imóvel, chocada demais para pensar o que devia fazer enquanto Tom dobrou a perna gentilmente para dentro e fechou a porta.

— Não vai ter espaço bastante para nós dois — disse Nina.

Por um instante não sabia do que ela falava, mas depois entendi: James

ocupava todo o banco de trás. Não havia como Nina caber ali conforme ela havia sugerido.

— Eu fico — sugeri. — Você deve ir com eles.

Nina nem tentou discutir.



— Nora? — A voz de Lamarr, gentil, mas insistente. — Nora? Está acordada? Pode me contar do que se lembra?

Abro os olhos.

— Levamos o James para o carro. Não tínhamos como carregá-lo, então Tom tirou uma porta das dobradiças. Clare estava ao volante. Nina devia ir no banco de trás com James, e eu ia indicar o caminho.

— Devia ir?

— É que... houve um desentendido. Não tenho certeza do que aconteceu. Pusemos James no carro e vimos que não teria lugar para todos nós. Eu disse para Nina que ela devia ir com ele, ela é médica, e que eu ficaria. Ela concordou, corremos de volta para a casa para pegar o celular dela e cobertores para o carro. Mas alguma coisa aconteceu...

— Prossiga.

Fechei os olhos, tentando lembrar. Os acontecimentos estavam começando a ficar menos nítidos. Lembro-me de Clare pisando no acelerador e de Tom gritando alguma coisa, virando a cabeça para trás, e Clare respondeu de volta “Por que não?”. E depois, com impaciência, ela disse: “Ah, deixe pra lá. Eu ligo quando chegar.”

E então ouvi o barulho dos pneus rodando no cascalho e vi as lanternas traseiras do carro dela quando partiu aos solavancos pela estradinha de terra que ia dar na estrada asfaltada.

“Que merda é essa?”, Nina berrou do andar de cima. Ela desceu a escada voando e gritou “Clare! O que você está fazendo?”.

Mas Clare já tinha ido embora.

— Houve um mal-entendido — eu disse para Lamarr. — Tom contou que disse para Clare que nós já estávamos indo, mas que Clare deve ter entendido ele dizer que não íamos mais. Ela foi embora sem a Nina.

— E o que aconteceu depois?

O que aconteceu depois? É isso que eu não tenho certeza.

Lembro que o casaco de Clare estava pendurado na balaustrada da varanda. Ela devia ter posto ali para levar, mas esqueceu. Lembro que peguei o casaco.

Eu lembro...

Eu lembro...

Lembro-me de Nina chorando.

Lembro-me de estar na cozinha, com as mãos embaixo da torneira, vendo o sangue de James descer pelo ralo da pia.

E então... eu não sei se foi o choque ou o que aconteceu depois, mas as coisas começam a se fragmentarem. E quanto mais eu me esforço, menos tenho certeza se estou me lembrando do que aconteceu ou do que *penso* que aconteceu.

Lembro-me de pegar o casaco da Clare. Era mesmo da Clare? De repente vem a imagem de Flo no clube de tiro com uma jaqueta de couro preto igual. Será que era da Clare? Ou era da Flo?

Lembro que peguei a jaqueta.

Lembro-me da jaqueta.

O que é que eu não consigo lembrar sobre aquele casaco?

Então estou correndo, correndo pelo meio da floresta, desesperada para fazê-los parar.

Alguma coisa me fez sair correndo. Alguma coisa me fez enfiar os pés nos tênis gelados de corrida, em pânico e desespero, e sair aos tropeços pela estreita trilha da mata, com a lanterna balançando muito na mão.

Mas o que é?

Olho para baixo. Estou com a mão fechada como se agarrasse alguma coisa pequena e dura. A verdade, talvez.

— Não consigo lembrar — digo para Lamarr. — É aí que tudo começa a ficar muito confuso. Eu lembro que corri pelo meio das árvores...

Paro de falar e procuro juntar os pedaços. Olho para a luz forte do teto e depois de novo para minhas mãos, como se elas pudessem me inspirar. Mas minhas mãos estão vazias.

— Nós temos uma declaração do Tom — Lamarr diz, afinal. — Ele conta que você estava segurando alguma coisa, olhava para a palma da mão, e que então simplesmente saiu correndo, sem vestir o seu casaco. O que a fez sair correndo?

— Eu não *sei*.

Há desespero na minha voz.

— Queria muito saber. Não consigo lembrar.

— Tente, por favor. É muito importante.

— Eu sei que é importante!

Minha resposta sai feito grito, choca de tão alto no quarto pequeno. Agarro com força a borda do fino cobertor do hospital.

— Vo-você acha que não sei disso? É o meu amigo, meu... meu...

Não posso falar. Não consigo encontrar uma palavra para descrever o que

James é para mim... *era* para mim. Dobro os joelhos até encostarem no peito, estou arfando e sinto vontade de dar com a cabeça nos joelhos, e continuar batendo até as lembranças saírem em hemorragia, mas não consigo, não consigo lembrar.

— Nora... — diz Lamarr, e não tenho certeza se o tom de voz é para me acalmar ou para me avisar, talvez seja as duas coisas.

— Eu quero lembrar. — cerro os dentes. — Ma-mais do que você pode imaginar.

— Eu acredito em você — diz Lamarr.

A voz dela tem um quê de tristeza. Sinto sua mão no meu ombro, depois ouço uma pancada na porta e a enfermeira entra empurrando um carrinho.

— O que está acontecendo aqui?

A enfermeira olha para mim, depois para Lamarr, nota meu rosto manchado de lágrimas e meu nervosismo, e seu rosto redondo e simpático se enruga de desaprovação.

— Você, senhorita, não vou permitir que perturbe a minha paciente desse jeito! — Ela aponta o dedo para Lamarr. — Não passaram nem vinte e quatro horas desde que ela quase morreu num acidente de carro. Fora!

— Ela não... — eu tento responder. — Não foi isso...

Mas é só uma parte da verdade. Lamarr realmente me perturbou, e, apesar do meu protesto, fico feliz de vê-la ir, contente de me encolher de lado embaixo das cobertas enquanto a enfermeira serve torta de carne e legumes e vagens cozidas, resmungando baixinho sobre a falta de tato da polícia, e quem eles pensam que são, invadindo o hospital sem nem se dar ao trabalho de pedir licença, perturbando os pacientes, retardando sua recuperação dias, senão semanas... O cheiro da refeição de internato enche o quarto quando ela maneja, serve e põe a bandeja ao meu lado.

— Coma agora, querida — diz ela, num tom que se aproxima da ternura. — Você está que é só pele e osso. Crespinhos de arroz são ótimos, mas não são alimento para recuperar a força. Você precisa de carne, verduras e legumes para isso.

Não estou com fome, mas meneio a cabeça.

Mas, quando ela vai embora, não como. Fico só ali deitada de lado, abraçando minhas costelas doloridas e procurando o sentido de tudo.

Eu devia ter perguntado como vai a Clare, onde ela está.

E Nina, onde está Nina? Será que está tudo bem com ela? Por que não veio me ver? Eu devia ter perguntado tudo isso, mas perdi a chance.

Continuo deitada, olhando para a lateral do armário, penso em James e em tudo que significávamos um para o outro, em tudo que eu tinha feito e perdido.

Porque o que concluí, quando segurei a mão dele e ele perdia sangue lá no chão, foi que a minha raiva, que eu pensava ser terrível e insuperável e que jamais acabaria, já estava indo embora, escorrendo no sangue pelo chão, junto com a vida de James.

Aquela raiva que tinha me definido por muito tempo, a minha amargura com o que tinha acontecido. E agora acabou... a amargura não existe mais, mas James também não existe mais... a única outra pessoa que sabia.

Há uma espécie de leveza no reconhecimento disso, mas também um peso enorme.

Fico ali pensando no passado pela primeira vez. Não na primeira vez que o vi, porque isso deve ter sido quando tínhamos doze ou treze anos, talvez mais novos ainda. Mas na primeira vez que ele chamou a minha atenção. Era o período de verão das aulas do segundo grau e James representava Bugsy Malone na peça da escola. Clare era — claro — Blousey Brown. Era uma mistura disso com Tallulah, mas Blousey fica com seu homem no final, e Clare jamais gostou de encenar perdedoras.

Eu tinha visto James antes, nas aulas, brincando por ali, jogando aviõezinhos de papel e desenhando no próprio braço. Mas no palco... no palco ele iluminava o teatro. Eu tinha acabado de completar quinze anos, James ia fazer dezesseis dali a poucos meses, um dos mais velhos na nossa turma, e naquele ano ele tinha raspado a parte de baixo do cabelo num daqueles cortes radicais, torcendo as mechas encaracoladas que sobraram em um pequeno coque na parte de trás da cabeça. Parecia bem punk e rebelde, mas para o Bugsy ele havia alisado com óleo, e mesmo nos ensaios, usando o uniforme da escola, aquele detalhe simples fazia com que ficasse igual a um gângster da década de 1930. Ele andava como um. Tinha a aparência de um, com um charuto invisível tão convincente no canto da boca que eu chegava a sentir o cheiro da fumaça — mesmo sem haver charuto nenhum.

Ele falava com um sotaque lacônico. Tive vontade de transar com ele e sabia que todas as outras meninas e alguns meninos sentiam a mesma coisa.

Eu sabia o que Clare achava, porque ela tinha dito, debruçada sobre a fila de cadeiras às minhas costas, sussurrando no meu ouvido, o batom rosa da Blousey grudando no meu cabelo:

— Eu vou *possuir* James Cooper — ela me disse. — Já resolvi.

Eu não falei nada. Clare costumava conseguir tudo que queria.

Nada aconteceu nas férias de verão, e comecei a imaginar se Clare tinha esquecido sua promessa. Mas, quando voltamos às aulas, eu percebi, por mil coisinhas, o jeito que ela jogava o cabelo, o número de botões desabotoados da blusa do uniforme... que Clare não tinha esquecido nada. Estava apenas

aguardando uma oportunidade.

A peça do outono era *Gata em teto de zinco quente*, e quando James foi chamado para fazer Brick, Clare ficou com o papel de Maggie. Ela se vangloriou para mim sobre os ensaios a mais que teria de fazer, sozinha no estúdio de teatro depois das aulas, mas nem mesmo Clare seria capaz de usar seu charme para escapar da mononucleose infecciosa. Ela ficou afastada o resto do período e seu papel foi dado para a substituta. Eu.

E assim, em vez de Clare, fui *eu* que interpretei Maggie, a sensual e morena Maggie. Beijei James todas as noites por uma semana, briguei com ele, abracei com uma sensualidade que nem sabia que tinha até ele arrancar isso de mim. Eu não gaguejei. Não era mais Lee. Nunca atuei assim, nem antes nem depois. Mas James *era* Brick, bêbado, com raiva, o Brick confuso, então eu me transformei em Maggie.

Tivemos uma festa do elenco na última noite, Coca-Cola e sanduíches no que chamávamos de sala verde, que na verdade era uma sala de aula vazia, no fim do corredor que partia do auditório. E, mais tarde, Coca com Jack Daniel's no estacionamento e na cozinha da casa de Lois Finch.

E James segurou a minha mão, juntos subimos para o quarto do irmão de Lois, nos deitamos na cama de solteiro de Toby Finch que rangia e fizemos coisas que me fazem estremecer quando penso nelas mesmo aqui, no quarto do hospital, dez anos depois.

Foi então *que* James Cooper perdeu a virgindade. Aos dezesseis anos, numa noite de inverno, sobre um edredom do Homem Aranha, com aeromodelos rodopiando sobre as nossas cabeças e nossos beijos, mordidas e gemidos.

E então ficamos juntos. Simples assim, sem discussão nenhuma.

Meu Deus, como eu o amava!

E agora ele se foi. Parece impossível.

Penso na voz suave e cor de ameixa de Lamarr dizendo: *"E o James, como foi que o conheceu?"*

O que eu devia ter dito, se contasse a verdade?

Eu o conhecia ao ponto de bastar encostar em seu rosto no escuro para saber que era ele.

Eu o conhecia ao ponto de enumerar todas as cicatrizes e marcas do corpo dele, o corte da cirurgia do apêndice do lado direito da barriga, os pontos que levou quando caiu da moto, o jeito que o cabelo se dividia em três rodamoinhos no topo, cada um girando para dentro do outro.

Eu o conhecia de cor.

E ele morreu.

Eu não falava com ele havia dez anos, mas pensei nele todos os dias.

Ele morreu, e, justamente quando mais preciso, a raiva que eu alimentava todo esse tempo também desapareceu. Mesmo dizendo que não me importava mais, que aquilo era parte do meu passado, que estava trancado lá e acabado.

Ele morreu.

Quem sabe se eu disser isso muitas vezes, comece a acreditar.

23

Dormi o sono dos mortos aquela noite, apesar do barulho e dos apitos das máquinas no corredor e da iluminação invasiva. As enfermeiras pararam de vir me examinar a cada duas horas, e eu dormi... e dormi... e dormi.

Acordei desorientada... Onde estou? Que dia é hoje? Procuro automaticamente o meu celular.

Não acho. No lugar dele há uma jarra de água de plástico.

E então o peso do presente vem com toda a força feito uma pancada na nuca.

É segunda-feira.

Estou num hospital.

James está morto.

— Vamos acordar — diz uma nova enfermeira, entrando apressada e passando os olhos profissionais nas minhas anotações médicas. — O café da manhã chegará em poucos minutos.

Ainda estou com o avental do hospital e, quando ela está quase saindo, eu chamo.

— Espere!

Ela dá meia-volta com uma sobrancelha erguida, evidentemente no meio da ronda e sem querer parar.

— De-desculpe — gaguejo —, estava só pensando se... se eu posso me vestir. Gostaria de usar a minha roupa. E de ter meu celular de volta, se for possível.

— Nós pedimos aos familiares que tragam — diz ela secamente. — Não somos nenhum serviço de encomendas.

E assim ela vai embora e a porta se fecha depois que passa.

Então ela não sabe. Sobre mim. Sobre o que aconteceu. E então imagino que a casa deve ser cena de crime. Não há como Nina, Clare e os outros estarem lá ainda, desviando do sangue coagulado de James. Eles devem ter ido para suas casas... ou foram levados para um hotelzinho qualquer. Terei de perguntar para Lamarr quando ela vier. *Se* ela aparecer.

Pela primeira vez me dou conta de que dependo da polícia. Eles são minha única ligação com o mundo lá fora.



Mais ou menos às onze da manhã alguém bate à porta. Estou deitada de lado ouvindo a Radio 4. É a novela *Woman's Hour,* e, se eu fechar bem os olhos e apertar os fones de ouvido, quase posso me imaginar em casa, com uma xícara de café — café de verdade — e o tráfego roncando baixinho do lado de fora.

Quando ouço a batida, levo um tempo para registrar o rosto de Lamarr no vidro com trançado de arame da porta. Tiro os fones do ouvido e me arrumo recostada nos travesseiros.

— Entre.

Ela entra com um copo de papel na mão.

— Quer café?

— Ah, *muito obrigada*.

Procuro não parecer desesperada, me esforço para não arrancar o copo da mão dela, mas é impressionante como essas pequenas coisas são importantes no mundo-redoma do hospital. Posso sentir pelo copo que o café está quente demais para beber e fico segurando com as mãos enquanto penso como vou compor o que quero dizer, enquanto Lamarr papeia sobre o lindo tempo de inverno incomum naquela época do ano e como as estradas já estão quase limpas da neve do fim de semana. Finalmente ela faz uma pausa e aproveito a oportunidade.

— Sargen...

— Delegada.

— Desculpe. — Eu me aborreço comigo mesma pelo erro e tento não corar. — Olha, eu estava pensando, como está a Clare?

— Clare? — ela se inclina para a frente. — Você se lembrou de alguma coisa?

— O quê?

— Você começou a se lembrar do que aconteceu depois que saiu da casa?

— O quê?

Ficamos olhando uma para a outra e ela balança a cabeça com tristeza.

— Desculpe. eu pensei, pelo que você disse, que...

— O que você quer dizer? Alguma coisa aconteceu com a Clare?

— Conte o que você lembra — ela diz.

Fico um minuto sem falar nada, tentando traduzir aquele rosto lindo e reservado. Nossos olhos se encontram, mas eu não apreendo nada. Tem alguma coisa que ela não me contou.

— Eu lembro... — falei bem devagar. — Lembro que corri pela floresta... e me lembro do farol de um carro, de vidro... e depois do acidente, me lembro de andar tropeçando em tudo, perdi um dos tênis e havia pedaços de vidro na

estrada.

Tudo começa a voltar à medida que vou falando, o túnel baixo de galhos curvos, esbranquiçados com a luz dos faróis, minha corrida mancando quando tentei fazer alguém parar — qualquer pessoa — para ajudar. Havia uma van na estrada, os faróis brilhavam na escuridão. Levantei-me e acenei freneticamente, lágrimas escorrendo no rosto, e achei que não fossem parar, por um segundo pensei que fossem me atropelar. Mas não, o motorista freou e parou, abriu o vidro da janela e vi seu rosto pálido. "*O que foi isso?*", ele disse, e depois: "*Você foi...?*" O resto da frase ficou no ar, sem ser dita.

— Mas é só isso. Tudo está muito embaralhado... É como se as imagens ficassem cada vez mais tremidas, e daí vem um branco. Mas aconteceu alguma coisa com a Clare? Ela não está...

Ai, meu Deus.

Ai, meu Deus. Não pode ser.

Sinto meus dedos apertando o lençol, minhas unhas roídas afundando com tanta força que os dedos chegam a doer.

Ela morreu?

— Ela está bem — diz Lamarr devagar, com cautela. — Mas estava no acidente, o mesmo acidente que você sofreu.

— Ela está bem? Eu posso vê-la?

— Não, sinto muito. Não pudemos falar com ela ainda. Temos de ter a versão dela antes de...

Ela não completa a frase. Eu sei o que quer dizer. Ela quer a minha versão e a versão de Clare separadas, para que possam comparar as nossas histórias.

Mais uma vez eu sinto aquela inquietude gelada na boca do estômago. Eu sou suspeita? Como posso descobrir sem parecer suspeita?

— Ela ainda não está bem para a nossa conversa — Lamarr finalmente explica.

— Ela sabe do James?

— Acho que não — Lamarr responde, e vejo compaixão em sua expressão. — Ainda não está suficientemente bem para receber a notícia.

Eu não sei por quê, mas isso me abala mais do que qualquer outra coisa que ela já disse hoje. Não suporto a ideia de Clare estar deitada em algum lugar nesse hospital e de não saber que James morreu.

Será que ela está se perguntando por que ele não foi vê-la? Ou será que está mal demais para isso?

— Ela vai ficar boa?

Minha voz embarga e falha na última palavra e bebo um longo gole de café para tentar disfarçar meu sofrimento.

— Os médicos dizem que sim, mas estamos esperando a família dela chegar para saber se ela está estável e se já pode receber a notícia. Eu sinto muito, gostaria de poder dizer mais para você, mas realmente não cabe a mim falar dos detalhes médicos do caso dela.

— Sim, eu sei — respondi, desanimada.

Senti lágrimas presas na garganta que me davam dor de cabeça e deixavam meus olhos embaçados. Eu piscava com raiva, tentando clarear a visão.

— E Nina? — finalmente consegui falar. — Posso vê-la?

— Ainda estamos pegando as declarações de todos os que estavam na casa. Mas, assim que isso terminar, imagino que ela poderá vir.

— Hoje?

— Esperamos que sim, hoje. Mas seria muito, *muito* útil mesmo se você conseguisse se lembrar do que aconteceu depois que saiu da casa. Nós queremos a sua versão, de ninguém mais, e estamos preocupados porque, se conversar com outras pessoas, as coisas podem ficar... confusas.

Não sei o que ela quis dizer com isso. Será que está achando que estou esperando, fingindo perda de memória para acertar a minha história com a de outra pessoa? Ou será que está simplesmente preocupada que no vácuo das minhas próprias lembranças eu possa implantar o relato de alguém inconscientemente?

Eu sei que é muito fácil fazer isso... Passei anos me lembrando de umas férias em que passeei num burrico. Havia uma foto minha no animal que ficava em cima do aparador da lareira, eu devia ter três ou quatro anos, e era uma silhueta contra o sol, apenas uma mancha escura com um halo de cabelo iluminado pelo sol poente. Mas eu me lembrava do vento salgado no rosto e do sol cintilando nas ondas e da sensação da manta áspera entre as coxas. Foi só quando já tinha quinze anos que minha mãe disse que não era eu e sim minha prima Rachel. Eu nunca tinha estado naquele lugar.

Então o que eles estão querendo? Que eu conte as minhas lembranças para depois poder falar com a minha amiga?

— Estou tentando lembrar — eu disse com azedume. — Pode acreditar que eu quero lembrar o que aconteceu, mais ainda do que você. Não precisa manter Nina a certa distância, feito uma cenoura.

— Não é isso — disse Lamarr. — Nós só queremos o seu relato. Juro que não é nenhum tipo de penalidade.

— Se não posso ver Nina, posso pelo menos pegar algumas roupas minhas? E o meu celular?

Devo estar melhor, se já comecei a me preocupar com o celular. A ideia de todos aqueles e-mails e mensagens acumulando e sem poder responder. Hoje é

segunda-feira, dia útil. Minha editora deve ter enviado notícia do meu novo manuscrito. E minha mãe... Será que ela andou tentando ligar?

— Eu realmente preciso do meu celular. Posso prometer que não vou falar com ninguém da casa, se está preocupada com isso.

— Ah — ela diz com uma expressão que sugere certa reserva. — Bem, na verdade, isso é uma das coisas que queríamos pedir para você. Se podemos dar uma olhada no seu celular, se você não se importa.

— Eu não me importo. Mas posso tê-lo de volta depois?

— Sim, mas não conseguimos encontrá-lo.

Isso me pega de surpresa. Se não está com eles, onde é que está?

— Você levou quando saiu da casa? — Lamarr pergunta.

Procuro lembrar. Tenho certeza de que não levei. Aliás, não me lembro de ter meu celular comigo a maior parte do dia.

— Acho que ficou no carro da Clare. Acho que deixei lá quando fomos ao clube de tiro ao prato.

Lamarr balança a cabeça.

— O carro foi todo examinado. Definitivamente, não estava lá. E demos uma busca minuciosa na casa.

— Talvez no clube de tiro?

— Vamos procurar lá — ela faz uma anotação no bloco —, mas estamos ligando e ninguém atende. Imagino que, se você tivesse deixado lá, alguém ouviria tocar.

— Está tocando?

Fico surpresa de saber que ainda tem bateria. Não me lembro da última vez que carreguei.

— Mas então vocês estão ligando para o meu número? Como descobriram qual é?

— Pegamos com a dra. de Souza — ela diz, brevemente.

Levo um segundo para entender que fala da Nina.

— E está mesmo tocando? — falo devagar. — Não está indo direto para a caixa postal?

— Eu... — ela faz uma pausa, e percebo que está tentando lembrar. — Vou ter de verificar, mas sim, tenho quase certeza de que está tocando.

— Bem, se está tocando, não pode estar na casa. Lá não tem sinal nenhum.

Lamarr franze a testa, uma linha entre as sobrancelhas finas e perfeitas. Então balança a cabeça.

— Bem, os técnicos estão verificando agora, então certamente vão chegar a um local aproximado. Avisamos para você assim que for encontrado.

— Obrigada — digo.

Mas não acrescento a pergunta que buzina na minha cabeça: por que eles querem o meu celular?



Eis como eu sei que estou melhorando: estou morta de fome. Olhei para o almoço que chegou duas horas atrás e pensei: *só isso?* É como aquelas refeições-miniatura dos aviões que nos fazem pensar, quem é que come uma colher de purê e uma salsicha do tamanho do meu dedo mindinho? Isso não é uma refeição. É um canapé num bar esnobe da alta.

Estou entediada. Meu Deus, como estou entediada. Agora que não estou mais dormindo tanto, não tenho nada para fazer. Não tenho celular. Não tenho laptop. Eu podia escrever, mas sem acesso ao meu laptop e ao meu atual manuscrito não posso nada. Estou ficando com raiva do rádio. Em casa, quando é apenas música de fundo, adoro a repetição constante, o ciclo tranquilo do dia, o fato de que *Start the Week* vem depois de *Today,* e que *Woman's Hour* vem depois de *Start the Week*, assim como segunda-feira é seguida de terça e de quarta-feira. Aqui isso está começando a me deixar meio possessa. Quantas vezes consigo ouvir a lista infinita de manchetes sem enlouquecer?

Só que, acima de tudo, eu estou é com medo.

Existe uma espécie de efeito focal que ocorre quando se está muito doente. Vi acontecer com meu avô, quando ele estava indo embora. A gente para de se importar com grandes coisas. Nosso mundo encolhe e passa a ser de preocupações pequenas: como a faixa do robe incomoda nas costelas; a dor na coluna; a sensação de uma das mãos na sua.

É esse estreitamento que nos protege, imagino. O grande mundo deixa de ter importância. E à medida que a doença vai piorando, nosso mundo diminui mais ainda, até que a única coisa que importa é continuar respirando.

Mas estou indo na direção oposta. Quando me levaram para o hospital, tudo que eu pensava era em não morrer. Então ontem eu só queria que me deixassem em paz para dormir e lamber as minhas feridas.

Agora, hoje, estou começando a me preocupar.

Eu não sou suspeita oficialmente. Conheço isso o suficiente porque escrevo sobre crimes e sei que Lamarr teria de me interrogar sob custódia se assim fosse, oferecer um advogado e ler os meus direitos.

Mas eles estão investigando, à procura de *alguma coisa*. Não acham que a morte de James foi um acidente.

Eu me lembro das palavras flutuando através do vidro grosso aquela primeira

noite: *oh, meu Deus, então agora se trata de assassinato?* Na hora pareciam chocantes, mas fantasiosas. Apenas parte do estado sonâmbulo e drogada em que eu estava. Agora parecem reais demais.

24

Quando batem à porta de novo, eu mal respondo. Estou deitada, de olhos fechados, ouvindo a Radio 4 com os fones de ouvido do hospital e procurando bloquear o barulho e a agitação da ala vizinha, me imaginando em casa.

As enfermeiras não batem, quero dizer, batem sim, mas é só pró-forma, baixinho, com o nó dos dedos, e vão entrando sem esperar resposta. E eu não posso encarar Lamarr, com suas perguntas bondosas, calmas, curiosas e insistentes. Eu não me lembro. Não me lembro, entendeu? Não estou escondendo nada, simplesmente Não. Lembro. Porra.

Fecho os olhos e procuro escutar além do som dos The Archers para ver se ela está indo embora, então ouço a porta se abrir devagarinho, com cuidado, como se alguém enfiasse só a cabeça para espiar.

— Lee? — ouço chamarem, bem baixinho. — Desculpe, eu quero dizer, Nora?

Sento de um pulo na cama. É Nina.

— Nina!

Arranco os fones de ouvido e tento jogar as pernas para fora da cama, mas não sei se é a minha cabeça ou só pressão sanguínea, porque o quarto de repente fica vazio e distante e sou dominada por uma vertigem.

— Oi! — A voz de Nina está muito longe, com aquele assobio nos meus ouvidos. — Ei, vá com calma. Pelo que eu soube, eles acabaram de costurar seu cérebro de volta aí dentro.

— Estou bem — digo, e não tenho certeza se estou querendo me convencer ou convencer Nina. — Está tudo bem. Estou bem.

E então eu me *sinto* realmente bem. A onda de tontura passa, consigo abraçar Nina e sentir seu perfume típico: Jean Paul Gaultier e cigarro.

— Ah, meu Deus, estou tão feliz de ver você.

— Também estou feliz de te ver. — Ela recua um pouco e olha para mim com expressão crítica, de preocupação. — Devo dizer que, quando nos contaram que você tinha sofrido um acidente de carro, eu... bem. Ver um colega sangrar daquele jeito já bastava.

Faço uma careta e ela olha para o chão.

— Merda, desculpe. Eu... não é que eu...

— Eu sei.

Não é que Nina seja insensível. Ela simplesmente encara essas coisas de um jeito diferente da maioria das pessoas. Sarcasmo é sua defesa diante da vida.

— Digamos apenas que estou contente de você estar aqui.

Ela segura minha mão e a beija na parte de trás, fico espantada e meio emocionada de ver que seu rosto está demonstrando aquela emoção.

— Só que não está nos seus melhores dias, devo acrescentar — ela diz e dá uma risada. — Nossa, preciso de um cigarro. Será que eles notariam se eu fumasse pendurada na janela?

— Nina, o que foi que aconteceu afinal? — pergunto, ainda segurando a mão dela. — A polícia está aqui, eles estão fazendo muitas perguntas. James *morreu*, você soube?

— Sim, eu soube — Nina responde baixinho. — Eles foram até a casa bem cedo, domingo. Não nos disseram logo, mas... Bem, vamos dizer que não se espera aquele aparato policial todo por causa de um disparo não fatal. Ficou bastante óbvio depois que começaram a tirar nossas impressões e fazer testes de resíduos de armas de fogo.

— O que aconteceu? Como é que aquela arma podia estar carregada?

— Do modo que eu entendo — disse ela com a voz séria e firme —, há duas possibilidades. Uma — ela levanta o indicador —, que a tia de Flo não mantinha aquela espingarda carregada com tiros de festim. Mas, pela linha do interrogatório deles, não devem achar que foi isso que aconteceu.

— E a segunda?

— Que alguém carregou a arma.

É apenas o que eu também andava pensando. Mas, mesmo assim, é um choque ouvir desse jeito, em voz alta, na pequena cela de eremita do hospital. Nós duas ficamos em silêncio, pensando nisso um bom tempo, em Tom brincando com a arma na véspera, imaginando todos os “comos” e os “porquês” e os “ses”.

— Como é que a Jess está encarando tudo isso? — acabei perguntando, mais para mudar de assunto do que qualquer outra coisa.

Nina faz uma careta.

— Como você pode imaginar, ela foi a comedida de sempre. Só quarenta e cinco minutos de histeria pelo telefone. Primeiro, ficou furiosa porque estavam me mantendo aqui para dar depoimento, depois queria vir para cá, mas eu disse que não viesse.

— Por que não?

Nina olha para mim com um misto de simpatia e incredulidade.

— Cara, você está brincando comigo? Por qualquer motivo maluco, eles

acham que James foi assassinado. Você ia querer que a pessoa mais querida da sua vida se misturasse com isso? Não. Jess não é parte disso, graças a Deus, e vai continuar assim. Eu a quero longe, bem longe daqui.

— Tem razão.

Eu me arrasto para o meio da cama e fico sentada, abraçando os joelhos contra o peito. Nina senta na cadeira, pega meu prontuário e folheia com evidente curiosidade.

— Com licença — digo. — Não sei bem se quero você sabendo dos detalhes da última vez que meu intestino funcionou e tudo.

— Desculpe, intrometimento profissional. Como está a cabeça agora? Parece que você levou uma pancada e tanto.

— É, a sensação era essa. Mas estou bem. Só que... tenho tido problema de memória.

Fricciono o curativo na testa como se pudesse esfregar as imagens embaralhadas e ajeitá-las em algum tipo de ordem.

— Só a parte depois que eu saí da casa.

— Hummm. Amnésia pós-traumática. Mas costuma durar apenas alguns minutos. A sua parece que... não sei. Quanto tempo, você acha?

— É difícil saber ao certo, já que... ah, eu contei que não consigo lembrar? — Ouço minha voz irritada, e essa minha irritação me incomoda.

Mas Nina ignora.

— Não pode demorar, certo?

— Olha, eu sei que você tem boas intenções — massageio as têmporas —, mas será que podemos parar de falar sobre isso? Passei a manhã inteira com uma sargento da polícia tentando lembrar e, sinceramente, não aguento mais. Não vem nada. E me preocupa pensar que se eu forçar muito vou acabar inventando alguma coisa e me convencendo de que é a verdade.

— Ok.

Ela fica em silêncio um instante e então fala:

— Olha, eu contei para eles sobre você e o James. Disse que vocês costumavam sair. Achei que você devia saber. Não sabia o que você ia dizer, mas...

— Tudo bem. Não quero que ninguém minta. Contei para Lamarr que estivemos juntos. Ela é a policial encarregada...

— Eu sei — Nina interrompe. — Ela tem conversado conosco também. Ela sabe como vocês terminaram?

— O que você quer dizer?

— Você sabe, o grande segredo. A DST. Ou seja lá como você queira chamar.

— Pela última vez, ninguém passou nenhuma doença para mim.

— É o que você vive dizendo. Contou para ela?

— Não, não falei nada disso. Você falou?

— Não. Eu não tinha nada para dizer. Só contei que vocês namoraram. E que depois terminaram.

— Bem, é isso. Não há nada a dizer.

Eu aperto os lábios.

— É mesmo? Hummm, vejamos. — Ela começa a tocar na ponta dos dedos. — Fim do namoro, saída da escola, cortar contato com a metade dos seus amigos, não falar com ele por dez anos. Nada para contar?

— Não há nada para contar — repito teimosa, olhando fixo para meus dedos entrelaçados sobre o joelho.

Os cortes estão começando a escurecer e a criar casca. Logo estarão fechados.

— Porque o fato é que James está morto — continua Nina —, e estão procurando um motivo.

Olhei para ela. Bem nos olhos. Ela sustenta meu olhar sem piscar.

— O que você está querendo dizer?

— Estou dizendo que estou preocupada com você.

— Você está insinuando que eu matei o James!

— Ah, qual é? — Nina se levanta e começa a andar pelo quarto. — Não estou *não*. O que estou dizendo... estou tentando...

— Você não sabe de na-nada sobre isso — digo.

Merda. Pare de gaguejar! Mas é verdade, Nina não sabe de nada. Ninguém conhece essa parte da minha vida... nem mesmo minha mãe. A única pessoa que sabe alguma coisa é a Clare, e nem ela conhece a história toda. E Clare...

Clare está no hospital.

Clare está... o quê? Mal demais para ser entrevistada? Em coma, até? Mas ela vai acordar.

— Você esteve com a Clare? — pergunto com a voz muito baixa.

Nina balança a cabeça.

— Não, acho que ela está muito mal. O que quer que tenha acontecido naquele acidente... — Ela balança a cabeça de novo, dessa vez frustrada, não como negação. — Sabe o que é pior? James talvez tivesse sobrevivido. Ele estava muito ferido, mas acho que tinha pelo menos cinquenta por cento de chance de sobreviver.

— O que você está dizendo?

— Foi o acidente que o matou. Ou então a demora provocada pela batida... que é a mesma coisa.

De repente a insistência de Lamarr naqueles minutos que faltavam se cristaliza.

O que aconteceu na casa foi apenas a primeira metade da história.

O verdadeiro assassinato veio depois, na estrada.

Eu *preciso* lembrar o que aconteceu.

Jamais devia ter vindo. Eu sabia. Sabia desde o momento em que o e-mail tilintou na minha caixa de entrada.

Você nunca devia ter voltado.

E ainda. Penso em James, caído no chão, olhando com seus olhos escuros para os meus, enquanto o sangue empoçava em torno de nós dois. Penso na mão dele, escorregadia de sangue, agarrando a minha como se estivesse se afogando e só eu pudesse salvá-lo. Penso em sua voz dizendo *Leo...*

Se eu soubesse naquele dia o que sei agora, teria apagado o e-mail?

Nina estende a mão para pegar a minha, sinto sua pegada quente e seca, os dedos fortes desenhando a renda de arranhões e cortes.

— Ficará tudo bem — ela diz.

Mas sua voz está rouca, e nós duas sabemos que está mentindo. Está mentindo porque, seja o que for que vai acontecer comigo, com Lamarr e o resto da investigação, isso já passou e muito do ponto em que as coisas poderiam ficar bem de novo. Clare pode se recuperar ou não, eles podem suspeitar de mim ou não, independentemente disso, James está morto.

— Co-como está a Flo? — pergunto.

Nina morde o lábio, como se pensasse no que ia dizer, e então bufa:

— Não está bem. Para dizer a verdade, acho que está descontrolada.

— Ela sabe da Clare?

— Sabe. Queria vê-la, mas nos disseram que as visitas estão proibidas.

— Alguém foi vê-la? Quero dizer, a Clare?

— Os pais dela, eu acho.

— E... — engulo em seco antes de continuar, não vou gaguejar, não vou: — E os pais do James? Eles vieram?

— Acho que sim. Acho que vieram ontem e... — ela olha para as minhas mãos, passa o dedo suavemente no arranhão mais comprido — ... e reconheceram o corpo dele. Já foram para casa, até onde eu sei. Nós não os vimos.

Tenho uma lembrança súbita e penetrante da mãe de James dez anos atrás, o cabelo encaracolado e comprido preso para cima, a franja balançando quando gesticulava e ria conversando com alguém ao telefone, sua echarpe adejando ao vento de uma janela aberta. Lembro-me dela pondo o fone no ombro quando James me apresentou: *Essa é a Leo. Ela virá aqui muitas vezes. Acostume-se com esse rosto*. E a mãe dele dando risada e respondendo: *Eu sei o que isso significa. Vou mostrar onde fica a geladeira, Leo. Ninguém cozinha nessa casa,*

por isso se quiser alguma coisa para comer, paste.

Era muito diferente da minha casa. Ninguém ficava parado. A porta estava sempre aberta e eles sempre tinham amigos por lá, ou alunos morando, e todos discutindo o tempo todo, dando risada, se beijando e bebendo. Não havia horário das refeições. Nem toque de recolher. James e eu ficávamos na cama dele à luz do sol e ninguém aparecia para bater à porta e mandar parar o que estivéssemos fazendo.

Lembro-me do pai de James, com sua barba cheia e seu acordeão. Lecionava teoria marxista na universidade local e estava sempre prestes a pedir demissão ou ser demitido. Costumava me levar para casa à noite em seu carro caindo aos pedaços, xingando a embreagem temperamental e me presenteando com seus terríveis trocadilhos.

James era o único filho deles.

A ideia dos dois arrasados de dor era quase insuportável.

— Olha — Nina aperta minha mão —, é melhor eu ir. Só paguei uma hora de estacionamento e está acabando.

— Obrigada. Obrigada por vir me ver. — Dei um abraço nela, meio sem jeito. — Uma coisa, você por acaso pegou alguma roupa minha quando saiu da casa?

Nina balançou a cabeça.

— Não, desculpe. Eles foram muito severos em relação àquilo que podíamos trazer. Eu só peguei uma muda de roupa para mim. Posso comprar uns conjuntos de malha para você, se quiser.

— Obrigada, seria ótimo. Eu te pago depois.

Nina bufa zombeteira e faz um gesto de “deixe isso pra lá” com a mão.

— Psiu, cale a boca já. Você é P, não é? Alguma preferência?

— Não, qualquer coisa serve. Mas... nada berrante demais. Você sabe como eu sou.

— Tudo bem. E olha, enquanto não trago, vou deixar isso com você.

Nina tirou o cardigã que estava usando, era azul-marinho com botões pequenos em formato de flores azul-escuras. Balanço a cabeça, mas ela põe o casaco nos meus ombros.

— Pronto. Pelo menos assim você pode abrir a janela sem congelar.

— Obrigada — agradeço, me enrolando com ele.

Não posso acreditar como é bom vestir alguma coisa que não seja do hospital. É como se recuperasse a minha personalidade. Nina sacode os ombros, me beija, rapidamente dessa vez, e vai para a porta.

— Mantenha sua sanidade, Shaw. Não podemos ter duas pessoas saindo dos trilhos além de todo o resto.

— Flo? Então ela está tão mal assim?

Nina apenas dá de ombros, mas sua fisionomia expressa tristeza. Então dá meia-volta para ir embora. Fico vendo seus passos firmes pelo corredor e, de repente, percebo uma coisa. A policial que ficava na minha porta sumiu.

25

Uma meia hora depois ouvi outra batida rápida à porta e a enfermeira entrou em seguida. Primeiro, pensei que fosse o jantar, e o meu estômago reagiu com roncos e apertos, mas então percebi que não tinha sentido o cheiro de refeições industriais flutuando porta adentro.

— Tem um rapaz aqui para vê-la — ela disse sem rodeios. — O nome dele é Matt Ridout. Diz que gostaria de visitá-la, se você estiver disposta.

Pisco os olhos, incrédula. Nunca ouvi falar dele.

— Ele é da polícia?

— Não sei, querida. Não está uniformizado.

Por um minuto penso em mandá-la de volta para obter mais informações, mas ela está batendo a ponta do pé, evidentemente impaciente e atarefada, e concluo que será mais fácil simplesmente recebê-lo e acabar logo com isso.

— Pode mandar entrar — resolvo dizer.

— Ele só pode ficar meia hora — avisa ela. — O horário de visitas termina às quatro.

— Tudo bem.

Ótimo. Assim terei uma desculpa para me livrar dele, se ficar inconveniente.

Eu me aprumo sentada, puxo o cardigã de Nina e afasto o cabelo do rosto. Estou parecendo um acidente de carro, por isso nem sei por que me preocupo, mas parece importante esse respeito próprio de pelo menos fazer um esforço simbólico.

Ouço passos no corredor e uma batida à porta, hesitante, insegura.

— Entre — digo, e um homem entra no quarto.

Ele tem mais ou menos a minha idade, talvez um pouco mais, está de calça jeans e com uma camiseta desbotada. Carrega o casaco no braço, parece encalorado e desconfortável na atmosfera tropical do hospital. Tem a barba mal-feita estilo desleixado e o cabelo cortado bem curto, não um corte militar, mais como um soldado romano, cachos curtos, bem junto à cabeça.

Mas o que mais noto é que ele esteve chorando.

Não consigo pensar em nada para dizer, e ele também não. Para perto da porta, com as mãos nos bolsos, e parece chocado ao me ver.

— Você não é da polícia — finalmente quebro o gelo, estupidamente.

Ele passa a mão no cabelo.

— Eu... meu nome é Matt. Sou... pelo menos... — ele para de falar, os lábios formam uma careta, e eu sei que está lutando contra uma emoção muito forte.

Ele respira fundo e recomeça:

— Eu era o padrinho do James.

Não digo nada. Ficamos nos olhando, eu agarrada com o casaco de Nina até a garganta, como se fosse uma armadura, ele rígido e tenso parado na porta. Então, sem ser convidada, uma única lágrima escorre pelo lado do nariz dele, ele seca furiosamente com a manga da camiseta e eu falo ao mesmo tempo.

— Entre. Venha sentar. Quer beber alguma coisa?

— Tem uísque? — ele pergunta e dá uma risada breve e trêmula.

Eu tento rir também, mas não soa como uma risada, é mais um engasgo.

— Bem que eu queria. Chá do hospital ou café da máquina, ou água. — Aponto para a jarra de plástico. — De todos, recomendo a água.

— Não, tudo bem — ele diz.

Matt vem sentar na cadeira de plástico perto da minha cama. Mas mal ele senta já se levanta de novo.

— Merda, eu sinto muito. Não devia ter vindo.

— Não!

Agarro seu pulso e olho para a minha mão segurando seu braço, atônita comigo mesma. Que droga estou fazendo? Solto na mesma hora, como se a pele dele queimasse.

— Eu... desculpe. Mas eu só queria dizer... — não termino a frase.

O que eu queria dizer? Não tenho ideia. Só que não quero que ele vá. Ele é um elo com James.

— Fique, por favor — consigo dizer, afinal.

Ele fica de pé parado, olhando para mim, e então meneia a cabeça rapidamente e senta.

— Desculpe — volta a dizer. — Não estava esperando... Você parece...

Eu sei o que ele quer dizer. Parece que levei uma surra e quase morri, que depois fui remendada de novo. E mal.

— Não é tão sério como parece — digo e me surpreendo porque consigo sorrir. — Grande parte são só arranhões e equimoses.

— É o seu rosto — diz ele —, seus olhos. Vejo bastante violência doméstica no meu trabalho, mas esses olhos pretos...

— Eu sei. São espetaculares, não são? Mas não doem.

Ficamos em silêncio um segundo, então ele fala:

— Mas sabe de uma coisa, mudei de ideia, vou querer aquele café. Quer um?

— Não, obrigada.

Ainda tenho o resto do café que Lamarr trouxe. Ainda não estou desesperada demais a ponto de beber aquela coisa da máquina.

Matt levanta-se rapidamente e sai do quarto, e posso ver a tensão em seus ombros quando as costas dele desaparecem pelo corredor. Fico na dúvida se vai voltar mesmo, mas ele retorna.

— Vamos começar tudo de novo? — diz quando senta. — Perdão, mas acho que fiz tudo errado. Você deve ser Leo, certo?

Quase me encolho. É muito chocante ouvir aquilo, o nome pelo qual James me chamava, dos lábios de Matt.

— Sim, é isso mesmo. Então James... Ele falou de mim para você?

— Um pouco, sim. Eu sei que vocês eram... sei lá. Como chamar isso? Namoradinhos de infância?

Não sei bem por que aquelas palavras enchem de lágrimas o fundo da minha garganta, e sinto o lábio tremer quando tento responder. Por isso fico em silêncio, apenas faço que sim com a cabeça.

— Porra. — Ele apoia a cabeça nas mãos. — Eu sinto muito... É que não consigo acreditar. Eu estava falando com ele há uns dois dias. Eu sabia que havia problemas... coisas dando errado... mas isso...

Coisas dando errado?

Eu quero saber mais, perguntar, mas as palavras não saem, e Matt continua falando:

— Sinto muito mesmo ter invadido desse jeito. Se eu soubesse que você estava tão mal, não teria... a enfermeira não disse. Eu só perguntei se podia ver você, e ela disse que ia saber se era possível. Mas ouvi a mãe do James falar que você estava com ele quando ele... — Matt para, engole e faz um esforço para continuar — ... quando ele morreu. E eu sei o quanto você significava para ele, e eu queria...

Ele para de novo e, dessa vez, não consegue mais falar, se inclina sobre o copo de café, eu percebo que está chorando e tentando disfarçar.

— Sinto muito — ele finalmente repete, com a voz rouca, e tosse para limpar a garganta. — Eu só soube ontem à noite. Foi... não consigo me acostumar com a ideia. Fiquei achando que devia haver um engano, mas ao vê-la desse jeito... tornou tudo real.

— Como... como é que você conheceu James?

— Estudamos juntos em Cambridge. Nós dois no teatro, atuando, você sabe, as peças e tudo mais. — Ele seca o rosto na manga da camisa, depois levanta a cabeça e sorri, determinado. — Nem preciso dizer que eu era uma merda, mas felizmente descobri isso a tempo. E não ajudava nada atuar ao lado do James. Nada como ver a coisa de verdade para desmascarar o falso.

— E vocês mantiveram contato?

— É. Eu costumava ir vê-lo nas peças de vez em quando. Todos os outros da nossa turma viraram banqueiros e funcionários públicos, essas coisas. Era como se James fosse o único que conseguiu vencer na carreira, sinto orgulho dele por isso, sabe? Ele nunca se vendeu.

Meneio a cabeça concordando, devagar. Sim, esse era o James que eu conhecia. O homem que Matt estava descrevendo era dolorosamente familiar. Esse é o *meu* James. Completamente diferente da pessoa irreal e materialista que tinha ouvido descreverem o fim de semana inteiro. Pensei que James tivesse mudado. Mas talvez não tenha. Ou, pelo menos, não totalmente.

— Mas o que aconteceu? — Matt perguntou — Lá... na casa? Disseram que uma espingarda disparou, mas parece... Por que ele estava lá?

— Eu não sei.

Fecho os olhos e ponho a mão no curativo quente e suarento da testa.

— Nunca perguntei. Quando ouvimos James andando pela casa, pensamos que fosse um ladrão.

Não conto o resto... da porta se abrindo, da nossa histeria burra. Parece saído de um filme de terror, banal, ridículo.

— Eu imagino que fosse uma brincadeira, do noivo aparecer para surpreender a noiva na cama.

— Não. — Matt balança a cabeça. — Eu realmente não acho isso. Ele não iria para lá se não fosse convidado.

— Por que não?

— Bem, pra começo de conversa, não se faz isso, não é? Não se invade a despedida de solteira da própria namorada. É meio... grosso. É a última chance que ela tem de ser solteira, o cara tem de ser um estraga-prazeres para tirar isso dela.

É, pode ser. Mas eu não falo nada. Estou esperando o segundo motivo. Matt respira fundo.

— E em segundo lugar... bem... eles não estavam se dando muito bem.

— *O quê?*

Na hora que demonstro meu espanto, sei que minha voz está muito alta, enfática demais, chocada demais. Matt levanta a cabeça espantado.

— Olha, eu não quero exagerar, mas... é isso. A Clare não contou?

— Não... pelo menos... acho que não.

Volto no tempo, procuro me lembrar sobre o que conversamos. Mas eu conheço a Clare. Ela jamais admitiria qualquer tipo de problema. A fachada sempre tinha de ser perfeita, ela nunca deixava a máscara cair.

— O que estava acontecendo?

— Eu não sei. — Ele parece constrangido. — Eu não... nós nunca conversamos sobre isso. É só um palpite, devia ser o nervosismo habitual com o casamento, certo? Já vi muitos amigos casando, e sei como é. A namorada mais normal se transforma em noivazilla, todos ficam tensos, as famílias se intrometem, os amigos se envolvem, coisas pequenas geralmente são ampliadas e viram desavenças enormes e todos escolhem seu lado.

— Então por que ele veio para cá? — pergunto.

— Não sei. Só posso imaginar... que alguém o convidou.

— Alguém o *convidou*? Mas... mas...

Mas quem? Clare? Não. De jeito nenhum. Ela sabia melhor do que ninguém o que ia significar se James aparecesse na casa daquele jeito. Ela jamais ia querer que ele e eu ficássemos fechados duas horas no mesmo lugar, que dirá vinte e quatro. O resultado seria eu sair de lá furiosa, ou uma briga violenta, e ela sabia disso. Por isso não me convidou para o casamento. Um dos outros podia ter feito isso por ignorância ou maldade. Mas não havia como Clare arruinar de propósito a própria festa no fim de semana. Por que faria isso?

Flo? Será que ela teria feito isso como uma espécie de brincadeira? Ela não sabia nada do meu passado com James. Podia ter feito como uma pegadinha para coroar seu fim de semana "perfeito". E, afinal de contas, Melanie tinha ido embora. Havia um quarto vago com cama de casal. E talvez isso explicasse o ataque de nervos dela. Não era apenas culpa de ter manuseado uma arma carregada, mas culpa de ter armado toda a brincadeira que deu errado, para começo de conversa. Só que certamente ela saberia que devia ser James subindo a escada. Por que ela teria disparado a arma... mesmo supondo que não estava carregada? Eu tinha visto o rosto dela quando aquela figura mal iluminada deu a volta no lance da escada. Ela estava genuinamente assustada. E então pode ser louca ou a atriz mais fantástica de todos os tempos.

Poderia ter sido o Tom? Será que havia alguma coisa naquela briga com Bruce que desse a ideia de criar a armadilha para James? Ou Nina, com seu senso de humor esquisito e deturpado, querendo fazer uma brincadeira? Mas *por quê*? Por que qualquer um dos dois faria tal coisa?

Balanço a cabeça. Isso está me deixando louca. Ninguém naquela casa convidou James. Ninguém. Porque não haveria o tiro se alguém tivesse feito isso.

— Você está enganado — interrompo o silêncio. — Tem de estar. Ele deve ter simplesmente decidido vir. Se ele e Clare tinham brigado, ele podia querer fazer as pazes, você não acha? Ele era sempre...

— Meio idiota? — conclui Matt, e dá uma risada. — Mas talvez você tenha razão. Ele não é famoso por pensar antes de agir. Quero dizer... — Ele para e

vejo que está com a mão fechada sobre o joelho. — Quero dizer, não era.

Matt para de falar de novo e o silêncio se prolonga, nós dois pensando no James que vive em nossas cabeças, em nossas lembranças.

— Eu me lembro — diz Matt finalmente —, lembro de um dia na universidade em que ele escalou o muro do campus e botou gorros de Papai Noel em todas as gárgulas. Idiota. Podia ter morrido.

Quando essa última frase sai dos seus lábios, vejo que Matt percebe o que acabou de dizer e faz uma careta. Sem pensar, estendo a mão.

— É melhor eu ir — ele diz. — Espero que você fique boa logo.

— Vou ficar — digo, e então me forço a falar porque sei que vou me arrepender se não disser isso para ele. — Será que você vem me ver outra vez?

— Vou voltar para Londres de manhã — ele diz. — Mas seria bom mantermos contato.

Há uma caneta na prancheta do prontuário que Matt pega para escrever o número do seu celular no único espaço “escrevível” que existe no quarto: a lateral do copo de café.

— Você estava certa — ele diz quando põe o copo com cuidado na minha mesa de cabeceira. — A água teria sido a melhor escolha. Até logo, Leo.

— Até logo.

A porta volta lentamente e se fecha depois que ele sai, e através do vidro estreito observo a silhueta desaparecer no corredor. E embora seja estranho para alguém que vive sozinha, alguém que desejou a solidão desde que chegou ali, de repente me sinto muito só... E é uma sensação bem estranha, peculiar.

26

Estou jantando e ouço baterem à porta outra vez. Não é mais hora de visita, por isso fico surpresa ao ver que é Nina que se esgueira pela porta com uma sacola na mão. Ela põe o dedo na frente da boca pedindo silêncio.

— Psiu. Eu só consegui entrar dando aquela velha carteirada e perguntando: "sabe com quem está falando?"

— Você disse que é prima da Salma Hayek de novo?

— Faça o favor! Ela nem é brasileira.

— Nem médica.

— Pois é. De qualquer modo, eu disse que não ia demorar, então toma. — Ela joga a sacola na cama. — Infelizmente não são exatamente alta-costura. Para dizer a verdade, você teve sorte de não serem de veludo em cores pastel. Mas fiz o melhor que pude.

— Estão ótimas — agradeci, remexendo nos conjuntos cinza. — Sinceramente. A única coisa que importa é que não sejam abertos nas costas com o logotipo de "propriedade do hospital". É verdade, eu adorei mesmo, Nina.

— Trouxe até sapatos... são apenas chinelos, mas eu sei que os chuveiros de hospital podem ser deprimentes, e achei que, se te expulsarem sem aviso prévio, você tem pelo menos alguma coisa para calçar. Você é 37, não é?

— Trinta e seis. Mas não se preocupe, 37 está perfeito. Aqui — eu tiro o casaco dela e estendo o braço —, pegue isso.

— Não precisa. Fique com ele até sua roupa aparecer. Você precisa de dinheiro?

Balanço a cabeça, mas de qualquer forma ela pega duas notas de dez e bota no armário.

— Não vai fazer mal. Pelo menos assim, se você enjoar da comida do hospital, pode comprar um sanduíche. Muito bem, estou indo.

Mas ela não vai. Fica ali parada, olhando para as unhas curtas e quadradas. Sei que quer falar alguma coisa e que, com um nervosismo atípico, está tentando evitar.

— Tchau, então — digo, esperando que com isso ela fale.

Mas Nina apenas responde.

— Tchau.

E se vira para a porta.

Chega a botar a mão na placa para empurrar a porta de mola, mas para e dá meia-volta.

— Olha, o que eu falei mais cedo... eu não queria...

— O que você falou?

— Sobre o James. Sobre o motivo. Olha, nunca achei que você... merda. — Ela soca a parede de leve. — Isso não está saindo direito. Olha, ainda acho que foi um acidente, e disse isso para Lamarr. Jamais pensei que tivesse qualquer coisa a ver com você. Mas eu estava só preocupada, ok? *Por* você. Não quanto a você.

Soltei um suspiro que nem sabia que estava segurando e pendurei as pernas do lado da cama. Andei meio desequilibrada até onde Nina estava e lhe dei um abraço.

— Está tudo bem. Eu sabia o que você queria dizer. Estou preocupada também, com todos nós.

Nina alisa meu cabelo, abaixo os braços e ela olha para mim.

— Mas eles não acham que foi acidente, não é? Por que diabos?

— Alguém carregou aquela arma. A questão principal é essa.

— Mas mesmo assim... podia ter sido qualquer um. A tia da Flo pode ter feito isso por engano e ficou assustada demais para admitir para a polícia. A polícia ficou insistindo no tiro ao prato. Se a munição estava bem guardada, se alguém poderia ter acesso a ela sem supervisão. É óbvio que acham que os cartuchos vieram de lá, ou é isso que estão tentando provar. Mas, se um de nós queria matar James, por que cargas-d'água ia atraí-lo para aquele fim de mundo para fazer isso?

— Eu não sei — respondo.

Minhas pernas estão cansadas e trêmulas com o esforço de ficar de pé só para aquela breve conversa, solto o braço de Nina e caminho aos tropeços para a cama. Toda essa conversa, de armas e balas, está me dando uma sensação ruim.

— Eu realmente não sei.

— Eu só acho... — Nina começa a falar, mas para.

— O quê?

— Eu só acho... Ah, que se dane. Olha, seja qual for a coisa horrível que tenha acontecido com você e com James, só acho que você devia contar para eles. Eu sei... — Ela levanta a mão. — Eu sei que não é da minha conta e que devia mandar meu conselho não solicitado para aquele lugar, mas provavelmente não é tão ruim como você pensa e será muito melhor se contar para eles *agora*.

Fecho os olhos, cansada, e esfrego a droga do curativo ensanguentado na testa. Então dou um suspiro e abro os olhos. Nina está lá parada, com as mãos na

cintura, num misto de provocação e preocupação.

— Vou pensar nisso. Está bem assim? Vou mesmo. Prometo.

— Ok — diz Nina, com o lábio inferior projetado para a frente como uma criança.

Eu sei que, se ela ainda tivesse o anel que costumava usar, ia bater com ele nos dentes. Lembro-me daquele barulho nas provas. Ainda bem que o tirou quando se formou. Parece que os pacientes não gostam de ver uma cirurgiã com buracos no rosto.

— Eu vou indo. Cuide-se, Shaw. E se eles a dispensarem sem aviso prévio, ligue para mim, ok?

— Eu ligo.



Fico lá deitada pensando no que Nina disse, e achando que é provável que esteja certa. Minha cabeça está quente e coça, palavras como *bala*, *fragmentação* e *cartucho* se batem lá dentro, depois de um tempo não aguento mais. Levanto-me, vou lentamente até o banheiro com meu passo bambo de velha e acendo a luz.

O reflexo que me recebe no espelho está pior do que ontem. Meu rosto não dói tanto, está muito melhor, mas as manchas estão passando de roxo para amarelo, marrom e verde, todos os tons que um pintor usaria para retratar a paisagem de Northumberland, penso com um sorriso torto.

Mas não estou olhando para os machucados. Olho para o curativo.

Começo a puxar o canto do esparadrapo, e então, ah, que alívio, ele desgruda com aquela dor deliciosa de arrancar os cabelinhos das têmporas e da linha do couro cabeludo, e o próprio curativo repuxa o ferimento.

Eu esperava sutura, mas não há nenhum ponto. Em vez disso, o que vejo é um corte comprido e feio, preso por pequenos pedaços de esparadrapo e pelo que parece... será que é mesmo supercola?

Rasparam um pequeno semicírculo de cabelo na linha do couro cabeludo onde o corte serpenteia para dentro do cabelo, que já começou a crescer. Toco ali com a ponta dos dedos. A sensação é de espetar macio, como a penugem de um bebê.

O alívio. Alívio do ar frio na testa e o fim da coceira e do repuxar. Jogo a gaze ensanguentada na lata de lixo e caminho lentamente para a cama, ainda pensando em Nina. E em Lamarr. E em James.

O que aconteceu comigo e com James não tem nada a ver com tudo isso. Mas talvez Nina tenha razão. Talvez eu devesse abrir o jogo. Talvez seja até um

pouco mais de alívio, depois de todos esses anos de silêncio.

Ninguém sabia. Ninguém soube da verdade, só eu. E James.

E passei muito tempo alimentando a raiva que sentia dele. E agora já era. *Ele* já *era*.

Talvez eu conte para Lamarr quando ela vier de manhã. Vou lhe contar a verdade, não só a verdade porque tudo que eu disse até agora foi verdade. Mas a verdade toda.

E a verdade é essa.

James acabou comigo. E sim, ele me largou por mensagem de texto.

Mas o que guardei durante todos esses anos foi o motivo *pelo qual* ele me deixou. Ele me largou porque eu estava grávida.

Não sei quando aconteceu, em qual de todas aquelas dezenas de vezes, talvez centenas, eu engravidei. Éramos cuidadosos... Pelo menos achávamos que éramos.

Só sei que um dia percebi que não menstruava havia muito tempo, tempo demais. E fiz o teste.

Estávamos no quarto do James, no sótão, quando contei para ele, sentada na cama, ele ficou completamente branco, olhando fixo para mim com aqueles olhos escuros que refletiam certo pânico.

— Não pode... — ele começou a dizer e depois: — Será que você não se...

— Não me enganei? — Terminei a frase para ele e balancei a cabeça.

Até consegui dar uma risada amarga.

— Pode acreditar que não. Fiz o teste umas oito vezes.

— E a pílula do dia seguinte? — ele disse.

Tentei pegar a mão dele, mas ele se levantou e começou a andar de um lado para outro no quarto pequeno.

— É tarde demais para isso. Mas, sim, nós precisamos... — eu estava com um nó na garganta, percebi que me esforçava para não chorar — ... nós temos de re-resolver...

— Nós? Essa decisão é sua.

— Eu queria conversar com você também. Sei o que eu quero fazer, mas o be...

O bebê é seu também, era o que eu ia dizer. Mas não consegui completar a frase. Ele sugou o ar como se tivesse levado um tapa e virou-se para o outro lado.

Levantei-me e fui caminhando em direção à porta.

— Leo — ele disse, com a voz embargada. — Espere.

— Olha. — Já estava com o pé na escada, com a bolsa no ombro. — Eu sei que joguei isso em cima de você de repente. Quando estiver preparado para

conversar... ligue para mim, está bem?

Mas ele nunca ligou.

Clare telefonou quando cheguei em casa e estava furiosa.

— Onde *fo*i que você se meteu? Você me deu um bolo! Esperei meia hora na entrada do Odeon e você nem respondia às chamadas!

— Desculpe — eu disse. — Tinha... coisas para...

— O quê? O que aconteceu? — ela perguntou, mas eu não podia responder. — Vou até aí.



James nunca ligou. Mandou uma mensagem mais tarde, aquela noite. Eu tinha passado a tarde com Clare, me torturando sobre o que fazer, se devia contar para minha mãe, se devia cobrar do James... tínhamos ido para a cama pela primeira vez quando eu tinha quinze anos, agora estava com dezesseis e dois meses.

A mensagem de texto chegou por volta das oito da noite: *Lee. Sinto muito, mas esse problema é seu, não meu. Cuide disso. E não me procure mais. J.*



Então eu cuidei. Nunca contei para minha mãe. Para Clare...

Na verdade, Clare foi surpreendente. Sim, ela sabia ser chata e dissimulada, até manipuladora, mas numa crise como essa ela era como uma leoa defendendo a cria. Relembrando aquele tempo, entendo por que fomos amigas todos aqueles anos. E me faz entender de novo como fui egoísta depois.

Ela me levou para a clínica no ônibus. Ainda estava bem no início, o bastante para eu ter apenas de tomar os comprimidos, e acabou tudo bem rápido.

Não foi o aborto. Não culpo James por isso, era o que eu queria, não queria um filho aos dezesseis anos, e o que quer que acontecesse, era culpa minha, tanto quanto dele. E não importa o que as pessoas possam pensar, não foi isso que me ferrou. Não sinto nenhuma culpa torturante por um monte de células. Eu me recuso a sentir culpa.

Não foi nada disso.

Foi que... eu não sei. Não sei como explicar. Foi orgulho, eu acho. Um tipo de descrença na minha própria estupidez. A ideia de que eu o amava tanto e que estava tão errada. Como pude? Como pude me enganar tanto, daquela forma inacreditável?

E se voltasse para aquela escola, teria de viver com esse conhecimento, a lembrança de nós dois juntos aos olhos de todos. Ter de contar para centenas de pessoas que *não, não estávamos mais juntos, sim, ele terminou comigo, não, estou bem.*

Eu não estava bem. Era uma idiota, uma merda de uma idiota burra. Como podia ter me enganado daquela maneira? Sempre achei que era boa em julgar o caráter das pessoas, pensava que James fosse corajoso e carinhoso e que me amava. Nada disso era verdade. Ele era fraco, covarde, e não conseguiu nem olhar nos meus olhos para terminar o nosso namoro.

Eu jamais confiaria no meu julgamento outra vez.

Estávamos no intervalo de estudo das aulas quando aconteceu, revisando matéria para nossas provas de conclusão do ensino médio. Fui à escola para fazer as provas e depois nunca mais voltei. Nem para pegar minhas notas, nem para a festa do outono, nem para ver os professores que me orientaram e me estimularam durante as provas. Em vez disso, fui para um colégio que ficava a duas viagens de trem de distância, onde tinha certeza de que ninguém podia me conhecer. Meus dias eram loucamente compridos. Saía de casa às cinco e meia e voltava às seis, toda noite.

E aí minha mãe se mudou e foi morar longe, com Phil. Eu devia ter ficado com raiva, porque ela vendeu a casa que era do meu avô, onde eu tinha sido criada, onde todos nós vivemos juntos tantos anos, onde estavam todas as nossas lembranças. E uma parte de mim também. Mas outra parte ficou aliviada, o último laço com Reading e com James foi cortado. Eu não teria de vê-lo nunca mais.

Ninguém sabia o que tinha acontecido a não ser Clare, e nem ela sabia sobre a mensagem de texto. No dia seguinte eu disse a ela que tinha resolvido, não podia ter aquele filho, e que ia terminar com James. Ela me abraçou, chorou e disse: você é muito corajosa.

Mas eu não era. Fui covarde também. Jamais encarei James, nunca perguntei *por quê*. Como é que ele podia fazer aquilo? Será que foi por medo? Covardia?

Depois eu soube que ele estava transando com todo mundo em Reading, meninas e meninos. E isso confirmou o que eu já sabia. O James Cooper que eu pensava conhecer nunca existiu. Ele era uma projeção da minha imaginação. Uma lembrança falsa, implantada pelas minhas próprias esperanças.

Mas agora... agora olho para trás, para além de dez anos... e não sei. Não é que eu absolva James pela crueldade impensada daquela mensagem de texto, mas enxergo a mim mesma: furiosa, farisaica e dura demais com nós dois. Talvez eu possa me perdoar pelo erro que cometi de amar James. Entendo que éramos muito jovens, um pouco crianças ainda, com a despreocupada crueldade da

infância e também a rígida moralidade em preto e branco. Não existe cinza quando somos jovens. Há apenas o que é bom e o que é ruim, o certo e o errado. As regras são muito claras, é um playground de moralidade com as linhas da ética traçadas como um campo de netball, com marcas de penalidades e faltas bem claras.

James tinha errado.

Eu confiei nele.

Portanto, eu tinha errado também.

Mas agora... agora eu vejo uma criança assustada, tendo de enfrentar uma decisão moral imensa para a qual ele não estava preparado. Vejo as minhas palavras como ele deve ter visto — uma tentativa de jogar aquela escolha irrevogável para cima dele, uma responsabilidade que ele não tinha como encarar, nem queria.

E eu me vejo... tão assustada quanto ele e tão despreparada também.

E sinto muita pena de nós dois.

Quando Lamarr chegar de manhã, contarei para ela. Contarei toda a verdade. Assim sem furos ou remendos, à luz fraca do início da noite, não é tão má como eu temia. Não é motivo de assassinato, apenas uma mágoa antiga e cansada. Nina estava certa.

E, finalmente, adormeço.



Mas quando Lamarr chega pela manhã há um novo tipo de tristeza em sua expressão. Há um colega que entra atrás dela, um homem grande e corpulento, com rosto carnudo e a testa permanentemente franzida. Lamarr segura alguma coisa.

— Nora — diz ela sem preâmbulo —, você pode identificar isso para mim?

— Sim — respondo surpresa —, é o meu celular. Onde o encontrou?

Mas Lamarr não responde. Em vez disso ela senta, liga seu gravador e fala com uma voz séria e formal, as palavras que eu temia:

— Leonora Shaw, nós queremos interrogá-la como suspeita da morte de James Cooper. Você não precisa falar nada, mas pode prejudicar sua defesa se não mencionar no interrogatório alguma coisa com a qual queira contar depois no tribunal. Qualquer coisa que você disser pode ser usada como evidência. Você tem o direito de pedir um advogado. Entendeu?

27

Se você é inocente, não tem nada a temer, certo?

Então por que estou com tanto medo?

Minhas declarações anteriores não foram gravadas e eu não tinha recebido advertência. Elas não serviriam como evidências num tribunal, por isso os primeiros minutos são gastos repassando coisas que eu já havia dito para Lamarr, restabelecendo fatos para a gravação. Eu não quero advogado. Sei que é burrice, mas não consigo desfazer a sensação de que Lamarr está do meu lado — que posso confiar nela. Se ao menos puder convencê-la da minha inocência, tudo acabará bem. O que um advogado poderia fazer?

Lamarr termina com tudo que eu já tinha dito e entra em território novo.

— Você pode dar uma olhada nesse celular, por favor... — ela estende o aparelho embrulhado num saco plástico — e dizer se o reconhece?

— Sim, é o meu celular.

Resisto à necessidade de roer as unhas. Nos últimos dias roí todas até o sabugo.

— Tem certeza disso?

— Sim, reconheço o arranhão na capa.

— E o seu número é... — Ela folheia o bloco e lê em voz alta.

Faço que sim com a cabeça.

— Sim, co-correto.

— Estou interessada nas últimas chamadas e mensagens de textos que você enviou. Pode me contar do que se lembra?

Eu não estava esperando isso. Não entendo a relevância que pode ter na morte de James. Talvez estejam tentando conferir os nossos movimentos ou algo parecido. Eu sei que podem triangular localidades a partir do sinal de celulares.

Eu me esforço para lembrar.

— Não foram muitas. Não havia praticamente sinal nenhum na casa. Verifiquei minha caixa de mensagens de voz no clube de tiro... e o Twitter. Ah, e retornei uma chamada de uma loja de bicicletas em Londres. Eles estão consertando a minha. Acho que foi só isso.

— Nenhuma mensagem de texto?

— Eu... eu acho que não. — Ainda tento lembrar. — Não, tenho certeza de

que não mandei nenhuma. Acho que a última foi para Nina, dizendo que eu estava esperando no trem. Essa foi sexta-feira.

Lamarr muda de tática suavemente.

— Eu gostaria de saber um pouco mais sobre a sua relação com James Cooper.

Faço que sim com a cabeça outra vez, procurando manter uma expressão neutra, prestativa. Mas já esperava por isso. Talvez Clare tenha acordado. Meu estômago dá uma cambalhota aflita.

— Vocês se conheceram na escola, certo?

— Sim. Tínhamos quinze, dezesseis anos. Namoramos pouco tempo, depois terminamos.

— Quanto tempo?

— Quatro ou cinco meses.

Isso não é bem verdade. Ficamos juntos seis meses. Mas eu já tinha dito "pouco tempo", e seis meses não parecem tão pouco. Não quero dar a impressão de que estou me contradizendo. Por sorte, Lamarr não pergunta datas.

— Vocês mantiveram contato depois disso? — ela quer saber.

— Não.

Lamarr espera que eu elabore a resposta. E eu também. Ela junta as mãos no colo e olha para mim. Não sei aonde quer chegar, mas se tem uma coisa em que eu sou boa é ficar calada. A pausa se prolonga, pesada. Posso ouvir o tique-taque de percussão do seu relógio caro e fico pensando alguns segundos onde é que arruma dinheiro, porque aquela saia não foi comprada com salário de policial, nem os pesados brincos de ouro. Parecem joias.

Mas isso não é da minha conta. Apenas alguma coisa para especular enquanto o tempo passa.

Mas Lamarr pode esperar também. Ela tem uma espécie de paciência felina, aquela qualidade de compostura concentrada enquanto se espera que o rato entre em pânico e tome uma atitude desesperada para escapar. No fim das contas, é o parceiro dela que interrompe essa espera, o delegado Roberts.

— Você está dizendo que não tem contato com ele há dez anos — ele comenta bruscamente —, e, no entanto, ele a convidou para o casamento dele?

Merda. Mas não há por que mentir sobre isso. Eles levariam no máximo uns dez minutos para verificar com a mãe da Clare ou com quem quer que seja que cuidou da lista de convidados.

— Não. A Clare me convidou para a despedida de solteira, mas não para o casamento.

— Isso é meio estranho, não é? — Lamarr retorna ao questionamento.

Ela sorri, como se aquilo fosse um bate-papo de mulheres tomando um

cappuccino. Suas bochechas são redondas e rosadas, as maçãs proeminentes, de modo que fica parecida com Nefertiti, e a boca, quando sorri, é larga, simpática e generosa.

— Nem tanto — minto. — Sou ex-namorada do James. Imagino que Clare achou que seria meio constrangedor... para mim e para ela também.

— Então para que convidar você para a despedida de solteira? Para comemorar o casamento dela? Isso não seria constrangedor também?

— Eu não sei. Vocês têm de perguntar para a Clare.

— Então você não teve contato nenhum com James Cooper desde que vocês terminaram?

— Não. Nenhum contato.

— Mensagens de texto? E-mails?

— Não. Nada.

De repente não sei mais para onde isso está indo. Será que eles estão tentando provar que eu detestava o James? Que não podia suportá-lo perto de mim? Meu estômago dá mais uma cambalhota, e uma vozinha sussurra na minha cabeça: *não é tarde demais para pedir um advogado*...

— Olhem só — eu me ouço dizendo, e o estresse faz minha voz subir meio-tom —, não é incomum deixar de ter contato com ex-namorados.

Mas Lamarr não responde. Ela muda de ângulo de novo, inesperadamente.

— Você pode repetir seus movimentos na casa? Saiu da casa muitas vezes?

— Bem, nós fomos praticar tiro ao prato — respondo meio incerta. — Mas você já sabe disso.

— Eu quis dizer você sozinha. Você saiu para correr, não é?

Correr? De repente me sinto completamente fora de esquadro. Detesto não saber aonde eles querem chegar.

— Sim — respondo.

Pego um travesseiro e abraço junto ao peito. E em seguida, achando que devia colaborar mais, continuo:

— Duas vezes. Uma quando chegamos, na sexta-feira, e a outra no sábado.

— Pode me dar os horários aproximados?

Procuro lembrar.

— Acho que a saída de sexta-feira foi por volta de quatro e meia da tarde... Talvez um pouco mais tarde. Lembro que já estava bem escuro. Encontrei Clare na estradinha quando voltei, mais ou menos às seis horas. E a corrida de sábado... foi cedo. Antes das oito, eu acho. Não posso ser mais precisa do que isso. Definitivamente não antes das seis da manhã. Já estava claro, Melanie estava acordada, talvez ela lembre.

— Ok.

Lamarr anota os horários, sem confiar na gravação.

— E você não usou seu celular nessas corridas?

— Não.

O que será que eles pretendem, afinal? Enterro os dedos na paina do travesseiro.

— E sábado à noite, você saiu, então?

— Não. — Então lembrei de uma coisa. — Eles contaram sobre as pegadas?

— Pegadas? — Lamarr desvia os olhos do bloco de notas, com expressão confusa. — Que pegadas?

— Havia pegadas na neve. Quando voltei da minha corrida naquela primeira manhã. Iam da garagem até a porta dos fundos.

— Hum. Vou investigar isso. Obrigada.

Lamarr toma nota. Então, muda de assunto outra vez.

— Você se lembrou de mais alguma coisa sobre o período posterior à sua saída de casa na noite de sábado? Quando correu atrás do carro?

Balanço a cabeça.

— Desculpe. Lembro-me de desembestar no meio do mato... tenho lampejos de carros e vidro quebrado e coisas assim... mas não, nada realmente concreto.

— Entendo. — Ela fecha o bloco de notas e se levanta. — Obrigada, Nora. Mais alguma pergunta, Roberts?

O parceiro faz que não com a cabeça, então Lamarr registra oralmente o lugar e a hora na gravação, desliga o gravador e vai embora.



Eu sou suspeita.

Fico sentada tentando processar aquilo tudo depois que eles saem.

Será que é porque encontraram meu celular? Mas o que o meu celular poderia ter a ver com o assassinato do James?

E então compreendo uma coisa, algo em que devia ter pensado antes.

Eu *sempre* fui suspeita.

O único motivo de não terem me interrogado antes era porque qualquer afirmação valia zero sem provas. Com meu problema de memória, qualquer advogado podia fazer um buraco de um quilômetro de diâmetro no meu testemunho. Eles queriam fatos — a informação que eu pudesse dar — e queriam rápido, tão rápido que assumiram o risco de falar comigo quando não se podia confiar no meu estado.

Mas agora os médicos confirmaram que estou lúcida e suficientemente bem

para ser interrogada formalmente. E agora eles estão começando a montar o caso.

Eu não fui presa. Isso dá um certo alívio.

E não fui processada. Ainda.

Se ao menos eu conseguisse me lembrar daqueles minutos que faltam, na floresta. O que aconteceu? O que eu fiz?

O desespero para lembrar cresce dentro de mim, gruda na garganta como um soluço, e eu aperto o travesseiro macio, enterro o rosto na brancura limpa e *desejo* lembrar com toda a força. Sem aqueles minutos que faltam, como posso esperar convencer Lamarr de que o que digo é verdade?

Fecho os olhos e procuro me imaginar lá naquele lugar, na quietude da clareira da floresta, lembrando-me dos blocos grandiosos e iluminados da casa, brilhando no escuro, da mata densa. Sinto de novo o cheiro das agulhas de pinheiro no chão, sinto a ardência gelada da neve nos dedos e dentro do nariz. Lembro-me dos ruídos da floresta, das suaves pancadas de neve deslizando dos galhos sobrecarregados, do pio de uma coruja, do barulho de um motor indo embora na escuridão.

E me vejo correndo naquela trilha estreita no meio das árvores, sinto o macio das agulhas dos pinheiros sob os pés.

Mas não consigo lembrar o que vem depois. Quando tento é como se quisesse agarrar uma cena refletida num lago. As imagens chegam, mas, quando tento pegá-las, se desfazem em milhares de ondinhas e percebo que estou segurando apenas água.

Alguma coisa aconteceu naquela escuridão, comigo, com Clare e James. Ou com *mais alguém*. Mas quem? E o que foi que aconteceu?



— Bem, Leonora, estou muito satisfeito com você. — Dr. Miller guarda a caneta. — Estou um pouco preocupado com o tempo que continua esquecido, mas, pelo que você está dizendo, essas lembranças estão começando a voltar, e não vejo nenhum motivo para mantê-la aqui mais tempo. Você vai precisar de outras consultas, mas todas podem ser agendadas com o seu clínico geral.

Antes de eu poder processar o que está dizendo, ele continua:

— Você tem alguém em casa que possa te ajudar?

O quê?

— Nã-não — gaguejo. — Eu moro sozinha.

— Bem, então pode ficar na casa de uma amiga alguns dias? Ou pedir para

alguém ir ficar com você? Você se recuperou extremamente bem, mas ainda estou meio relutante de deixar que você fique sozinha em casa.

— Eu moro em Londres — dou essa informação irrelevante para ele.

Mas o que posso dizer? Não tenho ninguém que possa chamar para ficar uma semana comigo, e não me vejo viajando para a Austrália, para os braços abertos da minha mãe.

— Entendo. Tem alguém que possa te dar uma carona de volta?

Procuro pensar. Nina, talvez. Posso pedir que me ajude a ir para casa. Mas... certamente eles não podem estar me expulsando tão cedo... ou podem? De repente não tenho certeza se estou preparada para sair.

— Eu não entendo — digo para a enfermeira, depois que o médico pegou suas anotações e foi embora —, ninguém nunca falou sobre isso.

— Não se preocupe — ela diz para me acalmar. — Não vamos jogá-la na rua sem um lugar aonde ir. Mas precisamos do leito e você não corre mais risco nenhum, então...

Então, não me querem mais aqui.

É estranho como a notícia parece um soco no estômago. Percebo que nos poucos dias em que fiquei aqui fui institucionalizada, de certa forma. Esse lugar parece uma jaula, mas agora a porta está aberta e eu não quero sair. Passei a contar com os médicos e enfermeiras e a rotina desse hospital para me proteger. Da polícia, da realidade do que aconteceu.

O que vou fazer se me mandarem embora? Será que Lamarr vai me deixar ir para casa?

— Você devia falar com a polícia — me ouço dizendo e me sinto estranhamente distante. — Não sei se eles querem que eu saia de Northumberland.

— Ah, é mesmo, eu tinha esquecido que você é a pobre moça que estava no acidente. Não se preocupe, nós nos encarregamos de informar para eles.

— Delegada Lamarr — explico. — É ela que tem vindo aqui.

Não quero que ela fale com Roberts, com seu pescoço grosso e testa franzida.

— Vou falar com ela. E não se preocupe. Não será hoje.

Depois que a enfermeira sai, procuro entender o que acabou de acontecer.

Eu vou ser jogada na rua. Talvez amanhã.

E aí?

Ou me deixam voltar para Londres ou... ou não. E se não deixarem, significa que serei presa. Tento lembrar o que sei sobre os meus direitos. Se eu for presa, posso ser interrogada por... quantas horas mesmo? Trinta e seis? Acho que podem conseguir um mandado para estender isso, mas não lembro bem. Droga. Eu escrevo sobre crimes. Como é que posso não saber essas coisas?

Preciso telefonar para Nina. Mas não estou com o meu celular. Tenho um telefone fixo aqui, mas precisaria de um cartão de banco para comprar crédito, e minha carteira e todos os meus pertences estão com a polícia. Provavelmente poderia ligar da sala da enfermagem, tenho certeza de que elas me emprestariam um telefone se fosse necessário, para conseguir uma carona daqui para casa, por exemplo, mas não sei o número da Nina. Todos os meus contatos estão no celular.

Tento me lembrar dos números que sei de cor. Eu sabia o número da casa dos pais de Nina, mas eles se mudaram. Sei o número da minha casa, mas isso não ajuda, porque não tem ninguém lá. Sabia o nosso número de casa de cor, mas era a casa antiga, onde fui criada. Não sei o número da minha mãe na Austrália. Gostaria de ter alguém como a Jess — alguém a quem eu pudesse recorrer em qualquer situação e dizer que, sem vergonha nenhuma, eu preciso de você. Mas não tenho. Sempre pensei que ser autossuficiente era ter força, mas agora entendo que é uma fraqueza também. Que diabos posso fazer? Acho que podia pedir para as enfermeiras procurarem minha editora no Google — mas a simples ideia de ter de encará-la desse jeito já me deixa gelada de vergonha.

O único número que lembro perfeitamente é o da casa dos pais do James. Devo ter discado uma centena de vezes. Ele estava sempre perdendo o celular. E eles ainda moram lá, sei disso. Mas não posso ligar para eles. Não assim.

Quando voltar para Londres sim, vou ligar para eles. Preciso saber do enterro. Eu preciso... preciso...

Fecho os olhos. Não vou chorar, não de novo. Posso chorar quando estiver fora daqui, mas nesse momento tenho de ser prática. Não posso pensar no James, nem nos pais dele.

Então avisto o copo de papel ao lado da cama. O número do Matt. Rasgo o copo com todo o cuidado, dobro e boto o número do celular no bolso. Posso ligar para ele. Deve estar a caminho de Londres. Mas é um consolo pensar que tenho pelo menos uma pessoa para quem posso ligar numa emergência.

Dois dias atrás não tinha ideia de que Matt existia. E agora ele era o meu único elo com o mundo lá fora.

Mas vai dar tudo certo. Nina vai voltar, ou Lamarr. Eu poderei mandar uma mensagem para elas.

Só tenho de esperar.

Ainda estou sentada, olhando para nada e roendo meus cotocos de unhas, quando uma enfermeira enfia a cabeça na abertura da porta.

— Ligação para você, querida. Vou passar para o telefone fixo. Ela aponta para o telefone branco de plástico pendurado ao lado da cama e sai.

Quem pode ser? Quem sabe que estou aqui? Será que é minha mãe? Olho para

o relógio. Não... estão no meio da noite na Austrália.

Então vem uma ideia que parece uma mão gelada na nuca. Os pais de James. Eles devem saber que estou aqui.

O telefone começa a tocar. Perco completamente a coragem alguns segundos e quase não atendo. Mas cerro os dentes e me forço a pegá-lo.

— Alô?

Uma pausa e depois uma voz fala:

— Nora? É você?

É a Nina. Sinto um alívio enorme e, por um segundo irracional, penso em telepatia.

— Nina!

É tão bom ouvir a voz dela... saber que não estou abandonada e perdida aqui.

— Graças a Deus você ligou. Eles devem me mandar embora e me dei conta de que não tenho o seu número nem nada. É por isso que você está ligando?

— Não — ela diz, laconicamente. — Olha, não vou encher linguiça. A Flo tentou se matar.

28

Não consigo falar.

— Nora? — chama Nina depois de um tempo. — Nora, você ainda está aí? Merda, será que essa coisa me cortou?

— Sim — respondo, meio zonza. — Sim, sim, estou aqui. É só que... meu Deus.

— Eu não queria contar desse jeito, mas também não queria que você soubesse por uma das enfermeiras, ou pela polícia, ou qualquer coisa assim. Ela está sendo levada aí para o seu hospital.

— Oh, meu Deus... Ela... ela vai ficar boa?

— Acho que sim. Eu a encontrei, no banheiro do hotel onde está hospedada. Ela tem andado bem fora de si, mas eu não imaginei... eu...

Nina parece abalada, e pela primeira vez me dou conta da tensão pela qual devia estar passando. Enquanto Clare e eu estamos no hospital, evitando o interrogatório mais pesado, Nina, Flo e Tom devem estar cortando um dobrado.

— Foi pura sorte eu ter voltado mais cedo do que tinha dito. Eu devia ter notado. Tem sido horrível, mas nunca pensei que...

— Não é culpa sua.

— Eu sou uma porra de uma médica, Nora. — A voz de Nina soa angustiada. — Tudo bem que já faz um tempo desde que fiz qualquer coisa de saúde mental, mas devemos nos lembrar do treinamento básico. *Merda*. Eu devia ter previsto isso.

— Mas ela vai ficar bem?

— Eu não sei. Ela tomou um monte de soníferos, combinados com Valium e uma quantidade enorme de paracetamol, com uísque. É o paracetamol que está me preocupando, é muito ruim. Você pode acordar se sentindo bem no hospital, e aí seu fígado empacota exatamente quando você resolve que o suicídio não vai combinar com seus programas de primavera.

— Oh, meu Deus, pobre Flo. Ela falou... ela deu algum motivo?

— Só deixou um bilhete dizendo que não aguentava mais.

— Você acha... — Paro, porque não sei como perguntar isso.

— O quê? Que ela está de consciência pesada? — Quase ouço Nina dar de ombros pelo telefone. — Eu não sei. Mas seja o que for que a gente ache que

tenha acontecido, era ela que estava segurando a arma. Não acho que Lamarr e Roberts pegaram especialmente leve com ela.

— Como foi que ela conseguiu os comprimidos?

— Receitaram Diazepam para ela e os soníferos. Ela... nós todos estamos sob muito estresse, Nora. Ela viu um cara levar um tiro. Isso é transtorno de estresse pós-traumático.

— Ela estava muito obcecada — falo devagar. — Lembra, ela vivia falando de fazer para Clare a reunião *perfeita*.

— É, eu sei — diz Nina. — Pode acreditar em mim, ouvimos muito isso nesses últimos dias. Ela não fez grande coisa além de chorar e de se culpar pelo que aconteceu.

— Mas o que aconteceu realmente, Nina?

De repente percebo que estou apertando o fone de plástico com tanta força que meus dedos chegam a doer.

— Lamarr acha que é assassinato. Eu sei que ela acha isso. Estão fazendo perguntas estranhas sobre o meu celular. Eles me deram uma advertência formal. Eu sou suspeita.

— Somos *todos* suspeitos — diz Nina, desanimada. — Estávamos numa casa onde um homem foi alvejado e morreu. Não é só você. Porra, eu queria que isso acabasse logo. Estou com tanta saudade de Jess que mal consigo raciocinar. Por que diabos aceitamos esse convite, Nora?

Ela parece cansada. Cansada não só disso, mas de tudo. E de repente eu a vejo, ela e Tom sozinhos em seus quartos no hotel, esperando o interrogatório, esperando respostas, esperando notícias de Flo, de Clare e de todo o resto.

Pediram que ela não saísse daqui. Está tão presa quanto eu. Caiu na mesma armadilha do que aconteceu naquela casa.

— Olha, preciso desligar — Nina avisa. — Esse aqui é uma porcaria de celular pré-pago e acho que não tem muito crédito. Mas vou ligar de novo e deixar esse número aí na recepção, está bom? Diga para eles ligarem para mim se te expulsarem.

— Ok — respondo, com um nó na garganta, tusso e procuro disfarçar. — Cuide-se, está ouvindo? E não se culpe pela Flo. Ela vai ficar bem.

— Realmente não sei se vai — diz Nina, com voz triste. — Vi algumas overdoses de paracetamol quando estava na faculdade e sei como funciona. Mas obrigada por tentar. E Nora... — ela interrompe a frase.

— O quê?

— Eu... ai merda, olha, não tem sentido eu dizer isso. Esqueça.

— O que é?

— Eu só ia dizer... tente lembrar o que aconteceu depois que você saiu da

casa, está bem? Muita coisa está dependendo disso. Sem pressão — Nina completa com uma risada desafinada.

— É, eu sei. Até logo, Nina.

— Até logo.

Ela desliga e eu esfrego o rosto. Sem pressão, tinha dito Nina. Suponho que seja a ideia que ela tem de uma piada. Ela conhece tão bem quanto eu a pressão que estamos sofrendo. Todos nós.

Preciso lembrar, preciso lembrar.

Fecho os olhos e tento lembrar.



— Nora.

Uma mão no meu ombro, mexendo para eu acordar.

— Nora.

Pisco os olhos, tento sentar e registrar onde estou e o que está acontecendo.

É Lamarr. E eu estava dormindo.

— Que horas são? — pergunto confusa.

— Quase meio-dia — ela diz, com a voz da eficiência.

Sem sombra de sorriso. Ela está muito séria. O delegado Roberts está atrás dela e fixa em mim seu olhar ameaçador. Parece que ele nasceu com um lápis na mão e aquela expressão de fúria. É impossível imaginá-lo acalentando um bebê ou beijando uma namorada.

— Queremos fazer algumas perguntas — diz Lamarr. — Você quer um minuto para se compor?

— Não, não, estou bem — digo, balanço a cabeça e me esforço para despertar, enquanto Lamarr só observa. — Pode perguntar.

Lamarr faz que sim com a cabeça, liga o gravador e repete a advertência. Então pega umas folhas de papel.

— Nora, quero que você leia isso. É uma transcrição dos e-mails e das mensagens de texto tiradas do seu celular e do celular de James nos últimos dias.

Ela me entrega as folhas, eu sento direito e esfrego os olhos, tentando focalizar as letras impressas. Há uma lista de textos, cada uma com o número do celular que enviou e data, hora e alguma outra informação que não consigo interpretar — talvez localização de GPS.

A primeira está marcada com o meu número e “sexta-feira, 16h52”.

LEONORA SHAW: James, sou eu, Leo. Leo Shaw.

JAMES COOPER: Leo?? Cristo, é você mesmo?
LEONORA SHAW: Sim, sou eu. Preciso muito ver você. Estou na festa desse fim de semana da Clare. Você pode vir até aqui, por favor? É urgente.
JAMES COOPER: O quê? Está falando sério?
JAMES COOPER: A C te contou?
LEONORA SHAW: Sim. Venha, por favor. Não posso falar sobre isso ao telefone, mas preciso muito conversar com você.
JAMES COOPER: Precisa mesmo que eu vá? Não pode esperar até você voltar para Londres?
LEONORA SHAW: Não. É realmente urgente. Faz esse favor. Eu nunca te pedi nada, mas você me deve isso. Amanhã? Domingo será tarde demais.

A resposta seguinte de James só chega às 23h44:

JAMES COOPER: Tenho uma apresentação à tarde e à noite amanhã e só posso sair do teatro depois das 10, 11 horas. Posso ir de carro até aí, mas vou levar mais de 5 horas. Chego aí no meio da noite. Você quer mesmo que eu faça isso?

Sábado, 7h21.

LEONORA SHAW: Sim.

Sábado, 14h32.

JAMES COOPER: Ok.
LEONORA SHAW: OBRIGADA. Deixe seu carro na estradinha. Quando chegar a casa entre pelos fundos. Vou deixar a porta da cozinha destrancada. Meu quarto é a segunda porta à direita, subindo a escada. Explico tudo quando você chegar aqui.

Mais uma pausa longa. A resposta de James está marcada às 17h54 e quase parte o meu coração.

JAMES COOPER: Ok. Eu sinto muito Leo... por tudo. Jx

E depois, às 23h18,

JAMES COOPER: Estou a caminho.

E é isso.

Quando levanto a cabeça e olho para Lamarr, sei que meus olhos estão marejados de lágrimas e que minha voz está embargada e emudecida.

— A entrevistada terminou de ler a transcrição — Lamarr diz baixinho para o gravador, e depois pergunta: — E então, Nora? Alguma explicação? Você achou que não íamos encontrar essas mensagens? Apagá-las foi bobagem, você sabe, nós as recuperamos do servidor.

— Eu... — eu tento falar, respiro fundo, faço um esforço. — Eu nã-não enviei nada disso.

— É mesmo? — Não é uma pergunta, é apenas um reconhecimento seco e um pouco cansado.

— É mesmo. Você tem de acreditar em mim. — e na hora que começo a falar, sei que é inútil. — Qualquer pessoa podia ter enviado essas mensagens. Alguém pode ter clonado o meu cartão.

— Pode acreditar que estamos acostumados com isso, Nora. Essas mensagens foram enviadas do seu aparelho, e as marcas de datas nas suas respostas correspondem às suas corridas na floresta e à viagem para o clube de tiro.

— Mas eu não levei meu celular nas corridas!

— A prova do GPS é bastante contundente. Sabemos que você saiu da casa e subiu a ladeira até conseguir sinal.

— Eu não mandei essas mensagens — repito, desesperada.

Quero me arrastar de novo para a cama e cobrir a cabeça com as cobertas. Lamarr está olhando para mim de cima para baixo, em pé ao lado da cama, não está mais sentada ao meu lado. E está muito séria, a expressão esculpida em ébano. Há compaixão em seu rosto, mas também uma espécie de rigor que nunca tinha notado até agora. Exibe aquele distanciamento que imagino que um anjo possa ter. Não um anjo de misericórdia, mas um anjo que julga.

— Nós também recebemos o relatório da análise do carro, Nora. Sabemos o que aconteceu.

— O que aconteceu?

Estou tentando não entrar em pânico, mas sei que minha voz está aguda e trêmula. Eles sabem. Eles sabem de uma coisa que eu não sei.

— *O que* aconteceu?

— Clare deu carona para você. E quando ela estava na estrada e em alta velocidade, você agarrou o volante, lembra? Você agarrou o volante e forçou o carro a sair da estrada.

— Não.

— Suas digitais estão em toda a direção. Os arranhões nas suas mãos, as

unhas quebradas... Você lutou com Clare. Ela tem ferimentos de defesa nas mãos e nos braços. Sua pele está embaixo das unhas dela.

— Não!

Mas no instante em que neguei tive um lampejo, como um pesadelo em pleno dia: o rosto apavorado de Clare, iluminado pela luz verde do painel, minhas mãos emboladas com as dela.

— Não! — repito, mas a palavra sai junto com um soluço.

O que foi que eu fiz?

— O que Clare contou para você, Nora? Ela disse que ia se casar com James?

Não consigo falar. Apenas balanço a cabeça, mas não é para negar nada, é que não posso enfrentar isso, não posso responder a essas perguntas.

— A entrevistada está balançando a cabeça — Roberts resmunga.

— Flo contou o que aconteceu — diz Lamarr, impassível. — Clare pediu que ela não dissesse nada. Ela planejava contar para você esse fim de semana, não é?

Oh, meu Deus.

— Você nunca teve outro relacionamento desde que terminou com ele, não é verdade?

Não. Não. Não.

— Você era obcecada por ele. Clare não quis contar para você antes porque temia a sua reação. Ela estava certa de se preocupar, não estava?

Por favor, deixe-me acordar desse pesadelo.

— Então você o atraiu para a casa e atirou nele.

Não. Oh, meu Deus. Eu preciso falar. Preciso dizer alguma coisa para fazer Lamarr calar a boca, para fazer essas acusações perversas, arrumadas e cor de ameixa irem embora.

— É verdade, não é, Nora? — diz ela com voz suave e educada, e finalmente senta na ponta da cama e estende a mão. — Não é?

Levanto a cabeça. Meus olhos continuam cheios d’água, mas através deles vejo o rosto de Lamarr, seus olhos simpáticos, os brincos pesados, pesados demais para um pescoço tão fino aguentar. Ouço o clique e o giro do gravador.

E recupero minha voz.

— Quero um advogado.

29

Fico pensando na hora da primeira mensagem de texto, a que eu supostamente enviei para James, aquela que saiu do meu celular às 16h52. Eu me encontrava lá fora correndo. Meu celular estava sem proteção, no meu quarto. Então quem mais tinha acesso a ele?

Clare ainda não tinha chegado. Sei disso com certeza, já que a encontrei na estradinha de terra quando estava chegando, mas podia ter sido qualquer um dos outros.

Mas por quê? Por que iam querer me destruir desse jeito? Destruir James, destruir *Clare*?

Procuro pensar nas possibilidades.

Melanie parece a menos provável. Sim, ela estava lá quando saí para correr, na verdade era uma das poucas pessoas que tinha se levantado na hora da segunda corrida. Mas não posso acreditar que ela se importava a esse ponto, comigo ou com James, para fazer uma coisa dessas. Por que arriscar tudo para incriminar alguém que ela nunca tinha visto? Além do mais, já tinha ido embora na hora que James chegou, na hora que... na hora que... Fecho os olhos e tento apagar as imagens de James caído, ferido e sangrando no chão de madeira. *Mesmo assim ela poderia ter trocado os cartuchos*, uma vozinha sussurra no fundo da minha cabeça. *Ela podia ter feito isso a qualquer hora. E talvez isso explique por que foi embora com tanta pressa...?* É verdade. Ela podia ter trocado os cartuchos. Mas certamente não podia prever todo o resto. A porta aberta, a arma, o desespero...

Tom, então. Ele tinha os meios. Estava lá na casa quando deixei o celular, encontrava-se lá quando o tiro foi disparado. E... de repente me dou conta... foi ele que disse para Clare sair pela floresta de carro sozinha. O que a fez partir de repente daquele jeito? Nós só temos a palavra dele do que disse para ela, e agora, à luz de tudo que aconteceu, o fato de ela ter entendido errado de forma tão radical parece bem conveniente. Será que ela realmente sairia daquele jeito no meio da noite sem verificar antes? Nina era médica, afinal. Era a melhor chance de James sobreviver.

E se Tom *disse* para ela ir? Ele podia dizer qualquer coisa, que Nina não ia mais, que tinha avisado para Clare seguir em frente e esperar por ela no hospital.

Quanto ao motivo... Lembro da conversa de bêbado que tivemos sobre o marido dele e James. Se ao menos eu tivesse prestado atenção. Se eu tivesse ouvido tudo! Mas eu estava entediada, entediada com a lista de nomes que não conhecia e com a vulgar política do teatro. É possível que houvesse alguma coisa ali, alguma rixa entre Bruce e James? Ou talvez... talvez o contrário.

Mas não faz sentido. E mesmo que ele tivesse *feito* Clare sair sozinha com James, qual seria o objetivo? Ele não podia prever o que ia acontecer.

Mas o mais importante é que ele não podia saber do meu passado com James. A não ser que... a não ser que alguém tivesse contado para ele.

Clare podia ter contado. Não posso excluir essa possibilidade. Mas o fato é que esse assassinato foi planejado de tal forma que não destruiu apenas o James, está destruindo a mim e Clare também. Não se trata apenas de danos colaterais. Tem alguma coisa incrivelmente maligna e *pessoal* na maneira com que fui arrastada para lá, para nos fazer lembrar de mágoas há muito esquecidas. Quem faria isso? *Por que* alguém ia fazer isso?

Tento ver isso como um dos meus livros. Se eu estivesse escrevendo essa história, poderia imaginar um motivo para Tom machucar James. E poderia fabricar um motivo para ele machucar Clare nesse processo. Mas a mim? Para que se dar todo esse trabalho para implicar uma pessoa que ele nem conhece? A única pessoa que poderia querer fazer isso seria alguém que conhecesse nós três. Alguém que estivesse lá na hora em que tudo explodiu. Alguém como...

Nina.

Mas minha mente se afasta disso, repudia a ideia. Nina pode ser estranha, incisiva e sarcástica, muitas vezes não ter consideração. Mas não há como pudesse fazer uma coisa dessas. Há? Penso no rosto dela, com linhas de sofrimento, quando se lembrava dos ferimentos a bala que tratou na Colômbia. Ela vive para ajudar as pessoas. Certamente nunca faria isso. Ou faria?

Mas tem alguma coisa murmurando no meu ouvido, uma pequena voz, lembrando que Nina pode ser muito dura. Recordo que ela disse uma vez, muito bêbada: “Cirurgiões não se importam com as *pessoas*, não de um jeito emotivo. Eles são como mecânicos, só querem cortá-las, ver como funcionam, desmontá-las. O cirurgião é como um menininho que desmonta o relógio do pai para ver como funciona e depois não sabe como montar. Quanto mais habilidosos nos tornamos, melhor conseguimos juntar as partes. Mas sempre deixamos uma cicatriz.”

E penso também em suas chocantes observações ocasionais com desprezo pela Clare. Penso na violência daquela noite em que falou que Clare gosta de empurrar e cutucar e que tem prazer de ver as reações das pessoas, a amargura dela com o fato de Clare tê-la exposto todos aqueles anos atrás. Será que tem

alguma coisa aí, algum motivo para ela jamais ter perdoado a Clare?

E finalizando, penso nos atos dela na primeira noite, quando chegamos. O jogo "eu nunca". Lembro-me da sua deliberada maldade quando disse, com a fala arrastada, *eu nunca transei com James Cooper*.

De repente, naquele quartinho quente que mais parecia uma sauna, eu sinto frio. Porque *esse* é o tipo de despeito cruel e pessoal que está por trás de toda essa situação louca. Não foi apenas curiosidade sobre James e sobre mim. Não foi falta de consideração. Foi crueldade proposital, comigo e com a Clare. Quem é que está empurrando e cutucando e tendo prazer com a reação das pessoas agora?

Mas afasto essa ideia. Não vou pensar em Nina desse jeito. Não vou. Se deixar, vou acabar enlouquecendo.

Flo. É o nome para o qual eu vivo voltando. Flo estava lá desde o começo. Flo convidou a todos. Flo segurou a espingarda. Foi Flo que afirmou que estava com balas de festim.

Flo, com sua estranha obsessão por Clare. Com sua intensidade instável. Ela podia ter descoberto minha história com James em qualquer momento. Afinal, ela é a melhor amiga de Clare, e tem sido desde a universidade. Quem melhor para Clare confidenciar sobre James e sobre mim do que ela?

Será que foi por isso que ela tomou a overdose? Ela compreendeu o que tinha feito?

Estou olhando para cima, para nada, enquanto penso em tudo isso, e então, subitamente, meu olhar se concentra em uma coisa, um movimento do lado de fora.

E descubro o que é.

A guarda está de volta. A polícia na minha porta. Só que dessa vez não tenho absolutamente nenhuma dúvida: não estão ali para me proteger. Estão ali para não me deixar sair. Eu não vou para casa quando me derem alta, vou para a delegacia. Serei presa e interrogada e é bem provável que me processem, se acharem que isso pode funcionar.

Com frieza, sem emoção, procuro examinar a última pessoa da festa de despedida de solteira: o caso contra mim.

Eu estava lá. Eu podia ter enviado aquelas mensagens de texto para James. Podia ter substituído as balas de festim por munição real. Estava com a minha mão na arma quando Flo disparou. O que podia ser mais fácil do que mover o cano para garantir que estivesse apontando para James enquanto ele subia a escada?

E principalmente, eu estava lá na segunda metade do assassinato de James. Estava no carro quando ele saiu da estrada.

Que diabo aconteceu naquele carro? Por que não consigo lembrar?

Penso no que o dr. Miller disse: *Às vezes o cérebro suprime acontecimentos que não estamos preparados para enfrentar. Suponho que seja um... mecanismo de defesa, digamos assim*.

O que é que o meu cérebro não quer enfrentar? Será a verdade?

Percebo que estou tremendo como se estivesse com frio e, apesar do aquecimento do hospital estar mais abafado do que nunca, pego o cardigã de Nina no pé da cama e o enrolo em mim, respirando o cheiro dela, de cigarro e perfume, tentando me estabilizar.

Não foi a ideia de ser presa e processada que me chocou tanto. Ainda não acredito que isso realmente vai acontecer. Certamente... *certamente*, se eu puder explicar tudo, eles acreditarão em mim. Será mesmo?

O que realmente me deixou desnorteada foi o seguinte: saber que alguém me odeia a ponto de fazer isso. Mas quem?

Não me permito pensar na última possibilidade. É terrível demais para deixar passar pela minha cabeça, exceto nesses sussurros minúsculos e mesquinhos quando estou pensando em outras coisas.

Mas quando me encolho embaixo do cobertor fino do hospital, com o casaco de Nina nos ombros, um desses sussurros aflora: *E se for verdade?*

O resto do dia demora a passar, como se eu me movesse num ar feito de melado. A sensação é parecida com a dos pesadelos que às vezes tenho, em que minhas pernas estão pesadas demais e não consigo me mexer. Alguma coisa está me perseguindo e tenho de fugir, mas fico atolada na lama, minhas pernas estão insensíveis e lerdas e só consigo chapinhar dolorosamente no sonho, com o horror indefinido atrás de mim, cada vez mais perto.

Meu pequeno quarto parece mais uma cela de prisão com a janelinha estreita de vidro reforçado e o guarda do lado de fora da porta.

Agora eu sei o que vai acontecer se me derem alta. Não irei para casa. Serei presa e levada para uma delegacia e devo ser processada. As mensagens de texto são prova suficiente para me segurarem aqui, além do fato de ter negado que as enviei.

Lembro que, quando escrevi meu primeiro livro, muito tempo atrás, conversei

com um policial sobre as técnicas de interrogatório. *Prestamos atenção*, ele disse. *Ouvimos a mentira*.

Lamarr e Roberts encontraram a mentira: eu disse que não enviei aquelas mensagens de texto. Só que elas estão lá.

Tento comer, mas a comida está sem gosto, e deixo quase tudo na bandeja. Tento fazer palavras cruzadas, mas as palavras escapam de mim, são apenas impressões no papel, e minha mente está sendo invadida por outras imagens.

Eu no banco dos réus no tribunal, eu numa cela de presídio.

Flo, ligada a aparelhos, em algum lugar desse hospital.

Clare, largada numa cama, com os olhos se movendo lentamente sob as pálpebras fechadas.

James, numa poça de sangue.

De repente, minhas narinas se enchem daquele cheiro, o cheiro de açougue do sangue dele nas minhas mãos e no meu pijama, escorrendo para o chão...

Afasto o cobertor e me levanto da cama. Vou para o banheiro para jogar água no rosto, para tirar o fedor de sangue e as lembranças invasivas. Mas as recordações que eu quero não vêm. Será possível? Será possível que eu tenha mesmo enviado aquelas mensagens de texto e que simplesmente enterrei junto com o que quer que tenha acontecido no carro?

Em quem posso confiar se não confio em mim mesma?

Escondo o rosto nas mãos. Quando levanto a cabeça, me vejo no espelho à cruel luz fluorescente. O roxo em volta dos olhos continua lá, mas já está desbotando. Estou amarela, de olhos fundos. Há manchas escuras nos lados do nariz e embaixo dos olhos, mas não pareço mais uma aberração. Se tivesse uma base, dava para cobrir aquelas manchas escuras. Mas não tenho. Nem pensei em pedir isso para Nina.

Pareço magra e velha. Meu rosto está amassado no lado sobre o qual dormi, dos lençóis e fronhas grossas do hospital.

Penso no eu que sou por dentro. Na minha cabeça, tenho dezesseis anos há quase dez anos. Meu cabelo ainda é comprido. Eu me surpreendo em momentos de estresse levantando a mão para pô-lo para trás, e ele não está mais lá.

Na minha cabeça, James ainda está vivo. Não consigo acreditar que não está.

Será que deixariam que eu visse o corpo dele?

Estremeço, passo a mão molhada no cabelo embaraçado e esfrego as palmas na calça cinza de moletom.

Então dou meia-volta e saio do banheiro.

Assim que volto para o quarto percebo que alguma coisa está diferente. Não consigo descobrir o que é. Meu livro continua lá, na cama, meus chinelos embaixo dela. Minha jarra de água está meio cheia no armário e a prancheta com

as anotações médicas continua presa e torta no suporte do pé da cama.

Então eu vejo.

O guarda não está mais lá.

Vou até a porta e espio pela janelinha de vidro com arame. A cadeira está lá. Tem também uma xícara de chá, soltando um pouco de fumaça. Mas nada de guarda.

Um formigamento de adrenalina percorre meu corpo e arrepia os cabelinhos da nuca. Meu corpo sabe o que estou prestes a fazer, antes mesmo de a cabeça processar. Meus dedos se esticam para pegar o chinelo e calçá-lo. Minhas mãos abotoam o cardigã de Nina. Por último, pego as duas notas de dez libras que ainda estão, dobradas, no canto do armário.

Meu coração bate acelerado quando empurro suavemente a porta, esperando a qualquer momento ouvir o grito de *Pare!* ou apenas uma enfermeira dizendo: "Você está bem, querida?"

Mas ninguém diz nada.

Ninguém faz nada.

Saio do quarto, vou andando pelo corredor, passo por outras enfermarias, e os chinelos fazem *plip, plip, plip* no chão de linóleo.

Passo pela sala das enfermeiras. Não tem ninguém lá. Há uma enfermeira em uma salinha interna, mas está de costas para o vidro, cuidando dos papéis.

Plip, plip, plip. Passo pela porta dupla e vou para o corredor principal, onde o ar tem menos cheiro de desinfetante e mais de cozinha industrial, já que a cozinha fica ali. Ando um pouco mais rápido. Vejo uma placa que diz "Saída" apontando para um lado.

Quando viro no corredor, meu coração quase para. Lá está o policial, parado bem na saída do banheiro masculino, falando no rádio. Eu vacilo um segundo. Quase giro nos calcanhares e volto correndo para o meu quarto antes que ele possa descobrir que escapei.

Mas não faço isso. Eu me recupero e passo por ele, *plip, plip, plip*, com meu coração fazendo *bangue, bangue, bangue* no ritmo dos meus passos, e ele nem repara em mim.

— Roger — diz ele na linguagem do rádio. — Entendido.

Eu viro a esquina do corredor e ele fica para trás.

Continuo andando, nem rápido, nem devagar demais. Certamente alguém vai me fazer parar. Certamente não se pode sair de um hospital daquele jeito, não é?

Outra placa que diz "Saída" aponta para o corredor entre cubículos com camas. Estou quase lá.

E então, quando estou quase chegando à última porta antes do saguão dos elevadores, vejo alguma coisa, *alguém*, através da estreita janelinha de vidro

numa das portas.

É Lamarr.

Engasgo, paro de respirar e, quase sem pensar, me esgueiro para trás e me escondo atrás da cortina de um cubículo, rezando para o ocupante estar dormindo.

Puxo sorrateiramente a cortina do leito em volta de mim, o coração ribombando na garganta, e paro, prestando atenção, escutando. Ouço o barulho da porta da enfermaria principal se abrindo e se fechando, então ouço os saltos dela fazendo *clique, claque, clique, claque* no piso de linóleo. No posto de enfermagem, quase em frente ao cubículo onde me escondi, os passos param, e aí minhas mãos tremem à espera da cortina ser puxada com um tranco, à espera de ser descoberta.

Só que ela diz alguma coisa para a supervisora de plantão e ouço os saltos fazerem *clique, claque, clique, claque* corredor afora, na direção dos banheiros e do meu quarto.

Ai, graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus.

Minhas pernas estão fracas e trêmulas de alívio. Por um momento não sei se vou conseguir me manter de pé. Mas preciso. Tenho de sair daqui antes que ela chegue ao meu quarto e descubra que fugi. De repente gostaria de ter posto travesseiros na cama ou fechado a pequena cortina da janela.

Respiro profundamente duas ou três vezes, tentando me acalmar, depois me viro, pronta para me desculpar com o ocupante do cubículo atrás de mim.

Mas, quando vejo quem está na cama, o coração quase para de vez.

É Clare.

Clare, deitada, de olhos fechados, o cabelo dourado espalhado no travesseiro.

Ela está muito pálida e tem no rosto cortes piores do que os meus. Há um monitor ligado ao dedo dela e mais fios saindo de baixo do cobertor.

Oh, meu Deus. Oh, Clare.

Sei que é loucura, mas não consigo evitar, minha mão encosta no seu rosto e afasta uma mecha de cabelo dos lábios dela. Os olhos se movem sob as pálpebras e prendo a respiração, mas ela relaxa e volta ao estado em que estava — sono? coma? —, e eu solto um suspiro engasgado.

— Clare — murmuro bem baixinho para ninguém ouvir, só que talvez chegue aos sonhos dela —, Clare, sou eu, Nora. Eu juro que vou descobrir a verdade. Vou descobrir o que aconteceu. Eu juro.

Ela não fala nada. Os olhos mexem embaixo das pálpebras e eu me lembro da Flo e da sessão espírita, cegamente procurando alguma coisa que nenhum de nós via.

Acho que meu coração vai se partir em pedaços.

Mas não posso parar. Podem até já estar me procurando.

Com todo o cuidado, me esgueiro e espio pela cortina do cubículo. O corredor está vazio. O posto de enfermagem também, todas elas estão cuidando dos pacientes e a supervisora não está mais lá.

Saio, fecho a cortina de Clare de novo, praticamente corro para a porta no final da enfermaria e chego ao saguão dos elevadores.

Aperto os botões não uma vez, mas cinco, dez, quinze vezes, não paro de apertar, como se isso fizesse os elevadores chegarem mais depressa.

Então ouço um ruído e um zunido quando a porta mais distante se abre. Ando e corro ao mesmo tempo para dentro do elevador, com o coração na boca. Há um atendente lá dentro, com uma mulher numa cadeira de rodas, cantarolando Lady Gaga baixinho. Por favor, por favor, faça com que eu consiga.

O elevador para e eu recuo para dar passagem para o atendente e a mulher saírem primeiro, depois sigo as placas até a entrada principal. Uma mulher com ar de tédio está sentada à mesa da recepção, folheando um exemplar de *Hello.*

Quando chego ao lado da mesa, o telefone dela começa a tocar e eu acelero o passo instintivamente. *Não atenda. Não atenda.*

Ela atende.

— Alô? Recepção?

Estou andando rápido demais, sei que estou, mas não consigo me controlar. Devo parecer uma paciente. Como é que ela pode não notar que estou de chinelo, pelo amor de Deus? Pessoas normais, visitantes, não usam chinelos em novembro. Não com calça de moletom cinza e um cardigã de lã azul.

Ela vai me interpelar, tenho certeza. Vai dizer alguma coisa, perguntar se estou bem. As duas notas de dez libras que seguro estão úmidas de suor.

— É mesmo? — diz a recepcionista quando passo por ela e enrola o fio de telefone em volta de um dedo. — Sim, sim, está bem. Vou ficar de olho.

Meu coração vai sair pela boca. Ela sabe. Não vou conseguir.

Mas ela nem levanta a cabeça. Só faz que sim. Talvez não estejam falando de mim.

Estou quase chegando à porta. Há um aviso que diz para as pessoas usarem álcool nas mãos, na entrada e na saída do hospital. Será que devo parar? Será que vão estranhar mais se eu parar ou se não parar?

Não paro.

À mesa a mulher continua conversando e balançando a cabeça.

Estou na porta giratória. Por um momento tenho uma breve fantasia de que ela vai parar no meio do giro, que ficarei presa naquele triângulo apenas a uma fresta do lado de fora, larga suficiente para enfiar o braço, mas não para escapar.

É claro que isso não acontece. A porta continua seu giro suave.

O ar gelado me recebe feito bênção.
Estou livre.
Estou fora do hospital.
Escapei.

30

O vento gela meu rosto e estou completamente perdida. Esse lugar é totalmente desconhecido para mim. E aí me dou conta de que fui trazida para cá inconsciente, não faço a menor ideia de como cheguei aqui e de como sair daqui.

Estou tiritando depois do calor que fazia dentro do hospital e há flocos de neve no vento. Olho para cima como se procurasse um milagre, e um aparece mesmo, na forma de uma placa que diz “Táxis” e uma seta.

Caminho devagar, tremendo, viro a esquina do prédio, e embaixo da placa que diz “Fila do táxi começa aqui” há um único carro, de luz acesa. Parece que há um homem dentro, é difícil enxergar com os vidros embaçados.

Vou manquitolando para mais perto. Os chinelos estão começando a ferir a parte interna do meu pé. Bato na janela, que abre um pouco, e um rosto alegre e marrom sorri de orelha a orelha para mim.

— O que posso fazer por você, querida? — pergunta ele.

O motorista é sikh, usa um turbante preto com um broche no centro, do logotipo da firma de táxi para a qual trabalha. O sotaque dele é uma mistura desconcertante de Punjabi e Newcastle, que na hora me dá vontade de rir.

— Eu... eu tenho de ir para... — não tenho ideia de onde vou.

Voltar para Londres?

Não.

— Tenho de ir para a Casa de Vidro — digo. — É uma casa de veraneio, na periferia de Stanebridge. O senhor conhece a cidadezinha?

Ele faz que sim com a cabeça e larga o seu jornal.

— Sim, eu conheço. Pode entrar, querida.

Mas eu não entro. Apesar do frio e do fato de eu estar tremendo demais agora, hesito, com a mão na maçaneta da porta do carro.

— Por favor, pode me dizer quanto vai custar? Eu só tenho vinte libras.

— Normalmente são vinte e cinco — diz ele, examinando meus ferimentos. — Mas para você faço por vinte.

Graças a Deus. Consigo dar um sorriso, mas meu rosto parece congelado, sinto que é capaz de rachar com o esforço.

— O-obrigada — digo e não gaguejo, meus dentes estão batendo de frio.

— Entre aí, querida — ele abre a porta atrás dele —, senão vai congelar. Entre

agora.

Eu entro.

O carro parece um casulo de calor que me envolve toda. Tem cheiro de plástico usado, de bom ar de pinho e de cigarro velho, o cheiro de todos os táxis em todo lugar, e fico com vontade de me encolher no calor macio do banco, dormir e nunca mais acordar.

Meus dedos tremem quando tento prender o cinto de segurança e percebo como estou cansada, como meus músculos estão fracos depois da estada no hospital.

— Desculpe — digo quando ele olha para trás para se certificar de que prendi o cinto. — Desculpe. Estou quase conseguindo.

— Não se preocupe, querida. Não tem pressa.

E então a fivela prende com um clique positivo e eu me recosto, sentindo o corpo todo doer de cansaço.

O motorista liga o carro. Fecho os olhos. Estou longe.



— Ei, querida. Acorde, senhorita.

Abro os olhos, confusa e sonolenta. Onde estou? Não estou em casa. Não estou no hospital.

Levo um minuto para entender que estou no banco de trás de um táxi, com a roupa do hospital, e que o carro parou.

— Chegamos — diz o motorista. — Mas não posso subir até a casa. A estradinha está bloqueada.

Pisco os olhos e limpo a condensação nas janelas. Ele tem razão. Bloquearam a estrada com duas barreiras de alumínio ligadas pela fita da polícia.

— Tudo bem. — Esfrego o sono dos cantos dos olhos e pego o dinheiro no bolso. — Aqui está, vinte libras, não é isso?

Ele pega o dinheiro e pergunta:

— Tem certeza de que vai ficar bem, querida? Parece que a casa está fechada.

— Tudo bem, sim.

Será? Tem de ser. Deve haver um jeito de entrar. Imagino que a polícia deve ter trancado tudo, mas não acredito que a transformaram num Forte Knox, não nesse fim de mundo. Ninguém vai lá perturbar a cena do crime.

O motorista do táxi não parece satisfeito quando desço do carro e fica me observando, com o motor ligado, enquanto eu dou a volta na barreira. Não quero que ele fique ali. Não suporto pensar que vai me ver tropeçando na estradinha

esburacada com meus chinelos patéticos. Por isso paro me apoiando na barreira, tento não tremer e aceno decidida para ele.

Ele abre o vidro da janela e sua respiração forma uma nuvem branca no ar gelado.

— Tem certeza de que ficará bem? Posso esperar se quiser, levá-la de volta para Stanebridge se não tiver ninguém aí. Não vou cobrar nada. A volta seria por minha conta de qualquer maneira.

— Não, obrigada.

Cerro os dentes com a esperança de conseguir impedir que batam.

— Estou bem. Obrigada. Até logo.

Ele meneia a cabeça ainda descontente, acelera, e vejo o carro desaparecer no lusco-fusco do entardecer, as lanternas vermelhas iluminando a neve que cai.



Meu Deus, essa estradinha é muito longa. Tinha esquecido. Lembro-me da corrida, quando encontrei Clare subindo, das minhas pernas cansadas e doendo e da minha pele gelada.

Aquilo não foi nada perto disso. O que tinha acontecido com os meus músculos no hospital? Não cheguei nem na metade do caminho e minhas pernas já tremem com aqueles movimentos involuntários que aparecem depois de um esforço árduo e veloz demais. Meus pés sangram nos chinelos de plástico duro, mas estão tão anestesiados com o frio que nem sinto dor, só sei que isso está acontecendo por causa das manchas vermelhas que se misturam com os flocos de neve.

Pelo menos a lama congelou, de modo que não tenho de lutar contra os torrões de terra molhada que grudam nos pés. Mas quando tropeço numa rieira especialmente profunda ouço um estalo e meu pé atravessa a fina camada de gelo e mergulha na poça gelada de água lamacenta por baixo.

Solto um grito sufocado que soa como um choramingo quando, cheia de dor, puxo o pé pelo buraco do gelo cortante. É um som bem fraco e patético, como um rato sendo pego por uma coruja.

Estou com muito frio. Estou com muito, muito frio mesmo.

Será que fui muito burra?

Mas preciso continuar. Não há sentido em voltar. Mesmo que pudesse fazer alguém parar na estrada, para onde eu iria? Voltar para o hospital e as algemas de Lamarr que me aguardavam? Eu fugi, sou uma fugitiva. Preciso resolver isso. Não existe caminho de volta.

Forço meus pés, um na frente do outro, cruzo os braços em volta do corpo para me aquecer e agradeço a Deus e a Nina pelo casaco azul que é a única coisa que está entre mim e a hipotermia. O vento começa a soprar de novo, um uivo triste e baixo entre as árvores, ouço a neve balançar e cair no chão.

Mais um passo.

E mais um depois.

Não sei dizer quanto falta. Com a casa vazia não há o brilho das luzes para me guiar. Não tenho ideia do tempo que estou andando nesse frio horrível. Só sei que preciso continuar, porque senão eu vou morrer.

Mais um passo.

Surgem imagens na minha cabeça quando me aproximo. Flo, com o rosto desfigurado de medo e a espingarda apoiada no peito. A expressão horrorizada de Nina, as mãos manchadas de sangue quando tenta estancar a hemorragia.

James. James caído numa poça do próprio sangue, morrendo.

Agora eu sei o que ele estava tentando dizer, quando falou *me... Leo?*.

Não era só "me", era "mensagem". Ele estava querendo perguntar por que eu o tinha chamado para cá. E por que o deixava morrer daquele jeito.

Ele tinha vindo por mim. Ele veio porque eu pedi.

E eu pedi?

Não tenho mais certeza. Ah, meu Deus, estou gelada.

É difícil manter as coisas na cabeça.

Lembro-me das mensagens que Lamarr mostrou impressas naquelas folhas e não tenho mais certeza se me recordo delas de quando ela me mostrou, ou de antes.

Será que pedi para o James vir?

Eu só soube que Clare ia casar com James quando ela me contou no carro. Eu não sabia. Então por que eu ia enviar aquela mensagem para ele?

Preciso me agarrar a isso — tenho de me agarrar ao que eu sei com certeza.

Deve ter sido a Flo. Ela era a única pessoa que poderia ter controlado tudo aquilo, quem escolheu os convidados, quem escolheu a casa, quem sabia sobre a arma.

Ela estava na casa quando as mensagens de texto foram enviadas.

Ela sabia que eu tinha saído para correr.

Penso de novo na estranha intensidade do seu imenso, explosivo, apavorante amor por Clare. Será possível que ela achou que poderia perder Clare para o James? Que não ia suportar se ele ficasse entre as duas? E não havia pessoa melhor para levar a culpa do que eu, ex-namorada de James, melhor amiga de Clare.

E depois... depois ela entendeu o que tinha feito. Que tinha destruído a amiga

junto com seu rival. Que tinha arruinado a vida de Clare.

E não aguentou mais.

Oh, meu Deus, estou com tanto frio. E tão cansada. Há uma árvore caída ao lado da estrada. Eu podia sentar nela, só um minuto, só para minhas pernas pararem de tremer.

Passo arrastado após passo arrastado, vou até a árvore e despenco em seu tronco coberto de musgo. Dobro o corpo sobre os joelhos, respiro nas pernas, tentando desesperadamente conservar algum calor.

Fecho os olhos.

Desejo dormir.

Não.

A voz vem de algum lugar fora de mim. Eu sei que não é real, só que ouço dentro da minha cabeça.

Não.

Quero dormir.

Não.

Se dormir, vou morrer. Sei disso. Mas não me importo mais. Estou muito cansada.

Não.

Quero dormir.

Mas alguma coisa não deixa. Alguma coisa dentro de mim não me deixa descansar.

Não é um desejo de viver — não me importo mais com isso. James está morto. Clare está ferida. Flo está morrendo. Só resta uma coisa, que é a verdade.

Eu não vou morrer. Eu não vou morrer porque alguém tem de fazer isso — alguém tem de chegar à verdade do que aconteceu.

Levanto-me. Meus joelhos tremem tanto que mal consigo ficar de pé, mas fico e me equilibro com a mão na árvore caída.

Dou um passo.

E mais outro.

Vou continuar andando.

Vou continuar andando.

31

Não sei quanto tempo levei. Já escureceu. As horas parecem se deixar levar, sem definição, toldando a neve que cai sobre a lama congelada. Estou cansada, tão cansada que não consigo pensar, e meus olhos lacrimejam quando ando contra o vento que começa a soprar.

Meu rosto está todo insensível e meus olhos molhados e embaçados quando olho para cima e finalmente lá está ela: a Casa de Vidro.

Não é mais aquele grande farol dourado que vi na primeira noite. Ao contrário, está escura e silenciosa, se misturando com as árvores, quase invisível. A lua crescente acabou de aparecer e está refletida na janela do quarto da frente, onde Tom dormiu. Há um halo de gelo em volta dela, e eu sei que a noite vai ficar mais fria ainda.

A escuridão não é a única diferença. Tem uma fita da polícia lacrando a porta da frente e a janela quebrada no topo da escada está com tábuas e uma espécie de grade de metal, do tipo que se vê nas casas vazias em áreas mais pobres.

Cubro os últimos metros dolorosos pelo cascalho e paro tremendo e olhando fixo para a enorme parede de vidro diante de mim. Agora que cheguei não tenho mais certeza de que consigo fazer isso, entrar e rever o lugar em que James morreu. Mas eu preciso. Não só por causa do James, não só porque é a única maneira de descobrir a verdade, o que realmente aconteceu. Mas é porque se eu não entrar na casa, se não me abrigar, vou morrer exposta ao frio.

A porta da frente está trancada e não há janelas que eu possa forçar. Pego uma pedra e avalio a imensa parede de vidro da sala de estar. Dá para ver lá dentro, o aquecedor a lenha, frio e apagado, e o negrume reto da tela da TV. Imagino que jogo a pedra naquele painel gigante — mas não jogo. Não é só por conta da barulheira e da destruição que vai ser, mas porque acho que não vai quebrar, é um painel de vidro temperado duplo, talvez até triplo. Foi preciso um tiro de arma de fogo para quebrar o do hall de entrada. Tenho certeza de que a minha pedra ridícula só quicaria nesse da sala.

Largo a pedra e vou andando lentamente, cheia de dor, em volta da casa, em direção aos fundos. Meus pés estão totalmente insensíveis e tropeço mais de uma vez, e nessa hora vejo o sangue brotar entre os dedos. Afasto da cabeça a preocupação em relação a como vou embora daqui... Não posso andar, e disso

tenho certeza. Mas tenho uma sensação horrível de que será numa viatura da polícia. Ou pior.

Os fundos da casa não parecem nada promissores também. Experimento a porta de correr da parte de trás da sala de estar, uso as unhas para alavancar o painel plano de vidro e tento puxar de lado, torcendo desesperadamente que não esteja trancada. Mas a porta não se move, e a única coisa que consigo é quebrar minhas unhas roídas. Olho para cima, para a lateral da casa. Será que eu conseguiria escalar até a varanda onde Nina fumava?

Faço uma avaliação. Há um cano de calha de zinco. Mas então a realidade dá uma mordida. Estou me iludindo. Não há como subir aquela parede de vidro escorregadia, nem com sapatos próprios para escalada e correias, que dirá com esses chinelos e com os dedos dormentes. Eu sempre fui a primeira pessoa a fracassar em subir nas cordas na escola, ficava lá pateticamente pendurada, meus braços magricelos esticados sobre a cabeça, e depois eu caía como uma pedra toda desajeitada no tapete de borracha, enquanto as outras meninas subiam até o topo e batiam com a palma da mão na barra de madeira lá em cima.

Aqui não tem tapete de borracha. E o cano de zinco é mais escorregadio e mais traiçoeiro do que uma corda de ginástica cheia de nós. Se eu cair, estará tudo acabado para mim. Seria muita sorte sair dessa com um tornozelo quebrado.

Não. A varanda não vai funcionar.

Para finalizar, quase sem esperança nenhuma, experimento a porta dos fundos.

E ela abre.

Sinto uma coisa formigando na nuca: choque, incredulidade, uma espécie de êxtase feroz. Não acredito. Não posso acreditar que a polícia não a trancou. Será que pode mesmo ser assim tão fácil, depois de tudo ter sido tão difícil?

Tem uma fita da polícia de um lado ao outro, mas passo por baixo e sigo andando e engatinhando lá dentro. Endireito as costas e quase espero que as sirenes disparem ou que um policial se levante de uma cadeira num canto. Mas a casa está escura e silenciosa, o único movimento vem de alguns flocos de neve deslizando no piso de pedra.

Estico a mão para fechar a porta, mas ela não se fecha direito. Bate no batente e volta a se abrir. Seguro direito para tentar de novo e então noto uma coisa. Há um pedaço de fita grudado na língua do trinco, que impede que a porta se feche completamente.

E então compreendo por que a porta ficava se abrindo e batendo aquela noite. Ora, mesmo depois de trancá-la, não estava segura. A tranca é do tipo que apenas imobiliza a maçaneta, impede que ela mova o trinco. Mas se o próprio trinco é empurrado para dentro a maçaneta não serve para nada. Parece dura quando mexemos nela, mas a única coisa que mantém a porta fechada é a

própria inércia.

Passa pela minha cabeça arrancar a fita, mas então me dou conta de que isso seria a maior burrice. Aquilo, afinal, é uma prova. Na minha frente, inocentemente escondida no batente da porta, está a prova inquestionável de que alguém armou tudo para James morrer, e que quem grudou a fita ali foi essa pessoa. Com cuidado, sem encostar no trinco, empurro a porta e arrasto uma cadeira pela cozinha para encostar na parte interna do vidro.

E então olho em volta, pela primeira vez.

A cozinha está estranhamente em ordem. Nem sei o que eu esperava: pó que marca digitais, talvez, aquela cobertura prateada em todas as superfícies. Mas, logo que penso nisso, percebo que seria inútil. Nenhum de nós negou ter estado na casa. Nossas digitais estariam por toda parte, e o que isso provaria?

O que mais quero é me arrastar até lá em cima, para uma das camas e dormir. Mas não posso. Talvez não tenha muito tempo. A essa altura, eles já devem ter descoberto que não estou no quarto do hospital. Vão saber que não posso ter ido longe por minha conta... não sem dinheiro, sem sapato e sem casaco. Não vão levar muito tempo para encontrar o motorista do táxi. E quando encontrarem...

Atravesso a cozinha e meus passos ecoam alto no silêncio, respiro fundo e abro a porta para o hall de entrada.

Fizeram uma limpeza, até certo ponto, pelo menos. Grande parte do sangue não está mais lá, junto com a maior parte do vidro, mas posso sentir que a sola de plástico do chinelo amassa lascas de vidro. No lugar há marcas no chão, nas paredes, pedaços de fita com anotações que não consigo ler no escuro. Não ouso acender a luz. Não há cortinas por ali, e a minha presença seria visível do outro lado do vale.

Mas há vestígios aqui e ali, espirros escuros cor de ferrugem de uma coisa que era o James... e que agora não é mais.

A coisa mais estranha... ele morreu e o sangue do seu coração ainda está aqui. Ajoelho no piso de madeira coalhado de pedaços de vidro esmagados pelos nossos sapatos e marcados pelo jorro de sangue, passo os dedos das mãos nos veios manchados da madeira e penso: *isso era James*. Dois dias atrás isso estava dentro dele, isso o mantinha vivo, dava viço à sua pele e fazia seu coração bater. E agora acabou — está aqui, lançado fora, no entanto é tudo que sobrou dele. Em algum lugar seu corpo está sendo autopsiado. E depois será enterrado ou cremado. Mas uma parte dele ficará aqui, nesta casa.

Eu me levanto e forço minhas pernas geladas e cansadas a trabalhar. Então vou para a sala de estar e pego uma das mantas do sofá. Ainda há taças de vinho usadas na mesa de centro, da nossa última noite. Guimbas de cigarro apagadas no resto do vinho, os enrolados à mão de Nina incharam e parecem minhocas

brancas e gordas. Mas a tábua ouija e os papéis foram levados embora. Não consigo controlar um arrepio só de pensar na polícia lendo aqueles rabiscos loucos. O que significava aquela palavra *assassinato*? Alguém tinha escrito de propósito? Ou ela simplesmente aflorou do subconsciente do grupo, como um monstro marinho que vem à superfície dos medos mais secretos de alguém e depois afunda de novo?

A manta cheira a cigarro velho, mas ponho sobre os ombros, olho para os suportes vazios sobre a lareira e desvio o olhar rapidamente. Não suporto pensar no que estou prestes a fazer. Mas preciso fazer. É a minha única chance de chegar ao que realmente aconteceu.



Começo no topo da escada, estávamos todos lá amontoados aquela noite. Flo estava à minha direita e me lembro de ter posto minha mão na arma. Clare e Nina se encontravam do outro lado, Tom atrás de nós.

A cena, no silêncio, na escuridão, e com as batidas do meu coração, se forma com tanta semelhança àquela noite que por um segundo sinto que quase desmaio e tenho de me firmar, respirar pelo nariz e lembrar que é fato consumado, que James não vai mais subir por aquela escada. Nós o matamos — nós todos, com o nosso medo histérico e bêbado. Nós todos seguramos aquela arma.

Preciso me esforçar para reviver o que aconteceu depois, o corpo de James rolando escada abaixo, Nina e eu descendo aos trancos atrás dele. Dessa vez desço devagar, com a mão no corrimão. Ainda tem caco de vidro da janela nos degraus e não confio no meu chinelo no escuro, não com essas lascas no chão.

Foi aqui que Nina tentou ressuscitar James.

Foi aqui que eu me ajoelhei no sangue dele e ele tentou falar.

Sinto as lágrimas molhando meu rosto, mas passo a mão logo. Não há tempo para a dor. As horas estão passando, já vai amanhecer, e eles virão me pegar.

O que aconteceu depois?

A porta da sala de estar não foi posta de volta nas dobradiças desde que Tom a tirou de lá e fizemos força para carregá-la pela porta da frente até onde Clare estava esperando, dentro do carro.

A porta da frente não tem cadeado, de modo que consigo destrancar e abrir por dentro sem dificuldade. E quando abro, a porta de aço quase bate no meu nariz com o vento, a neve esvoaça para dentro como ser vivo querendo entrar para expulsar o pouco calor que restou na casa.

Aperto os olhos, seguro a manta com força enrolada em mim e saio para a

tempestade branca. Paro na varanda, onde fiquei aquela noite, esperando por Nina. Lembro-me de Tom gritando alguma coisa para Clare e de Clare acelerando o carro.

E então me lembro de ter notado que o casaco dela tinha ficado na balaustrada da varanda.

Estendo a mão e finjo pegá-lo.

Estou tiritando de frio, mas me esforçando ao máximo para me lembrar daquela noite, da forma de alguma coisa pequena e arredondada que está no bolso.

Abro minha mão, meus olhos lacrimejam com o gelo duro da neve que cai.

E de repente eu me recordo, consigo lembrar o que estava segurando.

E sei por que aquilo me fez sair correndo.

Era um cartucho. Um cartucho de bala. Era o cartucho da bala de festim que tinha sumido.

Parada ali, no mesmo lugar, os pensamentos disparam no meu cérebro exatamente como fizeram aquela noite e consigo me lembrar de todos: é como ver a neve derreter e a paisagem conhecida emergir debaixo dela.

Podia estar lá desde a ida ao clube de tiro mais cedo. Mas agora eu já conheço bem, pelo nosso tiro, a diferença entre uma bala verdadeira e a de festim. As balas normais são bem sólidas e sentimos o peso do metal quando as pegamos na mão, o que faz com que sejam mais pesadas do que a sua forma compacta sugere. O que eu segurei aquela noite era leve como plástico, sem chumbo nenhum. Era de festim. Era *a* bala de festim, que devia estar na espingarda.

Foi Clare que trocou a bala de festim pela verdadeira.

E agora ela acabou de partir noite adentro com James morrendo no banco de trás do carro.

Por quê? *Por quê?*

Naquela noite não teve sentido e também não tinha para mim agora, mas então não tive tempo de pensar nada. Só havia uma opção: alcançá-los e confrontar Clare.

Agora tenho tempo. Viro-me lentamente e volto para a casa, fecho e tranco a porta. Então vou para a sala de estar e sento com a cabeça apoiada nas mãos, tentando entender.

Não posso sair daqui antes do amanhecer. A não ser que... eu me levante, dura de frio, e pegue o telefone.

Não, ele continua mudo, não dá linha, só sibila e estala baixinho. Então estou presa, presa até o sol nascer, se não quiser voltar a me arrastar por aquela estradinha esburacada no escuro e sem nenhuma certeza de que conseguiria.

Volto para o sofá e me encolho mais dentro da manta, numa tentativa vã de

aquecer minhas pernas. Meu Deus, estou muito cansada... mas não posso dormir. Preciso destrinchar isso.

Clare trocou a bala de festim.

Portanto, Clare matou James.

Mas não faz sentido. Clare não tinha motivo, e ela é a única pessoa que não podia ter forjado aquelas mensagens de texto.

Preciso *pensar.*

A pergunta que sempre volta é por quê. Por que Clare mataria James na véspera do casamento deles?

E de repente, com uma frieza totalmente diferente do ar gelado, me lembro das palavras de Matt no hospital. James e Clare estavam tendo problemas.

Afasto a ideia quase imediatamente. Isso é ridículo. Sim, a vida de Clare tem de ser perfeita. Sim, ela tem padrões incrivelmente altos, mas, pelo amor de Deus, ela foi largada antes. E guardou um rancor imenso, sei disso, porque estava ao lado dela quando assinou todos os sites de pornografia e de Viagra que encontrou com o endereço de e-mail do Rick. Mas evidentemente ela não matou o cara.

Mas existe uma grande diferença.

Quando Rick terminou o namoro com Clare, Flo não estava no cenário.

Penso nas palavras de Flo, quando ela soluçava do lado de fora do banheiro na primeira noite: *Ela é minha referência e eu faria* qualquer coisa *por ela. Qualquer coisa*.

Qualquer coisa?

Lembro-me da reação dela quando fui dormir, da forma que explodiu e me acusou de sabotagem. *Eu te mato se você estragar tudo logo na primeira noite!*, ela havia prometido. Eu não tinha levado a sério. Mas talvez devesse.

E aquilo era apenas uma despedida de solteira. O que ela faria com o homem que planejava abandonar sua melhor amiga no altar?

E não havia ninguém melhor para acusar do que a ex-amiga que roubou a propriedade de Clare e depois ficou longe por dez longos anos.

Mas agora tudo tinha ficado fora de controle.

E aí me lembrei da roupa igual à da Clare que Flo usava aquela última noite e tive um lampejo repentino: e se não era o casaco da Clare que estava na varanda, e sim o da Flo, e Clare simplesmente pegou por engano?

Flo. Foi Flo que pegou a espingarda.

Foi Flo que nos disse que não estava carregada.

Foi Flo que organizou tudo naquele fim de semana, que me convenceu a vir, que preparou a coisa toda.

E Flo *podia* ter enviado as mensagens de texto.

Sinto que uma teia de aranha se fecha em volta de mim e, quanto mais eu luto, mais enrolada fico.

James está morto.

Clare está morrendo.

Flo está morrendo.

E em algum lugar, Nina em seu hotel está tendo uma crise de nervos, ela e Tom estão enfrentando perguntas que não podem responder, suspeitas que não podem afastar.

Por favor, deixe-me acordar desse pesadelo.

Eu me encolho de lado no sofá, trago os joelhos para perto do peito, enrolada na manta. Preciso pensar, tenho de resolver o que fazer, mas naquele estado confuso e de exaustão acabo rodando em círculos.

Tenho uma opção: esperar a polícia aqui, tentar explicar a minha presença na casa, esclarecer a questão da bala de festim e do casaco de Flo e torcer para acreditarem em mim.

Ou, então, posso sair assim que o sol nascer e torcer para que não descubram que estive aqui.

Mas para onde eu vou? Para Londres? Encontrar Nina? Como vou escapar daqui?

É claro que a polícia vai me encontrar, mas será melhor se for fora daqui.

Sinto os olhos se fechando quase contra a minha vontade, e minhas pernas, trêmulas de cansaço, vão se relaxando, os músculos tendo espasmos de exaustão a intervalos curtos quando se relaxam para dormir. Não posso pensar. Vou tentar raciocinar amanhã.

Um enorme bocejo vem lá de dentro, de algum lugar, e percebo que parei de tremer. Deixo os chinelos caírem dos pés e noto que uma linha de lágrimas provocadas pelo bocejo desce pelo meu rosto, mas estou cansada demais para secar.

Oh, meu Deus, eu preciso dormir.

Pensarei nisso... amanhã...

É noite. A noite do tiro. E estou abaixada no hall de entrada claríssimo, banhada pela luz dourada e pelo sangue de James.

O sangue está nas minhas narinas, nas minhas mãos, embaixo das minhas unhas. Ele está olhando para mim, com os olhos arregalados, escuros e lacrimejantes.

— Me... — diz ele, com a voz rouca — Leo...

Estendo a mão para tocar no rosto dele e, de repente, ele some, o sangue desaparece e a luz também.

Acordo, está escuro e meu coração disparado.

Fico deitada um minuto sentindo meu coração bater feito tambor, imaginando o que me fez acordar. Não escuto nada.

Então viro a cabeça e noto duas coisas.

A primeira é que do lado de fora do vidro da frente da casa tem uma forma que não estava lá. E tenho quase certeza de que é um carro.

A segunda é que ouço um barulho na cozinha. É um ruído lento, de alguma coisa raspando e se chocando de leve.

É o barulho de uma cadeira sendo arrastada pelo chão de cerâmica quando alguém abre a porta.

32

Tem alguém na casa.

Sento direito, a manta cai dos meus ombros, meu coração quase sai pela boca e fico nauseada.

Penso em gritar, em desafiar o intruso. Mas no mesmo segundo me dou conta de que estou louca.

Quem quer que esteja aqui, seja qual for o motivo de ter vindo, não será boa coisa. Não é a polícia. Eles não entrariam desse jeito no meio da noite, se esgueirando sorrateiros pela porta dos fundos. Não, há apenas duas possibilidades: algum ladrão oportunista deu sorte e descobriu a porta dos fundos aberta. Ou então é o assassino que está aqui.

Eu *adoraria* que fosse um ladrão. Isso dá uma boa ideia de como minha vida está complicada. Que um estranho qualquer invadindo a casa no meio da noite seja a melhor explicação. Mas lá no fundo eu sei que não é isso. O assassino está aqui. Veio atrás de mim.

Levanto-me com todo o cuidado possível, enrolo a manta no corpo como se fosse um escudo, como se a lã vermelha e macia pudesse me proteger.

Meu único consolo é que o intruso não vai querer acender as luzes, como eu também não. Talvez no escuro eu possa enganá-lo, me esconder, escapar.

Porra. Para onde eu iria?

As janelas aqui se abrem para o jardim, mas tenho certeza de que estão trancadas — experimentei todas pelo lado de fora e lembro que Flo trancou naquela última noite. Com uma chave. Não tenho ideia de onde está essa chave.

Ouço barulho na cozinha. Tem alguém andando de mansinho na cerâmica do chão.

Dois impulsos muito fortes se digladiam dentro de mim. O primeiro é fugir, sair em disparada porta afora, subir a escada e me trancar no banheiro, fazer tudo que puder para escapar.

O segundo é me levantar e lutar.

Sou corredora. É isso que faço, eu corro. Mas às vezes não dá mais para correr.

Fico de pé e cerro os punhos ao lado do corpo, o sangue ruge nos meus ouvidos, a respiração seca minha garganta. Fuga ou luta. Fuga ou luta. Fuga ou...

Sapatos amassam cacos de vidro no hall de entrada. E param.

Sei que o assassino está lá, escutando... escutando qualquer barulho que eu faça. Prendo a respiração.

Tem alguém parado na porta e não dá para ver quem é. No escuro, só consigo ver uma silhueta, uma mancha preta contra o reflexo do aço da porta da frente.

Pode ser qualquer um. Está de casaco e capuz, o rosto invisível nas sombras. Mas então a figura se move e vejo o brilho do cabelo louro.

— Oi, Flo — digo, com a garganta tão apertada que mal consigo falar.

E ela dá uma risada.

Ela não para de rir e fico sem saber por que essa risada toda, por um bom tempo.

Ela se mexe, ainda rindo, chega numa faixa de luar, amassando vidro com os pés.

E compreendo.

Porque não é Flo.

É Clare.

Ela se encosta na parede e percebo que está tão fraca quanto eu. Talvez não estivesse tão mal como fingia quando a vi no hospital, mas é evidente que está doente. Sua postura é de alguém com o dobro da idade, como se tivesse levado uma baita surra e só tivesse se recuperado em parte.

— Por que você voltou? — ela finalmente para de rir e pergunta. — Por que foi se meter, não deixou como estava?

— Clare? — resmungo.

Não faz sentido. Nada tem sentido.

Ela vem tateando lentamente até o sofá e então afunda nele com um gemido. No estreito raio de luar que sai de trás das nuvens ela parece horrível... pior do que eu. O rosto todo cortado e uma enorme mancha inchada de um lado da testa, preta na luz fraca.

— Clare... Por quê?

Não consigo entender isso.

Ela não fala nada. A maquininha de enrolar cigarro de Nina está na mesa de centro, junto com o papel Rizla, e Clare pega tudo com esforço, dá um pequeno suspiro de alívio quando se recosta no sofá de novo e começa a enrolar o tabaco devagar, metodicamente.

— Não fumo há anos. — ela põe o cigarro na boca e dá uma boa tragada. — Meu Deus, estava sentindo falta disso.

— Por quê? — pergunto de novo. — Por que veio para cá?

Ainda não consigo fazer meu cérebro aceitar o que está acontecendo. Clare está aqui... portanto, ela deve ser a assassina. Mas por quê? *Como?* Não havia

como ela enviar aquela primeira mensagem de texto... ela era a única pessoa na casa que não podia fazer isso.

Eu devia estar correndo. Devia estar encolhida atrás do sofá, armada com uma faca de pão. Mas não consigo explicar isso para mim mesma. É Clare, meu cérebro insiste. Ela é sua amiga. Quando me oferece o cigarro, eu pego, como num sonho, aspiro a fumaça e seguro bem fundo até o tremor nas mãos e pernas passar e sentir a cabeça mais leve.

Estendo o braço para devolver e Clare dá de ombros.

— Pode ficar. Eu posso enrolar outro. Meu Deus, está frio. Quer um chá?

— Obrigada — respondo, ainda naquele estado estranho que parece sonambulismo.

Clare é a assassina. Mas não pode ser. Eu não consigo pensar no que fazer, por isso me refugio nessas reações sociais estranhas e automáticas.

Ela faz força e fica de pé com cara de dor, vai mancando até a cozinha, e, em poucos minutos, ouço o clique da chaleira e o zumbido borbulhante quando a água começa a ferver.

O que devo fazer?

O cigarro enrolado à mão queima sozinho e eu o ponho suavemente na mesa de centro. Não tem nenhum cinzeiro, mas eu não me importo mais.

Fecho os olhos, esfrego as mãos no rosto e, quando faço isso, tenho um lampejo, como se fosse uma projeção contra a parte de dentro das minhas pálpebras: James e o sangue vivo como tinta sob a luz acesa.

O cheiro do meu sonho ainda está forte nas minhas narinas, a voz rouca dele dentro da minha cabeça.

Ouço um ruído baixinho vindo da porta e vejo Clare arrastando os pés com dificuldade e caminhando com duas canecas nas mãos. Ela põe na mesa de centro, eu pego uma, ela senta no sofá e tira uma caixa de comprimidos do bolso, esvazia o pó de duas drágeas no chá, meio desajeitada com aquelas luvas de lã.

— Analgésico? — pergunto, mais como uma coisa para falar.

Ela faz que sim com a cabeça.

— É. Para engolir a drágea de uma vez, mas eu não consigo engolir comprimido nenhum.

Ela dá um gole e estremece.

— Oh, meu Deus, que horror. Não tenho certeza se são as drágeas ou se foi o leite que estragou.

Bebo um gole da minha caneca. O gosto é péssimo. Chá sempre tem gosto péssimo, mas esse é ainda pior do que o normal. Está azedo e amargo por baixo do açúcar que Clare botou... mas está quente, pelo menos.

Bebemos em silêncio um tempo, e então não consigo mais ficar quieta.

— O que você está fazendo aqui, Clare? Como chegou até aqui?

— Vim com o carro da Flo. Ela emprestou para os meus pais e eles deixaram a chave no meu armário para Flo ir buscar. Só que... ela não foi.

É. Ela não foi porque...

Clare levanta a cabeça e olha para mim. Por cima da caneca os olhos dela estão dilatados naquele escuro e brilham. Ela é muito linda... mesmo assim, com aquele casaco velho, o rosto todo cortado e roxo e sem maquiagem.

— Quanto ao que estou fazendo aqui, poderia fazer a mesma pergunta para você. O que *você* está fazendo aqui?

— Voltei para tentar lembrar.

— E lembrou? — A voz dela soa leve, como se conversássemos sobre o que aconteceu num antigo episódio de *Friends.*

— Lembrei.

Olho nos olhos dela, no escuro. Sinto o calor da caneca entre as mãos dormentes.

— Lembrei-me do cartucho.

— Qual cartucho? — Ela faz cara de desentendida, mas há alguma coisa nos olhos...

— O cartucho de bala no seu casaco. Achei no bolso do seu casaco.

Ela balança a cabeça e, de repente, percebo que estou com raiva, com muita raiva mesmo.

— Não brinque comigo, Clare! Era o seu casaco. Sei que era. Por que você voltaria para cá, se não fosse?

— Talvez... — Ela olha para a caneca e de novo para mim. — Talvez para protegê-la de você mesma.

— Que merda significa isso?

— Você não se lembra do que aconteceu, lembra?

— Como sabe disso?

— As enfermeiras. Elas falam. Especialmente quando você está dormindo... ou quando acham que está.

— E daí? E daí?

— Você não se lembra do que aconteceu na floresta, não é? Dentro do carro?

— De que merda você está falando?

— Você agarrou o volante — ela diz baixinho. — Você me disse que não conseguia viver sem o James, que teve uma vida miserável sem ele esses dez anos. Você me contou que sonhava com ele, que nunca superou o que aconteceu, o que ele disse para você naquela mensagem de texto. Você nos botou para fora da estrada, Lee.

Aquilo despenca em mim feito uma onda. Sinto o rosto formigar com o

choque, como se ela tivesse me dado um tapa. Então a onda passa e fico ofegante.

Porque é verdade. Do jeito que ela fala, tenho um lampejo nítido e torturante das minhas mãos no volante, de Clare lutando contra mim feito demônio, as minhas unhas na sua pele.

— Tem certeza de que está se lembrando disso direito? — diz ela, com a voz muito suave. — Eu vi você, Lee. Você estava com a mão no cano da espingarda. Foi *você* que desviou para o James.

Passo um minuto sem conseguir dizer nada. Sentada ali, imóvel, sufocando, apertando a caneca de chá como se fosse uma arma. Depois balanço a cabeça.

— Não. Não, não e não! Nesse caso, por que você está aqui? Por que não foi me denunciar à polícia?

— E como é que você sabe — diz ela em voz baixa — que ainda não fiz isso?

Oh, meu Deus. Sinto fraqueza diante de tanto horror. Bebo um grande gole do chá, meus dentes batem na borda da caneca e procuro pensar, tento juntar os fios dessa meada toda.

Isso *não* é verdade. Clare está envenenando a minha cabeça. Nenhuma pessoa em sã consciência estaria ali sentada tomando chá com uma mulher que assassinou seu noivo e tentou jogar seu carro para fora da estrada.

— O cartucho — teimo. — O cartucho estava no seu casaco.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — ela diz, mas a voz falha um pouco. — Por favor, Lee, eu adoro você. Estou com medo por você. O que quer que você tenha feito...

Não consigo pensar. Minha cabeça dói. Estou me sentindo esquisita e tenho um gosto ruim na boca. Bebo mais um gole de chá para ver se tira esse gosto, mas fica ainda pior.

Fecho os olhos e a imagem de James nada na frente das pálpebras cerradas, morrendo nos meus braços. É a imagem que vou ver quando fechar os olhos o resto da minha vida?

“Mensagem...”, ele balbucia, “mensagem de texto, Leo”, e tem sangue nos pulmões dele.

E de repente, em meio às lembranças flutuantes e suspeitas embaralhadas, alguma coisa chama a minha atenção.

Eu sei do que James estava falando. O que ele tentava dizer.

Largo a caneca.

Eu sei o que aconteceu. E sei por que James tinha de morrer.

33

Ai, meu Deus, eu fui tão burra. Nem acredito quanto. Nesses dez anos, nunca notei sequer. Fico sentada, completamente imóvel, repassando todos os "ses". Tudo seria tão diferente se eu tivesse percebido o que estava bem ali diante do meu nariz todos esses anos.

— Lee? — chama Clare.

Ela está olhando para mim, seu rosto a imagem da preocupação.

— Lee, você está bem? Você não parece... você não parece bem.

— Nora. Meu nome é Nora — falo com a voz rouca.

Por dez anos. Por dez anos aquela porra daquela mensagem estava gravada no meu coração e nunca notei.

— Lee — falo para Clare.

Ela bebe um gole de chá e olha fixamente para mim por cima da borda da caneca, suas sobrancelhas finas e lindas juntas no meio, confusa.

— Lee — repito. — Sinto muito, mas esse problema é seu, não meu. Cuide disso. E não me procure mais. J.

— O quê?

— Lee.

— Que diabo você está dizendo?

— *Lee*. Ele nunca me chamou de Lee. James nunca me chamou de Lee.

Clare fica um minuto olhando para mim sem entender nada, e mais uma vez sou obrigada a lembrar que ela era uma excelente atriz. *É*. Não devia ser James no palco. Devia ser Clare. Ela é espantosa.

Ela larga a caneca de chá e faz uma careta triste.

— Meu Deus. Foi há tanto tempo, Lee.

Não é uma admissão, não exatamente. Mas eu a conheço muito bem para saber que funciona como uma. Ela não está mais protestando.

— Dez anos. Eu sou lenta — respondo com amargura.

Amarga não só porque o meu erro arruinou a minha vida, mas porque se eu fosse um pouco mais rápida na percepção, James podia estar vivo.

— Por que você fez isso, Clare?

Ela estende a mão para mim, eu recuo e ela fala:

— Olha, não estou dizendo que o que eu fiz estava certo, eu era jovem e foi

burrice. Mas, Lee, fiz com boas intenções. Vocês estavam estragando a vida de vocês dois. Olha, eu fui lá vê-lo aquela tarde, o cara estava se borrando de medo, não estava pronto para ser pai. Você não estava preparada para ser mãe. Mas eu sabia que vocês dois juntos nunca teriam coragem de tomar a decisão.

— Não — confirmo com a voz tremida.

— Vocês queriam que acontecesse, vocês dois.

— Não! — Minha exclamação sai como um soluço.

— Pode negar o quanto quiser — ela diz suavemente —, mas foi você que se afastou, e ele deixou. Só iam precisar de uma mensagem de texto, um recado, uma ligação e a verdade apareceria. Mas nenhum de vocês conseguiu, nem isso. O fato era que ele queria terminar. Mas era covarde demais para tomar a iniciativa. Eu fiz o que era melhor.

— Você está mentindo — consigo dizer finalmente, a voz rouca e engasgada. — Você não se importa, nunca se importou. Você só queria o James, e eu estava no seu caminho.

Lembro um dia no salão da escola, com o sol entrando pelas janelas altas, quando Clare disse laconicamente: "Eu vou *possuir* James Cooper."

Só que, em vez disso, ele se tornou meu.

— Ele descobriu, não foi? — Olhei fixo para o rosto pálido de Clare, o cabelo embaraçado branco e prateado à luz da lua. — Sobre a mensagem de texto. Como?

Ela suspira.

E finalmente fala o que parece ser verdade:

— Eu contei para ele.

— *O quê?*

— Eu contei para ele. Estávamos discutindo, sobre sinceridade e casamento. Ele disse que antes de nos casarmos queria fazer um desabafo. Perguntou se podia me contar uma coisa e se eu lhe perdoaria. Eu respondi que sim, qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa. Eu disse que o amava, que ele podia me contar qualquer coisa. E ele me contou isso naquela festa em que nos encontramos de novo, quando o amigo dele se interessou por mim, e lembro que passamos a noite inteira flertando. Dei meu número para o amigo dele no final da noite. E James disse que encontrou o pedaço de papel no bolso do amigo e o guardou. Disse ao amigo que eu não estava interessada, e foi *ele* que me mandou uma mensagem, disse que tinha conseguido meu número com Julian e perguntou se eu queria sair para tomar um drinque com ele.

Ela suspira e olha para a janela.

— Ele disse que isso o incomodou todos aqueles anos — ela continua. — Que o nosso relacionamento tinha começado com uma mentira, que era o amigo dele

que devia ter ficado comigo. Mas me disse também que Julian era mulherengo e que ele, James, tinha feito aquilo em parte por motivos egoístas, mas em parte também por mim. Ele não ia suportar ver Julian me cativar, transar comigo e depois me largar. Ele esperava que eu ficasse zangada, mas, enquanto ele falava, eu só conseguia pensar que ele tinha mentido e me enganado para ficar comigo, que tinha passado por cima dos próprios escrúpulos. Você sabe como o James é... era.

Faço que sim com a cabeça. O movimento me deixa tonta, mas sei o que ela quer dizer. James era uma mistura contraditória, um anarquista com um código moral rígido próprio.

— Foi estranho. — Agora Clare fala devagar, e acho que quase esqueceu que estou aqui. — Ele achou que essa confissão ia fazer com que eu o amasse menos. Mas não foi o que aconteceu. Só fez com que eu o amasse mais. Entendi que o que ele fez foi por *mim*, por *me* amar. E entendi que o mesmo valia para mim. Que eu tinha mentido por amor a ele. E achei que... se eu podia perdoar-lhe...

Eu entendo. Compreendo a lógica distorcida de Clare. E a sua superioridade: você fez isso por mim, eu fiz pior por você. Eu te amo ainda *mais*.

Mas ela fatalmente entendeu James errado.

Fico tentando imaginar a cara dele quando ela confessou o que tinha feito. Será que tentou justificar para ele, como fez comigo? Ele não estava preparado para ser pai. Clare tinha toda a razão. Mas isso não teria anulado os escrúpulos de James. Ele só veria a crueldade da mentira.

— O que você disse para ele? — pergunto.

Estou meio zonza de cansaço e meu corpo parece estranho, desligado, os músculos parecem fios de lã. Clare dá a impressão de estar mal também. Seus pulsos estão tão finos que parecem que vão quebrar.

— O que quer dizer?

— Você deve ter dito mais alguma coisa para ele. Senão ele teria ligado para mim. O que foi que você disse?

— Ah. — Ela esfrega a têmpora e põe para trás uma mecha de cabelo que tinha caído sobre o rosto. — Não consigo lembrar. Falei alguma coisa sim... que você tinha me dito que precisava de um tempo sozinha, que achava que ele tinha estragado sua vida e que não queria mais vê-lo. Que ele não devia procurá-la, você entraria em contato com ele quando estivesse preparada.

Mas é claro que eu nunca fiz isso. Voltei para a escola só para fazer as provas e ignorei James completamente. E depois me afastei de vez.

Parte de mim quer bater nele por ser tão burro, por ter sido enganado com tanta facilidade. Por que não superou os escrúpulos e simplesmente *ligou* para

mim? Mas eu sei a resposta. Pelo mesmo motivo que eu nunca mais o procurei. Orgulho, vergonha, covardia. E outra coisa... mais como trauma de guerra, que tornava mais fácil seguir em frente sem olhar para trás. Algo imenso tinha acontecido nas nossas vidas, uma coisa que não estávamos aptos a enfrentar. E nós dois ficamos desnorteados com o resultado, tentamos não pensar demais, não sentir demais. Era mais fácil simplesmente bloquear.

— O que ele disse?

Estou rouca, minha garganta dói e bebo mais um gole de chá. O gosto é pior ainda frio, mas quem sabe o açúcar e a cafeína ajudem a me manter acordada até de manhã, até a polícia chegar. Estou muito cansada... muito, muito cansada.

— Depois, quero dizer. Quando ele descobriu.

Clare dá um suspiro.

— Ele queria desmarcar o casamento. Eu implorei e pedi, disse que ele estava agindo como Angel em *Tess of the D'Urbervilles*. Você sabe, quando Angel confessa ter cometido adultério, mas eles não conseguem suportar quando Tess diz que teve o filho de Alec.

Nós estudamos esse livro no GCSE. Ainda me lembro da condenação apaixonada que James fez de Angel para a turma. *Ele está sendo um merda de um hipócrita!*, berrou ele, e foi expulso por falar palavrão na frente do professor.

— Ele disse que precisava de tempo para pensar, mas que o único jeito de tentar me perdoar era se eu contasse a verdade para você. Então eu disse a ele que ia convidar você para a minha festa de despedida de solteira e que aí contaria.

Ela ri meio indecisa, como alguém que descobre de repente a graça de uma piada.

— Acabou de me ocorrer como isso é irônico. Eu sempre achei essas reuniões de mulheres completamente sem graça, e James passou séculos tentando me convencer a organizar uma. E no fim das contas, foi ele que me convenceu, e não só pelo motivo que ele pensava. Se ele não ficasse insistindo, eu provavelmente não pensaria em tudo isso.

Agora eu entendo. Entendo tudo.

Clare nunca podia estar errada. Alguém tinha de ser responsabilizado. Outra pessoa tinha de ser culpada.

Será que James chegou a conhecê-la de verdade? Ou ele amava apenas uma ilusão da Clare, o papel que ela representava para ele? Porque eu sei, por conhecer Clare há vinte anos, que o plano dele não ia funcionar nunca. O inferno podia congelar antes de Clare admitir uma coisa como aquela. Não só porque ela ficaria mal comigo, mas porque ficaria mal com *todas as pessoas*, para sempre. Ninguém podia esperar que eu ficasse calada sobre o que aconteceu. Tudo viria à

tona. Dez anos mentindo e enganando, e, o que era mais humilhante ainda, o fato de Clare Cavendish ter precisado recorrer a isso para conseguir o homem dela.

E ela devia saber também que a decisão do James estava por um fio. Não sei o que ele havia dito para o Matt, mas claro que, se estava disposto a comentar seus desgostos com outras pessoas, era porque a mágoa era muito profunda mesmo. E ele não tinha feito promessa nenhuma para Clare, só disse que talvez *pudesse* perdoar-lhe se ela confessasse.

Conhecendo James, acho que ele não teria conseguido.

Não. Clare tinha tudo a perder sendo sincera e não ganharia nada.

Tinha duas opções: contar a verdade e se expor ou, então, se recusar a executar o plano de James e perder o noivo — e aí a verdade teria de aparecer de qualquer maneira. De qualquer forma, ela ia se destruir, e a imagem que tinha construído com tanto cuidado e esmero, por tantos anos, a imagem de uma boa amiga, de uma namorada carinhosa, de uma pessoa correta, ia se despedaçar.

Sei o quanto é difícil se afastar do passado e começar de novo. E a vida de Clare é alegre, cintilante e bem-sucedida. Ela deve ter avaliado tudo que tinha feito, construído e vencido e posto na balança com uma mentira.

Sairia disso destruída... ou então podia matar James e sair dessa como uma viúva trágica e inspiradora, pronta para recomeçar.

James *tinha* de morrer. A execução dele era lamentável, mas necessária.

Quanto a mim, o castigo. Não bastava James morrer. Alguém devia pagar pela sua morte. A culpa não podia ser de Clare de jeito nenhum, nem como acidente.

Não, devia haver alguém em quem botar a culpa. E dessa vez, esse alguém sou eu.

Por que eu? Quase pergunto, mas desisto. Porque eu sei.

Eu roubei o homem dela. Há dez anos eu me meti entre Clare Cavendish e sua propriedade por direito, eu o roubei debaixo do nariz dela, quando ela estava doente demais para brigar pelo que era seu, e agora eu tinha feito isso de novo, surgindo do passado como uma mão saindo do túmulo, para me meter entre ela e James pela última vez.

Agora eu não vou sair dessa casa, sei disso.

Clare não pode permitir que eu saia.

Meu coração bate muito forte no peito, tão forte que tenho a sensação estranha de estar com a cabeça vazia, e parece que vai cair. Levanto-me desequilibrada, segurando minha caneca, tropeço e a deixo cair. Clare tenta pegar antes de derramar, mas seus dedos com a luva escorregam na louça e a caneca cai na mesa de centro. E quando o resto do chá derrama sobre o tampo da mesa eu vejo... vejo um resíduo branco no fundo da caneca. Que não é açúcar, pois tinha dissolvido todo. Era outra coisa. Que fazia o gosto do chá ficar pior do que de

costume.

Agora entendo. Entendo essa cabeça vazia. Entendo por que Clare falou tanto, deixou que eu chegasse até esse ponto. E entendo, oh, meu Deus, agora entendo as luvas.

Ela olha para a xícara e depois para mim.

— Ops! — diz ela.

E então sorri.

34

Num primeiro momento, não faço nada. Fico ali parada, olhando com cara de idiota para a caneca, sentindo meus braços e pernas letárgicos e a confusão da tontura na cabeça que tinha me impedido de notar os efeitos da droga antes. O que eram? Analgésicos? Soníferos?

Fico ali balançando, tentando me recompor. Tentando me equilibrar.

Então parto aos tropeços para a porta.

Não vou rápido, vou bem devagar... aquela lentidão de pesadelo.

Mas, quando Clare pula para me segurar, suas pernas machucadas e enfraquecidas não obedecem direito. Ela tropeça no tapete e cai, bate na aresta pronunciada da mesa de centro. Solta um grito que ecoa no hall de entrada e faz minha cabeça, que já está rodando, ficar ainda mais esquisita. Eu me arrasto para a entrada.

Brigo com o fecho da porta da frente. O fecho que parecia tão simples e fácil de manejar apenas há duas horas. Meus dedos escorregam, a tranca não gira. Então consigo, saio arrancando a fita fina da polícia e sinto o bendito ar puro e gelado.

Minhas pernas parecem de borracha, estou tonta e minha cabeça está muito mal.

Mas isso é o que faço. Eu corro. Posso fazer isso.

Dou um passo. Depois outro. E mais outro, e mais outro. E então a floresta me engole.

Está incrível, indescritivelmente escuro. Mas não posso parar.

Sinto o ar gelado no rosto e vejo as formas das árvores, preto contra preto. Elas avançam da escuridão gélida e eu me desvio e me esquivo, me abaixo sob os galhos com as mãos na frente para proteger o rosto.

Espinhos arranham minhas canelas, abrem a pele, mas minhas pernas estão insensíveis e geladas e quase não sinto os cortes, apenas os espinhos que me puxam para trás.

É o meu pesadelo. Só que dessa vez não é James que estou tentando salvar... É a mim mesma.

Ouço às minhas costas a batida de uma porta de carro e um motor sendo ligado. Faróis altos iluminam os troncos das árvores e dão a volta numa curva

aberta quando o carro vira lentamente e começa a descer aos solavancos a estradinha de terra.

A estrada tem curvas largas para evitar subidas muito íngremes. A trilha na floresta desce reta. Se eu correr, vou conseguir. Posso chegar à estrada antes de Clare. E aí?

Mas não vou pensar nisso. Minha respiração soluça entre os dentes rilhados e forço meus músculos trêmulos a trabalhar mais, mais rápido.

Eu só quero viver.

Estou ganhando velocidade. A trilha desce a encosta mais vertical aqui, meus músculos não estão mais me impulsionando para a frente e sim tentando controlar o mergulho vertiginoso. Salto sobre um galho caído e a toca de um texugo, um buraco escuro na neve clara espalhada. E então, tão de repente que fico sem ar, bato numa árvore.

Caio de quatro na neve, com a cabeça zunindo de dor. Meu nariz jorra sangue. Dá para ver pingando na neve enquanto fico lá arfando, e quando toco no cardigã de Nina, a frente está escura e encharcada de sangue. Balanço a cabeça para acabar com os pontos luminosos que impedem a minha visão, e o sangue espirra por todo lado.

Não posso parar. Minha única chance é chegar à estrada principal antes de Clare conseguir me interceptar. Levanto-me apoiada numa árvore, procuro dominar a tontura nauseante e recomeço a correr.

Na corrida, as imagens surgem na minha cabeça, lampejos súbitos, como uma paisagem iluminada por relâmpagos.

Clare, de botas de borracha, saindo sorrateiramente da casa bem cedo pela manhã para enviar aquelas mensagens de texto do meu celular, daquele ponto na floresta em que o sinal chegava, deixando suas pegadas na neve para eu encontrar.

Clare... esperando até Nina estar longe para sair com o carro no escuro... para fazer o quê? Estacionar no acostamento e esperar James sangrar até a morte?

Clare, seu rosto branco ao luar, rígido de choque, quando eu irrompo da floresta na frente do carro, berrando para ela parar, para me deixar entrar.

Ela pisou instintivamente no freio, e eu entrei no lado do carona. Quando bati a porta, ela olhou para mim e para James, ambos sem cinto de segurança, e então, sem explicar nada, pisou fundo no acelerador.

Por um segundo, não entendi. Ela estava indo *na direção* da árvore que surgiu do escuro.

E então compreendi.

Agarrei o volante, enfiei as unhas na pele dela, lutando para controlar o carro. E depois um branco.

Oh, meu Deus, preciso chegar à estrada antes dela. Se ela parar o carro no pé da trilha e me bloquear, estou perdida.

Tudo dói. Jesus... tudo dói demais. Mas os comprimidos que Clare me deu têm um lado positivo. Eles me dessensibilizaram o suficiente para permitir que eu continue me mexendo, aliados ao meu medo e à adrenalina.

Eu quero viver. Nunca soube o quanto queria viver até agora.

Oh, Cristo, eu quero viver.

E então de repente, quase sem perceber, chego à estrada. A trilha da floresta me cospe no asfalto tão rápido que tropeço quando tento desacelerar para não mergulhar na frente de algum carro. Fico lá parada, com as mãos apoiadas nos joelhos, ofegante, arfando e tentando resolver para qual lado ir.

Onde está Clare?

Ouço um barulho, é o ronco de um motor passando sobre poças e fazendo curvas. Não está muito longe. Ela está quase no fim da estradinha. E eu não consigo... não posso mais correr. Exigi do meu corpo muito além do que deveria.

Tenho de correr, senão vou morrer.

E não consigo. Não consigo. Mal posso ficar de pé, que dirá pôr um pé na frente do outro.

Corra, berro dentro da minha cabeça. *Corra, sua inútil. Você quer morrer?*

O carro de Clare chega à estrada. Vejo a luz dos faróis logo depois da curva, iluminando a noite.

E então ouço um terrível guincho do cantar de pneus e uma batida como nunca ouvi. O guincho agudo de borracha, o arranhar de metal, de carro com carro. Um barulho que parece ecoar eternamente no túnel da floresta, agudo e perfurante. Levanto-me com os olhos arregalados de terror, olhando para o lugar de onde vinha o barulho da colisão.

E depois silêncio. Só o assobio do radiador soprando no ar da noite.

Não posso mais correr. Mas consigo andar, com as pernas trêmulas. Perdi meus chinelos e o asfalto deve estar frio como o gelo, mas não sinto nada.

Naquela quietude, ouço alguém soluçando e os estalos de um rádio. Depois, tão subitamente que me fez dar um pulo de susto e quase tropeçar, as árvores se iluminam com uma luz azul fantasmagórica, que bruxuleia feito chamas.

Mais um passo. Mais outro. Eu me forço a seguir, fazer a curva e chegar ao ponto em que aconteceu o acidente.

Mas antes ouço uma voz, trêmula e de mulher. Ela fala em algum aparelho que não sei se é um celular. Quando chego mais perto, vejo que é um rádio transmissor da polícia.

É Lamarr. Ela está de pé ao lado da porta aberta da viatura de polícia. Tem sangue escorrendo em seu rosto, preto no pisca-pisca azul das luzes da sirene de

emergência. Está falando ao rádio.

— Controle de terra, mensagem urgente. — A voz treme e ela soluça. — Pedido de assistência imediata e ambulância para a B4146 na periferia de Stanebridge, câmbio.

Ela fica lá escutando a resposta cheia de interferência.

— Roger — ela finalmente responde e segue —, não, eu não estou ferida. Mas a outra motorista... olha, apenas mande a ambulância. E uma equipe de incêndio, com... com equipamento de corte, desligo.

Lamarr larga o rádio com cuidado e volta para o outro carro.

— Lamarr — chamo com a voz muito rouca, mas ela não ouve.

Minhas pernas estão tão pesadas que acho que não sou capaz de dar mais nenhum passo. Eu me seguro em uma árvore à beira da estrada.

— Lamarr... — consigo gritar mais uma vez, a voz um fiapo trêmulo contra o sibilar do motor e o estalo do rádio. — Lamarr!

Ela se vira e olha para mim, então finalmente minhas pernas cedem, ajoelho-me no asfalto gelado e molhado de neve e não preciso mais correr.

— Nora! — ouço ela dizer através do nevoeiro. — Nora! Meu Deus, você está ferida? Está machucada, Nora?

Mas não consigo encontrar palavras para responder. Lamarr vem correndo na minha direção e sinto suas mãos fortes embaixo dos meus braços quando desmorono na estrada; ela me segura e me põe lentamente no chão.

Acabou. Acabou tudo.

35

— Nora. — A voz é gentil, mas insistente, se embaralha no meu sono confuso e inquieto feito anzol e me arrasta de volta para a realidade.

Conheço aquela voz. De quem é? Não é Nina. É grave demais para ser Nina.

— Nora — diz a voz novamente.

Abro os olhos.

É Lamarr. Está sentada na cadeira ao lado da minha cama, os olhos escuros arregalados e brilhantes, o cabelo sedoso penteado para trás na testa marcada.

— Como se sente?

Eu me atrapalho com as cobertas e noto que ela está usando um colar cervical — que não combina com a túnica de seda.

— Vim aqui ontem — diz ela —, mas me expulsaram.

— Você também está aqui no hospital? — pergunto com a voz rouca.

Ela me dá água e eu bebo agradecida. Lamarr sacode a cabeça e os pesados brincos dourados balançam junto.

— Não. Ferido ambulante, fui mandada dos Acidentados para casa ontem de manhã. Foi ótimo, porque meus filhos odeiam quando passo a noite fora. O pequeno tem apenas quatro anos.

Ela tem filhos? Essa informação parece uma oferenda de paz. Alguma coisa mudou no nosso relacionamento.

— Eu estou... — só consigo falar isso, engulo em seco e recomeço: — Acabou tudo?

— Você está ok — diz Lamarr —, se é isso que quer saber. E quanto ao caso, estamos investigando apenas Clare sobre a morte do James, ninguém mais.

— Como está a Flo?

Não sei bem se imaginei, mas foi como se uma sombra passasse pelo rosto de Lamarr. Não consigo determinar exatamente qual foi a mudança, sua expressão continua imperturbável e calma como antes, mas de repente surge uma presença no pequeno quarto, um medo.

— Ela... ela está resistindo — Lamarr responde.

— Posso vê-la?

Lamarr balança a cabeça.

— Ela está... está com a família. Os médicos não estão permitindo visitas

agora.

— Você a viu?

— Sim, ontem.

— Então hoje ela piorou?

— Eu não disse isso — Lamarr protesta, mas com olhar de preocupação.

Eu sei o que ela está evitando. Lembro-me do que Nina disse sobre overdoses de paracetamol e sei que os reflexos de destruição dos atos de Clare ainda não acabaram, mesmo agora.

De tudo que Clare fez, achei isso o mais cruel. O que ela fez com James, o que tentou fazer comigo, pelo menos tinha um motivo. Mas Flo... O único crime dela foi amar Clare.

Não sei quando Flo começou a perceber a verdade. Em que momento foi que ela começou a juntar dois mais dois sobre a mensagem de texto que Clare pediu para ela enviar do meu celular quando cheguei a casa. Era bastante inocente: *James, sou eu, Leo. Leo Shaw*. Não sei o que Clare disse para ela, alguma coisa idiota, imagino. Uma brincadeira de despedida de solteira.

As primeiras pistas devem ter sido quando Nina abriu o jogo sobre o meu passado com James. Talvez Flo tivesse começado a imaginar por que Clare, logo ela, ia querer avivar aquilo de novo. Então quando Lamarr começou a perguntar sobre celulares... e mensagens de texto... ela deve ter entendido que havia alguma coisa errada.

Não acho que ela deve ter adivinhado a verdade... ou pelo menos não logo de cara. Ela tentou ver Clare no hospital, mas não deixaram. Clare estava mal demais e a polícia não queria que uma testemunha do hotel fosse visitar alguém no hospital, de qualquer maneira. Nina disse que teve de brigar feito uma tigresa para me ver e que só tinha conseguido depois de repassarem as declarações dela centenas de vezes. E Clare, a essa altura, ainda fingia confusão e semiconsciência, esperando para ver o que aconteceria comigo e com Lamarr, imagino, antes de "despertar".

Não. Flo ficou pensando e se desesperando no hotel, sem poder perguntar para Clare o que devia falar. Ela mentiu. Escorregou e se enrolou nas próprias mentiras. Não sabia o que havia feito, o que tinha deflagrado. Começou a desconfiar dos motivos de Clare. E ficou desesperada.

— Você sabe? — perguntei, engolindo em seco com força, tentando afastar as imagens de Flo deitada em algum lugar naquele corredor, lutando pela vida. — Você sabe o que aconteceu? Clare contou para você?

— Clare está mal demais para responder — disse Lamarr com tristeza. — Pelo menos é isso que o advogado dela diz. Mas já temos o suficiente para montar o caso. Com o que você nos contou, com o relatório do laboratório sobre

as drogas que Clare deu para você e, o mais importante, com a declaração de Flo, já temos o bastante. Ela nunca telefonou para chamar a ambulância, sabe?

— O que quer dizer?

— Lá da casa. Quando James morreu. Não havia registro de nenhuma tentativa de ligação para o 999. Isso já devia ter nos alertado, mas estávamos ocupados demais investigando em outro lugar — ela suspirou. — Vamos precisar pegar uma declaração formal, é claro, quando você estiver recuperada. Mas podemos nos preocupar com isso outro dia.

— Eu pensei que tinha sido a Flo — disse para ela. — Quando encontrei o casaco da Clare com o cartucho dentro. Pensei que era o casaco da Flo. Achei que ela é que tivesse trocado os cartuchos. Eu simplesmente não podia imaginar por que Clare faria uma coisa dessas. Ela finalmente tinha o que queria, a vida perfeita, o noivo perfeito. Por que jogaria tudo isso fora? Foi só quando pensei na mensagem de texto, *realmente* pensei com atenção, que entendi: James nunca me chamou de Lee. Ela não cometeu esse erro duas vezes. Mas eu devia ter percebido.

— Ela fez isso antes, sabe? — diz Lamarr, sua voz profunda como um cobertor macio e quente em volta da frieza das palavras. — Ou uma variante disso. Levamos um tempo para descobrir, mas havia um professor na universidade. Ele foi demitido por enviar e-mails inapropriados para as alunas, insinuando que tirariam notas melhores se fossem para a cama com ele e que poderiam sofrer se contassem para alguém. Ele negou o tempo todo, mas não havia dúvida de que as alunas tinham realmente recebido os e-mails, e quando a máquina dele foi vasculhada, estavam lá no arquivo de textos apagados, todos eles, apesar do esforço dele para apagá-los definitivamente.

“Está bem claro agora que Clare esteve envolvida nisso, só que na época ninguém jamais suspeitou dela. Ela não era uma das alunas para quem ele enviava os e-mails. Mas poucas semanas antes, o professor havia manifestado preocupação com ela porque um dos seus trabalhos era plágio, e ele ameaçou ir adiante com a acusação. Claro que, na confusão que se seguiu, essa acusação foi esquecida. Mas uma das colegas dele se lembrou de tê-lo ouvido falar disso. Ela disse que sempre ficou com a pulga atrás da orelha...”

Fecho os olhos e sinto uma lágrima solitária descer pela linha do nariz. Não sei por que estou chorando. Não é de alívio. Acho que nem é mais de dor pela morte do James. Talvez seja apenas fúria e frustração diante daquele desperdício todo, raiva de mim mesma por não ter percebido antes, por ter sido *tão* burra.

Mesmo assim, e daí? E daí se tivesse notado? Será que não seria eu lá caída com as tripas espalhadas no piso de madeira clara e no vidro gelado?

— Vou te deixar aí — diz Lamarr baixinho, ela se levanta e o couro sintético

da cadeira estala. — Volto amanhã com um colega. Vamos tomar sua declaração formal, se estiver em condições.

Não falo nada, só balanço a cabeça, de olhos ainda fechados.

Depois que ela vai embora fica o silêncio, quebrado apenas por uma música que é tema de novela e que passa pela parede. Sento e fico ouvindo, e ouço também a minha respiração pelo nariz.

Então, no meio dessa calma, alguém bate à porta.

Abro os olhos no mesmo instante, imaginando que Lamarr voltou, mas não é ela. Há um homem lá fora. Por um segundo meu coração saltita, mas então vejo que é Tom.

— Toque, toque — diz ele, enfiando a cabeça pela abertura da porta.

— Entre — digo, com aquela voz rouca e trêmula.

Ele entra arrastando os pés. Parece inseguro, sem saber se é bem-vindo. Está pálido e longe de parecer o rapaz bem-vestido que eu tinha conhecido dias antes. A camisa xadrez está toda amassada e tem uma mancha também. Mas dá para ver pela sua expressão que eu mesma devo estar bem pior. Os olhos pretos estão desbotando, ficando amarelos e marrom, mas ainda são uma visão chocante para quem não tinha visto.

— Oi, Tom.

Puxo para cima a alça do avental do hospital que tinha caído do ombro e ele sorri, o sorriso rígido e gelado de alguém que foi temporariamente abandonado pela educação social.

— Olha, eu preciso desabafar — finalmente revela. — Pensei que tinha sido você. Porque toda aquela coisa do seu passado com James, depois quando a polícia começou a falar do seu celular e das mensagens de texto, simplesmente concluí que... — Ele não completa a frase. — Eu... sinto muito.

— Tudo bem — respondo e aponto para a cadeira ao lado da cama. — Sente aí. Não se preocupe com isso. A polícia também achava que tinha sido eu, e eles nem estavam lá.

— Eu sinto muito mesmo — ele repete, com a voz embargada, quando senta sem jeito, abraçando os joelhos. — É que... eu nunca pensei... — Ele para e suspira. — Sabe, o Bruce jamais gostou dela. Ele adorava James. Quero dizer, amava realmente, embora os dois tivessem seus altos e baixos. Mas ele nunca teve muito tempo para Clare. Quando liguei para ele ontem à noite e contei tudo que tinha acontecido, ele disse: “Estou chocado, mas não surpreso. Aquela menina nunca parou de representar.”

Ficamos em silêncio um tempo, e penso nas palavras de Bruce, o julgamento de um homem que nunca conheci sobre uma das minhas amigas mais antigas. E percebo que ele tem razão. Clare nunca parou de representar. Mesmo quando era

criança, ela representava um papel, o papel de boa amiga, o papel da aluna perfeita, da filha ideal, da namorada charmosa. E de repente entendo que talvez fosse por isso que eu achava tão difícil conciliar a Clare que eu conhecia com essas outras pessoas. Porque ela era uma pessoa diferente para cada um de nós. O que será que vai acontecer com ela? Será que um júri é capaz de condenar alguém com tanto charme, alguém tão generosa e tão linda?

— Fico imaginando... — começo a falar.

— O quê? — pergunta Tom.

— Fico pensando... e se eu não tivesse aceitado? O convite para a despedida de solteira, quero dizer. Eu quase não vinha mesmo.

— Eu não sei — Tom diz devagar. — Nina e eu estávamos conversando sobre isso ontem à noite. Da forma que vejo, você não era o centro de tudo isso. Era o James. Você foi apenas a cobertura do bolo.

— Então você acha...

Fico em silêncio, raciocinando, e ele faz que sim com a cabeça.

— Eu acho que, se você não viesse, teria sido qualquer um de nós no seu lugar.

— Teria sido a Flo — digo com tristeza. — Afinal, foi ela que enviou a mensagem de texto.

Tom faz que sim outra vez.

— Não deve ter sido difícil para Clare distorcer um pouco a verdade, começar a dizer que estava com medo da Flo, que Flo tinha ciúmes de James, que agia irracionalmente. A pior coisa é que nós provavelmente a teríamos apoiado.

— Você esteve com a Flo? — perguntei.

— Eu tentei. Acho que não estão deixando ninguém entrar. Mas... não tenho certeza...

Ele para de falar. Nós dois sabemos o que ele não disse.

— Vou voltar para Londres essa noite — diz Tom. — Mas seria ótimo manter contato com você.

Ele mexe na carteira e tira um cartão grosso e brilhante, com a gravação Tom Deauxma, o número do celular e o endereço do e-mail.

— Desculpe, eu não tenho cartão, mas se tiver uma caneta...

Ele estende o celular, eu digito meu e-mail e fico observando enquanto ele envia um e-mail em branco para mim.

— Pronto — diz Tom, ao se levantar da cadeira. — Bom, é melhor eu pegar a estrada. Cuide-se, Shaw.

— Eu vou me cuidar sim.

— Como é que vai voltar para Londres?

— Eu não sei.

— Eu sei — diz uma voz da porta.

Eu olho e lá está Nina, apoiada no batente da porta, um cigarro apagado entre os lábios. Ela fala com o cigarro na boca, igual a um detetive barato.

— Ela vai comigo.

36

Minha casa. Um mundo tão pequeno, no entanto, quando fecho e tranco a porta do minúsculo apartamento, sinto uma crescente onda de alívio que parece grande demais para caber nessas quatro letras.

Estou em casa. Estou em *casa*.

Jess nos pegou de carro. Ela foi de Londres até lá para nos pegar — Nina e eu — e nos levar para casa. Quando chegamos à minha rua, elas se ofereceram para subir, ajudar a carregar minha mala pelos três lances da escada, mas não aceitei.

— Estou louca para ficar sozinha — eu disse, e era verdade.

E eu sabia que elas também estavam loucas para ficar sozinhas — sozinhas juntas. Eu vi os gestos tranquilos de carinho na longa viagem, a mão de Nina no colo de Jess, e esta alisando o joelho de Nina quando trocava de marcha. Mas não me senti excluída — nada disso.

É que eu nunca soube o quanto amava meu espaço até agora.

Flo morreu algumas horas depois que vi Tom. Três dias depois da overdose de drogas. Nina tinha razão quanto a isso. E também estava certa quando imaginou que no fim tinha mudado de ideia. Eu não a vi, mas Nina sim, e ouviu Flo chorando e falando, planejando o futuro e o que ia fazer quando saísse do hospital. Os pais dela estavam lá quando ela morreu. Não sei se foi uma morte tranquila; Nina não quis me contar, por isso acho que não foi.

Suspiro e deixo minha mala cair no chão. Estou cansada, com sede e toda dura da viagem demorada.

Abro a cafeteira, encho de água e dobro o filtro de papel. Abro meu vidro de pó de café e cheiro. Tem uma semana, mas ainda está fresco o suficiente para fazer o interior do meu nariz cantar de alegria.

O barulho da máquina enquanto passa o vapor no pó de café é o som de casa, o aroma do pó fumegando é o cheiro de casa, e então finalmente encolho o corpo maltratado na cama, deixo a mala por desfazer no tapete e bebo um gole demorado e lento. O sol do inverno atravessa as cortinas de palha, e o trânsito lá embaixo ronca baixinho, longe demais para incomodar, é mais como o barulho das ondas numa praia.

Penso naquela casa de vidro distante, na quietude da floresta, com os passarinhos dando rasantes e os animais andando pelo jardim. Penso nas paredes

de vidro, refletindo as formas escuras das árvores, e no luar entrando.

Parece que a tia de Flo vai vender a casa. Os pais da Flo contaram para Nina. Sangue demais, lembranças demais. E ela disse que planeja queimar a tábua ouija, quando a polícia liberar.

Essa é a parte que não entendo. A sessão.

Tudo o mais era necessário. Todo o resto fazia parte do plano. Mas a tábua ouija, e aquela mensagem horrível?

Revejo o rabisco cheio de volteios na folha de papel.

Aaassassinatoooooo

Lamarr acha que foi de propósito, tudo parte do plano para deixar todos nervosos, à beira de um ataque de nervos mesmo, para que, quando a porta dos fundos se abrisse, entrássemos em pânico e reagíssemos à sugestão de pegar a arma.

Mas eu não tenho tanta certeza. Penso de novo sobre o que Tom disse, sobre as mensagens que afloram do subconsciente... será que foi a mão de Clare que involuntariamente soletrou o que ela estava tentando desesperadamente esconder?

Fecho os olhos, procuro bloquear a lembrança daquela noite. Mas não *é* possível afastá-la completamente. Flo morreu, mas o resto de nós, Tom, Nina e eu, temos de viver com o que aconteceu, com o que Clare fez, com o que *todos* nós fizemos, pelo resto de nossas vidas.

Minha mala continua no chão. Abro e tiro meu laptop. A polícia ainda está com o meu celular, mas posso pelo menos verificar meus e-mails. Faz mais de uma semana desde que saí de Londres, e quando ligo o laptop aparece a mensagem: “Baixando 1 de 187 e-mails.”

Fico só vendo eles entrarem, um por um, na minha caixa de entrada.

Um e-mail é da minha editora. E outro. Dois da minha agente. Um da minha mãe, com o título “vc está ok?”. E por último chegam os e-mails do endereço do meu site: “Garotas tailandesas quentes”... “Uma dica estranha para derreter a gordura abdominal!”... “Você tem três comentários aguardando aprovação.”

E no meio do spam... “De: Matt Ridout. Assunto: café.”

Enfio a mão no bolso e pego o pedaço rasgado do copo de papel. Agora o número dele já está quase ilegível. A tinta da esferográfica manchou e está praticamente apagada, e tem uma dobra entre dois números, mas acho que consigo decifrar que são dois setes, ou talvez uns.

Eu ia deixar o destino decidir. Se recebesse meu celular de volta antes do número desaparecer...

E agora isso.

Lembro-me de como ele pôs as mãos no rosto e chorou por James.

Lembro-me do sorriso dele.

Lembro-me da expressão nos olhos dele quando se despediu.

Não tenho certeza se posso fazer isso. Não sei se consigo deixar para trás tudo que aconteceu e começar de novo. Meu dedo fica um minuto pairando irracionalmente sobre o botão “delete”.

E então eu clico.

AGRADECIMENTOS

Primeiro tenho de agradecer aos meus queridos amigos da Vintage por me incentivar em cada passo do caminho (e por terem a sensibilidade de não perguntar demais como estava indo). Precisaria de uma lista telefônica para ser justa com todos que merecem, mas um agradecimento especial deve ir para todos da Harvill, inclusive Alison Hennessey, minha brilhante editora (e, de fato, a Rainha do Crime), que foi quem primeiro mencionou as palavras “despedida de solteira” para mim e que botou em movimento todo o resto, a Liz, Michal e Rowena do editorial, a Bethan e Fiona da publicidade, a Jane, Monique, Sam e Penny de direitos autorais, a todos da seção de vendas (são numerosos demais para citar, mas amo vocês todos!), a Simon da produção, a fantástica equipe de design, particularmente a Rachael, Vicki e ao restante do maravilhoso pessoal do marketing.

E a todos os outros, Clara, Poppy, Susannah, Parisa, Becky, Christian, Dan, Lisa, Ceri, Alex, Fran, Rachel, Clara (de novo) e a todos os que não posso citar porque não tenho espaço aqui, gostaria de mencionar todos, mas por favor saibam que adoro vocês e sinto saudade. Especialmente do departamento de publicidade, talentoso, sofredor, modesto e onde todos são maravilhosos.

Obrigada sempre às minhas primeiras leitoras, Meg, Eleanor, Kate e Alice, por serem firmes e incentivadoras na medida necessária e por fazerem todas as perguntas certas.

E muito obrigada aos escritores e amigos que usaram tempo dos próprios problemas para avaliar os meus, online e na vida real. Saibam que vocês tornam a vida melhor e mais divertida todos os dias.

Pela ajuda técnica devo muito ao Sam, ao Jon, ao Richard e à Lorna que me

ajudaram com detalhes da polícia, de protocolos médicos e de armas de fogo. Nem preciso dizer que qualquer erro que apareça é meu (e peço desculpas pela licença dramática que usei em alguns de seus conselhos).

Um obrigada enorme para Eve e Jack da agência literária Eve White, por todo o carinho e apoio.

E finalizando, obrigada à minha querida família, especialmente Ian e as crianças, por me deixarem digitar no quarto de hóspedes quando vocês muitas vezes preferiam fazer outras coisas. Amo vocês todos.

Título original
IN A DARK DARK WOOD

Copyright © Ruth Ware, 2015

Ruth Ware assegurou seu direito de ser identificada como autora desta obra em concordância com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Primeira publicação como IN A DARK DARK WOOD por Harvill Secker, um selo da Vintage Publishing, que integra o grupo de empresas da Penguin Random House.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 — 8º - andar
20030-021 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Coordenação da coleção Luz Negra

TIAGO LIRA

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: Novembro, 2016.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W234e
Ware, Ruth
Em um bosque muito escuro [recurso eletrônico] / Ruth Ware ; tradução Alyda Sauer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2016.
recurso digital (Luz negra)

Tradução de: In a dark dark wood
ISBN 978-85-8122-658-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Sauer, Alyda. II. Título. III. Série.
16-33875 CDD: 823
CDU: 821.111-3

A AUTORA

Ruth Ware cresceu em Sussex, na costa sul da Inglaterra. Trabalhou como garçonete, livreira, professora de inglês para estrangeiros e assessora de imprensa antes de escrever seu primeiro romance, *Em um bosque muito escuro*, que entrou para a lista de best-sellers do *The New York Times* e teve seus direitos vendidos para o cinema. Atualmente, vive com o marido e dois filhos no norte de Londres.

Table of Contents

Folha de rosto
Sumário
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Agradecimentos
Créditos
Ficha
A Autora